

Universidade Federal de Mato Grosso
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO EM HISTÓRIA
HISTÓRIA, TERRITÓRIOS E FRONTEIRAS

Gilberto Brizolla Santos

Bandeirantes do século XX:
Trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil
Central em Nova Xavantina.

Cuiabá
Dezembro de 2011

GILBERTO BRIZOLLA SANTOS

Bandeirantes do século XX:

Trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central em Nova Xavantina.

Texto apresentado ao programa de Pós-Graduação em História – Mestrado, para a obtenção de título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Ernesto Cerveira de Sena

**Cuiabá – MT
2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

S237b Santos, Gilberto Brizzola.
Bandeirantes do século XX: trabalhadores da expedição Roncador Xingu e Fundação Brasil Central em Nova Xavantina □ Gilberto Brizzola Santos. -- 2011.
297 f. ; 30 cm : color. (incluem figuras e mapas)
Orientador: Prof. Dr. Ernesto Cerveira de Sena
Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciência Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em História, Cuiabá, 2011.

Bibliografia: f. 215-224

1. Expedição Roncador -- Xingu. 2. Fundação Brasil Central. 3. Estado Novo. 4. Índio Xavante. I. Título.

CDU 94(817.2).082. □.083

Catalogação na fonte: Maurício S.de Oliveira CRB/1-1860.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8493 - Email : gerapesquisa@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

**TÍTULO : “__Bandeirantes do século XX: Trabalhadores da Expedição Roncador-
Xingu e Fundação Brasil Central em Nova Xavantina**

”

AUTOR : Mestrando: Gilberto Brizolla Santos

Dissertação defendida e aprovada em 09/12/2011.

Composição da Banca Examinadora:

**Presidente Banca / Orientador: Doutor Ernesto Cerveira de Sena
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**Examinador Interno: Doutora Leonice Aparecida de Fátima Alves
Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO**

**Examinador Interno: Doutor Carlos Edinei de Oliveira
Instituição: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**

CUIABÁ , 09/12/2011.

AGRADECIMENTOS

Aproveito este espaço para expressar minha gratidão aos professores que me acompanharam nesta tarefa árdua, mas muito prazerosa. Primeiramente agradecer o Professor Ernesto que conclui a orientação desta dissertação, com paciência de Jó, e a Professora Regina Beatriz que iniciou a orientação. Também agradecer os professores que estiveram nas bancas de avaliação: Prof. Barroso, João Antonio, Montenegro, Carlos Edinei e a professora Leo (Co-Orientadora e Co-Mãe). Aos professores que me acompanharam nos créditos: Carlos Rosa, Machado, Adenir, Leny, Fá Costa, Marília Valderez e Vitale.

Nos créditos do curso de Mestrado e na execução da pesquisa, acumulei aqueles tesouros imperecíveis: os amigos. Amigos de longa data: Ana, Zunga (me dei apoio no dia da prova teórica do teste seleção, mas também, me cobrou disciplina), Alexandre, também ofereceu sua solidariedade. Nos créditos, novas amizades se construíram: Mirian Rejane (corrigiu meus textos, me incentivou). Todos me estenderam a mão. Sou Grato a todos. Na secretaria e na coordenação encontrei a Val e a Mônica. Ambas tiveram muita paciência comigo. A Professora Fátima Costa que me localizou para concluir esta dissertação, usando toda a sua sensibilidade de educadora.

Em Xavantina, a realização das entrevistas, ocorreu graças à generosidade do amigo e companheiro da Educação, Ilton Araújo, ao me apresentar os moradores antigos de Xavantina. Na Escola Ministro João Alberto, tive a solidariedade da Professora Conceição que me referendou aos trabalhadores da Fundação Brasil Central que trabalharam com o seu pai (Euvaldo Gomes) e a sua mãe Maria Gomes, entrevistada desta pesquisa, através da qual acessei indiretamente o cotidiano dos trabalhadores do SPI no Araguaia. Conte também com o carinho dos demais professores da Escola Ministro João Alberto: Tonhão, Elza, Ilita, Alderi, Terezinha, Lino...

Fora do espaço da escola, outras amizades se construíram: Elton (SINTEP), Dilma e Valdir, Valtinho, Sr. Agostinho, Sr. Dio, Dona Celina e com muito amor a Dona Hilda e o Sr. Januário (me receberam em sua residência quando realizei as entrevistas para esta pesquisa). Com esta família experimentei a solidariedade sertaneja. Outra pessoa a quem fiquei muito grato, foi Archimedes

Carpintiere. Companheiro; trabalhador da Educação, e colega de formação intelectual; historiador como eu. Capintiere deu entrevista para a minha pesquisa, me franqueou cópias dos seus estudos sobre a história da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central e, ainda, abriu-me os seus arquivos privados. A maioria das fotografias dispostas no texto desta dissertação é de seu arquivo. Outra amizade construída foi Genilson Mariano, aluno do curso de Turismo UNE-MAT. Em 2006 estava ajudando a catalogar fontes para constituir um acervo sobre a História de Xavantina. As fontes que já haviam sido catalogadas me foram franqueadas.

Agradeço muitíssimo os meus entrevistados: Adão, Salomão, Zé Goiás, Manuel Souza, Manuel Messias, João Fernandes, João Rodrigues, Raimundo Ferreira, Raimundo Pereira, Loro, Cícero, Anastácio, Sebastião, Joana, Agostinho, Maria da Gloria, Maria Gomes, Zé Arara, José Mariano, Idolvina, Joaquim, Aramis, Godô, Valtinho, Arnaldo José, Fernando Mesquita e José Batista Porto.

Agradeço a todos os funcionários da Escola Ministro João Alberto, Pós-Graduação em Antropologias da UnB; que reproduziram e postaram para mim; Dissertações e Teses lá produzidas, NEDHIR, Instituto Memória – Assembleia Legislativa de Mato Grosso, Arquivo Público de Mato Grosso (meu amigo Hilário). Agradecer mui carinhosamente a nossa secretária da Pós, na pessoa da Val, mas antes dela passou por lá o Alexandre (amigo dos tempos da graduação em História, me ajudou quando retornei para a conclusão da dissertação) e a Mônica que nos deixou o seu exemplo de dedicação profissional e de nobreza de sentimentos. Agradecer os coordenadores: Prof. Marcos Cruz, Vitale e a amicíssima Fá Costa.

Neste momento, mui especial, é uma alegria lembrar-me daquelas pessoas que estão no lugar mais recôndito do meu coração. Minha esposa Leila, companheira de todas as alegrias e desditas, meu filho Zaca, sobrinho Murilo, minha irmã Geane (sempre próxima desde os tempos da graduação), minha Mãezinha Dolores, sempre quis o melhor para mim, meu Pai Valmir, exemplo de coragem e dignidade, os outros irmão: Gilmar, Gelce, Gislaine e seus filhos, meus sobrinhos: Mateus, Geovana, Fábio, Gabi, Natália, Henrique e Eduardo. Meus melhores sentimentos a todos.

Lista de fotos

Fotografia I – Acary Passos de Oliveira.	73
Foto II – Contrução da Estrada Velha de Xavantina	111
FotoIII – Máquinas na construção da Estrada Velha de Xavantina.	113
Foto IV – Construção do campo de pouso de aviões em Xavantina(1944)	120
Foto V- Pista de pouso em Xavantina 1944	122
FOTO VI - Campo de pouso no rio Kuluene.	126
Foto VII – Tomada aérea de aldeia Xavante	138
Foto VIII – Expedição Roncador-Xingu(1949) Xavante e o avião	165
Foto IX – Acampamento da Expedição Roncador-Xingu no rio das Mortes	184
Foto X – Primeiras edificações em alvenaria da base Xavantina.	187
Foto XI – Getúlio Vargas em Visita à Expedição Roncador-Xingu.	202
Foto XII - Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina.	202
Foto XIII – Preparativos para a marcha da expedição – Fonte – Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	203
Foto XIV - Preparativos para a marcha da expedição – Fonte – Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	203
Foto XV – Coronel Flaviano de Matos Vanique no córrego do Pindaíba. Batizando uma canoa. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	204
FotoXVI – O Médico Vahia de Abreu em seu posto de Saúde. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	204
Foto XVII – Trabalho na picada - Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	205
Foto XVIII – Equipe de vanguarda. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	205
Foto XIX – Chegada ao rio das Mortes. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	206
Foto XX – Equipe de Vanguarda com o Cel. Vanique. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	206
Foto XXI – Construção de campo de pouso da FAB. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	207

Foto XXII – O presidente Getúlio Vargas em Xavantina. A seta mostra o Sr. Antonio Fernandes da Rocha. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	207
Foto XXIII – A Barraca do Comandante Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	208
Foto XXIV. O Ministro João Alberto em Xavantina. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	208
Foto XXV – O conquistador e o conquistado – rio das Mortes (o título desta foto foi atribuído por Archimedes Carpintiere. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	209
Foto XXVI – Expedicionário frente ao marco de início da marcha Xavantina ao Xingu. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	209
Foto XXVII – Aeronave de apoio. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	210
Foto XXVIII – Trabalhadores da Fundação Brasil Central. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	210
Foto XXIX – Casa do Cel. Vanique. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	211
Foto XXX – As primeiras construções de alvenaria. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.	211
Foto XXXI - Vista de Xavantina na década de 1950. Fonte: Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina.	212
Foto XXXII – Aeronave de apoio a Fundação Brasil Central. Fonte: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 86.	212

Lista de Mapas

MAPA I – Itinerário da Expedição Roncador-Xingu	57
Mapa II Caminhos entre Barra do Garças e Xavantina, Construídos pela Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central	80
MAPA III - Roteiro da Cachoeira da Fumaça	109
Mapa IV – Rota Aérea Rio Manaus	118
MAPA V – Caminho das Águas	129
Mapa VI – Migrações Xavante	151
Mapa VII – Xavantina e o Território Xavante	159

Resumo

SANTOS, Gilberto Brizolla. Bandeirantes do Século XX: Os Trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central no rio das Mortes (1943-1967), Cuiabá, 200 p. Dissertação - Departamento de História, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso. CDU 94(817.2).082. □.083

O recorte desta Dissertação visualiza a singularidade da Expedição Roncador-Xingu frente a outras expedições exploradoras ao Vale do Araguaia e Xingu. Estas expedições tinham um duplo objetivo: construir conhecimentos sobre o Brasil Central e produzir imagens que opunham o litoral civilizado ao atraso do interior do Brasil. Estas imagens eram as referências dos agentes estatais que conceberam e executaram a Expedição Roncador-Xingu. No entanto, ao Estado Novo não interessava mais as entradas de reconhecimento, mas a ocupação demográfica do Brasil Central e o controle militar desses espaços. O controle e a ocupação de territórios foram efetivados com os projetos de colonização da Fundação Brasil Central, com a presença dos aviões do Correio Aéreo Nacional e o Serviço de Unidades Aéreas (saúde) junto às populações sertanejas e indígenas e as bases militares instaladas pela Força Aérea Brasileira na Serra do Cachimbo e Jacareacanga, que passaram a operar a defesa aérea do Brasil na Amazônia. As iniciativas políticas do Estado Novo no Araguaia e Xingu foram efetivas, competentes e funcionais. Mas esta política teve um custo que não foi considerado no Estado Novo e nem nos governos militares. Entre estes custos estão: a submissão dos trabalhadores a condições degradantes e o silêncio produzido na imprensa e nos discursos governamentais sobre estas pessoas, as perdas ambientais; rios assoreados ou desaparecidos, desmatamento indiscriminado e perda irreversível de biodiversidade, o acossamento de pequenos proprietários rurais e sua expulsão para as bordas da floresta amazônica ou para as periferias das cidades e o cerco as culturas e territórios indígenas que tiveram que se reorganizar em áreas minúsculas, como demonstra o exemplo dos Xavante.

Palavras Chaves – Trabalhadores, Expedição Roncador-Xingu, Fundação Brasil Central, Estado Novo, índio Xavante.

Abstract

Santo, Gilberto Brizolla. Bandeirantes of the twentieth century. The workers' Expedition Roncador- Xingu and Central Brazil Foundation in the Mortes' river (1943-1967) Cuiabá, 2997. P. Dissertation. History Department, Science Human, Social Institute, Federal Mato Grosso University. CDU 94(817.2).082. □.083

The subject this dissertation expose the Roncador-Xingu Expedition's particularities in front others explored expeditions in the Araguaia Valley and Xingu. These expeditions had objective duple: build knowledge about Central Brazil and produce images that the littoral was civilized and interior Brazil was not. These images were the conception that the government agent of the Roncador – Xingu Expedition had. But, the New Government did not interest in these objectives, but the demographic occupation of the Central Brazil and the military control of this space. The control and the occupation of territories happened with the colonization of the Central Brazil Foundation, with the presence of the National Air Post's airplanes and the Air Unity Service (Health), together the country people, the aboriginal populations and the military base installed by the Brazilian Air Force in the Serra do Cachimbo and Jacareacanga started to executed the Brazil's air defense in the Amazonia. The political initiative of the New Government in the Araguaia and Xingu were good, competent and functional. But this politic ha a cost that was not considered in the New Government and nor by the military governments. Among these costs were: the submission of the workers to degrading conditions, the silence produced in the press and in the governmental discourse about these people, and the environmental damage. The social and environmental damages were: river destructions, indiscriminate deforestations, irreversible damages of the biodiversity, rural owners' constraint and their expulsion to the Amazonian forest, to the periphery of the cities or to the aboriginal cultures and territories that had to reorganize in small areas, as example the Xavante.

Key word – workers, Expedition Roncador- Xingu, Central Brazil Foundation, New Government, Xavante.

Sumário

Introdução 13

Capítulo I - Na Época da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central. 25

<i>“Desbravar o sertão e dar emprego pro povo”</i>	26
Término do Estado Novo e a continuidade da Marcha para o Oeste	33
A Expedição Roncador-Xingu, a Fundação Brasil Central e a Marcha para Oeste.	40
A colônia Vale do Sonho	45
Primeira República e a Marcha para o Oeste.	48

Capítulo II - A Expedição Roncador Xingu: Abrindo Caminhos 56

Itinerários da Expedição Roncador-Xingu	58
O Roteiro de Leopoldina	59
O roteiro de Aragarças	63
construindo Caminhos	80
Cachoeira da Fumaça: a rota que não foi.	85
Partida para o rio das Mortes	94
Cotidiano dos trabalhos na Marcha: Violência e Silêncio	97
Os caminhos e os personagens do sertão	102
A estrada velha de Xavantina	106
Caminho Aéreo	118
O caminho das águas	126

Capítulo III - Xavantes, Sertanejos e Sertanistas no Rio das Mortes 132

Explorações Sertanistas no Vale do Araguaia	133
---	-----

A	Bandeira	Piratininga
135		
A Bandeira Anhanguera.		140
A Expedição Roncador-Xingu e a reconciliação com São Paulo		142
No Coração Bárbaro do Brasil		147
O Cotidiano Sertanejo e o Convívio com os Xavante		160
Os Personagens do Sertão: As resistências e os prazeres no rio das Mortes		171
Construindo um lugar: o rio das Mortes e Xavantina		180
Xavantina ou São Pedro do Rio das Mortes		190
Considerações Finais.		196
Caderno de Fotos		202
Fontes orais		213
Fontes Governamentais		214
Fontes eletrônicas - Jornais – Sítios da rede mundial de computadores – Áudio Visual		215
Bibliografia		216
Anexos		226

INTRODUÇÃO

Passei o ano de 2003, morando na cidade de Nova Xavantina. Para residência, aluguei uma casa na Av. Marechal Rondon. Em seguida comprei um imóvel na Av. Expedição Roncador-Xingu, Nº. 1943, (data de início da expedição). Os nomes destas duas ruas despertaram a minha curiosidade sobre os nomes das ruas próximas a minha casa. Então surgiram as Av. Fundação Brasil Central, onde se localiza a prefeitura, acima à direita, esta a Av. Horlando Villas Boas, uma das ruas que atravessa estas avenidas é a Rua Francisco Milhomen. Já a Avenida que Margeia a Rodovia BR 158 leva o nome de Ministro João Alberto. O Ministro João Alberto também nomeia a escola onde trabalhei. Mas outras escolas levam nomes de personalidades ligadas à memória da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central. Exemplo da Escola Coronel Flaviano de Matos Vanique e a Escola Arlindo Estilac Leal. Estes topônimos já são o suficiente para despertar a curiosidade do observador para uma memória coletiva, riscada no chão.

Também compõe a memória de Nova Xavantina, um conjunto de narrativas fantásticas que tem em seus enredos: casas mal assombradas, almas penadas de personagens ligados a Expedição Roncador-Xingu e outros fantasmas de pessoas vítimas de assassinatos bárbaros, que vagam pela cidade. Um Exemplo é o fantasma da Dona Alda Vanique. Esta mulher foi esposa do Cel. Vanique e suicidou-se em sua casa. Este imóvel ainda existe em Nova Xavantina. Outro exemplo é a existência de um portal sob as águas do rio das Mortes que leva as almas daqueles que se afogam nas águas traiçoeiras do rio, para a cidade encantada de Agharta, localizada sob os contrafortes da Serra do Roncador.

Mas a apropriação da memória da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central se transforma em estratégia de exercício de poder na construção da imagem do *Pioneiro*. Este discurso já foi analisado pelo Antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho¹. Suas análises, assim como minha convivência com moradores de Nova Xavantina indiciam a força política da imagem dos pio-

¹ Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Brasília: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998.

neiros. Ser pioneiro é ser elevado ao status de guardião da memória da expedição. Todos querem este espaço de poder simbólico. Os que não foram trabalhadores da expedição e da FBC saíram à caça de algum elo de memória que os relacionasse a este acontecimento, como ser filho de pioneiro, por exemplo. O poder público também se apropriou desta imagem. A câmara de vereadores distribui títulos de pioneiros, tal qual se distribui Comendas e títulos de Cidadãos Honorários pelas vereanças no Brasil.

São tidos como pioneiros, primeiramente, os trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu². Em seguida vem os trabalhadores da Fundação Brasil Central, depois da sua extinção em 1967, foram incorporados a SUDECO. E, em um último grupo de trabalhadores, estão aqueles vieram trabalhar nos projetos governamentais de colonização nas décadas de 1950 e 1960 para produzir gêneros alimentícios em pequenas propriedades rurais, trabalhar no comércio varejista e como jornaleiros. Neste último grupo cabem todos aqueles que querem se apresentar como pioneiros, em função do ativo eleitoral que a *imagem do pioneiro* proporciona, devido a sua força simbólica.

Outra parte da população que me despertou atenção foram os índios Xavante. A presença física destes índios no espaço urbano de Nova Xavantina é muito expressiva. A residência Xavante no espaço urbano se relaciona com o fato de a Fundação Brasil Central, nos anos de 1950, ter empregado alguns destes índios em seus quadros de trabalhadores. Estes trabalhadores indígenas, quando se aposentaram, continuaram morando em Xavantina. Outro motivo para a fixação de residência urbana foi e, ainda é, o casamento entre índios e não índios, principalmente casais formados por homens negros e mulheres Xavante. Também, o fato de a FUNAI ter instalado, em Nova Xavantina, uma de suas sub-sede e uma infra-estrutura de atendimento de saúde (casa de saúde indígena) faz com que muitas pessoas se desloquem das aldeias, inclusive de outros municípios, para Xavantina para receber tratamento de saúde, receber pensões, reuniões políticas com a FUNAI e, também, índios que estão na cidade passean-

² Os trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu, participantes da marcha da Expedição de Aragarças ao Rio das Mortes, que se fixaram residência em Xavantina, já haviam morrido quando da realização do trabalho de campo para coletar as entrevistas para esta pesquisa.

do. Simplesmente, por ter tomado carona nos carros que se deslocam das aldeias até a cidade.

Na cidade, os Xavante se portam nos lugares público de uma forma altiva. Os homens, principalmente, são muito vaidosos. Usam óculos escuros, vestem-se com uniformes de clubes de futebol, o Flamengo e o Coríntias, são os preferidos, devido à predominância das cores vermelho e preto. Usam perfumes, exibem jóias e, quando precisam conferenciar com pessoas não índias, assumem uma postura de horizontalidade. Em situação inversa, quando um não índio precisa se dirigir ao um Xavante, este é tratado com desprezo. Passei por uma situação de constrangimento durante a realização desta pesquisa. Ao me dirigir a FUNAI para verificar a existência ou não de fontes para esta pesquisa, fui recebido por um Xavante, que chamou outro Xavante, ambos falavam o português, mas ficaram discutindo um texto que eu lhes havia entregado na língua Xavante. Terminaram a conversa e se retiraram do recinto sem me responder.

Os moradores não índios da cidade assumem uma postura de silêncio quase absoluto quando se trata dos Xavante. É visível o desconforto das pessoas ante a presença dos índios. Quando surgem comentários, muito discretos, é para apontar situação de embriaguês dos índios, aos carros e roupas que exibem..., sempre seguido da afirmação de que não trabalham. Nestes comentários há um entrecruzamento de desprezo, medo, mas também de respeito pelos índios. Os Xavante demonstram não se preocupar absolutamente com a opinião dos moradores da cidade.

Tendo estas observações participantes na condição de morador da cidade de Nova Xavantina, como motivação inicial, elaborei para esta dissertação um recorte temático que contempla uma reconstrução do cotidiano dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central. Procurei identificar os espaços sociais de onde se deslocaram as pessoas que trabalharam na expedição. Ao se integrarem as atividades da expedição, como construíram as novas redes de relações sociais e como negociaram o seu modo de vida sertanejo ante a imposição de uma disciplina militar de trabalho. E, finalmente, foi preciso visualizar as estratégias que trabalhadores da expedição e Xavante construíram

para sobreviver ao inexorável processo de expansão das fronteiras do estado brasileiro sobre o território Xavante, até aquele momento defendido pelos índios.

Delimitei uma temporalidade para visualizar a experiência histórica dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central no espaço urbano da vila de Xavantina. O ano 1943 foi tomado como marco inicial dos estudos desta pesquisa. É no segundo semestre deste ano que se inicia a marcha da expedição. O ano de 1967 foi demarcado como termino desta pesquisa. Neste ano foi extinta pelo governo militar, a Fundação Brasil Central e, criada em seu lugar a SUDECO – Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia. Neste período recortado, procurei identificar os elos que interligam a dinâmica da formação do espaço urbano de Nova Xavantina com a execução da Expedição Roncador-Xingu, encerrada em 1950, e da Fundação Brasil Central que operou até 1967.

Posto os devidos recortes, me defrontei com a difícil tarefa de localizar as fontes. Em Nova Xavantina não havia, no momento da realização da pesquisa, nenhum arquivo de acesso público. Estavam em início de constituição um banco de entrevistas com moradores antigos de Xavantina, pelo curso de Turismo da Universidade de Mato Grosso, que tem um campus na cidade. As poucas fontes visuais e escritas sobre a Expedição a Fundação Brasil Central estão em arquivos particulares de difícil acesso. Quanto mais poder tem o detentor destas fontes, mais dificulta o acesso dos pesquisadores.

Produzir um texto historiográfico, segundo Michel de Certeau³, é uma operação de deslocamentos e desvios. A imagem do pioneiro, construída a partir da figura do trabalhador da expedição já estava pronta quando cheguei a Xavantina. E, em uso pelos operadores do poder político. Era preciso desviar deste discurso para produzir outras interpretações. Este desvio só poderia ser efetivado pela constituição de um acervo de fontes orais. Uma vez que os registros escritos e fotográficos estavam em arquivos particulares ou, simplesmente foram

³ A operação historiográfica. In: A escrita da história. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

destruídos como denunciou a geógrafa Silvana de Abreu⁴. A produção das fontes orais demanda muita habilidade política. O pesquisador precisa estabelecer alianças políticas com pessoas da comunidade para iniciar a construção de uma rede de entrevistados. Os possíveis entrevistados, especificamente na minha pesquisa, todos tinham relações com o poder político. Eu já conhecia as suas versões sobre a Expedição Roncador-Xingu em leituras de seus depoimentos feitas, durante a construção do recorte desta dissertação, em publicações eletrônicas. Esses narradores, ao serem apresentados para os pesquisadores, já foram selecionados a priori, dentro do recorte da narrativa do poder instituído. Neste momento foi necessária a sensibilidade do pesquisador para, a partir destas entrevistas, localizar outros entrevistados fora dos quadros dos *narradores oficiais*.

No trabalho de pesquisa de campo, foram realizadas trinta e três entrevistas. Três entrevistas não chegaram e ser transcritas. Outras nove entrevistas foram transcritas, mas não utilizadas. Estavam dentro daquele grupo de depoentes que são indicados pelo contato inicial do pesquisador, assim devem ser entrevistados. No entanto, este trabalho não é perdido, pois são estes informantes que indicam as pessoas que podem ajudar o pesquisador a construir a sua própria rede de informantes. Seguir assim, o seu recorte de pesquisa e fugir dos *narradores oficiais*. Não significa que estes narradores não produzam informações úteis a pesquisador, mas no caso da minha pesquisa, todos estavam fora do meu tema e recorte temporal.

Sobraram outras 21 entrevistas que fazem parte do recorte de pesquisa desta dissertação. Nem todas foram citadas. Mas compõem um quadro explicativo, a partir do qual construí uma nova interpretação para os acontecimentos: Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central.

A construção de outra interpretação para a Expedição Roncador-Xingu demandou, também, a construção de uma autoridade para as fontes orais coletadas para elaboração desta Dissertação. Fontes orais se autorizam como se autorizam os demais documentos utilizados pelo historiador. Pelos cotejamentos

⁴ Planejamento Governamental: A SUDECO no espaço mato-grossense – Contexto, Propósitos e Contradições. São Paulo, Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 2001.

de uma modalidade de fontes com outros suportes documentais. As entrevistas desta pesquisa foram confrontadas com as consagradas fontes escritas: jornais, despachos governamentais e relatos de memórias. Estamos submetidos à primazia da palavra escrita, segundo Paul Ricoeur. A História é a escrita da escrita: *La historia es, de principio a fin, escritura*⁵. Ainda, o filósofo, coloca uma questão fundamental para o uso das fontes orais. A diferença entre arquivo e testemunho. O arquivo não tem destinatário designado, já o testemunho é destinado a um interlocutor preciso⁶. Pesquisador e depoente são criadores do testemunho produzido. Aqui, Ricoeur, se coloca no lugar do leitor e no direito de perguntar: *Como posso saber o que vocês disseram*⁷? Resumindo, a veracidade das fontes orais não pode ser atestada por si mesma. Elas dependem dos arquivos. Não é que o arquivo seja mais confiável que os testemunhos. Mas os documentos no arquivo são mudos e órfãos. Os testemunhos que o arquivo oculta foram separados dos seus criadores⁸. Não são mais confiáveis por esta razão, mas a sua inteligibilidade não é construída apenas pelos seus criadores, mas também por terceiros, garantindo maior distanciamento⁹.

Os testemunhos arquivados para compor o acervo de fontes que foram cotejadas com as entrevistas foram buscados nos jornais das décadas de 1940 e 1950. O jornal mais consultado foi O Estado de São Paulo por ter disponibilizado em seu sítio na rede mundial de computadores¹⁰, todas as reportagens que o mesmo publicou sobre os temas relacionados a esta pesquisa. Entre estes temas estão: a Expedição Roncador-Xingu, Fundação Brasil Central, Marcha para o Oeste, a trajetória profissional dos irmãos Villas Boas, Parque Indígena do Xingu e as repercussões da expedição de Sir Percival Fawcett. Também foram con-

⁵ La Memoria, La história, El Olvido. Madrid, Editorial Trotta S.A., 2003, pag.181.

⁶ Paul Ricoeur. Op.cit.

⁷ Paul Ricoeur. Op.cit.

⁸ Paul Ricoeur. Op.cit.

⁹ Michel de Certeau. Op. cit

¹⁰ O endereço eletrônico do jornal O Estado de São Paulo é oestadao.com.br. Dentro deste sítio procurar a opção reportagens. As matérias deste jornal sobre a Expedição Roncador-Xingu estão em cópia digitalizadas que respeitam a formatação do jornal e a grafia da época em que foram produzidas as reportagens. Estes dados facilitam a análise do pesquisador.

sultadas as repercussões destas reportagens nos jornais de Mato Grosso. Um destes jornais foi O Estado de Mato Grosso¹¹.

Quanto aos documentos governamentais, foram consultados os decretos do governo federal de criação da Expedição Roncador-Xingu, criação da Fundação Brasil Central, transformação da infra-estrutura da expedição em patrimônio da Fundação e as leis estaduais que criaram o município de Nova Xavantina.

Em Nova Xavantina foram consultados recortes do Jornal O Roncador, feitos pelo historiador Archimedes Carpintiere. Um destes recortes é a reprodução de uma entrevista com uma trabalhadora da Fundação Brasil Central¹², relatando as suas lembranças sobre o primeiro comandante da base Xavantina: Coronel Flaviano de Matos Vanique. Outro Jornal de Nova Xavantina, consultado através de recortes, é a *Folha de Xavantina*. Este trás uma cópia da lei 4.176, promulgada pela Assembléia Legislativa de Mato Grosso, que criou o Município de Nova Xavantina. Também foram consultadas fotografias do acervo, em fase de montagem no ano de 2006, intitulado: Heróis do Brasil. Este acervo é uma contribuição do curso de turismo –UNEMAT – Campus de Nova Xavantina, tocado pelos alunos e professores deste curso. Seu objetivo é produzir e arquivar fontes sobre o passado da cidade. Entre estas fontes estão uma série de entrevistas com trabalhadores da expedição, intitulada: Os Heróis do Brasil.

Outro Acervo de fontes, valiosa para esta pesquisa, foi cedido pelo professor Archimedes Carpintiere¹³, professor de História da rede estadual de Ensino. Juntamente com o professor de literatura e jornalista Fernando Mesquita, fundou e editou na década de 1980, o Jornal: o Roncador. Também tomou a iniciativa de publicar um livro sobre a História da cidade. O texto foi produzido, mas não foi publicado. Este texto tem o mérito, fundamental nas pesquisas dos historiadores, de indicar com precisão as suas fontes. Entre estas fontes, estão entre-

¹¹ Cópias dos exemplares do jornal O Estado de Mato Grosso estão disponíveis no Arquivo Público do Estado de Mato Grosso – APMT.

¹²Entrevista com Dona Nedorina Batista dos Santos, publicado no jornal O Roncador, Nova Xavantina, Agosto/1986.

¹³ Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico, Nova , MINEO, 1992.

vistas com os trabalhadores da FBC e da Expedição Roncador-Xingu, recortes de jornais publicados na cidade, tabelas de dados de população e atividades econômicas, fotografias dos trabalhadores da FBC e do traçado urbano e uma cronologia da história da cidade. Além da transcrição de uma longa entrevista com o sertanista Orlando Villas Boas e com um administrador Fundação Brasil Central em Xavantina: Hélio Milhomem, realizadas no ano de 1986. Todas estas fontes são apresentadas na íntegra, uma generosidade do autor, possibilitando assim, outras leituras que não dependam de interpretações anteriores. Ainda que se tenha que considerar que estas fontes fazem parte de recortes feitos pelo primeiro autor.

Foi fundamental a consulta do diário de Acary Passos de Oliveira sobre a Marcha da Expedição Roncador-Xingu de Aragarças ao rio das Mortes¹⁴ e dos relatos de viagem dos irmãos Villas Boas¹⁵. Outra publicação, consultada, feita em Nova Xavantina, foi livro do jornalista, Domingos D'Eri e que tem por título: Nova Xavantina: sua gente, sua história¹⁶. O livro é dividido em duas partes. Na primeira parte, o autor faz uma compilação de todas as narrativas fantástica produzidas sobre o Brasil Central. Entre elas, estão bandeiras paulistas, a lenda do Araés e da serra dos Martírios, a expedição do explorador inglês Percival Fawcett e as bandeiras Anhanguera e Piratininga, realizadas na década de 1930¹⁷. A segunda parte do livro é dedicada à construção de perfis das pessoas que tiveram ligação com a administração pública e as atividades econômicas na cidade. São essas pessoas que ocupam os espaços públicos, na mídia e nos eventos comemorativos. Estas personalidades se apropriam das narrativas sobre a parte central do Brasil e da memória da Fundação Brasil Central e a Expedição Roncador-Xingu para legitimar as suas posições de poder.

A erudição para a leitura destas fontes foi construída no diálogo com as pesquisas produzidas no âmbito das Universidades. Na Universidade Fe-

¹⁴ OLIVEIRA, Acary Passo de. - Roncador-Xingu: Roteiro de uma expedição – Barra Goiana 1943(Aragarças) – Rio das Mortes 1944 (Xavantina). São Paulo: Edição do Autor, 1976.

¹⁵ VILLAS BOAS, Orlando. A Marcha para o Oeste, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1993.

¹⁶ Nova Xavantina, editora alternativa, 2001.

¹⁷ Sobre as incursões patrocinada pela imprensa paulista a parte central do Brasil ver: MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhaguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Dissertação de Mestrado-UFMT, Cuiabá, 2001, FONSECA, Sylvio da. Frente a Frente com os Xavante. Rio de Janeiro. Irmãos Pongetti Editores, 1948. D'ERI, Domingos. Nova Xavantina, Editora Alternativa, 2001.

deral de Goiás e Universidade de Brasília, há uma profusão de dissertações de Mestrado, teses de Doutorado e artigos científicos, versando sobre a expansão das fronteiras do estado brasileiro para parte central do Brasil e Amazônia. Não é necessário citá-los aqui. Todos estão referendados nas notas de rodapé e na bibliografia. Mas faço algumas considerações sobre os pesquisadores que me abriram caminhos para pensar o recorte que propus para esta Dissertação. A antropóloga Maria Stela Campos França estudou a expansão da fronteira agrícola, empreendida por gaúchos, sobre os imemoriais territórios Xavante. Outro Antropólogo, Manuel Ferreira Lima Filho¹⁸, analisou a chegada da Expedição Roncador-Xingu no rio das Mortes, onde se constituiu o espaço urbano de Xavantina e a Fundação Brasil Central no contexto dos projetos de colonização da parte mais central do Brasil, empreendidos pelo Governo do Presidente Getúlio Vargas.

Sobre o contato dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu com os índios Xavante dialoguei com a pesquisa de campo do antropólogo inglês David Maybury-Lewis¹⁹ e a síntese da história do contato dos Xavante com sertanejos e sertanistas, feito pela antropóloga Aracy Lopes da Silva²⁰.

Neste empreendimento de cotejamento dos arquivos com os testemunhos e, destes com a produção acadêmica sobre a parte central do Brasil, me foi útil duas reflexões dos historiadores da arte. A primeira é a identificação dos lugares como portadores de tradição do historiador Simon Schama²¹. As fantasias sobre a parte central do Brasil, em especial o Vale do Araguaia, remontam aos bandeirantes paulistas. A principal delas é a lenda das Serra dos Martírios. Estas Fantasias orientaram as explorações no Vale do Araguaia no século XX, como as do Inglês Sir Percival Fawcett e dos brasileiros Willy Aurelli e Hermano Ribeiro²². Segundo Schama, a inauguração de lugares e os caminhos que os interligam se tornam referência para os viajantes. A recorrência entre os viajantes é trilhar os

¹⁸Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia, Brasília, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998

¹⁹A Sociedade Xavante, Rio de Janeiro, Editora Francisco Alves, 1984

²⁰Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela da(org). História dos índios no Brasil, São Paulo. Companhia das Letras, 1992, págs 369-370.

²¹SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

²²Sobre as expedições ao Vale do Araguaia nas décadas de 1920 e 1930 ver: MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhaguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001.

caminhos e visitar os lugares enunciados por viajantes anteriores. Os *lugares têm tradição*²³. No caso do Vale do Araguaia as fontes apresentam uma recorrência de caminhos e lugares inaugurados e consolidados que remontam as bandeiras paulistas, retomados pelas expedições do século XX e objeto de disputa de poder²⁴ na definição do itinerário da Expedição Roncador-Xingu. Outra reflexão dos historiadores da arte sobre a tradição dos lugares é a análise das paisagens enquanto um recorte do olhar do observador. O que o observador vê em um lugar, são os outros lugares, que este traz em seu repertório de paisagens, segundo o historiador E. H. Gombrich²⁵. A invenção da tradição dos lugares se da paralelamente a invenção dos protocolos, das festas comemorativas, das datas inaugurais e outros. No caso de Nova Xavantina o calendário de festas da cidade construiu a sua data de fundação, primeira missa, marco de fundação e a poderosa imagem do pioneiro. Percebe-se uma recorrência das tradições dos protocolos oficiais das cidades brasileiras ao buscarmos as reflexões de Eric Hobsbawn²⁶ sobre a construção das tradições.

Também não deixei de considerar os autores que se colocam no campo dos estudos Culturais. Como Roger Chartier²⁷, Pierre Bourdieu²⁸ e Clifford Geertz²⁹. Esta dissertação perseguiu os indícios que apontam para o rio das Mortes e a base Xavantina como lugares inaugurados pela Expedição Roncador-Xingu. Não foi foco deste estudo a identificação das representações sobre estes lugares e as narrativas elaboradas para construí-los. Mas os estudos culturais trazem duas idéias que foram úteis a esta pesquisa. Trata-se das noções de desvio de significados e da apropriação cultural que compõem o conceito de representação. Para Roger Chartier, as representações são:

²³ SCHAMA, Simon. Op. cit.

²⁴ No capítulo II é discutida a disputa entre o sertanista Francisco Brasileiro e o comando militar da Expedição sobre o Itinerário da Expedição. Francisco Brasileiro pretendia uma expedição de exploração e o comando da Roncador-Xingu pensava dentro de um projeto de expansão de fronteiras.

²⁵ "A teoria renascentista da arte e a ascensão da paisagem" in: Norma e forma. São Paulo Martins Fontes, 1990.

²⁶ HOBBSAWN, Eric. A Invenção das Tradições, São Paulo, paz e terra, 1997.

²⁷ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. São Paulo, Revista de Estudos Avançados (edição eletrônica), vol.5 nº.11, Jan./Apr. 1991. Ainda sobre o conceito de representação ver: CHARTIER, Roger. A História Cultural. Rio de Janeiro, Difel, 1990.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

²⁹ GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Livro Técnico e Científico S.A, 1989.

[...] esquemas geradores de sistemas de classificação e de percepção que tornam verdadeiras as 'instituições sociais', incorporando sob a forma de representações coletivas as divisões da organização social. [...] estas representações são matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social. Mesmo as representações coletivas mais elevadas só têm existência, só são verdadeiramente tais, na medida em que comandam atos³⁰.

Lugares, paisagens e signos são construídos para serem lidos e compartilhados socialmente. Eles comunicam as intenções das pessoas. Para que isso ocorra, emissor e receptor precisam compartilhar códigos culturais. No caso desta pesquisa, esta leitura foi importante para visualizar os mecanismos que orientam os recortes, resignificações e deslocamentos operados nas imagens da parte mais central do Brasil e relatos dos antigos moradores na produção da memória da cidade.

Para a composição do texto da dissertação foram construídos três capítulos. No primeiro capítulo foi analisada a relação da Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central com as políticas de ocupação econômica e demográfica do Centro-Oeste Brasileiro, empreendidas pelos governos, federal e dos Estados de Mato Grosso e Goiás nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Procurei identificar a singularidade da Expedição Roncador-Xingu. No segundo capítulo empreendi uma reconstrução do caminho que a expedição construiu entre a base de Aragarças e o Rio das Mortes. A análise dos relatos de memórias utilizados para esta reconstrução demonstrou a singularidade política da Roncador-Xingu em relação às expedições que percorreram o Vale do Araguaia nas décadas de 1920 e 1930. Tratava-se, neste momento, fim do Estado Novo, de uma expansão das fronteiras do estado brasileiro para o Brasil Central e da Amazônia e não mais o reconhecimento geográfico. Também, o estabelecimento de novos itinerários entre o litoral e o Brasil Central estava dentro do contexto histórico de crescimento de duas novas tecnologias de transporte: ao automóvel e o avião. Considerando estas tecnologias é possível compreender o abandono do rio Araguaia como caminho privilegiado para se chegar a Amazônia, caminho este, de recorrente utilização no século XIX. No terceiro capítulo foi analisada a articulação da constitui-

³⁰ CHARTIER, Roger. Op. Cit.

ção do espaço da cidade com o processo de atração e “pacificação” dos Xavante, feita pelos trabalhadores da base Xavantina.

Capítulo I

Na Época da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central.

Naquela época era a FBC do Getulio Vargas, que abriu a estrada do Rio de Janeiro pra ir pra Manaus. Pra dá emprego pro povo, desbrava o sertão. Ai o Salomão veio pra cá, achou bom, naquela época, emprego era difícil e aqui achou essa empresa que empregava muitos homens do Nordeste. Chegava pra cá, empregava o povo todinho. Então ele trabalhou dois anos aqui e foi lá e trouxe nois. Ai nois chegamos aqui, naquela época só andava de avião, era o Douglas – CAN – era o Correio Aéreo Nacional.

“Desbravar o sertão e dar emprego pro povo”

[...] Naquela época era a FBC do Getúlio Vargas, que abriu a estrada do Rio de Janeiro pra ir pra Manaus. Pra dá emprego pro povo, desbrava o sertão. Ai o Salomão³¹ veio pra cá, achou bom, naquela época, emprego era difícil e aqui achou essa empresa que empregava muitos homens do Nordeste. Chegava pra cá, empregava o povo todinho. Então ele trabalhou dois anos aqui e foi lá e trouxe nois. Ai nois chegamos aqui, naquela época só andava de avião, era o Douglas – CAN – era o Correio Aéreo Nacional³².

Este fragmento da entrevista do Sr. Adão Gomes de Souza é um indício da positividade das políticas do Estado Novo para a parte Central do Brasil e Amazônia. Ainda que estas não tenham conseguido manter Getúlio Vargas no poder, depois do fim da segunda Guerra Mundial. A Fundação Brasil Central e a Expedição Roncador-Xingu continuaram depois do fim do seu governo. A Expedição foi concluída com a construção da base militar da Serra do Cachimbo,

³¹ Salomão Gomes de Souza é irmão do Sr. Adão Gomes de Souza. Ele foi o primeiro da família deixar o Estado do Maranhão. Segundo as suas lembranças: “Eu sai do Maranhão pra Goiás em 1945. Em 47, eu vim pra Mato Grosso. No Mato Grosso eu passei pelos garimpos de cristal ai na ponta da Serra da Borborema, ai vim destinado ao garimpo do gatinho, dava muito diamante. Ai viemos, a pé até Santa Maria do Araguaia. Chegamos lá peguemos o motô do veio finado Dodô. Era dono de uns moto que vinha pelo rio, deixando mercadoria, sal pra aquelas fazenda na beira do Rio Araguaia. Levamos 12 dias pra chega em Aragarça-Goiás. Nem existia Barra do Garça. Nessa época, Barra do Garça não valia nada ainda. Aragarça que era melhor porque tinha o Exercito. E então nois chegamos ali. Tinha muito garimpo de diamantes vendido pelo dólar. Era um movimento. Cidade pequena, mais tinha muito movimento. Corria muito dinheiro. Ai fiquemos por ali. Eu nunca tinha garimpado, eles também não. Ai o Cel Flaviano de Matos Vanique, que era chefe aqui tinha ligado pro escritório, lá em Aragarças, era pra ficha gente pra vim trabalha.. Ai nois fomos no escritório lá. O Levino ligou pro Cel aqui. O Cel disse: eu to precisando de 18 homem (todos os entrevistados que conviveram com o Cel Vanique, imitam a sua voz de maneira muito parecida) Você tem ai me manda pra cá. Eu tenho que abri uma Expedição Roncador_Xingu, agora em 1948, mês de abril, mês de maio, nós tem que abri essa Expedição, daqui pra frente. Ai mandou nois pro aeroporto. O avião já vinha do Rio de Janeiro pra pega. Era aquele C-47, o Douglas. Tem até um lá em Canarana, na praça”. Segundo a entrevista do Sr. Salomão, trabalho na base Xavantina na manutenção em geral e na abertura da picada da Expedição Roncador-Xingu até o Cachimbo. O Sr. Salomão Gomes de Souza foi entrevistado em Nova Xavantina no dia 08/01/2006, às 18h00min.

³² O entrevistado nasceu na cidade de Carolina, no Estado do Maranhão. No mês de setembro de 1951, chegou no rio das Mortes, Base Xavantina da Fundação Brasil Central. O percurso descrito pelo entrevistado, para chegar a Base Xavantina foi o seguinte: inicio da viagem na cidade de Santa Maria do Pará, viajando de balsa pelo Rio Araguaia, até a cidade de Conceição do Araguaia, desta cidade até Aragarça, a viagem se realizou de lancha (embarcação de menor porte) porque o rio Araguaia a partir deste ponto tem um calado menor. De Aragarça até o Rio das Mortes, o entrevistado, juntamente com a sua família, foram transportados em um avião, Douglas DC 3, do Correio Aéreo Nacional – CAN. Adão Gomes de Souza foi trabalhador braçal na base Xavantina e também trabalhou no antigo SPI e depois FUNAI com o sertanista Orlando Villas Boas. Entrevista com o Sr. Adão Gomes de Souza ocorreu em Nova Xavantina no dia 08/01/2006, às 19h00min.

Estado do Pará e, Jacareacanga, Amazonas, em 1950. A Fundação Brasil Central operou até o ano de 1967, quando foi substituída pela Superintendencia do Centro Oeste – SUDECO. Neste momento estavam sendo redefinidos os projetos de colonização da parte central do Brasil e da Amazônia pelos governos militares.

O acontecimento Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central foi apropriado pelas memórias dos seus antigos trabalhadores. A entrevista do Sr. Adão Gomes de Souza estabelece o dialogo entre estas memórias e o discurso do Estado Novo sobre a Marcha para Oeste. Pensando com Michel Foucault, as iniciativas do Governo Vargas para o Vale do Araguaia foram efetivas enquanto estratégias de poder. Segundo Foucault, a arte de governar consiste em:

[...]Fazer com que se produza a maior riqueza possível, que se forneça às pessoas meios de subsistência suficientes, e mesmo na maior quantidade possível, que a população possa se multiplicar[...] Sem a necessidade de impor uma lei aos homens, mas de dispor das coisas, isto é, utilizar mais táticas dos que leis, ou utilizar ao maximo as leis como táticas. Fazer, por vários meios, com que determinados fins possam ser atingidos³³.

O entrevistado ao elencar os resultados das políticas do Estado Novo para a parte central do Brasil e a Amazonia, torna-se ele mesmo parte destas políticas. Estes resultados tornaram-se efetivos, uma vez que gerou, segundo a leitura de Michel Foucault, beneficios para os governados. O poder neste caso se exhibi, não através da publicidade, mas pelas iniciativas governamentais que resultaram em uma infra-estrutura militar e civil, que estabeleceu um controle de territórios sobre o Brasil Central por parte do Estado Brasileiro. Para os trabalhadores, a expedição foi uma opção a miséria do Nordeste. As iniciativas do Governo Vargas no Nordeste e o Brasil Central se

33 FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979, p. 284

entrecruzaram com as memórias dos trabalhadores. Este entrecruzamento de discursos, do governo Vargas e dos Trabalhadores da expedição, surge na seguinte afirmação do Sr. Adão Gomes de Souza: *“Desbravar o sertão para e dar emprego pro povo”*. Este fragmento de relato incorpora as intencões e iniciativas do Governo do Presidente Vargas quanto a expansão das fronteiras políticas e econômicas do Brasil da parte Sul e Sudeste para o Centro Oeste e a Amazonia, assim como, as ações governamentais quanto a gestão das populações do Norte e Nordeste.

A afirmação *“dar emprego pro povo”*, é seguida da especificação de qual povo, o entrevistado se refere: *“pros homens do Nordeste”*. A Marcha para o Oeste foi um projeto político que ia além da preocupação do governo com as condições sociais de pobreza da população desta parte do Brasil. Expandir as fronteiras para o interior do país era um instrumento governamental para aliviar as pressões demográficas e conflitos sociais nas áreas litorâneas do Brasil.

A leitura que o Sr. Adão Gomes fez da Expedição Roncador-xingu se encontra com a efetivação dos objetivos deste projeto do Governo do Presidente Getúlio Vargas para a parte central do Brasil. Concluída a expedição, em 1950, estava em operação, uma infra-estrutura de apoio a navegação aérea que efetivou a ligação aérea entre a antiga Capital Federal, Rio de Janeiro, e a cidade de Manaus. O estabelecimento deste caminho aéreo pelo interior do Brasil, teve consequências imediatas para a estratégia militar de controle do território. Até a década de 1940, as rotas aéreas que interligavam o Sudeste do Brasil e a Amazonia era feita através do litoral do Nordeste. Os aeroportos necessários as escalas dos aviões estavam todos no litoral. Na parte central do país, não existiam aeroportos que possibilitassem aterrissagem de emergência e desse orientação para a navegação aérea. O estabelecimento de rotas aéreas

que interligaram o Sudeste e a Amazonia, deu rapidez e reduziu os custos destes deslocamentos³⁴.

O caminho terrestre ligando a cidade do Rio de Janeiro e a cidade de Manaus, citada no relato do Sr. Adão Gomes de Souza, nunca existiu, nem no roteiro inicial da Expedição Roncador-Xingu, que tinha por destino final a cidade de Santarém no Estado do Pará³⁵. Entretanto, esta referência do Sr. Adão: *“abriu estrada do Rio de Janeiro pra ir pra Manaus”*, é um recurso narrativo para dar visibilidade aos impactos das atividades da Fundação Brasil Central na ampliação da ocupação demográfica e econômica do centro do Brasil, a partir do governo de Getúlio Vargas. A Expedição definiu roteiros de rodovias, como a BR 158 e estabeleceu bases militares como as da Serra do Cachimbo e Jacareacanga e estabeleceu núcleos urbanos de futuras cidades, exemplo de Nova Xavantina³⁶. Orlando Villas Boas ao lembrar dos feitos da Fundação Brasil Central, fez o seguinte resumo das suas atividades:

A marcha para o oeste transcorrido ao longo de quase 40 anos deixou um legado inestimável. Foram mais de 35 Vilas e Cidades fundadas, 19 campos de pouso construídos, mais de cinco mil índios contatados, 1500 km de picadas abertas e 1000 km de rio percorridos. Cidades que foram nascendo. Serra do Roncador, Aragarças, Xavantina, eram todos vilarejos, hoje são todas cidades grandes. Essa cidade que eu falei antes tem 50 mil habitantes, chama-se Alta Floresta. Fica na Floresta Amazônica. Nomes que nos demos, lugares que nos descobrimos. Por fim a nossa dedicação resultou na criação do Parque Nacional do Xingu. Pela consciên-

³⁴ PESSOA, Marcos Garcia. A Força Aérea Brasileira na Expedição Roncador-Xingu (1943 – 1945). Cuiabá: Departamento de História UFMT, 2004, p.12.

³⁵ Grande Expedição partirá e, breve para a Serra do Roncador: Declaração do Ministro João Alberto sobre os objetivos da caravana que, partindo de Leopoldina, sobre o Araguaia, abrirá caminho para o Amazonas pelo Centro do país – a rota a ser seguida. Jornal O Estado de São Paulo de 04 de Junho de 1943.

³⁶ MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio. www.grupomontevideo.edu.uy. Acesso em 06 de Junho de 2007.

tização da necessidade de preservar as culturas indígenas brasileiras³⁷.

Os Relatos de Orlando Villas Boas e do Sr. Adão Gomes de Souza conferem uma força narrativa à expedição e a FBC que pode produzir para o leitor a imagem de que de fato foi construída uma via terrestre ligando a cidade do Rio de Janeiro à cidade de Manaus. Os relatos constroem um cenário de grandiosidade onde apresentam os campos de pouso e decolagem de aviões, os pica-dões³⁸ e as vias fluviais.

Também, este cenário grandioso construído pela narrativa de Orlando Villas Boas, dissimula o cerco que sofreram as sociedades indígenas com a criação do Parque Nacional do Xingu³⁹. Desta forma, a narrativa que o governo brasileiro impôs ao Parque do Xingu, foi o discurso humanitário em relação aos índios. Esta foi a prática política do SPI na condução do contato entre as sociedades indígena e o avanço dos latifúndios sobre a Amazônia. Esta prática política sobreviveu na atuação da Fundação Nacional do Índio⁴⁰.

A criação do Parque Nacional do Xingu esta articulada às ações da Fundação Brasil Central e do antigo SPI, no Vale do Araguaia. A atuação destes agentes estatais abriu um *corredor étnico*⁴¹ na parte central do Brasil e ampliou a expansão da fronteira demográfica do Brasil, das regiões Sul, Sudeste e Nordeste para a Amazônia. O estabelecimento de uma infra-estrutura que possibi-

³⁷ Depoimento de Orlando Villas Boas, recortado para o Documentário: **Heróis do Brasil**, produzido e dirigido por Amanda Galler, Nova Xavantina-MT, Universidade de Mato Grosso UNEMAT, 2005.

³⁸ Estradas de terra rudimentares, aberta na floresta. Estas estradas precisam de manutenção constante. Caso contrário, a floresta absorve a estrada, fazendo-a desaparecer.

³⁹ Sobre o Parque Nacional do Xingu ver: LIMA, Antonio Carlos de Souza. Um grande Cerco de Paz, Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. E do mesmo autor: Governo dos índios sob a gestão do SPI. In: História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁴⁰ Sobre as articulações das práticas políticas da FUNAI com as políticas de colonização no Norte de Mato Grosso Ver: RAMOS, Alcida Rita. Uma Crítica da Desrazão Indigenista. Caxambu: XXII Encontro Anual da ANPOCS, outubro de 1998.

⁴¹ Esta categoria analítica foi construída pela Antropologia para explicar as políticas estatais reterretorialização das nações indígenas para garantir espaço para a expansão das fronteiras agrícolas. Para além das transferências forçadas de comunidades indígenas inteiras de espaço geográfico ao outro, caso da criação do parque indígenas do Xingu, as políticas indigenistas estatais buscavam a incorporação das nações indígenas às atividades econômicas capitalistas como mão-de-obra. Sobre as políticas dos governos brasileiros para as populações indígenas ver: Antonio Carlos Souza Lima Op. Cit. E Alcida Rita Ramos. Op. Cit.

litasse o controle governamental do centro do Brasil exigiu mão-de-obra que viria, principalmente, do Nordeste do Brasil.

Novamente volto ao relato do Sr. Adão Gomes de Souza: “aqui achou essa empresa que empregava muitos homens do Nordeste”. Este fragmento do relato do entrevistado é um indicio da atuação da Fundação Brasil Central como um instrumento do Estado Novo para a administração da população. Administrar a população é o fim último de todos os governos dos Estados Nação, segundo Michel Foucault:

[...] a população aparecerá como o objetivo final do governo. E quais são os instrumentos que o governo utilizará para alcançar estes fins, que em certo sentido são iminentes a população? Campanhas, através das quais se age diretamente sobre a população, e técnicas que vão agir indiretamente sobre ela e que permitirão aumentar, sem que as pessoas se dêem conta, a taxa de natalidade ou dirigir para uma determinada região ou determinada atividade os fluxos de população [...]⁴²

Esta compreensão do poder enquanto estratégias, não considera as populações como coisas a serem manipuladas. Mas as pessoas, ante os resultados efetivo das praticas do poder, passam a se sentir parte da governamentalidade. As pessoas se percebem como parte de uma coletividade administrada pelos governos, mas não se sentem manipuladas. Para Edward Said, esta efetivação do poder ocorre quando este é: *eficiente, competente, instrumental, persuasiva, ser capaz de estabelecer novos padrões*⁴³.

Dentro deste contexto de ação governamental de controle positivo dos fluxos populacionais, o Estado Novo criou em 28 de setembro de 1942, a Coordenação de Mobilização Econômica. Uma das primeiras preocupações do novo órgão foi coordenar o projeto, de fixar 50 mil homens na produção da borracha na região amazônica. Para executar este projeto foi criado o Serviço

⁴² FOUCAULT, Michel. – Microfísica do Poder, Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 289.

⁴³ SAID, E. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 31.

Especial de Migração de trabalhadores para a Amazônia – SEMTA⁴⁴. Para cumprir esta meta o governo mobilizou a agenda do Presidente da República que em fevereiro de 1943, visitou a cidade de Fortaleza e assinou decreto que encorajava os sertanejos pobres a:

[...] colaborar com o Brasil naquela luta patriótica, tornando-se Soldados da Borracha; em troca, além do dever cívico e patriótico, ele seria conhecido como o herói da Pátria e receberia uma viagem de caminhão, trem e navio por mais de cinco mil quilômetros até o "El Dourado", além do prêmio para aquele que conseguisse extrair mais "ouro branco", e ficavam "isentos" do serviço militar. As famílias dos voluntários, também, seriam amparadas, com alimentos, escolas e assistência médica.⁴⁵

As imagens positivas construídas pelo discurso de Getúlio Vargas, evocando patriotismo, heroísmo e oferta de proteção do Estado aos cearenses era um recurso para apresentar aos sertanejos, não uma opção, mas uma falta de opção. Segundo, Maria Juraci Maia Cavalcante: “o retirante tinha as seguintes opções: a mendicância na capital, a II Guerra Mundial, a floresta da Amazônia ou a seca no Ceará”⁴⁶. Esta falta de opção do sertanejo foi instrumentalizada pelo governo do Presidente Getúlio Vargas para as suas metas para com os aliados na II Guerra Mundial. O Brasil se comprometeu a fornecer matérias-primas em troca de apoio para a instalação indústrias, como a construção da Siderúrgica de Volta Redonda e era um instrumento para o governo aliviar as pressões demográficas e as lutas sociais no Nordeste⁴⁷.

⁴⁴ OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. - João Alberto - A Metáfora de um Revolucionário. Rio de Janeiro: X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ - História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

⁴⁵ Passagem do discurso de Getúlio Vargas quando da inauguração da Campanha Nacional da Borracha: "Brasileiros! A solidariedade dos vossos sentimentos me dá a certeza prévia da vitória". Jornal O Povo, 21/6/1998. In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. História e Memória da Educação no Ceará. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

⁴⁶ CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. Op. cit.

⁴⁷ A expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central se inserem neste contexto cumprindo objetivos de explorar novas riquezas para fins industriais. Também tinha o objetivo de reduzir as pressões demográficas e suas conseqüentes lutas sociais nas grandes metrópoles, que começavam a ser ocupadas por opositores e excluídas do projeto de industrialização do Governo Vargas. Na busca do cumprimento desta meta é que foram criados os territórios federais com o objetivo de fixar brasileiros, nos espaços não controlados pelo estado brasileiro, no Norte do Brasil. OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. - João Alberto - A Metáfora de um Revolucionário. Rio de Janeiro: X En-

Término do Estado Novo e a continuidade da Marcha para o Oeste

Na década de 1940, o governo do Presidente Getúlio Vargas teve que administrar um contexto de mobilização popular em favor da entrada do Brasil na guerra ao lado dos aliados – Estados Unidos, Inglaterra e França - e contra as forças do Eixo Nazifascista – Alemanha Itália e Japão. No início do ano de 1943, as forças políticas antifascistas realizaram manifestações públicas a favor da entrada do Brasil na Guerra ao lado dos aliados. Entre estas manifestações estavam: a criação da fundação da Sociedade Amigos da América, realização da Semana Antifascista, no quinto aniversário do golpe integralista de 1938, promovida pela Liga de Defesa Nacional, a UNE e o Conselho Antieixista dos Funcionários do Banco do Brasil. A realização deste último evento coincidiu com a derrota das forças alemãs e italianas no norte da África, que deu aos Aliados o domínio absoluto do Mediterrâneo. Os participantes da Semana Antifascista, comemoraram esta fato com uma passeata. Estas manifestações não contestavam diretamente o governo do Presidente Getúlio Vargas, mas permitiram a organização de entidades civis, algumas delas representavam setores da oposição⁴⁸.

Seguindo a leitura do historiador Alberto Aggio⁴⁹ sobre a emergência das massas no Brasil e na América Latina, estas manifestações populares e as posições políticas que o governo brasileiro assumiu antes estas demandas de setores da sociedade, deve ser lida dentro do contexto de transição pela qual passava os mecanismos de operação de poder no Brasil e na parte sul do continente americano. Desde o início do século XX, com maior intensidade na

contro Regional de História – ANPUH-RJ - História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

⁴⁸ BRANDI, Paulo. Getúlio Vargas. www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5458_30.asp. Acesso em: 10 de outubro 2007.

⁴⁹ AGGIO, Alberto. A Emergência das massas na política latino-americana e a teoria do populismo. In: AGGIO, Alberto e LAHUERTA, Milton. Pensar o século XX: Problemas políticos e história nacional na América Latina, São Paulo, Editora UNESP, 2003, p. 137-164.

década de 1920, os mecanismos de operação de poder das oligarquias latifundiárias se esgotavam ante as mudanças da sociedade brasileira que ganharam intensidade nos governos do Presidente Getúlio Vargas. Estas mudanças tiveram o seu lugar na intensificação da urbanização que era dinamizada pela ampliação da industrialização que vinha ocorrendo desde a década de 1910, ganhado impulso no pós primeira guerra mundial e ganhado espaço na agenda estatal a partir de 1930. A urbanização e a industrialização ocorria pari passo a popularização das novas tecnologias de comunicação: o telegrafo e o Rádio. Este último se transformou no principal meio de comunicação e lazer, nas décadas de 1930 até a década de 1950, e instrumento de diálogo dos líderes políticos com a população.

As formas de representações políticas das oligarquias latifundiárias, baseadas na coersão dos eleitores, clientelismo e fraude eleitoral, se esgotavam, ante esta nova geografia política. Doravante os líderes políticos procurariam formas que permitisse um dialogo mais direto com a população. Isto não deve ser entendido como uma incorporação, por parte dos novos líderes políticos, das pautas dos movimentos populares às suas agendas políticas. Uma vez que estes líderes eram oriundos da antigas oligarquias. Mas este diálogo com a população seguia duas vertentes. Uma delas era a construção de mecanismos de operação política que controlasse os moviementos populares, nem sempre isso era possível. Outra estratégia de diálogo com a população, em especial a classe trabalhadora, era o atendimento de parte das suas reivindicações políticas a implementação de uma política econômica que fosse mais efetiva na geração de empregos⁵⁰.

⁵⁰ AGGIO, Alberto. Op. cit.

É neste sentido que devem ser lidas as respostas que governo do Presidente Getúlio Vargas deu as manifestações populares pró entrada do Brasil na segunda guerra mundial, sendo estas manifestações um vetor para a oposição ao Estado Novo se manifestar. Getúlio Vargas respondeu politicamente a estas manifestações com: a sindicalização em massa dos trabalhadores, a promulgação simbólica da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), sistematizando e ordenando o enorme volume de decretos e regulamentos sobre a organização sindical e a legislação social. Na área econômica, a resposta do Governo Vargas, veio com as medidas de congelamento dos preços dos aluguéis, tabelamento de preços de gêneros de primeira necessidade como pão, açúcar e carne, mas não conseguiu impedir o florescimento do mercado paralelo. Para estimular o crescimento econômico, foram incentivadas as industriais que produziam produtos populares de qualidade e baixos preços, como: tecidos, remédios e calçados⁵¹.

Incentivar a industrialização, como alternativa para debelar a crise econômica e evitar a queda do apoio político ao seu governo, aparece em um discurso proferido por ocasião de uma visita presidencial ao canteiro de obras da siderurgica de Volta Redonda, em 07 de maio de 1943:

O problema básico da nossa economia estará em breve sob novo signo. O país semicolonial, agrário, importador de manufaturas e exportador de matérias-primas poderá arcar com as responsabilidades de uma vida industrial autônoma, provendo as suas urgentes necessidades de defesa e aparelhamento. Já não é mais adiável a solução. Mesmo os mais empedernidos conservadores agraristas compreendem que não é possível depender da importação de máquinas e ferramentas, quando uma enxada, esse indispensável e primitivo instrumento agrário, custa ao

⁵¹ BRANDI, Paulo. Op Cit

lavrador 30 cruzeiros, ou seja, na base do salário comum, uma semana de trabalho⁵².

Neste fragmento de discurso do Presidente Getúlio Vargas, revela-se a dubiedade de seu governo. Era preciso ampliar o seu arco de alianças entre os operários urbanos e buscar o apoio dos trabalhadores rurais. Estes últimos não participaram dos benefícios trabalhistas produzidos pelas legislações do trabalho elaboradas depois de 1930. Ao insinuar que a implantação de indústrias no Brasil, no caso da Siderúrgica de Volta Redonda, uma indústria de base, contrariava os interesses de uma fração da poderosa elite latifundiária⁵³, o presidente faz um esforço discursivo no sentido de se dirigir aos trabalhadores rurais. A citação do preço da enxada é uma estratégia para se aproximar deste público. O presidente, também procura manter o apoio da elite agrária ao citar que estes também compreendiam que a economia brasileira não poderia mais ser dependente de importação de uma simples ferramenta, como uma enxada. Mas os termos “empedernidos conservadores agraristas” indicam que estes atores políticos não estavam mais dispostos a apoiar o Estado Novo.

É no bojo destes acontecimentos que Getúlio Vargas reeditou como nova a imagem da Marcha para o oeste. Em 1943, o discurso da Marcha para o Oeste não era uma novidade nem para o Estado Novo. O lançamento desta idéia havia ocorrido em 1938, logo após do golpe de estado de 1937⁵⁴. Mas a construção desta imagem remontava ao governo Vargas⁵⁵. A novidade do

⁵² Discurso do Presidente Getúlio Vargas, em visita ao canteiro de obras da Siderúrgica Volta Redonda, proferido em 7 de maio de 1943. In: BRANDI, Paulo. Getúlio Vargas. www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes_htm/5458_30.asp. Acesso em: 10 de outubro de 2007.

⁵³ O discurso da vocação agrária do Brasil está para ser investigado. Não tive espaço e nem fontes para fazer esta discussão aqui, este não é o meu tema de estudo, mas fica a pergunta: A industrialização, a partir dos anos de 1930, se complementava a agricultura ou se contrapunha? A resposta a esta pergunta depende do trabalho do historiador com as fontes.

⁵⁴ CACELLI, Elizabeth. Marcha para o Oeste: Discurso e legitimação. Cuiabá: Revista da Universidade Federal de Mato Grosso, Ano II, nº02, Maio-agosto, 1983, p. 86.

⁵⁵ Segundo Marcio de Oliveira, a preocupação com o interior do Brasil vinha desde o período colonial e continuou como discurso no período dos governos militares, pós 1964.

discurso de Vargas sobre a Marcha para Oeste é a busca de uma racionalização que estabeleceu recortes que focaram na questão do controle do território:

Após a reforma de 10 de Novembro de 1937, incluímos essa cruzada no programa do Estado Novo, dizendo que o verdadeiro sentido da brasilidade é o rumo ao Oeste. Para esclarecer a idéia, devo dizer-vos que o Brasil politicamente é uma unidade. Todos falam a mesma língua, todos têm a mesma tradição histórica e todos seriam capazes de sacrificar pela defesa do seu território. Considerando-a uma unidade indivisível, nenhum brasileiro admitiria a hipótese de ser cedido um palmo desta terra, que é sangue e carne do nosso corpo. Mas se politicamente o Brasil é uma unidade, não o é economicamente. Sob este aspecto assemelha-se a um arquipélago formado por algumas ilhas, entremeado por espaços vazios. As ilhas já atingiram um alto grau de desenvolvimento econômico e industrial e suas fronteiras políticas coincidem com as fronteiras econômicas. Continuam entretanto, os vastos espaços despovoados, que não atingiram o necessário clima renovador, pela falta de toda uma série de medidas elementares, cuja execução figura no programa de governo e nos propósitos da administração, destacando-se, dentre elas, o saneamento, a educação e os transportes. No dia em que se dispuserem todos esses elementos, os espaços vazios se povoarão, teremos densidade demográfica e desenvolvimento industrial. Deste modo, o programa do Rumo ao Oeste é o reatamento da campanha dos construtores da nacionalidade, dos bandeirantes e dos sertanistas, com a integração de modernos processos de cultura. Precisamos promover essas arrancadas em todos os aspectos e com todos os métodos, a fim de suprimos os vazios demográficos de nosso território e fazermos com que as fronteiras econômicas coincidam com as fronteiras políticas. **Não ambicionamos um palmo do território que não seja nosso, mas temos um expansionismo que é o de crescermos dentro de nossas próprias fronteiras**⁵⁶.

Dois aspectos são importantes neste discurso de Getúlio Vargas. O primeiro é a imposição de uma homogeneização da sociedade brasileira. O Brasil é apresentado como uma unidade política, apoiando este argumento na língua e nas tradições históricas. Quanto as práticas sociais este discurso era uma ficção.

⁵⁶ Discurso do Presidente Getúlio Vargas no lançamento da Marcha para Oeste. In: CACELLI, Elizabeth. Marcha para o Oeste: Discurso e legitimação: Cuiabá: Revista da Universidade Federal de Mato Grosso, Ano II, nº02, Maio-agosto, 1983, p. 89.

Segundo o historiador Francisco Carlos Teixeira⁵⁷, os avanços políticos do governo Vargas, como os da legislação trabalhista, nunca chegaram aos trabalhadores rurais. A estrutura latifundiária do Brasil não sofreu nenhuma ameaça e, até mesmo os trabalhadores urbanos não foram contemplados na sua totalidade pelas novas leis trabalhistas⁵⁸. Mas no contexto do Estado Novo, as imagens contruídas sobre o Brasil pela publicidade do Estado, o apresentava de uma forma homogênea, pois estas publicidades, a medida que abriram espaços para os intelectuais que apoiaram o governo do Presidente Getúlio Vargas, também impossibilitava as alternativas de veiculações de narrativas que divergissem da imposta pelo governo⁵⁹. O outro aspecto é a definição de objetivos políticos para a parte central do Brasil e a Amazonia que integravam metas de expansão do mercado interno e da infra-estrutura. O estabelecimento destas metas compõem, dentro da narrativa de Vargas, a lógica de legitimação das iniciativas do estado em relação à ocupação dos espaços que eram apresentados como vazios⁶⁰.

A partir de 1943, para enfrentar a crise econômica, respondendo assim, as manifestações populares pró entrada do Brasil na grande guerra ao

57 TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Vargas e a questão agrária: a construção do fordismo Possível. Rio de Janeiro: Revista Diálogos, n. 2, v.2.DHI. UEM. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/publicaRevistaDialogo>, vol 02. Acesso em 06 de Junho de 2007.

58 TEIXEIRA DA SILVA, Francisco. Carlos. Op. Cit.

59 Sobre a propaganda política do Estado Novo, ver: CODATO, Adriano Nervo Os autores e suas idéias: um estudo sobre a elite intelectual o discurso político do Estado Novo. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003. LACERDA, Aline Lopes de. A OBRA GETULIANA ou como as imagens comemoram o regime. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

60 A criação da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central, estavam no contexto de outras iniciativas do Governo Vargas para a parte oeste do Brasil. Entre elas, a criação de cinco territórios federais, no mesmo ano de 1943. Eram os territórios Federais do Amapá, desmembrado do Pará, o do Rio Branco, atual Roraima, destacado do Amazonas, o de Ponta Porã, localizado no sul de Mato Grosso, e o de Iguaçu, formado por terras paranaenses e catarinenses - ambos de curta duração, pois seriam extintos em 1946. Teve mais duração o território Federal do Guaporé, com terras do Amazonas e de Mato Grosso, depois denominado território de Rondônia, em homenagem ao marechal Cândido Rondon, e, em 1982, elevado à categoria de estado. Segundo a socióloga, Lucia Lippi de Oliveira, a criação destes territórios federais se relacionavam com a conquista do oeste pelo Estado Novo ao atuar em duas frentes: ampliar efetivos militares nas fronteiras e promover o aumento populacional. OLIVEIRA, Lucia Lippi de. A conquista do Oeste. Rio de Janeiro: www.cpdoc.fgv.br/A_conquista_do_oeste.asp. Acesso em 10 de outubro de 2007.

lado dos aliados, Getúlio Vargas tirou o seu discurso da Marcha para Oeste das intenções e o colocou no patamar das iniciativas políticas. Para a execução deste empreendimento, foi nomeado como superministro, João Alberto Lins de Barros⁶¹, para uma pasta que foi denominada de Ministério da Mobilização Econômica. A partir desta pasta foram elaborados e coordenadas as duas ações políticas que efetivaram a integração das ilhas de desenvolvimento do sudeste do Brasil com as áreas despovoadas do centro do Brasil, enunciados no discurso de lançamento da Marcha para Oeste do Presidente Vargas. A primeira delas foi a criação, pelo Ministro João Alberto, da Expedição Roncador-Xingu, em 04 de junho de 1943. A expedição, em período de seis anos(1944-1950), estabeleceu o domínio militar sobre o Vale do Araguaia, ao construir uma infra-estrutura de transporte e comunicações que se estendiam da cidade de Barra do Garça, Estado de Mato Grosso, até a atual base militar do Cachimbo, Estado do Pará. Esta infra-estrutura comportava campos de aviação, estações de telegrafia, estradas rudimentares; as picadas, e o mapeamento de rios possibilitassem a navegação.

Para desdobrar os resultados positivos da Expedição Roncador-Xingu do campo militar para o econômico e demográfico, o Ministro João Alberto implementou a segunda iniciativa política do Estado Novo para a parte central do Brasil, a criação da Fundação Brasil Central. Sua atuação, primeiramente, foi apoiar o Serviço de Proteção aos Índios no trabalho de contactação das sociedades indígenas do Vale do Araguaia. Mas seu principal objetivo era o

⁶¹ João Alberto Lins de Barros nasceu em Recife, em 1897. Em setembro de 1942, no contexto da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, foi nomeado presidente da recém-criada Coordenação de Mobilização Econômica, que possuía amplos poderes para intervir nos mais diversos assuntos relativos a controle de preços, estabelecimento de metas de produção, abastecimento e planejamento do sistema de transportes. A partir do ano seguinte, passou a acumular a presidência da também recém-criada Fundação Brasil Central, cujo objetivo era promover o povoamento das regiões Norte e Centro-Oeste. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1955. OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. *João Alberto - A Metáfora de um Revolucionário*. Rio de Janeiro: X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ. História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

estabelecimento de núcleos de colonização no percurso da Expedição Roncador-Xingu⁶².

A Expedição Roncador-Xingu, a Fundação Brasil Central e a Marcha para Oeste.

No dia 04 de junho de 1943, o ministro da Mobilização Econômica do Governo Vargas, João Alberto Lins de Barros, anunciou a criação da Expedição Roncador-xingu, em entrevista para o jornal "O Estado de São Paulo". Nesta entrevistas foram debatidas as intenções do governo Vargas em integrar a parte central do Brasil ao Sul e ao Nordeste. Esta integração se efetivaria com o deslocamento de populações oriundas destas regiões, que implementariam atividades econômicas, ligadas a agropecuária e estabeleceriam cidades nesta parte oeste do Brasil. Desta forma o projeto da Marcha para o Oeste do Governo do Presidente Getulio Vargas cumpriria a sua meta de expandir as fronteiras econômicas e políticas para o oeste.

[...] Considerando a necessidade de criar vias de comunicação com o Amazonas, através do interior do país; considerando a necessidade de explorar e povoar o maciço central do Brasil nas regiões das cabeceiras do rio Xingu, atualmente das mais desconhecidas da terra; considerando que esta exploração constitui um passo decisivo para a realização do programa do Governo, sintetizado na Marcha para o Oeste.

[...]Partindo da cidade de Leopoldina, sobre o rio Araguaia, e Goiás, seguindo a direção geral de noroeste, rumo a Santarém, sobre o Amazonas.

- Procurar o ponto mais favorável sobre o rio das Mortes e fundar um estabelecimento de colonização;
- Continuar a marcha, galgando a zona do Roncador e fundar no ponto mais convenientes, que ofereça condições de clima, terras próprias para a agricultura e facilidade para o estabelecimento de um campo de aviação, um núcleo de civilização que servirá de ponto de apoio para o prosseguimento da exploração do território;

⁶² O impacto da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central foram estudados por: MACIEL, DulcePortilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio. www.grupomontevideo.edu.uy. Acesso em 10 de outubro de 2007. GARFIELD, Seth. Indigenous Struggle at the Heart of Brazil: State Policy, Frontier Expansion and the Xavante Indians, 1937-1988. Durham: Duke University Press. 2001. Ver também: GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de História(Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, 2000.

Invernar neste local, preparando o campo de aviação e iniciando trabalhos agrícolas e de construção.
Um segundo escalão da expedição deverá partir de Leopoldina, logo que seja atingido o objetivo na serra do Roncador, com elementos necessários para melhorar os caminhos e fixar, no mínimo 200 famílias por ano.
Serão reguladas com o Governo de Mato Grosso as condições de colonização e policiamento da região [...] ⁶³.

A redação deste documento enuncia os objetivos políticos do Estado Novo para a parte central do Brasil com as seguintes sentenças: “*criar vias de comunicações como o Amazonas através do interior do Brasil*”, “*povoar o maciço central do Brasil*” e “*região mais desconhecidas da terra*”. Estas afirmativas, contidas no texto da lei de criação da Expedição Roncador-Xingu, se encontram com o relato do Sr. Adão Gomes de Souza, sobre a sua experiência como trabalhador na expedição e na fundação. Em alguns fragmentos de sua entrevista, surgem às seguintes sentenças: “*abrir uma estrada do Rio de Janeiro até Manaus*”, “*dar emprego pro povo*” e “*desbravar o sertão*”. Com estas afirmações o entrevistado construiu uma temporalidade, expressa na frase: “*a época da Fundação Brasil Central*”. Estas proximidades entre os dois textos demonstram a eficiência das estratégias de poder do Governo Vargas para atingir os seus objetivos no Brasil Central. O entrevistado se reconhece na ação governamental, por essa razão se sente parte dela, pois a mesma o beneficiou.

Pensando com o historiador Paul Zanker⁶⁴, as obras de construção civil da expedição estapolararam os objetivos da propaganda visual promovida pelo Estado Novo e foram incorporadas às memórias dos trabalhadores da expedição e da Fundação Brasil Central. O relato do Sr. Adão Gomes de Souza, enuncia uma percepção de que os trabalhadores se sentiram parte de uma missão civilizatória. Sentimento que também pode ser percebido no relato do Sr. José Celestino da Silva (Zé Goiás), quando o mesmo utiliza a expressão: *Bandeirantes do Século XX*⁶⁵.

⁶³ Portaria nº 77 de 03 de Junho de 1943. In: OLIVEIRA, Acary Passo de. - Roncador-Xingu: Roteiro de uma expedição – Barra Goiana 1943(Aragarças) – Rio das Mortes 1944 (Xavantina). São Paulo: Edição do Autor, 1976, p. 175.

⁶⁴ ZANKER, Paul. Augusto, y el poder de las imágenes. Madrid Alianza, 1992.

⁶⁵ José Celestino da Silva Nasceu em Aruanã no Estado de Goiás em 02 de Julho de 1923. Deixou esta cidade no dia 6 de Julho de 1946 com destino a base de Aragarças. Em seguida foi enviado para a base Xavantina. De Xavantina foi para o posto de Diauarum, onde trabalhou na construção

As obras de engenharia civil da Roncador-Xingu tiveram um caráter grandioso. Ainda na década de 1940, a expedição concluiu a construção de uma rede de campos para pouso e decolagem de aviões que tinha como marco zero a base de Argarças e seguiu uma linha inclinada a noroeste na direção da cidade de Manaus. Entre estes pontos foram estabelecidas bases de apoio as operações da Fundação Brasil Central, da Força Aérea Brasileira (FAB) e do Serviço de Unidades Aéreas (SISU), que prestava assistência de saúde as comunidades indígenas e sertanejas, nas localidades que foram nomeadas pela própria expedição como: Matrinchã, Xavantina, Campo dos índios, Tanguro, Garapu, Coluene, Xingu, Jacaré, Uauarum, Arraias, Teles Pires, Cachimbo, Cururu, Cabroá e Jacareacanga. Algumas destas bases de apoio se transformaram em cidades como: Nova Xavantina e outros se transformaram em importantes bases militares como o Cachimbo e Jacareacanga. Esta infra-estrutura foi incorporada pela memória dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e Fundação Brasil Central como a Rota Rio Manaus ou RRM, e construiu outro ícone para as lembranças dos trabalhadores da FBC; os aviões do Correio Aéreo Nacional - CAN, lembrados pelo Sr. Adão Gomes em seu relato.

A infra-estrutura construída pela Expedição Roncador-Xingu, se transformou em apoio para a segunda meta da expedição: “[...] o desbravamento e a colonização das regiões do Brasil Central e Ocidental, notadamente a dos

de uma pista de pouso de aviões. Trabalhou com o sertanista Orlando Villas Boas, segundo o entrevistado, durante 14 anos. Sua função na base Xavantina era a de cozinheiro, mas fazia outros trabalhos de manutenção. Seu tempo livre era dedicado a pescarias no rio das Mortes. José Celestino da Silva, vulgo: Zé Goiás é um narrador das memórias da Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil central, no sentido que dá a este conceito o filósofo alemão Walter Benjamin. Zé Goiás, a partir de 1946, morou sempre em Xavantina. Viu a cidade desde a construção da primeira casa de telha de barro – residência do Cel Flaviano de Matos Vanique. Encarna assim, a figura do camponês sedentário e aquele que acumulou as memórias do lugar e as burilou de forma a transformá-las em ensinamentos, sabedoria. Mas Zé Goiás, também incorpora a figura do marinho comerciante, aquele narrador que recolhe contos dos lugares que percorreu, mesmo tendo tido residência, sempre em Xavantina, o entrevistado se deslocava pelo território do Xingu, acompanhando os sertanistas, Villas Boas. Destas viagens recolheu narrativas sobre as populações indígenas e sobre a prática sertanista no Xingu. As narrativas de Zé Goiás é um entrecruzamento das suas experiências de vida com as narrativas sobre a Marcha para o Oeste que circularam pela imprensa ou pela tradição oral. Mesmo com a dificuldade de seus interlocutores em estabelecer as fronteiras entre o que é acontecimento vivido por Zé Goiás e as versões que este está produzindo sobre estes acontecimentos. Trata-se de um personagem muito procurado por jornalistas, historiadores e antropólogos para a produção de textos sobre a Expedição Roncador-Xingu. José Celestino da Silva foi entrevistado em Nova Xavantina no dia 09/01/2002, às 15h00min. Sobre o Conceito de narrador ver: BENJAMIM, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1994

altos rios Araguaia e Xingu⁶⁶ determinada pela portaria 77. Tratava-se da ampliação dos projetos de colonização do Governo Vargas, que já estavam sendo implementado no Estado de Goiás, para o Vale do Araguaia. Os Projetos de colonização do Estado Novo em Goiás tinha como referências a construção da nova capital do Estado, cidade de Goiânia, e a implantação da Colônia Agrícola de Goiás – CANG. Para cumprir esta segunda etapa dos projetos do Governo Vargas para o Brasil Central foi criada a Fundação Brasil Central em 04 de outubro de 1943⁶⁷. Sua organização tomou o modelo das empresas de economia mista, podendo assim captar recursos financeiros, tanto na esfera pública quanto na iniciativa privada. Nesta condição seus administradores tinham as vantagens de usufruir dos benefícios de ambas as esferas sem prestar contas a nenhuma das partes⁶⁸. O primeiro patrimônio da Fundação Brasil Central foi formado pela maquinária e as instalações civis da expedição Roncador-Xingu. A expedição doravante, também passou a ser conduzida pela Fundação Brasil Central.

Segundo a historiadora Dulce Portilho Maciel, os empreendimentos econômicos da FBC funcionaram na base da improvisação⁶⁹. Seguindo esta leitura de Maciel, é possível observar através das datas dos documentos governamentais sobre a Expedição Roncador-Xingu e a FBC, uma confusão dos papéis das agências criadas para promover o controle do território e colonização na parte central do Brasil. Por exemplo, a Fundação Brasil Central que coordenava a Expedição Roncador-Xingu foi criada depois da expedição. A expedição também teve alterada as suas atribuições logo após ter sido criada. A portaria 77 de 03 de junho de 1943, atribuía a expedição funções civis, mas no dia 03 de setembro de 1943, o decreto-lei 5.801, deu-lhe um estatuto militar. Estas improvisações não ficaram somente na fase de planejamento, continuaram nas indefinições e mudanças no itinerário da marcha da expedição. .

O caráter de empresa de economia mista da Fundação Brasil Central lhe permitiu-lhe receber grandes extensões de terras devolutas dos

⁶⁶LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Op cit, p. 46.

⁶⁷Decreto- Lei 5.878.

⁶⁸MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio, Montevideo, 2001. www.grupomontevideo.edu.uy. Acesso em 10 de outubro de 2007

⁶⁹MACIEL, Dulce Portilho. Op cit

governos do Mato Grosso, Amazonas e Pará. Esta área de terras era estimada em 350.000 Km quadrados, áreas superiores a muitos estados da federação brasileira. Depois do fim do governo Vargas estas doações foram sendo anuladas, mas ainda sobrou terras para constituir o Parque Nacional do Xingu e outras áreas destinadas a projetos de colonização. Um deles foi a Colônia Vale dos Sonhos que não logrou êxito⁷⁰.

Para Promover a colonização nas terras que recebeu como doação, a Fundação Brasil Central abriu empresas na atividade de infra-estrutura de transportes, agricultura e comércio que também não deram resultados financeiros. Entre estas iniciativas empresariais infrutíferas da Fundação estão a Usina Central Sul-Goiana S.A. Instalada no município de Santa Helena (Estado de Goiás), tinha por finalidade a produção de açúcar e de álcool. A produção de álcool combustível visava atender a demanda de combustíveis provocada pela Segunda Guerra Mundial. O Brasil ficou prejudicado quanto ao abastecimento de derivados de petróleo, situação ainda mais grave na região Centro Oeste. Esta empresa foi privatizada no final da década de 1950, após intervenção do Instituto Brasileiro do açúcar e do álcool. Ainda, na atividade industrial de produção de álcool e açúcar, a Fundação criou Usina Fronteira S.A. Instalada no município de Frutal (Estado de Minas Gerais) e tinha a mesma finalidade da primeira. Também teve desempenho medíocre como a primeira e foi extinta.

Na atividade de comércio, a Fundação Brasil Central, criou a firma Entrepósitos Comerciais FBC Ltda. Tinha sede na cidade de São Paulo e filiais em Uberlândia (Minas Gerais), Aragarças (Goiás), Belém e Santarém (Para). Suas atividades se concentraram na exploração de entrepostos de venda de mercadorias, no atacado e no varejo, operando ao longo da linha estabelecida pela Expedição Roncador-Xingu, entre Uberlândia, Aragarças, Belém e Santarém. Após registrar prejuízos, esta empresa foi extinta.

Finalmente na atividade de transportes, a Fundação Brasil Central, criou a firma Transportadora Amazonas Ltda. Esta empresa tinha sede em Belém e suas atividades se concentraram na navegação dos rios Araguaia, Tocantins,

⁷⁰ MACIEL, Dulce Portilho. Op Cit..

Amazonas e seus principais afluentes, promovendo a integração das bacias hidrográficas da Amazônia e da parte central do Brasil. Este empreendimento consumiu grandes somas financeiras na compra de embarcações de grande porte, na incorporação da Estrada de Ferro Tocantins - EFT⁷¹.

A colônia Vale do Sonho

A Fundação abriu uma colonização ali em Vale do Sonho. Fez uma loteação. Lote de 50 hac, de 40 hac, 100 hac, de 150 hac, de 200 hac. Era conforme o tipo de terreno era o tanto de área. Se era um terreno melhor, as áreas eram menor. Agora aquelas terras mais fraca, então era maior. A Fundação fez essa colonização pro povo⁷².

Esta citação do Sr. José Batista Porto sobre a colônia Vale do Sonho descreve uma proposta de colonização através da pequena propriedade. Este modelo de colonização segundo o historiador Alcir Lenharo era um instrumento, não somente do Estado Novo, mas também de governos posteriores, de controlar os fluxos migratórios dentro do território brasileiro⁷³. Na década de 1940 o governo federal promoveu deslocamentos migratórios do Nordeste e do sul do Brasil para a Amazônia com a intenção de esvaziar as tensões sociais, pois nessas partes do Brasil, o latifúndio apresentava maior resistência a uma transformação da estrutura agrária⁷⁴. Esta observação do historiador Alcir Lenharo, encontra correspondência com a informação de Manuel Rodrigues Ferreira sobre a origem dos migrantes que iniciaram a colônia Vale do Sonho: *“essas famílias de colonos já se acham localizadas em suas terras e constam de maranhenses, baianos, etc”*⁷⁵.

⁷¹ Esta estrada de ferro foi construída a partir de 1890 por um grupo empresarial privado, mediante concessão federal. Em 1944, a FBC passou a administrar esta ferrovia que tinha 80 quilômetros de extensão. Mas a ferrovia dependia de recuperação de trilhos, de seus equipamentos rodantes e a construção de mais um trecho de 47 km. Mesmo com estes investimentos da FBC, a EFT nunca foi viável economicamente e nem chegou a ter funcionamento regular. Atualmente esta submersa nas águas do lago da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. MACIEL, Dulce Portilho. Op Cit..

⁷² Entrevista com o Sr. José Batista Porto, realizada em 15/01/2006 – 14:00 Horas, Nova Xavantina – MT.

⁷³ LENHARO, Alcir. O Vale dos Sonhos. In: Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste. Campinas: Editora da Unicamp, 1988, p. 21 e 22.

⁷⁴ LENHARO, Alcir. Op. Cit. P. 22.

⁷⁵ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Em Pleno Vale dos Sonhos: Como é feita a colonização – maranhenses, baianos, goianos etc. – O posto agrícola – o mutirão – sucurs, quexadas e onças – o campo de aviação – os colonos – os caboclos maranhenses Jornal a Gazeta, São Paulo: 04 de

A Fundação Brasil Central atuava junto aos colonos desde a distribuição dos lotes de terras. Distribuía gratuitamente, sementes, ferramentas, máquinas e uma ajuda financeira de duzentos cruzeiros mensais para sustentar o colono até que este auferisse as primeiras rendas de sua propriedade. Quanto à comercialização da produção, esta tinha mercado garantido pelas demandas da Fundação. Porém, o preço que os trabalhadores tinham que pagar por esta proteção financeira, era abdicar de sua autonomia, se tornando dependentes dos funcionários da FBC:

O posto agrícola tem um administrador e um farmacêutico, cuja esposa é professora e que para ali se mudaram há pouco tempo, vindos do Rio. Há um armazém de gêneros, farmácia, refeitório para os trabalhadores solteiros, e é expressamente proibida a venda de outro comércio semelhante [...]⁷⁶.

A proibição de outro tipo de comércio que não fosse o da FBC era um instrumento de controle dos trabalhadores com o qual se somavam outros. Como por exemplo, a presença de um agrônomo da FBC que controlava todas as atividades dos colonos. Segundo Manuel Rodrigues Ferreira, até a organização de um mutirão para fazer um roçado tinha que passar pela anuência deste funcionário⁷⁷. Segundo Lenharo, as agências colonizadoras não abriam mão de controlar de forma disciplinada a localização do trabalhador. O historiador recortou um fragmento de um discurso do Presidente Getúlio Vargas de 01 de maio de 1941: *“nada de mais se pede ao migrante, além da disciplina de um trabalho metódico e persistente”*⁷⁸.

Mas os trabalhadores construíram estratégias de resistências a estas imposições políticas do Estado Novo sobre o ordenamento social nos projetos de reforma agrária do governo Vargas. Na leitura de Manuel Rodrigues Ferreira, sobre a Colônia Vale do Sonho, se vislumbra uma pequena fresta em um campo de silêncio por onde é possível visualizar personagens e práticas que escapavam ao controle pretendido pelo Estado Novo:

novembro de 1945. In: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

⁷⁶ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Op. Cit.

⁷⁷ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Op. Cit.

⁷⁸ LENHARO, Alcir. Op Cit, p. 22.

Os colonos geralmente são antigos garimpeiros que, ou se cansaram da atividade dos garimpos, ou se julgaram fracassados. Ali existem dezoito famílias, mas cinquenta já procuraram a Fundação para se estabelecer, e não foram aceitas porque a Colônia está ainda em fase experimental. Entretanto, dificilmente o garimpeiro se fixa; quando chega a época da seca ele começa a sentir uma irresistível atração pelos garimpos e sempre acaba deixando tudo, e pondo-se a caminho para lá.

Há na colônia agrícola um caboclo maranhense, um dos primeiros que lá se estabeleceu; saindo do estado natal, já fora seringueiro no Amazonas, já trabalhara em extração de ouro e também fora garimpeiro no rio das Garças. Além de terras hoje possui porcos, galinhas, uma boa roça de onde tirou apreciável colheita e por isso dispõem de um saldo na Fundação. Às vezes quer abandonar tudo e dirigir-se a pé, com a mulher e os filhos, para os garimpos; é persuadido a não ir e a ficar. E com o saldo quer então comprar uma nova arma, mas depois é novamente convencido a comprar uma vaca, pois assim ele poderá vender leite, além daquela que se destina à família. No dia seguinte aparece então com outra sugestão, substituindo a compra da vaca pela compra de uma máquina de costura, naturalmente idéia da esposa [...] ⁷⁹.

A informação de Manuel Rodrigues Ferreira sobre as dezoito famílias assentadas e as outras cinquenta famílias que ainda estavam na fila de espera é um indício de mais exclusão do que inclusão no projeto de colonização: Colônia Vale do Sonho. Segundo a qualificação que o texto apresenta sobre as famílias que estavam assentadas e as que ainda esperavam para serem incluídas na colônia, tratava-se de pessoas com histórias de vidas marcadas por exclusão social. O caboclo maranhense construiu um percurso no mapa do Brasil que apresenta quatro pontos de parada: extração da Seringa, garimpo de ouro, Diamantes no rio das Garças e o Vale do Sonho ⁸⁰.

Ao apresentar o caboclo maranhense, Manuel Rodrigues Ferreira construiu uma imagem dos assentados na colônia Vale do Sonho, como homens aventureiros e indispostos com a rotina dos trabalhos agrícolas. A atitude de estranhamento do informante para com o cotidiano dos ex-garimpeiros,

⁷⁹ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Em Pleno Vale dos Sonhos: Como é feita a colonização – maranhenses, baianos, goianos etc. – O posto agrícola – o mutirão – sucuris, quexadas e onças – o campo de aviação – os colonos – os caboclos maranhenses *Jornal a Gazeta*, São Paulo: 04 de novembro de 1945. In: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

⁸⁰ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Op. Cit.

naquele momento, tentando se fixar e se adaptar ao trabalho “*metódico e disciplinado*”, é o correspondente de uma desqualificação destas pessoas. Ou seja, sua pobreza é decorrente da sua imprevidência, má gestão dos bens materiais que são colocados a sua disposição e nunca da estrutura agrária do Brasil. A historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto demonstra em seus estudos sobre os trabalhadores agrícolas sem terras e nômades nos municípios da fronteira agrícola de Mato Grosso, que estes tem a sua exclusão social justificada pela desqualificação moral de suas pessoas. São qualificados como “*pés inchados*” (*bêbados*)⁸¹.

A colônia Vale do Sonho, como outros empreendimentos da FBC, não logrou êxito. Segundo Vardão Varjão, em publicação de 1989, das famílias que foram assentadas pela FBC, apenas uma continuava na área da antiga colônia. Tratava-se da família de Zacarias Silva. As demais famílias, segundo Varjão, regressaram aos seus locais de origem depois do fracasso da colônia⁸². Entretanto, o fracasso de Vale do Sonho não foi o fracasso do projeto do Governos Vargas para a parte central do Brasil, se considerarmos a leitura da historiadora Dulce Portilho Maciel sobre a FBC⁸³. Assim como, se considerarmos que as iniciativas governamentais para ocupar politicamente o centro do Brasil é anterior a década de 1940. Isto pode ser percebido nas intenções dos governos da Primeira República para o Centro Oeste do Brasil.

Primeira República e a Marcha para o Oeste.

No início do século XX as atividades agrícolas de São Paulo e do Triângulo Mineiro estavam se expandindo para as áreas de cerrado do Estado de Goiás. Esta expansão possibilitou a construção de uma infra-estrutura de transporte ferroviário e de rodagem, que se estenderam pelo território goiano, chegando até as margens do rio Araguaia na atual cidade de Aruanã (antiga

81 GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Vira Mundo, Vira Mundo: Trajetórias Nômades. As Cidades na Amazônia. São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC, Projeto História (27): Nomadismo, Memória, Fronteira, Julho/Dezembro/03, nº27, 2003.

82 VARJÃO, Valdon. - Aragarça: o portal da Marcha para o Oeste, Brasília: centro gráfico do Senado Federal, 1989, p.115.

83 MACIEL, Dulce Portilho. Op cit.

Leopoldina)⁸⁴. A partir desta cidade, nas décadas de 1920, os missionários Salesianos deram início a suas entradas no Vale do Araguaia, utilizando o curso do rio Araguaia e das Mortes, com o objetivo de evangelizar os índios Bororo, o que conseguiram, e os índios Xavante, sem nenhum sucesso.

Juntamente com a atuação de proprietários de terras de São Paulo e Minas Gerais e a atuação de sertanistas, adentrando o cerrado goiano, teve-se também intenções políticas por parte do governo federal, no sentido de expandir fronteiras para esta parte do Brasil. Na Primeira República, foram produzidos e discutidos dois projetos com este objetivo.

Um destes projetos era a transferência da capital federal para o Planalto Central, expressada na constituição de 1891. A transferência da capital federal, apesar de não ter ganhado atenção suficiente para ser executado, nunca foi esquecido, principalmente pelos militares⁸⁵. Esta possibilidade, do Planalto central sediar a capital federal, se tornou referencia para a expansão das atividades agrícolas do Estado de São Paulo e Minas Gerais para as áreas de cerrado do Estado de Goiás. Segundo o historiador, Nasr Fayd Chaul⁸⁶, esta expansão teve resultados objetivos, entre eles, a construção de linhas ferroviárias no território goiano. Em 1906 foi criada a Cia Estrada de Ferro Goiás, que no ano de 1913 já tinha construído 80 Km de linha.

⁸⁴ As estradas de Ferro e de terra, construídas no território goiano nas décadas de 1910 e 1920, apoiaram, na década de 1930, as expedições Anhaguera, do sertanista Hermano Ribeiro, em 1937, e a expedição Piratininga de Willy Aureli que teve uma estrada em 1932 e uma segunda em 1937. Ambas partiram da cidade de Leopoldina. Estas expedições eram apoiadas por instituições como: o jornal O Estado de São Paulo, Gazeta, Tarde, Manhã; Radio Bandeirantes de São Paulo e Instituto Histórico de São Paulo⁸⁴. Este caminho, também, foi utilizado pelas expedições do Serviço de Proteção aos Índios para estabelecer contato com os índios Xavante. Em 1941, Genésio Pimentel Barbosa fez a primeira entrada, mas não teve sucesso, sendo morto pelos índios e, em 1946, uma segunda entrada estabeleceu contato com os Xavante, em uma expedição chefiada por Francisco Meireles. Chaul, Nasr Fayad. Marchas para o Oeste. In: SILVA, Luiz Sergio Duarte da (org). Relações Cidade – Campo: Fronteiras. Goiânia: Ed. UFG, 2000.

⁸⁵ VERGARA, Moema de Rezende. Ciência e história no Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central na Primeira República. Rio de Janeiro: Revista Scielo: História, Ciências, Saúde-Manguinhos ISSN 0104-5970, vol.13 no.4 Rio de Janeiro, Oct./Dec. 2006.

⁸⁶ Chaul, Nasr Fayad. Marchas para o Oeste. In: SILVA, Luiz Sergio Duarte da (org). Op. cit. Ver também Brandão, Hilma Aparecida. Memórias de um tempo perdido: a Estrada de Ferro Goiás e a cidade de Ipameri – início do século XX. Uberlândia: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, pags. 09-11. Ver também: CAMPOS Junior, Paulo Borges. A ESTRADA DE FERRO GOIÁS, www.cesuc/revista/ed-3/A_ESTRADA_DE_FERRO. Acesso em 30 de setembro de 2007.

A segunda iniciativa governamental de expansão das fronteiras políticas do Brasil, do Sudeste para o Centro Oeste e Amazonia, foi a ampliação das linhas telegráficas que estavam sendo construídas desde a última década do século XIX, chegando até o Estado de Mato Grosso. A partir do ano de 1907, o governo do Presidente Afonso Pena decidiu ampliar as Linhas Telegráficas até o rio Madeira – Porto Velho, seguindo para o Estado do Amazonas – Manaus⁸⁷. Estes dois projetos de interiorização das fronteiras do Brasil produziram conhecimentos e infra-estrutura para as ações de ocupação demográfica e ampliação do controle do território da parte central do Brasil, planejadas e conduzidas pelo Governo Vargas.

Neste contexto, a proposta de construção da capital federal no Planalto Central teve lugar privilegiado nos debates políticos que se veiculavam pela imprensa. A transferência da capital, efetivou-se somente na década de 1950 com Presidente Juscelino Kubitschek, mas se tornou subsídio discursivo para a militância política pela construção de outra cidade, símbolo de progresso para as elites políticas e econômicas goiana. Tratava-se da transferência da capital do Estado de Goiás da cidade de Goiás para a cidade de Goiânia. Este projeto foi executado pelo interventor Pedro Ludovico Teixeira, na década de 1930. Segundo o sociólogo Marcio de Oliveira, nas décadas de 1910 e 1920, a imprensa goiana, militou pela construção da nova capital do estado de Goiás e também pela transferência da capital federal para o cerrado goiano. Segundo esta imprensa, a construção destas duas novas cidades, trariam consigo as idéias políticas produzidas nos centros mais urbanizados do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo. Um exemplo destas publicações, segundo o autor, foi revista: a Informação Goiana, fundada pelo major do Exército Henrique Silva e circulou de 1917 até 1935. As matérias da revista buscavam a valorização da civilização sertaneja como instrumento de desenvolvimento econômico de Goiás. A revista tinha como público leitor a elite política de Goiás, pois a ideia da construção da capital federal no planalto goiano foi apresentada como um vetor de desenvolvimento econômico da parte central do Brasil, principalmente o estado de Goiás. Para defender a construção da nova capital, a revista fazia críticas à presença da capital na cidade

⁸⁷ TACCA, Fernando de. Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como "selvagem" na Comissão Rondon. São Paulo: Revista de. Antropologia, vol.45, no.1, 2002.

do Rio de Janeiro, afirmando que o Brasil era o sertão onde poderia ocorrer o renascimento da raça⁸⁸. O fundador da revista: informação goiana, conhecia bem esta parte do Brasil Central, pois o mesmo havia participado da comissão que demarcou a área destinado a construção da nova capital federal, onde atualmente se localiza a cidade de Brasília, tratava-se da Comissão Cruls.

Segundo Moema de Rezende Vergara, a proposta da constituição de 1891, de transferir a capital federal para o Planalto Central, se relacionava com a demanda pela descentralização política, redistribuição dos poderes e diminuição do tamanho do governo central, reivindicados pelas elites das províncias durante todo o período monárquico⁸⁹. Entre as lideranças políticas que defenderam esta proposta estavam: José Bonifácio de Andrade, no início da Monarquia, e Francisco Adolfo de Varnhagen⁹⁰, no final do período imperial. Entretanto, estas lideranças políticas tinham como preocupação a vastidão do território brasileiro e não a demanda por descentralização do poder político, reivindicado pelas elites políticas provinciais.

Um dos intelectuais, utilizado como referência teórica na composição do relatório de Luiz Cruls foi Francisco Adolfo de Varnhagen. Mais que uma liderança política; embaixador, representou o Brasil em importantes representações diplomáticas como Viena, Visconde de Porto Seguro, foi um dos intelectuais que participaram da construção da legitimidade do Império, conferindo-lhe um projeto de nação. Varnhagen foi o historiador oficial do império. Luis Cruls se apropriou das suas interpretações sobre a vastidão do território brasileiro que indicavam para a necessidade de interiorizar a capital do Brasil. Varnhagen construiu uma interpretação sobre a necessidade de se transferir a capital a partir de duas vertentes. Uma vertente política que indicava uma maior aproximação das províncias como vetor de distribuição de poder e, também colocava em pauta a questão militar. A interiorização da capital a livraria

⁸⁸ OLIVEIRA, MÁRCIO DE. A participação goiana na construção de Brasília. Goiânia: Revista SOCIEDADE E CULTURA, V. 8, N. 1, JAN./JUN. 2005, p. 100.

⁸⁹ VERGARA, Moema de Rezende. Op cit.

⁹⁰ VERGARA, Moema de Rezende. Op cit.

do assédio das esquadras inimigas e das molestias a que estava exposta a capital, como a febre amarela⁹¹.

Com a proclamação da República, os militares, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, primeiros Presidentes da República, defendiam a transferência da capital federal para o planalto central do Brasil por considerar que esta seria um instrumento para facilitar a construção do federalismo. Uma apropriação da interpretação de Varnhagen sobre os desdobramentos políticos da transferência da capital para o Planalto Central. Mas com o advento dos civis a Presidência da República, tendo como primeiro Presidente civil, Prudente José de Moraes e Barros, a proposta de transferência da capital federal perdeu atenção. A partir deste momento, o federalismo foi negociado através da acomodação dos interesses das elites políticas dos estados da federação – antigas províncias. Esta nova proposta de construção do federalismo foi consolidado no pacto que ficou conhecido como política dos governadores e sustentou a Primeira República⁹².

O repertório teórico da revista, Informação Goiana, dialoga com as idéias evolucionistas que orientavam as leituras sobre a sociedade brasileira no final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Segundo Renato Ortiz, os intelectuais brasileiros pensaram o Brasil através de dois conceitos: o meio e a raça. Estas duas categorias definiam o quadro interpretativo da realidade brasileira. “A compreensão da natureza, dos acidentes geográficos esclareciam assim os próprios fenômenos econômicos e políticos do país⁹³”. A revista se apropriou destas categorias ao apresentar o termo “civilização sertaneja” e relacioná-lo ao potencial econômico do planalto goiano. Com este argumento é defendida a transferência da capital para o Planalto Central, o sertão, por que neste espaço geográfico floresceria a verdadeira raça. Faz-se aqui uma oposição entre litoral e sertão, em busca de um ethos que Ortiz denominou de caráter nacional⁹⁴.

⁹¹ VERGARA, Moema de Rezende .Op cit.

⁹²VERGARA, Moema de Rezende .Op cit.

⁹³ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira e identidade nacional: São Paulo: Brasiliense, 1994, p 16.

⁹⁴ORTIZ, Renato, op cit, p. 15.

Neste panorama discursivo ocorria o debate político sobre a transferência da Capital federal para a parte central do Brasil que havia sido estabelecido no texto da primeira constituição republicana do Brasil. O texto constitucional de 1891 determinou a demarcação de uma área 14.400 Km² no planalto central, que ficou conhecida como quadrilátero de Cruls, para a construção da nova capital. Esta era dez vezes o tamanho da Capital Federal no Rio de Janeiro. O Presidente Floriano Peixoto, em 1892, nomeou uma comissão para demarcar e explorar o Planalto Central, chefiada por Luiz Cruls, que era diretor do Observatório Nacional e professor da Escola Superior de Guerra. A comissão iniciou os trabalhos em junho de 1892 e concluiu em março de 1893. O relatório das atividades da expedição foi apresentado no ano de 1896⁹⁵.

Mas ainda, na Primeira República, foi tomada uma importante iniciativa, por parte do governo brasileiro, de integração territorial entre litoral e interior do Brasil. Trata-se da implantação da Comissão das Linhas Telegráficas, elaborada e iniciada a sua execução no governo do Presidente Afonso Pena. Para a chefia da comissão foi nomeado um militar, Candido Mariano da Silva Rondon. A comissão Rondon produziu conhecimentos sobre os povos indígenas do centro do Brasil e da Amazônia e dirimiu dúvidas cartográficas sobre referências geográficas. A Comissão produziu mais de cem relatórios de pesquisa, quase todos publicados, sobre os recursos naturais existentes no Centro-oeste e a Amazônia, estudos cartográficos e estudos etnográficos, que formam atualmente um acervo de fontes utilizadas em estudos sobre as sociedades indígenas destes espaços geográficos⁹⁶. Também, construiu uma infra-estrutura de comunicação e transporte que interligou a capital federal – Rio de Janeiro – aos estados de Mato Grosso e Amazonas. Candido Mariano da Silva Rondon dirigiu os trabalhos da Comissão durante todo o período que a mesma existiu, entre os anos de 1907 até 1930.

⁹⁵ VERGARA, Moema de Rezende. Ciência e história no Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central na Primeira República. Rio de Janeiro: Revista Scielo: História, Ciências, Saúde-Manguinhos ISSN 0104-5970, vol.13 no.4 Rio de Janeiro, Oct./Dec. 2006.

⁹⁶ MAGALHÃES, Amílcar Botelho de. Catálogo geral das publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de proteção aos índios.. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Publicação 96, 1946. Para saber mais sobre o assunto ver: Mirian Rejane Guimarães Ferreira. Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo (1907-1915). Cuiabá: Dissertação Mestrado em História - Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

As linhas telegráficas e as estradas construídas para apoiar os trabalhadores na manutenção dos fios do telégrafo, ampliaram o contado da capital federal com os estados de Mato Grosso, Acre e Amazonas. Mas os objetivos do governo federal iam além da construção das linhas do telégrafo. Para o governo federal, a Comissão deveria se transformar em um vetor de ocupação demográfica do interior do território brasileiro, como demonstra a citação a seguir:

Demais, o encargo que Rondon recebera do Governo não consistia numa simples exploração daquele território, coisa que só exigiria os meios e recursos para uma primeira e única travessia.

Ao contrário disso, tinha ele de proceder a ocupação definitiva, o que exigia o estabelecimento de núcleos de população e a instalação de vias e de meios de comunicação permanentes⁹⁷.

O estabelecimento dos núcleos de população no percurso das Linhas Telegráficas foi um objetivo não alcançado pela Comissão Rondon. Os trabalhadores civis da Comissão sucumbiram ao cotidiano degradante dos trabalhos na construção das linhas telegráficas. Esta degradação das condições de vida dos trabalhadores das linhas telegráficas é denunciada pelos registros de mortalidade dos trabalhadores, como demonstra a investigação de Mirian Rejane Guimarães Ferreira sobre a violência, o esquecimento e o silêncio nos trabalhos nas linhas do telégrafo⁹⁸. A comissão, também, buscou entre as sociedades indígenas, trabalhadores para garantir a manutenção das linhas. Os índios Paresi foram submetidos aos trabalhos disciplinados da manutenção das linhas, segundo Rondon. Esta segunda opção, também, não apresentou resultados satisfatório⁹⁹.

⁹⁷ BARBOSA, Luis Bruno Horta. Missão Rondon: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915. Rio de Janeiro: Publicações em artigos do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 1915, Tipografia do Jornal do Comércio, de Rodrigues & C., 1916.

⁹⁸ FERREIRA, Mirian Rejane Guimarães. Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo (1907-1915). Cuiabá: Dissertação Mestrado em História - Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.

⁹⁹ LIMA, Nísia Trindade. Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil. Rio de Janeiro: Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos, ISSN 0104-5970, vol.5 suppl.0 Rio de Janeiro, 1998.

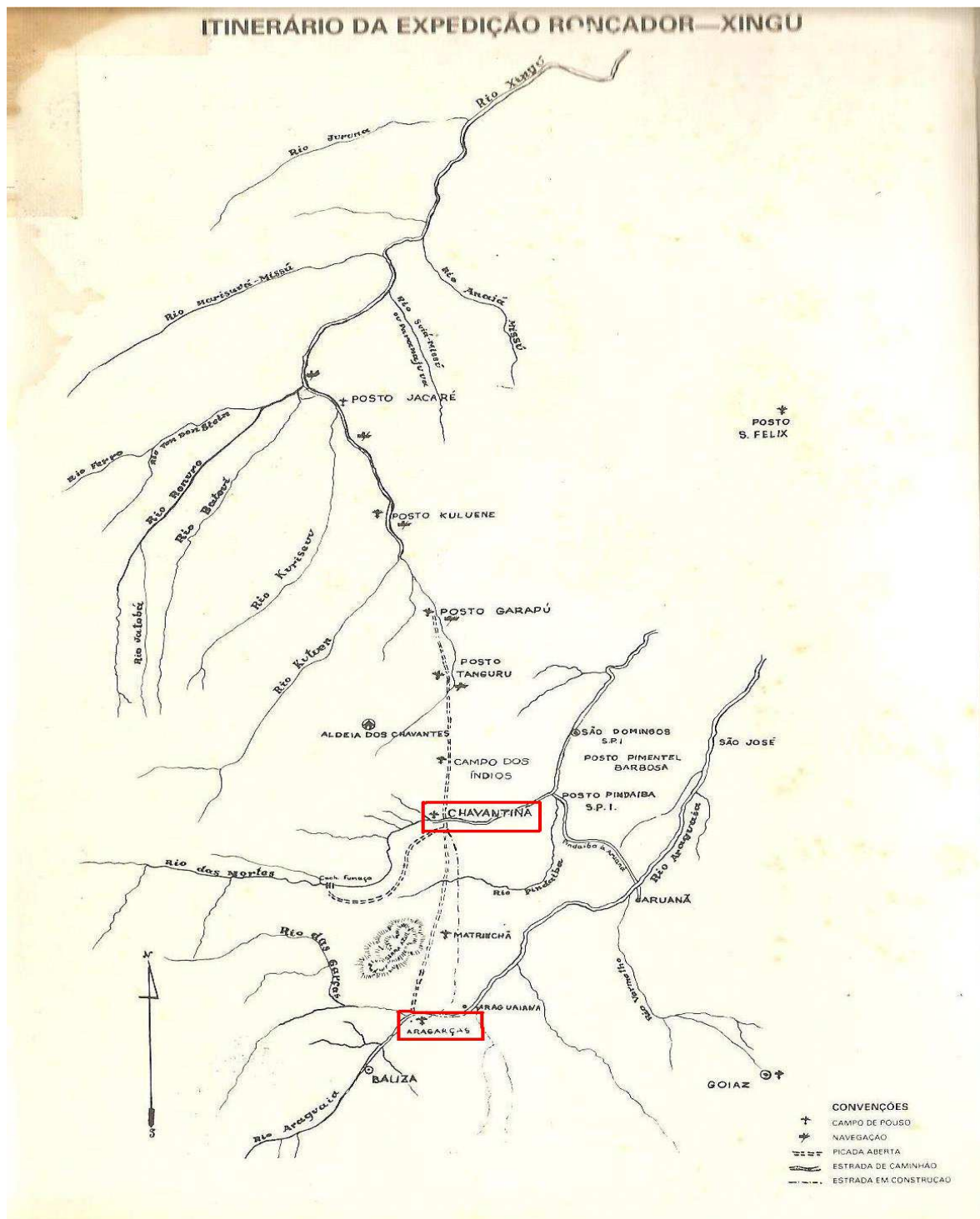
A Expedição Roncador-Xingu herdou a experiência e os conhecimentos produzidos pelos sertanistas que satisfaziam os interesses de conhecimentos sobre o Brasil Central da imprensa e instituições de pesquisa das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, latifundiários que expandiam suas propriedades para o cerrado goiano e as intenções dos governos da Primeira República em dominar os territórios amazônicos e do Centro Oeste. A articulação deste contexto com a execução da Expedição Roncador-Xingu será apresentada no capítulo II.

Capítulo II

A Expedição Roncador Xingu: Abrindo Caminhos

[...] Vargas: vamos pó uma Expedição. A Expedição vai se a Expedição Roncador-Xingu. Vamos por o nome da Rota: RRM – rota Rio-Manaus [...] (Zé Goiás).

MAPA I - ITINERÁRIO DA EXPEDIÇÃO RONCADOR-XINGU



Fonte: OLIVEIRA, Acary de Passos. Ronôador-Xingu: Roteiro de uma Expedição – Barra do Garças/Aragarças/1943 – Rio das Mortes/Xavantina/1944, São Paulo: Edição do Autor, 1976, p. 85. Obs: o destaque em cor vermelha para a localização de Aragarças e Xavantina é meu.

Itinerários da Expedição Roncador-Xingu

Para a Expedição Roncador-Xingu foram propostos quatro itinerários. O primeiro, propôs o roteiro de Leopoldina. Esta cidade era ponto de apoio para os exploradores do rio das Mortes e a Serra do Roncador desde a década de 1930. O segundo itinerário foi proposto por Francisco Brasileiro, sob orientação dos comandantes da expedição; Cel Flaviano de Matos Vanique e Ministro João Alberto. Estou denominando este itinerário de Francisco Brasileiro, de roteiro da Cachoeira da fumaça, pois sua referencia geográfica é a Cachoeira da Fumaça que se localiza no ponto onde o rio das Mortes passa pela Serra Azul¹⁰⁰. Tinha como marco zero a cidade de Aragarças, seguiria até os contrafortes da Serra Azul, continuaria pelas partes altas desta mesma Serra e da Serra do Roncador e depois de ter ultrapassado estes relevos geográficos, continuaria a marcha pelas cabeceiras dos rios da bacia hidrográfica do Xingu até a cidade de Santarém no Pará¹⁰¹. O terceiro roteiro foi organizado pelo comando da Expedição Roncador-Xingu, aqui denominado de roteiro de Aragarças. Também, tinha como marco zero a cidade de Aragarças, mas seguiu pelas partes baixas do Vale do Araguaia até a margem direita do rio das Mortes. Depois de ultrapassar o Vale do Araguaia, seguiu pela bacia do Xingu, sempre estabelecendo bases nas margens de rios possíveis de serem navegados. O término deste roteiro, também era a cidade de Santarém¹⁰².

No ano de 1947 a rota da expedição foi desviada, desta vez a última mudança, para Manaus. Segundo Orlando Villas Boas, esta ordem foi transmitida quando a expedição estava no posto Jacaré¹⁰³: “recebemos nova incumbência: abrir campos de aviação no rumo de Manaus¹⁰⁴”. Deveriam, inicialmente, construir campos de pouso as margens do rio Teles Pires e na Serra

¹⁰⁰ Sobre a localização da cachoeira da fumaça no rio das Mortes, ver: indicação do Mapa V desta dissertação

¹⁰¹ A visualização deste itinerário esta representada nos mapas II e III desta dissertação.

¹⁰² Também a visualização deste itinerário esta representada nos mapas II e III desta dissertação.

¹⁰³ O posto Jacaré se localizava na margem direita do rio Xingu, até 1950 era o último posto da Expedição Roncador Xingu. Ver mapa I e II desta dissertação. Postos eram pontos de apoio que tinha como infra-estrutura um pequeno aeroporto e uma estação de radio telegrafia. Seu objetivo era dar apoio à navegação aérea no Brasil Central, estabelecer contato com os índios e tornar-se um núcleo de colonização, segundo determinação da portaria nº 77 de 03 de Junho de 1943.

¹⁰⁴ Memórias de Orlando e Cláudio Villas Boas. Entrevista de Orlando Villas Boas à José Marqueiz In: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989, p. 151.

do Cachimbo”¹⁰⁵. A Serra do Cachimbo foi alcançada em 1950, depois deste ponto a expedição seguiu até uma localidade denominada de Jacareacanga, atualmente, importante base militar, e se encerrou neste local. As duas primeiras propostas de roteiro para a expedição não foram iniciados, a terceira proposta foi executada parcialmente até as proximidades do rio Xingu, quando sofreu uma alteração de roteiro, deixando de seguir até a cidade de Santarém para buscar a cidade de Manaus.

O Roteiro de Leopoldina

O primeiro itinerário proposto para a Expedição Roncador-Xingu, o roteiro de Leopoldina, tinha o seu início na cidade Uberlândia, Minas Gerais e seguiria até a cidade de Leopoldina (atual Aruanã). A partir desta cidade, a expedição alcançaria o rio das Mortes e Serra do Roncador no Estado de Mato Grosso. Este roteiro teria como término a cidade de Santarém no Estado do Pará. Ainda no Estado de Goiás, de acordo com as memórias de Acary Passos de Oliveira¹⁰⁶, a expedição, caso este roteiro tivesse sido executado, passaria pelas cidades de: Anápolis, Goiania, Inhumas, Cruzeiro do Sul (hoje Ituaçu), Itaberaí e Goiás Velho. O abandono deste itinerário, antes mesmo de ser iniciado, provocou protesto entre os moradores destas cidades que, segundo as memórias de Acary Passos de Oliveira, “ficaram desolados e profundamente magoados”¹⁰⁷. O novo roteiro da Expedição Roncador-Xingu seguiu pelo sudoeste goiano e passou pelas cidades de: Santa Rita do Parnaíba (hoje Itumbiara), Rio Verde, Rio Bonito (hoje Caiapônia), Bom Jardim(hoje Ibutim) e Barra Goiana, com a Expedição

105 A Serra do Cachimbo se tornou base da Aeronáutica desde a década de 1950. ‘

106 Acary de Passos Oliveira era funcionário do governo do Estado de Goiás na década de 1930. Em 1939 foi colocado à disposição do Gabinete Militar da Presidência da República para construir na Ilha do Bananal um campo de aviação para atender a a visita do Presidente Getúlio Vargas à área indígena Karajá. Em 1943 foi convidado a participar da Expedição Roncador-Xingu. Durante este período, colaborou com Francisco Meireles e Ismael Leitão, na tentativa de aproximação com os Xavante, e ainda colaborou com Francisco Meirelles e seu filho Apoena, juntamente com Jesco von Puttkamer, nas tentativas de aproximação com os Suruí e Cinta Larga. De 1957 a 1965, Acary integrou à Comissão de construção de Brasília e foi designado para assessorar o Presidente da Fundação Brasil Central, sendo responsável pela "Operação Bananal". De 1969 a 1981, Acary foi diretor do Museu Antropológico da UFG. Foi admitido na Universidade Católica de Goiás a partir de 1983. <http://www.ucg.br/ucg/institutos/igpa/doadores.htm>. Acesso em 12 de Fevereiro de 2008.

107 OLIVEIRA, Acary de Passos. – Roncador_Xingu: Roteiro de uma expedição – Barra Goiana 1943(Aragarças) – Rio das Mortes1944 (Xavantina). São Paulo: Edição do Autor, 1976, p. 17

Roncador-Xingu, se tornou Aragarças¹⁰⁸. Nestas cidades os sentimentos dos moradores foi inverso, pois estes “seriam altamente beneficiados¹⁰⁹” pelas obras de infra-estrutura da Expedição Roncador-Xingu, como a construção de estradas de terra, pista para pouso de aviões, prédios para instalar oficinas, armazens, escritórios e casas para os trabalhadores. Acary Passos de Oliveira, ponderou em suas memórias, sem fontes e nem fundamentação, que o abandono do itinerário de Leopoldina, aumentou os custos financeiros da expedição e adicionou ao roteiro “centenas de quilômetros”¹¹⁰. Com este argumento, defendeu o roteiro de Leopoldina. Juntou a este argumento a citação de que as atividades do SPI¹¹¹ tinham na cidade de Leopoldina (atual Aruanã) e no Rio das Mortes, desde o início da década de 1940, como pontos de apoio:

Como prova de estar a corrente pró-Leopoldina com razão, basta citar o fato de ter o sertanista Francisco Meireles, funcionário do extinto SPI, na qualidade de chefe da turma de atração dos índios Xavante, em menos de seis meses, com recursos precaríssimos, planejado e executado uma rodovia ligando Leopoldina ao seu posto de trabalho em São Domingos¹¹², à margem direita do Rio das Mortes, prosseguindo com a mesma até atingir o posto de Jacaré, nas proximidades do Rio Xingu, posto organizado pela Fundação Brasil central, trabalho feito por Meireles com recursos escassos e diminuto número de pessoal.¹¹³

Leopoldina era a última cidade da parte central do Brasil na direção da Amazônia. Desta forma, se constituía como um ponto de referência para as entradas no Vale do Araguaia e Xingu até a década de 1940. Segundo José Vieira Couto de Magalhães, a cidade de Leopoldina se desenvolveu depois da construção do presídio de Santa Leopoldina na margem direita do Araguaia, junto à barra do rio Vermelho em 1856. O presídio exigiu a construção de 30 casas para abrigar os seus trabalhadores. Para prestar serviços de transporte a esta popu-

¹⁰⁸ OLIVEIRA, Acary de Passos. Op cit p. 24.

¹⁰⁹ OLIVEIRA, Acary de Passos. Op cit. P. 17.

¹¹⁰ OLIVEIRA, Acary de Passos. Op cit. P. 17.

¹¹¹ Serviço de Proteção ao Índios – SPI.

¹¹² [...] Padre Chovelon, construiu uma cabana à margem direita do Rio das Mortes, no lugar que ele chamou de São Domingos e tentou induzir os Xavante a estabelecer relações amistosas consigo, sem sucesso.”. No ano de 1941, Genésio Pimentel Barbosa empreendeu uma expedição de atração aos Xavante que terminou de forma trágica, com a morte de Pimentel Barbosa e seus auxiliares. Cinco anos depois, 1946, novamente, uma expedição de atração, conduzida por Francisco Meireles, estabeleceu o primeiro contato entre a agência indigenista estatal, o SPI, com os Xavante. Atualmente, nesta área, esta localizada a Terra Indígena Pimentel Barbosa. MAYBURY-LEWIS David. – A Sociedade Xavante, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984, pg 41

¹¹³ Op cit, p. 17 e 18

lação foi instalada uma oficina de construção e manutenção de Barcos. Depois do ano de 1868, com a inauguração da navegação a vapor no rio Araguaia¹¹⁴, Leopoldina se tornou um importante porto, que funcionou até o ano de 1956. Depois do advento do caminhão e o avião a cidade começou a perder esta importante fonte de renda, advinda da prestação de serviços ao transporte fluvial¹¹⁵.

Nas décadas de 1930 e 1940, Leopoldina era o itinerário dos exploradores do Rio das Mortes e da Serra do Roncador. Acary Passos de Oliveira defendeu este caminho para a Expedição Roncador-Xingu. Para fundamentar a sua defesa, relatou em seu livro de memórias¹¹⁶, a expedição de atração de Francisco Meireles aos Xavante em 1946. Esta expedição é apresentada pelo indigenismo estatal como a “pacificação dos Xavante”¹¹⁷. O relato deste acontecimento tem o objetivo de construir uma legitimação política para este caminho. Também a data, 1946, pós chegada da Expedição Roncador-Xingu ao rio das Mortes, no relato tem o efeito de demonstrar a racionalidade deste caminho. Do ponto de vista cartográfico, Acary Passo de Oliveira, é plausível. O mapa do roteiro da expedição elaborado pelo autor para o seu livro de memórias demonstra que a as cidades de Uberlândia- MG, Leopoldina- GO e o Xavantina no rio das Mortes – MT, estão em uma linha reta¹¹⁸. Mas o itinerário da Expedição Roncador-Xingu não foi definido pela racionalidade cartográfica.

¹¹⁴ MAGALHÃES, J. V. Couto de. - Viagem ao Araguaia. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3a edição, 1934, páginas 96-98.

¹¹⁵ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Brasília: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998, p. 47.

¹¹⁶ LIMA FILHO, Manoel Ferreira Op cit.

¹¹⁷ Uso as aspas aqui, não para indicar duplo sentido, mas para registrar que o termo “pacificação” é contestado pela etnografia brasileira. A antropóloga Aracy Lopes da Silva apresentou o contato dos Xavante com a Igreja Católica, Funcionários do SPI e FBC como um processo gradual que ocorreu desde a década de 1930, com as tentativas trágicas de contato, empreendidas pelos padres Salesianos Sacilotti e Fuchs (mortos pelos Xavante), e foi até o final da década de 1950, quando algumas facções políticas Xavante, se aproximaram dos trabalhadores da FBC em Xavantina. Ainda, segunda a antropóloga, na década de 1960, os Xavante se afastaram da Fundação Brasil Central para redefinir suas estratégias de contato com os moradores das cidades, produtores rurais e funcionários do Estado. Sobre a prática política Xavante nos enfrentamentos com os representantes do Estado brasileiro, ver: FERNANDES, Estêvão Rafael. Entre cosmologias, estratégias e performances: incursões Xavante à Funai. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, 2005. Ver também: SILVA, Aracy Lopes da. Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

¹¹⁸ OLIVEIRA, Acary de Passos. Roncador-Xingu: Roteiro de uma Expedição – Barra do Garças/Aragarças/1943 – Rio das Mortes/Xavantina/1944, São Paulo: Edição do Autor, 1976, p. 85.

Sua definição ocorreu dentro do projeto de controle militar do território da parte central do Brasil e sua ocupação demográfica.

Na década de 1930 duas iniciativas de exploração do Brasil Central, utilizaram o roteiro de Leopoldina para adentrar o Vale do Araguaia e chegar ao rio das Mortes e a Serra do Roncador. Estas iniciativas foram as bandeiras Anhanguera, dirigida por Hermano Ribeiro em 1937, e Piratininga, dirigida por Willy Aureli em 1932, 1937 e 1938. Os registros sobre estas bandeiras confirmam a utilização que fizeram do roteiro de Leopoldina. Willy Aureli registrou em seu diário de viagem, em 09 de Junho de 1938, a sua visita a uma escola em Leopoldina (atual Aruanã). Deixou a cidade, rumo ao Rio das Mortes no dia 18 onde chegou no dia 31 do mesmo mês¹¹⁹.

[...]após ter permanecido dois dias em Goiás, a velha capital do Estado, seguiu com destino a Leopoldina, às margens do rio Araguaia [...] Embrenhando-se nas matas dos rios Araguaia e das Mortes [...]¹²⁰

Os dois exploradores segundo os registros dos seus diários de viagem, utilizaram os mesmos roteiros para chegar ao Rio das Mortes e a Serra do Roncador. Estes roteiros mostram que Leopoldina era uma referência Geográfica para as entradas no Vale do Araguaia, na década de 1930, segundo os registros de Hermano Ribeiro¹²¹. A história da cidade de Leopoldina que vinha desde a segunda metade do século XIX, a transformou em mais uma referência geográfica para os viajantes que buscavam o rio das Mortes e a Serra do Roncador. Segundo a leitura do historiador Simom Schama sobre os lugares como construções culturais, Leopoldina, na década de 1940, era um lugar. Os lugares, segundo Schama, têm tradição. Ter tradição é impor uma força simbólica que orienta o olhar do visitante. No caso dos roteiros de viagens, estes pautam o itinerários dos viajantes. Um viajante tende a percorrer o percurso do viajante anterior¹²².

¹¹⁹ Cronologia da Bandeira Anhanguera através do noticiário veiculado pelo jornal "O Estado de São Paulo", 11 de agosto de 1937.

¹²⁰ AURELI, Willy. Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga. Rio de Janeiro: Edição Cultural Brasileira, 2ª Edição, 1949, p. 64.

¹²¹ Jornal O Estado de São Paulo", 11 de agosto de 1937.

¹²² SCHAMA, Simon. Paisagem e Memória. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 14 e 15.

A citação de Acary Passos de Oliveira, da expedição de atração dos Xavante dirigida por Francisco Meireles ao Rio das Mortes, através do roteiro de Leopoldina é uma indicação de luta simbólica pela garantia deste lugar como entrada para o Rio das Mortes e a Serra do Roncador. Nesta luta, busca-se uma racionalidade geográfica, para defender o roteiro de Leopoldina. Passos de Oliveira argumentou que mesmo depois que a Expedição Roncador-Xingu já ter estabelecido o roteiro de Aragarças, Francisco Meireles optou pelo antigo roteiro de Leopoldina para chegar a localidade de São Domingos, na margem direita do rio das Mortes. O relato é reforçado com a informação de que Francisco Meireles construiu uma estrada de Leopoldina até São Domingos com seus próprios recursos. Se lermos o mapa que Acary Passos de Oliveira elaborou para o seu livro de memórias¹²³, pensando nas distâncias entre Leopoldina e São Domingos, no rio das Mortes em oposição ao roteiro, Aragaças até o rio das Mortes, concluiremos pela racionalidade dos seus argumentos. Mas a racionalidade geográfica do sertanista deixou de estar em questão, pois a Expedição Roncador-Xingu não tinha mais os objetivos de exploração e reconhecimentos das bandeiras da década de 1920 e 1930. Buscava-se agora o controle do território e a expansão demográfica. É nesta perspectiva que deve ser lidos os mapas da nova expedição.

O roteiro de Aragarças

A localidade de Barra Goiana¹²⁴, também estava na ponta de uma rede de estradas de terra que se interligavam ao sistema ferroviário brasileiro, que desde a década de 1910, adentrava o território goiano. Segundo o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, a “Estrada de Ferro Goiás”, na década de 1930, interligava as cidades goianas de Goianira, Ipameri, Pires do Rio, Leopoldo Bulhões, num total de 400 Km¹²⁵. Mas a cidade de Leopoldina, além de se interligar por estradas de terra às ferrovias goianas, tinha a vantagem de contar com uma infra-estrutura de transporte fluvial como porto e oficina de manutenção

¹²³ Oliveira, Acary Passo. Op. Cit.

¹²⁴ Barra Goiana passou a ser chamada de Aragarças depois da Expedição Roncador-Xingu

¹²⁵ Lima filho, Manuel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Brasília: Tese de Doutorado em Antropologia, PPG Antropologia Social, UnB, 1998, p. 46

de barcos. Mesmo com todas estas vantagens comparativas o roteiro de Leopoldina foi substituído pelo roteiro de Aragarças.

Esta segunda proposta de itinerário teve como ponto de partida a cidade mineira de Uberlândia e seguiu em direção a Aragarças no estado de Goiás, entrou no estado de Mato Grosso por Barra do Garça, com destino ao rio das Mortes, serra do Roncador, Xingu e a cidade de Santarém, no estado do Pará. Esta última cidade foi excluída, posteriormente, do roteiro da expedição.

A explicação para esta mudança de itinerário ganhou duas versões diferentes. A primeira versão surge na entrevista do Sr. José Celestino da Silva, o Zé Goiás¹²⁶ que apresento na citação a seguir:

[...] A Expedição saiu do Rio de Janeiro num Trem de Ferro. O pessoal, a comitiva, o Vanique veio de avião pra São Paulo. Quando o Vanique chegou em São Paulo, passou um bucado, chegou o Trem de Ferro com a comitiva. Ai quando foi no outro dia, a Expedição, comitiva, saiu de Trem de Ferro até Uberlândia. Chegou em Uberlândia, o Trem de Ferro partiu, foi pra Goiânia.

O Pedro Martins de Aragarças, tava em Uberlândia, era negociante em Aragarças. Pedro Martins[...] Você conhece ele? Não¹²⁷. Tem nesse livro aí.

Pedro Martins falou assim: então Cel., o Sr. é o Cel. Vanique?

Sou.

Pedro Martins: essa Expedição vai até Manaus é?

Vanique: Manaus. Ela vai até lá.

Pedro Martins: mais Cel., por Leopoldina, essa Expedição vai dá uma volta fora de jeito. Daqui pra Aragarças já tem estrada. Passa cavaleiro, passa carro, até caminhão passa aí.

Vanique: não diga Pedro Martins.

A rota é essa aqui, disse Pedro Martins. Pode condena essa rota de Leopoldina. Ta muito errada¹²⁸.

A versão de Zé Goiás guarda analogias com a versão que Valdão Varjão¹²⁹ construiu em seu livro de memórias sobre a Historia de Barra do

¹²⁶O Sr. José Celestino da Silva participou da segunda fase da Expedição, trabalhando na Base Xavantina e na frente de trabalho para a abertura da picada até o Xingu e o rio Teles Pires, obra executada no período de 1945 até 1950. O entrevistado chegou em Xavantina no dia 18 de Julho de 1946, vindo da cidade goiana de Aruanã, antiga Leopoldina, as margens de rio Araguaia, onde nasceu em 1923.

¹²⁷Resposta do entrevistador.

¹²⁸Entrevista com José Celestino da Silva (Zé Goiás), realizada no Dia 09/01/2006, às 15:00.

¹²⁹Valdon Varjão nasceu em Cairús, Estado do Ceará, em 15 de dezembro de 1923. Mudou-se para o Araguaia em 1936. Varjão foi testemunha da chegada da Expedição Roncador em Barra

Garças. Não se trata de mera coincidência, mas de uma circularidade das memórias sobre a Expedição Roncador- Xingu. O que se percebe na citação a seguir:

No dia 02 de agosto de 1943 chega a Uberlândia duas composições mistas da Companhia Mogiana, conduzindo a primeira leva da Bandeira, que ali não se deteve nem 24 horas, deslocando-se em caminhões e jardineiras rumo a Barra Goiana¹³⁰, acatando a orientação do comerciante Pedro Martins de Moraes que fez o Cel Vanique mudar de itinerário, pois aquele pretendia alçar Mato Grosso atravessando o Araguaia em Leopoldina, roteiro da Bandeira Anhaquera em 1936, de Hermano Ribeiro.¹³¹

A coincidência entre os dois relatos é inegável. A diferença fica para a forma de composição da narrativa. O relato de Varjão está publicado em texto escrito, livro, e o relato de Zé Goiás está apresentado em entrevista oral¹³² onde os narradores constroem um suposto diálogo entre os dois personagens: Cel. Flaviano de Matos Vanique e o comerciante Pedro Martins.

A cena construída pelos relatos de Valdão Varjão e Zé Goiás está dentro do espaço de produção da memória sobre a Expedição Roncador-Xingu. Os seus relatos não se apóiam em nenhuma fonte, como também, ambos os narradores não testemunharam o acontecimento narrado. Mas, ainda que o fato narrado não seja verídico, não deixa de ter instrumentalidade política, pois sua circularidade é verificada nas lembranças de um trabalhador da expedição e nas memórias de um observador deste acontecimento. No caso do livro de memória de Valdão Varjão, verifica-se a autorização de um lugar de poder: a palavra escrita. Esta palavra escrita ganha ainda mais autoridade se considerarmos a instituição que a recortou, editou e a imprimiu: a editora e gráfica do Senado Federal. Estes lugares de poder garantem para os relatos de Varjão e Zé Goiás espaço no repertório da versão do estado brasileiro para a Expedição Roncador-Xingu

do Garças e acompanho as atividades da Fundação Brasil Central em Aragarças e Barra do Garças. Como morador de Barra do Garças participou do poder político como Senador, Prefeito, Deputado Federal e Vereador.

¹³⁰ Barra Goiana passou a ser chamada de Aragarças depois da Expedição Roncador-Xingu

¹³¹ VARJÃO, Valdão. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 68

¹³² José Celestino da Silva Entrevista realizada em Nova Xavantina No dia 08/01/2006, às 15h00min.

Os relatos de Varjão e Zé Goiás estão dentro de uma narrativa fantástica. Um oficial do Exército brasileiro se permite a uma audiência com um desconhecido. Cena difícil de ser imaginada, considerando a disciplina e a altivez da formação militar. Ainda que este desconhecido seja apresentado nos dois relatos como um empresário do comércio na localidade de Barra Goiana. Mas um detalhe desta cena merece atenção em uma investigação historiográfica. O personagem principal em ambos os relatos existiu. O fato que os relatos não apresentam é profissão do personagem. Pedro Martins é apresentado apenas como um negociante em Aragarças¹³³, mas não cita que ramo de negócios no qual o personagem atuava era a capangagem, compra e venda de diamantes. Mas o detalhe que importa não é a condição profissional do personagem, mas o poder que o mesmo detém na cena do acontecimento narrado. O Cel. Vanique muda o itinerário da expedição de Leopoldina para a Barra Goiana (Aragarças), acatando uma orientação de Pedro Martins.

Durante a entrevista com o Sr. José Celestino da Silva, ocorrida em sua casa, uma construção da Fundação Brasil Central, percebi o lugar de Pedro Martins na memória política da Expedição Roncador-Xingu. Durante a realização da entrevista, o entrevistado perguntou ao entrevistador: “Você conhece ele (Pedro Martins)?” A resposta negativa do pesquisador provocou uma expressão facial de ironia no entrevistado. E o mesmo sugere ao pesquisador: “tem nesse livro aí”, apontado para os livros de Valdon Varjão¹³⁴ e Domingos D’Eri¹³⁵ que estavam sobre uma mesa. As comunicações não orais nesta entrevista, como a expressão facial de ironia, curtos períodos de silêncios e atitudes como indicar o livro sobre a mesa, entre o entrevistador e o entrevistado, constroem um texto com a seguinte mensagem: quem nunca ouviu falar de Pedro Martins não sabe nada sobre a Expedição Roncador-Xingu.

A ironia de Zé Goiás me reporta a uma citação de Jorge Luis Borges: “Não sei se a história é verdadeira; o que importa agora é o fato de que

¹³³ Aragarças não existia no ano de 1943. Sobre esta cidade ver: LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia, Brasília: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998, p. 161-181.

¹³⁴ VARJÃO, Valdo. Op. Cit

¹³⁵ Nova Xavantina: Sua Gente, Sua História, Nova Xavantina: Editora Alternativa, 2001.

tenha sido contada e de que se tenha acreditado nela¹³⁶”. O que importa saber sobre o personagem Pedro Martins é a razão do mesmo aparecer com tanto poder nos relatos de Varjão e Zé Goiás. O personagem era comerciante, como relatado pelo entrevistado, mas não de secos e molhados. Era comprador de Diamante, personagem conhecido nos garimpos de diamante pelo termo capangueiro¹³⁷. Esta condição lhe colocava em uma posição de poder.

Seguindo os passos de Pedro Martins, surgiram outros testemunhos, assim a investigação não ficou somente nos relatos de Zé Goiás e Valdão Varjão. O testemunho que surgiu foi o relato de um repórter do Jornal o Globo, em reportagem publicada em 1945¹³⁸, ajuda a qualificar melhor o personagem. O repórter encontrou Pedro Martins em Aragarças em 1945. O mesmo mostrou ao repórter uma “capanga com cinco mil cruzeiros de pedras. – Comprei tudo isso hoje. Amanhã vou a Goiânia”¹³⁹. Esta citação por si só, é um indício sobre quem ficava com os lucros do garimpo de diamantes. Mas, a reportagem continua identificando o personagem Pedro Martins:

[...] Veio do Maranhão em 1923 para ser garimpeiro. Teve sorte e em poucos meses transformou-se num comprador de diamantes. Hoje, é um dos homens mais ricos de toda a região do Araguaia. Possui grandes fazendas de criação de gado¹⁴⁰.

Apesar do repórter não levantar questões sobre a origem da fortuna de Pedro Martins e as formas como esta foi adquirida, os questionamentos aparecem no próprio texto da reportagem. Um exemplo é a passagem que surge no relato sobre o cotidiano dos trabalhadores nos garimpeiros: “O dono do garim-

¹³⁶ BORGES, Jorge Luis. – Juan Muranã. In: O informe de Brodie. Rio de Janeiro: Globo, 2001, p. 51.

¹³⁷ Este vocábulo remete a uma embalagem cilíndrica, feita com um chifre de boi, a que chamavam capanga. Nesta embalagem, os negociantes de pedras preciosas, as transportavam. O Capangueiro era o comprador de diamantes nos antigos garimpos da região leste de Mato Grosso. Paralelamente, a compra e venda de diamantes, atuavam também, na exploração de lavras e no comércio de secos e molhados para os trabalhadores do garimpo. Este comércio era uma forma de aviltamento dos garimpeiros, pois os preços praticados eram muito acima dos praticados em outras praças comerciais. Ver: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 294-298.

¹³⁸ O acervo montado por Valdão Varjão indica o dia, 23, mas não da indicação do mês de publicação da reportagem.

¹³⁹ Jornal O Globo, 1945. VARJÃO, Valdon. - Aragarça: o portal da Marcha para o Oeste. Brasília: centro gráfico do Senado Federal, 1989, p. 296.

¹⁴⁰ Jornal O Globo, 1945. VARJÃO, Valdon. - Aragarça: o portal da Marcha para o Oeste. Brasília: centro gráfico do Senado Federal, 1989, p. 296.

po fornece os instrumentos e a alimentação – farinha, feijão, arroz, carne – exigindo em troca, 50% dos resultados do trabalho do garimpeiro¹⁴¹”. Esta informação, deixado por lapso no texto do repórter, pois o seu texto não tem a intenção de questionar as condições de trabalho dos garimpeiros, dão testemunho da exploração destes trabalhadores de garimpo. Também, o texto desta reportagem, indica a origem da fortuna dos capangueiros como Pedro Martins. A exploração dos garimpeiros começava com a compra de suas gemas pelo capangueiro, por preço muito abaixo dos de mercado, seguia com o fornecimento de víveres a preços aviltados e terminavam com o pagamento do arrendamento das lavras, a metade das gemas que os garimpeiros extraíam. Esta modalidade de exploração dos trabalhadores pobres é mesma que nas grandes fazendas do Mato Grosso, ficou conhecida como sistema de barracão. O trabalhador fica endividado com o empregador e sua renda advinda do seu salário nunca é suficiente para saldar a sua dívida. O repórter, deixa escapar um pequeno fragmento do relato do Pedro Martins que da informação sobre os preços aviltados praticados sobre os víveres nos espaços de garimpo:

Quando a gente encontra uma pedra boa gasta todo o dinheiro na espera de outra que não chega nunca. Tudo é caro nos garimpos, uma roupa custa cem cruzeiros e uma cerveja mais de dez. A vida é um inferno. Como todo garimpeiro, ele deseja deixar o garimpo. Mas está enterrado na lama dos rios. – o garimpo é um sonho, seu moço, a gente cai nos catres¹⁴² e não sai nunca mais¹⁴³.

“Vida é um inferno”. Esta é a síntese do relato de Pedro Martins, ouvida pelo reporter do Jornal O Globo, sobre o cotidiano dos trabalhadores do garimpo. Trata-se de um contraponto à imagem positiva que Varjão e Zé Goiás contruíram para o seu personagem heróico. Mas pensando com Borges¹⁴⁴, a questão que se coloca é o fato do entrevistado, Zé Goiás, ter contruído uma

¹⁴¹ Idem, Ibidem

¹⁴² Catres eram buracos onde se buscava o diamante. As ferramentas necessárias para este trabalho eram uma picareta e uma pá. Para batear o cascalho, três peneiras, uma grossa, uma média e uma fina. O diamante surge na terceira peneira e, é localizado porque fica no centro da peneira. VARJÃO, VALDON. - Aragarça: o portal da Marcha para o Oeste, Brasília: centro gráfico do Senado Federal, 1989, p. 294.

¹⁴³ VARJÃO, VALDON. - Aragarça: o portal da Marcha para o Oeste, Brasília: centro gráfico do Senado Federal, 1989, p. 296. Ainda sobre o cotidiano dos garimpeiros de diamante nos rios das Garças e Araguaia ver: SILVA, Hermano Ribeiro. – Garimpos de Mato Grosso. Rio de Janeiro, Coleção Saraiva.

¹⁴⁴ BORGES, Jorge Luis. – Juan Muranã. In: O informe de Brodie. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

narrativa, onde o seu personagem aparece com poderes amplos, o suficiente, para ditar ordens para um oficial do Exército brasileiro e ser acatado. Para se compreender um personagem como Pedro Martins é preciso relacioná-lo ao seu lugar social. Se o personagem é mítico o lugar, Aragarças, onde o mesmo foi construído, também precisa ser mítico. É nesta perspectiva que estudiosos como o antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, abordaram a cidade de Aragarças¹⁴⁵. Este lugar passou a ser a cidade encantada da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central, depois que o segundo roteiro da Expedição Roncador Xingu tomou Aragarças como a primeira e principal base de apoio da expedição. A localidade onde se instalou a cidade de Aragarças, era uma vila de Garimpeiros, Barra Goiana, palco onde atuava o personagem heroico de Zé Goiás. Com a chegada da expedição, ganhou várias obras de engenharia civil. No campo simbólico, estas obras lhe concederam a condição de “entrada para o sertão”, papel que era desempenhado pela cidade de Leopoldina, até o início da década de 1940. Em Aragarças foram construídos o hospital central da FBC, o hotel Getúlio Vargas e a olaria¹⁴⁶. Mas a principal construção da FBC em Aragarças foi o aeroporto, um ícone de modernidade com o qual não contava Leopoldina. Esta última construção, era a ponta de uma cadeia de campos de pouso de aeronaves que militarizou o espaço aéreo da parte central do Brasil. Estas construções ocorreram em um curto período de tempo. Um texto do Jornal paulista “A Noite” de 27 de Junho de 1946, tinha o seguinte título: “*Em Aragarças começa a civilização do Brasil Central: Luz elétrica, medicina, rádio e escola, onde só havia mato e doenças[...]*”.

Todas estas instalações construídas pela Fundação Brasil Central, transformaram, um espaço de sertão¹⁴⁷, Barra Goiana, em um espaço urbano, cidade de Aragarças. Este novo espaço portava ícones que emitiam signos poderosos, como aeroportos e aviões. Se estes ícones transformaram o sertão em lugar civilizado, poderia também, transformar um capangueiro que se enriqueceu com a exploração dos garimpeiros, em um “negociante”, no relato de Zé Goiás, e incorporado ao discurso de modernidade da Marcha para o Oeste.

¹⁴⁵ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Brasília: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998, p. 161-181.

¹⁴⁶ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Op. Cit.

¹⁴⁷ Esta categoria também é discutida pelos antropólogos LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Op. Cit.

As obras de engenharia civil da Fundação Brasil Central transformaram a localidade de Barra Goiana na cidade de Aragarças, segundo a leitura do antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho. Considerando este acontecimento, é possível compreender os protestos dos moradores das cidades do norte de Goiás contra o abandono do roteiro de Leopoldina pelo comando da Expedição Roncador-Xingu. Segundo Acary Passos de Oliveira, moradores das cidades de Anápolis, Goiania, Inhumas, Cruzeiro do Sul (hoje Ituaçu), Itaberaí e Goiás Velho, “*ficaram desolados e profundamente magoados*”¹⁴⁸. Quanto aos moradores do Sudeste goiano, o sentimento foi inverso, pois estes “*seriam altamente beneficiados*” pelas obras de infra-estrutura construídas em Aragarças. Acary Passos de Oliverira, para dar força política aos seus argumentos a favor de Leopoldina citou a repercussão que a mudança do roteiro da expedição teve em jornais de circulação nacional, sediados na capital paulista. Nestas citações fez referências à resistência do chefe da expedição, Cel Flaviano Matos Vanique, à mudança de roteiro:

[...] Essa brusca mudança de rumo deu margens às mais extravagantes interpretações por parte da imprensa nacional, tendo o Jornal Diário da Noite, da capital paulista, em sua edição de 13 de agosto de 1943, feito um longo comentário com o título: mudança inisperada da Base de Leopoldina para Garças provocou a desorganização. Com sub-título: “desagrado pela mudança da Base”. A subita mudança da Base de Leopoldina para o rio das Garças desagradou ao chefe da expedição Cel. Flaviano de Matos Vanique, sertanista experimentado que viu inutilizado todo o trabalho anteriormente feito em Leopoldina. As razões da mudanças também não foram explicadas [...]”¹⁴⁹.

[...] Com os descontentes ficou o Cel Vanique, chefe da expedição, que fez uso de todo o seu prestígio para que a ordem fosse tornada sem efeito. Contudo e com todos os pesares, ela foi cumprida.

Até o dia do seu afastamento da expedição, em dezembro de 1948, manteve o Cel. Vanique seu ponto de vista, não compreendendo os motivos que determinaram a transfêrencia, que inevitavelmente veio dificultar os trabalhos de penetração, aumentar as despesas, não se falando nas centenas de quilômetros que foram adicionados [...]”¹⁵⁰.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, Acary Passo. Op. Cit, p. 17

¹⁴⁹ OLIVEIRA, Acary de Passos. Op cit. p. 13-14.

¹⁵⁰ OLIVEIRA, Acary de Passos Op cit. p. 17.

Estas memórias de Acary Passos de Oliveiras, publicadas em 1976, 30 anos depois do acontecimento Expedição Roncador-Xingu, constroem um personagem, Cel. Flaviano de Matos Vanique. Segundo a historiadora, Regina Beatriz Guimarães Neto, os relatos de memória são olhares que reconstroem o passado e atualiza-o no presente. É uma invenção do passado no presente. Invenção, não no sentido de deturpar os acontecimentos, mas de ler os mesmos, a partir de leituras que o narrador acumulou no intervalo de tempo entre o acontecimento narrado e o momento da narração¹⁵¹. O que aconteceu neste intervalo de tempo, compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, foi a possibilidade de incorporar o Cel Vanique como mais um personagem heróico do acontecimento Expedição Roncador-Xingu, como revela a citação: *“fez uso de todo o seu prestígio”*. Porém, não cita a origem deste prestígio. Se a citasse não convenceria o seu interlocutor. Pois o Cel Flaviano de Matos Vanique era chefe da guarda pessoal do Presidente Getúlio Vargas. Ser enviado para uma missão no Vale do Araguaia poderia não ser lida como uma promoção¹⁵².

Acary Passos de Oliveira, também se inventou enquanto uma testemunha e personagem que teve protagonismo no acontecimento Expedição Roncador-Xingu. Como funcionário do Estado de Goiás, cedido ao governo federal para a expedição, se tornou um sertanista. Segundo a leitura de Carlos Alberto C. Mendonza¹⁵³, os sertanistas eram os representantes estatais nos espaços de fronteira, autorizados pelas instituições jurídicas do estado e também pelo monopólio da força física. Estes representantes do estado brasileiro se exibiam nos espaços de fronteira com estes signos de poder, principalmente, aos sertanejos. Os sertanejos participavam dos mesmos códigos culturais dos representantes do estado, sendo assim detinham as referências simbólicas para ler os signos de poder que os sertanistas exibiam. O mesmo não ocorreu com os índios Xavante. Por serem pessoas de outra cultura, tiveram que aprender a ler a

¹⁵¹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Artes da Memória, Fontes Orais e relatos históricos. In: Revista História e Perspectiva. Uberlândia: Julho/Dezembro 2004. pág. 99-114. Ver também: Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: Ed.UFMT, 2006. p. 15-28.

¹⁵² Sobre o Cel Vanique ver: VILLAS BOAS, Orlando. A Marcha para o Oeste. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1994. Ver também: Villas Boas: integrar é destruir o índio. Jornal O Estado de São Paulo, 04 de Fevereiro de 1979.

¹⁵³ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Nos olhos dos outros: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940-1970). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 2005.

linguagem simbólica de sertanejos e sertanistas para assim, instrumentaliza-la na construção das estratégias políticas que foram postas em práticas no desenrolar do avanço da Expedição Roncador-Xingu sobre os seus territórios¹⁵⁴.

A narrativa que Acary Passos de Oliveira, construiu para apresentar as suas memórias, também o constroe enquanto uma personagem da Expedição Roncador-Xingu. Trata-se de exibição de poder. Esta exibição pode ser lida como traços da sua subjetividade. Entretanto, é preciso considerar o contexto político em que foi posto em prática a expedição. O Estado Novo enfrentando questionamentos políticos, a imprensa do Rio de Janeiro e São Paulo produzindo narrativas a partir de uma imagem do interior do Brasil enquanto terras fantásticas, o sertão. Somava-se a estes polos veiculadores de imagens fantásticas sobre a Expedição Roncador-Xingu, os desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, neste momento, já definido os seus rumos a favor dos aliados, mas para efeito de legitimar a expedição, foi apropriada para demonstrar a sua utilidade para defesa militar do Brasil, caso fosse necessário transferir efetivos e infra-estrutura para o interior do Brasil. O Estado Novo buscava espaço de legitimidade neste contexto, por esta razão a narrativa construída para as memórias de Acary Passos de Oliveira, vai além da sua subjetividade e ganha objetividade política. O Estado Novo precisava exhibir o poder que já estava perdendo¹⁵⁵. Acary Passos de oliveira como testemunha e ator deste processo, encontra o seu lugar como personagem e trata-se de exhibir-se, também como um detentor deste poder. Esta exibição deste poder, pode ser lida também na na fotografia a seguir:

¹⁵⁴ Sobre o encontro de universos culturais distintos e as tragédias que as leituras equivocadas destes provavam ver: GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Livro Técnico e Científico S.A, 1989, e SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

¹⁵⁵ Sobre a leitura de poder enquanto uma instituição dispersa nas relações políticas e não enquanto uma instituição fixa, ver: FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

Fotografia I – Acary Passos de Oliveira.



Dr. Acary Passos de Oliveira, Subchefe e Almoixarife-Geral da Expedição Roncador-Xingu

Fonte: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 125.

O recorte do fotografo, nesta foto, inverte a clássica divisão dos planos nas imagens visuais. Os planos das imagens são divididos na vertical, de baixo para cima, na iconografia ocidental. Aqui o fotografo fez um recorte que coloca os planos da foto na horizontal, da direita para a esquerda. Não é uma coincidência, pois o protagonista surge, neste recorte, no primeiro plano, com uma postura corporal e um olhar que mira o horizonte. Um olhar esquadrinhador, de quem domina. A suas costas, nos dois planos seguintes da fotografia, estão representadas as instituições que o autorizam. Vê-se uma edificação, embora sertaneja, representa a civilização em espaço de barbarie. Preso ao alambrado de madeira, vê-se um estojo, portando uma arma de fogo e uma embagem de projéteis a sua direita. Esta arma representa o monopólio da violência, apropriada pelo estado.

A defesa que Acary Passos de Oliveira fez do roteiro de Leopoldina estava dentro de uma mobilização política mais ampla em torno deste itinerário, que também não foi suficiente para garanti-lo. Segundo Orlando Villas Boas, em suas memórias sobre a Expedição Roncador-Xingu, tratava-se da disputa de poder entre o grupo político da oligarquia da família Caiado e o grupo

de poder de Pedro Ludovico Teixeira, que ascendeu ao poder regional com o advento de Getúlio Vargas ao poder central. Esta disputa de poder tinham de um lado o grupo político da família Caiado defendendo o roteiro de Leopoldina. Este roteiro beneficiaria cidades de Goiás os mesmos tinham suas propriedades rurais e suas bases eleitorais. Do outro lado estava o grupo político de Pedro Ludovico Teixeira, defendendo o roteiro de Aragarças, pois este novo roteiro expandiu atividades econômicas e criou novos espaços políticos que ficarm fora da área de influência política dos Caiados. Esta versão construída por Orlando Villas Boas pode ser percebida na citação a seguir:

Os planos da expedição, traçados no Rio de Janeiro, falavam em Goiás Velho – Antiga capital do Estado – como porta de entrada para o sertão . Dali o Araguaia seria alcançado por estradas precárias, arenosa, que saindo da capital ia esbarar em Leopoldina, na margem do rio. O traçado não era do agrado do governador Pedro Ludovico, que não queria que a área da capital velha fosse prestigiada por uma frente de trabalho ligada ao governo federal. Aquilo era reduto dos Caiados, seus opositores políticos de grande força, com quem não afinava desde a mudança da capital . Jogou todos os trunfos o governador e, prestigiado pelo governo federal, conseguiu mudar o traçado do avançamento. Em vez de ser Goiás Velho a porta de entrada para o Araguaia, ele propôs Uberlândia, embora fora do seu Estado. O Araguaia, pela nova rota, seria alcançado na junção com seu maior afluente, o rio das Garças. Ali iria se estabelecer a base da expedição, que ficaria na margem goiana, defronte à foz do tributário¹⁵⁶.

Pedro Ludovico Teixeira liderou o grupo político de oposição a oligarquia da Família Caiado¹⁵⁷ em Goiás, na década de 1920. Com o movimento de 1930 que rompeu com as oligarquias latifundiárias da República Velha, Pedro Ludovico¹⁵⁸ foi nomeado interventor, cargo que ocupou até 1945, fim do Estado Novo. A leitura de Orlando Villas Boas, buscou nesta alternância de poder entre as elites de Goiás, uma explicação para a luta de poder em torno da definição do

¹⁵⁶ VILLAS BOAS, Orlando. A Marcha para o Oeste, Rio de Janeiro: Globo, 1994, p. 28.

¹⁵⁷ Os Caiados eram a família oligárquica que comandava o Estado de Goiás antes do movimento político de 1930 que rompeu com oligarquias latifundiárias da República Velha. Este Movimento foi liderado por Getúlio Vargas. Seu principal representante era o Senador Antonio Ramos Caiado. Eram latifundiários em Goiás. FERNANDES, Marilena Julimar. - Percursos de *Memórias*: A Trajetória Política de Pedro Ludovico Teixeira. Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História, PPG História, UFB, 2003, p. 25.

¹⁵⁸ No Governo de Pedro Ludovico Teixeira foi construída a cidade de Goiânia. A transferência da capital do Estado foi um símbolo de rompimento com as velhas oligarquias latifundiárias e a entrada do Estado de Goiás na pretendida modernidade do Governo do Presidente Getúlio Vargas.

roteiro de Aragarças para a Expedição Roncador-Xingu. Para Villas Boas, se a expedição seguisse o roteiro de Leopoldina, suas obras de engenharia civil como: pavimentação de estradas e instalação de postos de abastecimentos e serviços, nas cidades que estavam na rota de Leopoldina beneficiária a oligarquia da família Caiado. Nestas cidades, a família Caiado tinha os seus redutos eleitorais e seus latifúndios. Pedro Ludovico, segundo a versão de Villas Boas, se articulou politicamente para evitar esse ganho político do seu, naquele momento, oponente.

Uma leitura apressada do relato de Villas Boas pode produzir uma versão de ocorreu uma disputa de poder entre as oligarquias latifundiárias, representadas pela família Caiado, e outros seguimentos da sociedade goiana, como classe média urbanas e trabalhadores, representados pelo novo ocupante do poder local Pedro Ludovico Teixeira. Mas, seguindo a leitura do historiador Alberto Aggio¹⁵⁹, esta versão se desfaz. A operação de transição política da República Oligárquica para o período, imprecisamente, denominado de populismo, se deu dentro dos quadros políticos da elite. Não buscou um rompimento com a classe proprietárias de terras. Os líderes do movimento de 1930, também eram oriundos desta elite, caso do próprio Getúlio Vargas. O presidente Getúlio Vargas compôs os quadros do seu governo buscando lideranças nas fissuras das disputas de poder nos estados. No caso goiano, é neste contexto que surge a figura de Pedro Ludovico Teixeira. Não se tratava de forma alguma de uma liderança que representasse as classes urbanas e trabalhadoras.

Segunda a historiadora Marilena Julimar Fernandes, mesmo que não seja possível localizar a origem de Pedro Ludovico no quadro das famílias latifundiárias goianas, é certo que o personagem se ligou a esta elite ao longo da sua história de vida. Ludovico estudou em boas escolas na Cidade de Goiás, onde nasceu. Na juventude foi para o Rio de Janeiro cursar medicina e quando retornou para o Estado de Goiás, se casou com uma moça de família proprietária de terras, Gercina Borges, filha do Senador Antonio Martins Borges. Na década

¹⁵⁹AGGIO, Alberto. A emergência das massas da política Latino Americana e a teoria do populismo. In: AGGIO, Alberto e LAHUERTA, Milton. Pensar o século XX: Problemas políticos e história nacional na América Latina, São Paulo, Editora UNESP, 2003.

de 1920, Ludovico exerceu militância através da imprensa que foi de fundamental importância para a sua iniciação nas disputas de poder político em Goiás. *“Era através do jornal O Sertão, mais tarde O Sudoeste, que fazia críticas ao caiadismo, denunciando fatos referentes aos desmandos da oligarquia da família Caiado em Goiás”*. Esta Militância de Ludovico, o levou a prisão por várias vezes, nos anos de 1920, a mando de Antonio Ramos Caiado¹⁶⁰.

Esta versão de Villas Boas para mudança do itinerário não tem lugar no contexto político de Goiás e do Brasil da década de 1930, pensando com Alberto Aggio¹⁶¹. Qual era a razão para Pedro Ludovico se preocupar em não favorecer as bases eleitorais do grupo político dos Caiados. Naquele momento, no Brasil e em Goiás, não havia eleições, nem liberdade de imprensa. Então, qual a razão para se preocupar com bases eleitorais e eleições?

As versões apresentadas por Valdão Varjão, Sr. José Celestino e Orlando Villas Boas constroem os personagens do acontecimento Expedição Roncador-Xingu que se tornaram parte das narrativas sobre a expedição. Nestas narrativas se encontraram as memórias construída pelos trabalhadores e pelos discursos governamentais. Considerando a construção de memórias como estratégias de poder políticos, tomo a construção dos heróis feitas pelas duas versão apresentadas anteriormente como instrumentos para silenciar a miserabilidade dos trabalhadores e a disciplina militar impostas aos mesmos, representada no personagem Cel Flaviano de Matos Vanique; silenciar sobre os espaços de violência de onde vinham estes trabalhadores, os garimpos, representado pelo personagem Pedro Martins e, finalmente, o personagem Orlando Villas Boas, representa o cerco as culturas indígenas promovido pelos projetos de colonização do Brasil Central.

Novamente volto a pensar com Jorge Luis Borges¹⁶² sobre a aferição da veracidade das fontes para o historiador. No caso das versões de Valdão Varjão, Orlando Villas Boas e Zé Goiás, temos a construção de uma narrativa fantástica. Não é possível estabelecer a materialidade destes relatos

¹⁶⁰ FERNANDES, Marilena Julimar, Op cit, p. 24 e 25.

¹⁶¹ AGGIO, Alberto. Op. Cit.

¹⁶² BORGES, Jorge Luis. – O informe de Brodie. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

sobre a Expedição Roncador-Xingu. Estes não se encontram com outras fontes, como por exemplo os documentos governamentais. Mas as fantasias destes relatos não se perdem na leitura do historiador, pois segundo Borges: não importa se o fato contado é verdadeiro ou não, se aconteceu. O que importa é se os leitores ou ouvintes acreditaram na versão narrada. E as narrativas de Villas Boas, Zé Goiás e Varjão, circularam pela oralidade e pela escrita e foram incorporadas ao discurso oficial sobre a expedição. Ao mitificar personagens como Pedro Martins, Pedro Ludovico e o Flaviano de Matos Vanique, cumpriram uma função política na produção da memória em Nova Xavantina: silenciar a exclusão social dos trabalhadores da expedição, produzindo assim, uma versão operacional para a publicidade do poder político estabelecido.

Neste sentido, as alterações de itinerário da expedição e as improvisações administrativas de seus condutores não podem ser explicadas somente através do viés da corrupção e a incompetência. A Expedição Roncador Xingu cumpriu os objetivos políticos estabelecidos pelo Governo Vargas em sua criação. Entre estes objetivos estava a ampliação do controle territorial, deslocamento populacional das regiões litoraneas para o interior do Brasil e a geração de empregos. Verificase-se o alcance destes objetivos na repercussão que a expedição teve na imprensa do eixo Rio de Janeiro e São Paulo e sua apropriação nas memórias dos trabalhadores da Fundação Brasil Central, exemplo da entrevista do Sr. Adão Gomes de Souza para esta pesquisa, citada no primeiro capítulo desta dissertação. Repercussão idêntica a de outros projetos políticos do governo Vargas como o início da construção da siderúrgica de Volta Redonda, criação das Colônias Agrícolas, territórios nacionais e a mobilização dos soldados da borracha.

Segundo a historiadora Dulce Portilho Maciel¹⁶³, o que poderia ser lido como improvisação na condução Expedição Roncador-Xingu e da FBC, deve ser lido como urgências impostas pelas decisões políticas do Estado Novo. Estas surgem nas datas do cronograma de atividades da expedição e da Fundação Brasil Central: 03 de Junho de 1943, criação da expedição; 08 de Setembro de

¹⁶³MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio.

1943, militarização da expedição e 04 de outubro, criação da Fundação Brasil Central, que incorporou a Expedição Roncador-Xingu. Esta rapidez das medidas governamentais atendiam a demandas relacionadas aos objetivos de militarização do Oeste brasileiro, dar visibilidade para a Expedição Roncador-Xingu no debate político repercutido pela imprensa e transforma-la em um instrumento de defesa militar ante a ameaça dos submarinos nazistas no litoral brasileiro. O Estado Novo conseguiu relacionar a expedição com o acontecimento, Segunda Guerra Mundial, na leitura de Dulce Portilho Maciel¹⁶⁴. É neste contexto que deve ser lido o texto do Decreto 5.801 de 08 setembro de 1943: *“É considerado de interesse militar, para fins de direito, a Expedição Roncador-Xingu, organizada pela coordenação de mobilização econômica”*¹⁶⁵.

Ainda, analisando a Expedição Roncador-Xingu no contexto da Segunda Guerra Mundial, o historiador Carlos Henrique Assunção Paiva¹⁶⁶, ponderou que o Brasil não fazia parte do teatro das operações militares, mas não deixava de ser lembrado nos discurso que justificavam as ações militares da guerra. No ano de 1937, o representante japonês na liga das nações, barão Shudo, propôs que áreas consideradas desocupadas no planeta deveriam ser exploradas para o bem comum de todos os povos. Esta afirmação foi lida como um ataque à soberania do Brasil. Em 1942, no auge da guerra, o ministro francês Paul Reynaud retornou a este tema, sendo mais explícito. Propôs a utilização dos espaços vazios do interior do Brasil para atender as necessidades econômicas das nações européias. A retomada desta pauta se tornou mais ameaçadora, uma vez que a Europa já estava em guerra. A França, neste momento, estava sob ocupação alemã¹⁶⁷. Esta ameaça se tornou mais presente para a defesa militar do Brasil, quando no ano de 1942, os alemães realizaram no litoral brasileiro, uma série de ataques com submarinos, a navios da marinha mercante brasileira. Estes ataques passaram a ser considerados como uma possibilidade de ocupação alemã do ter-

¹⁶⁴ MACIEL, Dulce Portilho. Op. Cit.

¹⁶⁵ FERREIRA, Manoel Rodrigues. História dos Irmãos Villas Boas, São Paulo, RG Editores, 1997, p. 17.

¹⁶⁶ PAIVA, Carlos Henrique Assunção. A Saúde Pública em Tempos de Burocratização. Rio de Janeiro: Revista: História, Ciências, Saúde, Manguinhos, vol. 10, set-dez. 2003, págs. 834-835. Ver também: PAZ, Mariza Campos da. Noel Nutels: a política indigenista e a assistência à saúde no Brasil central 1994 (1943-1973). Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UERJ/IMS, 1994. PESSOA, Marcos Garcia. A Força Aérea Brasileira na Expedição Roncador – Xingu (1943 – 1945). Cuiabá: Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de História/UFMT, 2005.

¹⁶⁷ PAIVA, Carlos Henrique Assunção. Op cit, p. 834-835.

ritório brasileiro. A resposta política do Estado Novo foi permitir o reforço da presença de tropas Norte Americanas no litoral do Nordeste brasileiro, que já ocorria desde o ano de 1941¹⁶⁸. Mas também a Expedição Roncador-Xingu foi apresentada à imprensa como uma opção de evacuação da capital federal caso ocorresse uma ocupação nazista¹⁶⁹.

¹⁶⁸ PAIVA, Carlos Henrique Assunção Op. cit.

¹⁶⁹ PAIVA, Carlos Henrique Assunção Op. Cit.

construindo Caminhos

Mapa II - Caminhos entre Barra do Garças e Xavantina, Construídos pela Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central



Este mapa é um recorte do Mapa Rodoviário de Mato Grosso elaborado pelo Ministério dos Transportes – DNIT – Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes, 2002. A indicação da Partida da Expedição de Barra do Garças e Chegada em no rio das Mortes, o Vale do Sonho como projeto de Colonização da Fundação Brasil Central, a estrada Velha de Xavantina, a Serra Azul e o roteiro da Cachoeira da Fumaça de Francisco Brasileiro para a Expedição Roncador-Xingu, foram feitas pelo autor para esta dissertação.

No dia 18 de Agosto de 1943, os expedicionários partiram da cidade de Uberlândia para a localidade de Barra Goiana¹⁷⁰, que três anos depois, já era a cidade de Aragarça, segundo o Jornal a Noite de 27 de Junho de 1946: “*Em Aragarças começa a civilização do Brasil Central*”. No percurso entre Uberlândia e Barra Goiana, a expedição passou por várias cidades como: Itumbiara, Rio Verde, Rio Bonito (hoje Caiapônia) e Bom Jardim¹⁷¹.

Em Barra Goiana, futura cidade de Aragarças, a expedição ficou estacionada por um período de mais de três meses, final do mês de Agosto até o início do mês de Dezembro, quando partiu para o rio das Mortes. Nesse período, foram estabelecidas as instalações de uma infra-estrutura de apoio ao prosseguimento da marcha para o rio das Mortes, Serra do Roncador e Xingu. Segundo Acary Passos de Oliveira, a primeira providência foi encontrar um local que fosse bem servido de água e buritizais, árvores cujas folhas seriam usadas na construção das cabanas que iria abrigar as provisórias instalações da expedição. Estas instalações consistiam em alojamento para os trabalhadores, farmácia, cozinha, estação de rádio, almoxarifado, enfermária e depósito de combustíveis automotores¹⁷².

Quanto as medidas disciplinares do comando militar da Expedição Roncador-Xingu, estabeleceu-se imediatamente os códigos de conduta dos trabalhadores que deveriam ser obedecidos no cotidiano da base de apoio de Aragarças. Outros códigos disciplinares foram estabelecidos a medida que a expedição foi adentrando no Vale do Araguaia:

Um silvo longo de apito: alvorada, rancho, início e término dos trabalhos e silêncio. Dois silvos longos seguidos de curto várias vezes repetidos: alarme. Ouvido o sinal de alarme, todos se preparem para a defesa, agrupados nos locais onde se acharem, aguardando ordens da chefia ou então ocuparão os pontos estratégicos previamente escolhidos.

¹⁷⁰ Antes de Chegar a Uberlândia, a expedição tinha partido da estação ferroviária Pedro II, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 06 de Agosto, às 18h45min. Seu destino era São Paulo¹⁷⁰. De São Paulo, a expedição partiu para Uberlândia, cidade onde terminava a estrada de Ferro Mogiana, esta cidade, até a década de 1940, era o elo de ligação entre o litoral e a parte central do Brasil, era denominada de a *boca do sertão*¹⁷⁰.

¹⁷¹ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op cit. p. 24.

¹⁷² OLIVEIRA, Acary Passos de. Op cit.

Ninguém poderá ausentar-se do acampamento sem a necessária licença da chefia ou pessoa pela mesma designada.

Fica proibida o uso de bebidas alcoolicas no acampamento e imediações.

Os que obtiverem licença para se ausentarem do acampamento ficarão obrigados a ele retornarem antes do toque de silêncio.

Fica proibido a qualquer membro da expedição enviar à imprensa ou a particulares, por carta, telegrama ou outro qualquer meio de comunicação, acusações tendenciosas ou notícias alarmantes sobre os trabalhos da expedição.

Depois do toque de silêncio, fica proibida toda e qualquer palestra em voz alta ou fazer ruídos que possam perturbar o sono de seus companheiros, bem como luzes em excesso, no recinto do alojamento.

Para o alojamento do pessoal será designado, todas as noites, um plantão, que ficará responsável pela disciplina e silêncio no mesmo¹⁷³.

Este código de conduta, imposto aos trabalhadores da expedição, aponta para os indícios de uma militarização que a Expedição Roncador-Xingu tomou a partir de Aragarças. Segundo Acary Passos de Oliveira, os trabalhos de construção das instalações da base eram acompanhados pela imposição de uma rotina e normas próprias de um espaço militar, como o asteamento da bandeira, a leitura das ordens do dia e racionalização do tempo dos trabalhadores através de um cronograma das atividades da base: alvorada 06h00min manhã, café 06h30min, início dos trabalhos as 07h00min, almoço 12h00min, reinício dos trabalhos 14h00min, término dos trabalhos 17h00min, Jantar 21h30min e Silêncio 22h00min.

Estas práticas disciplinadoras dialogaram com o cotidiando de uma população de sertanejos e de garimpeiros, para os quais a disciplina dos quartéis era exóticas. O texto de Acary Passos de Oliveira, procurou construir uma imagem de aceitação sem conflitos, da disciplina militar imposta aos trabalhadores das bases de apoio e da marcha da Expedição Roncador-Xingu. Mas em algumas passagens do seu texto, escapam os indícios de resistências dos trabalhadores a disciplina militar. Um desses indícios é um pequeno fragmento do texto de Passos de Oliveira onde é apresentado a seguinte

¹⁷³ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op cit p. 30.

informação: “no dia 05 de março de 1944, os trabalhadores ameaçavam ir embora se a má qualidade da comida não fosse resolvida”¹⁷⁴.

Esta ordem do dia é mais longa do que a passagem transcrita aqui. Mas os recortes aqui, apresentados, dão conta de exemplificar a preocupação dos condutores da marcha e das bases de apoio com os mínimos detalhes, horários, bebidas alcoólicas, cuidados com ferramentas, suprimento, estabelecimento de penalidades para os descumprimento das regras de condução dos trabalhos no interior das bases e o mais importante, a preocupação com a imagem da expedição que seria construída para a opinião pública, expressa na censura as notícias que os trabalhadores poderiam transmitir a imprensa e aos familiares. Esta preocupação com os detalhes não estão no campo das obsessões, fazem parte de uma prática política de racionalização do trabalho e da pessoa do trabalhador. Segundo Michel Foucault, as práticas de disciplina precisam do [...] *controle das mínimas parcelas da vida e do corpo*[...] ¹⁷⁵. Controle das mínimas parcelas da vida é o que se constata na escala de horários, proibição de ruídos e a nomeação de guardar noturnos para vigiar o cumprimentos destas determinações.

Para Foucault, esta prática é uma herança das comunidades monásticas e tinha por objetivos: “[...] *obrigar a ocupações determinadas e regulamentar os ciclos de repetição*[...]”¹⁷⁶. Estas regularidades é que tinham por finalidade estabelecer padrões de comportamento social, posturas corporais e racionalização dos movimentos do corpo. Isto é o que está exemplificado nos manuais de formação do soldado:

O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais de seu vigor e coragem [...] o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Acary Passos. Op cit p. 94.

¹⁷⁵ FOUCAULT. Michel. Op cit. p. 129.

¹⁷⁶ FOUCAULT. Michel. Op cit. p. 129.

disponível, e se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos [...]¹⁷⁷.

Mas o que importa nesta discussão, para compreender esta militarização da expedição são duas questões. Primeiro é a positividade destas práticas disciplinares nas memórias dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central. Os chefes de bases de apoio e de frente de abertura da rota da expedição são lembrados como pessoas autoritárias, mas tendo como contraponto as virtudes da correição. Estas virtudes do comandantes da Expedição, transformaram as bases em lugares de trabalho e de elevação moral. Dona Nedorina Batista dos Santos deu entrevista para o historiador Archimedes Carpintiere, em Agosto de 1986 e construiu a seguinte imagem do Coronel Flaviano de Matos Vanique e da base Xavantina:

Com ele tinha que trabalhar. [...] Todo mundo aqui trabalhava. Pra vir pra cá você tinha que inventar qualquer serviço. Porque o coronel era brabo assim. [...] Depois ele foi embora, e o povo foi tomando conta, pegando outro chefe e não teve aquela energia né. E o povo foi tomando conta e tomou conta[...]¹⁷⁸.

Neste fragmento de seu relato, de Dona Nedorina, há uma positividade da disciplina militar, como construtora de um lugar de ordem e de pessoas moralmente elevadas, se contrapondo a administração dos funcionários civis, *outro chefe*, da base de Xavante, tornando-se um lugar de desordem expressa na afirmação, *o povo foi tomando conta*. A positivação da disciplina militar é o equivalente da positividade do trabalho, para Dona Nedorina. Lembranças como a desta trabalhadora, colocam as iniciativas governamentais como a Expedição Roncador-Xingu no contexto da construção de um discurso positivo do trabalho que estava em curso nos anos de 1930. Segunda a historiadora, Ângela Maria de Castro Gomes¹⁷⁹, no Governo Vargas, a publicidade governamental operou um rompimento com a antiga imagem do trabalho como resignação, ligada ao período escravocrata e a Primeira República:

¹⁷⁷ Michel Foucault, *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 125.

¹⁷⁸ Jornal O Roncador de Agosto de 1986. In: CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador - História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico, Nova Xavantina, 1992.

¹⁷⁹ GOMES, Angela Maria de Castro. – A construção do homem novo. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. O Estado Novo: Ideologia e poder. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982, p. 155.

O ato de trabalhar precisa ser associado a significantes positivos que constituam substantivamente a superação das condições objetivas vividas no presente pelo trabalhador. A ascensão social principalmente em sua dimensão geracional aponta o futuro do homem como intrinsecamente ligado ao trabalho honesto, que deve ser definitivamente despidido de seu conteúdo negativo. O trabalho é civilizador: o trabalho não é um castigo, nem uma desonra [...] ¹⁸⁰.

Construir uma imagem positiva do trabalho, não se reduzia aos objetivos de controlar a mão-de-obra através de legislações que tutelavam os trabalhadores e suas entidades. A pretensão do Estado Novo era construir um Homem Novo. Para Ângela de Castro Gomes, era preciso produzir as pessoas para as demandas de uma nação que buscava a racionalização das máquinas para as suas atividades econômicas ¹⁸¹.

As máquinas que competiam com os trabalhadores, na Expedição Roncador-Xingu, eram os caminhões e os aviões. Estas duas máquinas suplantaram as chalanas e barcaças do rio Araguaia e por isso, devem ser consideradas para compreender o abandono da rota de Leopoldina pela rota de Aragarças. As distâncias, a partir do advento dos aviões e dos automóveis, passaram a ter novas temporalidades e espacialidades. Estas novas temporalidades exigiam à produção de novas pessoas, segundo as leituras de Michel Foucault sobre a construção do soldado e de Ângela de Castro Gomes sobre a construção do novo trabalhador no governo do Presidente Getúlio Vargas.

Cachoeira da Fumaça: a rota que não foi.

O comando da expedição passou a estudar um roteiro para a continuidade da marcha no espaço de Mato Grosso. Para esta tarefa foi designado o sertanista Francisco Brasileiro. A proposta de roteiro de Brasileiro tinha como referências geográficas, os divisores de água da Serra Azul e da Serra do Roncador, e o cronograma da marcha, teria início no mês de Abril e término no mês de Dezembro do ano de 1944. A preocupação com o relevo do Vale do Araguaia e a definição do cronograma – Abril a Dezembro – tinha como objetivo

¹⁸⁰GOMES, Angela Maria de Castro. – A construção do homem novo. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. O Estado Novo: Ideologia e poder. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982, p. 155.

¹⁸¹GOMES, Ângela Maria de Castro. Op. Cit.

evitar as dificuldades em atravessar rios e áreas pantanosas que ficavam muito mais difíceis nos períodos de fortes chuvas, com se verifica na descrição a seguir:

Da Cachoeira da Fumaça, segue-se no rumo do poente até ganhar o primeiro espigão da Serra do Roncador, e desse ponto, tocando rumo Norte, alcança-se o rio Xingu, pouco abaixo da barra do rio Culuene.

Daí, ganhando o noroeste, chega-se às cabeceiras do rio Iri-ri, que é largada à direita, puxando uma reta até Santarém pelo divisor das águas desse rio com as do rio Jamachin.

O início da penetração se dará no começo de abril, aproveitando-se o final da estação chuvosa, que nos facilitará transpor a região da serra, menos favorecida de aguadas. Em Julho estaremos no Xingu. Aí então, na estação da seca [...] cruzaremos a região das matas. Na etapa final [...] estaremos em Santarém¹⁸².

Francisco Brasileiro havia participado de viagens a parte central do Brasil desde o ano de 1921. Em 1932, esteve no Vale do Araguaia com Hermano Ribeiro da Silva, viagem que repetiu em 1937, com a Bandeira Anhangüera que contava com 40 homens e, que prosseguiu até o ano seguinte, 1938. O objetivo desta bandeira era chegar até a Serra do Roncador, no leste de Mato Grosso, territórios dos índios xavantes¹⁸³. Segundo o historiador Acir Fonseca Montecchi, a Bandeira Anhangüera foi apoiada por jornais e rádios da capital paulista, dentro de um contexto de luta das elites de São Paulo para manter a sua hegemonia cultural depois da derrota do movimento constitucionalista de 1932 contra o Governo de Getúlio Vargas. Para cumprir este objetivo a Bandeira foi apresentada como uma expedição científica. Esta imagem foi sustentada pelos trabalhos de coleta de objetos indígenas para o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo¹⁸⁴. Francisco Brasileiro participou dos resultados da expedição publicando um livro, com o título: *Na Serra do Roncador*. Esta publicação lhe rendeu visibilidade junto o público que consumia este gênero literário e, no ano de 1948, ganhou em primeiro lugar o concurso Monteiro Lobato, organizado pelo Departamento de Cultura de São Paulo, com outro livro: *Juruparí*, publicado pela Livraria Martins, de São

¹⁸² OLIVEIRA, Acary Passos. Op cit p. 38-39.

¹⁸³ Jornal O Estado de São Paulo, 12 novembro de 2006.

¹⁸⁴ MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhangüera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001.

Paulo¹⁸⁵. Em 1943, tendo já acumulado estas experiências, Francisco Brasileiro foi nomeado, subchefe da expedição Roncador-Xingu.

A descrição da proposta de percurso para a expedição, proposto por Francisco Brasileiro, demonstra o conhecimento que o mesmo tinha do relevo, hidrografia, flora e clima, da parte central do Brasil. Por isso a sua preocupação em definir um percurso para a marcha da expedição que privilegiasse os divisores de águas e as cabeceiras dos rios, evitando desta forma a travessia de rios caudalosos e terrenos pantanosos. A data proposta para a partida da expedição guardava, também, uma racionalização dos custos financeiros e humanos da marcha. Ao propor o início no mês de Abril e término no mês de Dezembro, evitava-se o período das fortes chuvas na Amazônia.

Esta proposta de itinerário não foi aceita pelo comando da expedição, Ministro João Alberto e Coronel Flaviano de Matos Vanique. Acary Passos de Oliveira e Valdon Varjão consideraram a recusa do Ministro e do Coronel como uma resposta a uma quebra de hierarquia da parte de Francisco Brasileiro. Não questiono as informações de Passos de Oliveira, mas as relativizo. Seguindo a cronologia dos fatos, descritos do diário de Passos de Oliveira, temos a seguinte informação:

Retornando da vanguarda, chegavam Francisco Brasileiro e seus companheiros, após haverem percorrido setenta Km. Francisco Brasileiro e Felisberto Muniz Reis viajaram para o norte da Serra do Fogaça. O primeiro vai orientar o segundo por onde deve passar a picada que demandará ao bico da Serra Azul, caminho obrigatório para quem se dirige ao rio das Mortes¹⁸⁶.

Acary Passos de Oliveira, também lembra a reação do Ministro João Alberto e do Coronel Vanique, ao receberem, por escrito a proposta de roteiro de Francisco Brasileiro:

Francisco Brasileiro, subchefe da expedição, que há vários dias vinha mantendo suspeitas reuniões com os seus mais íntimos amigos, entre os quais Pe. Chovelon, apresenta de

¹⁸⁵ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Nos olhos do outro: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimentos, Brasil-México (1940-1970), Campinas: Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005, p. 65

¹⁸⁶ Oliveira, Acary Passo de Oliveira. Op. Cit. p.. 36

súbito ao Ministro e ao Cel. Vanique sem haver dado a este conhecimento como era seu dever, uma vez que exercia elevadas funções de confiança como subchefe, um plano de organização de nova expedição [...]

Essa tensa situação permaneceu até que o ministro, tomando conhecimento do manifesto, rejeitou-o.

Francisco Brasileiro deixa a expedição em virtude de recusa do Ministro em atender suas pretensões. Com ele, vão os de seu grupo.

Com o afastamento da turma rebelde, o acampamento voltou ao normal¹⁸⁷.

Valdão Varjão releu da seguinte forma estas passagens de Acary Passos de Oliveira sobre o roteiro proposto por Francisco Brasileiro:

O plano de Chicão foi infrutífero. [...] Em vista disso, Francisco Brasileiro exonerou-se do seu cargo [...]

Juntamente com o ex-subchefe demitiram-se também mais 20 expedicionários, entre os quais o Dr. Inácio da Silva Teles e o Padre Hipólito Chevelon, ex-capelão da comitiva. Todos os demitidos, como é sabido, com suas reuniões particulares, vinham contrariando desse modo às instruções anteriores baixadas pelo Cel. Vanique [...]¹⁸⁸

É pouco provável que Francisco Brasileiro tenha feito uma incursão de setenta quilômetros até o bico da Serra Azul de forma clandestina, sem o conhecimento do Chefe da expedição Cel. Vanique. Também, a sua palestra com o Ministro e o Coronel, não se caracteriza como um ato de insubordinação. Se o Ministro e o Coronel estavam autorizados pelas instituições que representavam – Forças Armadas, Francisco Brasileiro, também era autorizado pelos conhecimentos que tinha sobre a parte central do Brasil, referendados pelas suas viagens a esta parte do Brasil nos anos de 1930, sendo estas divulgadas e reconhecidas pela imprensa brasileira, pois o mesmo já tinha publicados livros sobre estas viagens.

Questionar separadamente as interpretações de Oliveira e Varjão pode conduzir a análise para uma tomada de posição, opondo de um lado Francisco Brasileiro e de outro, Cel. Vanique e o Ministro João Alberto. A questão aqui é compreender as configurações de poder que enredam as cenas descritas

¹⁸⁷ Oliveira, Acary Passos de Oliveira. Op. Cit. p. 36-37.

¹⁸⁸ VARJÃO, Valdão. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 85.

pelo diário de Passos de Oliveira. O Antropólogo Carlos Alberto Casas Mendoza¹⁸⁹ classificou Francisco Brasileiro na categoria sertanista de bandeira. Onde também, estão incluídos Willy Aurelli e Hermano Ribeiro. As expedições destes sertanistas de bandeira ao Brasil Central na década de 1930 tinham por objetivo produzir imagens para a imprensa que estava sediada nos grandes centros urbanos, razão pela qual, eram ligados às editoras e jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. As imagens, do centro do Brasil e da Amazônia, que estes veículos de mídia procuravam, tinham como referência iconográfica a imagem da natureza exuberante e dos índios tidos como selvagens. Neste sentido os índios mais procurados eram os Xavante e os Caiapó, por serem pouco conhecidos e, contra os quais foram produzidas imagens de arredios e ferozes pelos meios de comunicação na primeira metade do século XX. Estas expedições também faziam observações botânicas, mineralógicas, geológicas e hidrológicas que eram apresentadas nos museus do Rio de Janeiro e São Paulo. Estes conhecimentos, produzidos por estas expedições, eram apresentados aos leitores dos centros urbanos das regiões sul e sudeste do Brasil como aventuras desbravadoras dos sertões do Brasil, bem ao gosto de uma literatura de viagens. Esta literatura construiu uma imagem de protagonismo para o Sudeste civilizado. Em suas tramas literárias, a região Sudeste surge esquadrihando os *sertões desconhecidos*¹⁹⁰ do Brasil Central.

Estas expedições bandeirantes das décadas de 1920 e 1930, segundo os objetivos que lhes eram atribuídos, explorar e fazer reconhecimento dos confins dos sertões do Brasil, não precisavam estabelecer infra-estrutura mais duradouras para apoiar as suas entradas nos espaços que percorriam. Procuravam contato com os índios, apenas com o objetivo de produzir imagens, seja escrita, seja fotográfica. Sendo assim, nunca precisaram participar de frentes de atração indígena¹⁹¹.

¹⁸⁹ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Nos olhos dos outros: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940-1970). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 2005.

¹⁹⁰ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit. págs 65-70. Ver também: MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhaguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001. VENTURA, Roberto. - Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. V (suplemento), 133-147 julho 1998.

¹⁹¹ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit. p. 65-70.

Quanto a Expedição Roncador-Xingu, esta entrava em outra classificação, segundo Casas Mendonza¹⁹², tratava-se de um sertanismo indigenista. Os objetivos deste novo sertanismo não se reduziam mais a produzir imagens sobre as populações indígenas, era preciso atraí-los e integra-los a reserva de mão-de-obra necessária a expansão das fronteiras do Brasil para a Amazônia, prática política intensificada no governo de Getúlio Vargas¹⁹³. Para dar conta desta demanda a expedição precisava estabelecer infra-estrutura de apoio duradoura nos espaços percorridos. Além de expandir as fronteiras da nação, era preciso garantir as mesmas, através da militarização e a colonização destes espaços. Neste novo contexto situa-se a criação da Fundação Brasil Central. Sua missão era colonizar o Vale do Araguaia e Xingu. Sendo assim, a configuração a que estava inserida a Expedição Roncador-Xingu era outra. Segundo o historiador Roger Chartier, os acontecimentos sempre estão interligados, formando uma configuração, onde os indivíduos *“estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependências recíprocas e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões”*¹⁹⁴.

A cena da audiência de Francisco Brasileiro com o Ministro João Alberto e o Coronel Vanique, descrita por Passos de Oliveira e relida por Vardon Varjão, esta em um contexto de reconfiguração do debate político que orientava o avanço das fronteiras políticas do Brasil para o Vale do Araguaia e Xingu. Não se tratava de uma quebra de hierarquia ou quebra de confiança, como propõem os dois cronistas. O que é preciso ser considerado é a possibilidade de Francisco Brasileiro não ter compreendido que a Expedição Roncador-Xingu estava em outro contexto. O contexto da militarização da parte central do Brasil com vistas à ampliação das suas fronteiras através da colonização da parte leste do Mato Grosso. Desta forma, a proposta de roteiro de Francisco Brasileiro, para a expedição, apesar da racionalidade geográfica, por considerar o relevo e o clima do Brasil Central, não atendia aos objetivos de militarização e colonização do Vale do Araguaia e Xingu, pretendido pelo Governo Vargas.

¹⁹² MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit. p. 65-70.

¹⁹³ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit, p. 59.

¹⁹⁴ CHARTIER, Rocher. – A História Cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990, p. 100.

O roteiro que Francisco Brasileiro propôs para a expedição estava de acordo com os manuais de operação das expedições de exploração e de reconhecimento realizada nos anos de 1920 e 1930 que adentraram o Vale do Araguaia. O percurso seria executado em um prazo curto, 08 meses, considerando que era preciso construir picadas em um percurso de 1800 quilômetros, através dos serrados do Vale do Araguaia e da floresta Amazônica. E o traçado desta proposta de roteiro guardava uma racionalidade militar, seguiria uma linha reta, marchando da Cachoeira da Fumaça até Santarém sobre os divisores de águas da serra do Roncador e percorrido nos meses da estação seca do ano, do mês de abril até o mês de Dezembro, evitando o período chuvoso. Este traçado e tempo necessário para percorrê-lo eram suficientes para cumprir as atividades de pesquisa a que se dedicaram as expedições das quais participaram Francisco Brasileiro nos anos de 1903.

Mas do ponto de vista do governo federal, qual seria o objetivo de percorrer este espaço? Questões como estas não tinham como ser formuladas por Francisco Brasileiro, pois o mesmo fez uma leitura da Expedição Roncador-Xingu, orientada pela sua experiência como testemunha e participe expedições exploradoras das décadas de 1920 e 1930. A Expedição Roncador-Xingu, com seus objetivos de controle e colonização do Vale do Araguaia, necessitou de um período de seis anos para cumprir o percurso a ela designado, Aragarças, Goiás, até Jacareacanga no estado do Amazonas. Ao longo do seu roteiro, a expedição, estabeleceu uma infra-estrutura que consolidou a navegação aérea no espaço amazônico, apoiou os projetos de colonização e contactação das sociedades indígenas. Ao término da Roncador-Xingu, estava concluída uma infra-estrutura de transportes que contava com 19 bases de apoio a contactação das sociedades indígenas. Além dos campos de pouso de decolagem de aeronaves, estas bases, contavam também com estações telegráficas. A Fundação Brasil Central, por sua vez, colocou em prática um projeto de colonização, a Colônia Vale do Sonho, com poucos resultados no sentido da colonização, mas que foi positivo enquanto experiência para a implantação dos futuros projetos de colonização do Vale do Araguaia, empreendidos nas décadas de 1950 e 1960¹⁹⁵. Definitivamente, a Expedi-

¹⁹⁵ VILLAS BOAS, Orlando. Op cit.

ção Roncador-Xingu, tinha outro caráter, bem diverso do caráter das expedições bandeirantes da década de 1930, citadas por Carlos Alberto Mesas Mendonza¹⁹⁶.

A racionalidade da rota proposta por Francisco Brasileiro para a expedição é de uma obviedade ululante. Sua leitura fora do contexto dos projetos de colonização do Estado Novo confunde o leitor. Um exemplo que encontrei nesta pesquisa é a leitura que o historiador Archimedes Carpintiere produziu, recentemente, década de 1990. O historiador construiu uma oposição entre a racionalidade do roteiro proposto Francisco Brasileiro e a irracionalidade do roteiro definido pelo Cel. Vanique e o Ministro João Alberto. Ao considerar que o novo roteiro da expedição, abandonou a parte alta da Serra Azul e seguiu pelas partes baixas do Vale do Araguaia, como também, abandonou o cronograma proposto para o roteiro da Cachoeira da Fumaça – início em Abril e término em Dezembro, Archimedes Carpintiere, fez a seguinte observação:

Os que conhecem esta região bem podem avaliar que os expedicionários escolheram a pior época do ano para iniciar seus trabalhos. É o período em que se precipitam as fortes chuvas – dezembro a março, permanecendo dias ou semanas continuamente. Os habitantes desta região, mais antigos e até mesmo os mais remanescentes da expedição são testemunhas de que naquela época e mesmo até a década de 1970, as precipitações das chuvas eram muito mais intensas que nos dias atuais¹⁹⁷.

Mas esta oposição entre a racionalidade do roteiro proposto por Francisco Brasileiro e a irracionalidade do roteiro definido pelo Cel. Vanique, não encontra lugar na nova configuração de poder político da década de 1940 na qual estava inserida a Expedição Roncador-Xingu. Seguindo a leitura do antropólogo, Carlos Alberto Mesas Mendonza¹⁹⁸, a marcha pela parte baixa do Vale do Araguaia em pleno inverno amazônico foi de fato uma irracionalidade. Porém, os objetivos da expedição em buscar rios de médio e grande calado, em vez de seguir pelos divisores de águas, expressavam, sim, uma racionalidade, que se inseria na política de expansão do controle do estado brasileiro sobre o Vale do Araguaia. A Expedição Roncador-Xingu estabeleceu bases de apoio às margens de rios na-

¹⁹⁶ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit, p. 59.

¹⁹⁷ CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico. Nova Xavantina: 1992.

¹⁹⁸ MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Op cit.

vegáveis, como o rio Araguaia (base de Aragarças), rio das Mortes (base Xavantina) e rio Culuene¹⁹⁹. Os rios navegáveis formavam um modal de transportes que interligavam a navegação aérea e a navegação fluvial. Os aviões transportavam pessoas, documentos e cargas leves e, os barcos transportavam máquinas pesadas e outras cargas de grande volume e densidade²⁰⁰.

A oposição entre racionalidade e irracionalidade das propostas de roteiro de Francisco Brasileiro e do comandante da expedição, construídas por Archimedes Carpintiere, estão fora do contexto de expansão das fronteiras do Brasil, empreendidas pelo Estado Novo. No entanto, são de grande valia para a historiografia, no sentido de questionar a leitura que Acary Passos de Oliveira e Valdon Varjão construíram sobre a debandada dos trabalhadores da base de Aragarças. Considerando a passagem do texto de Carpintiere sobre as chuvas e as condições do terreno, no Vale do Araguaia, nos meses de inverno na Amazônia, devemos propor outras possibilidades para esta debandada. Os trabalhadores podem ter acompanhado Francisco Brasileiro por solidariedade, mas também poderiam estar resistindo a participar de um empreendimento que exigia sacrifícios físicos absurdos para cumprir o roteiro definido pelos comandantes da expedição que teria que enfrentar um relevo absolutamente adverso, que teve que vencer pântanos e atravessar rios caudalosos. Somam-se a este roteiro adverso, as condições climáticas infernais, pensando na leitura de Carpintiere, período de muita chuva, meses de dezembro a março, com altíssima incidência de insetos, que tornou as condições de trabalho dos picadeiros, ainda mais degradante. É plausível considerar a possibilidade de uma parte dos trabalhadores terem resistido a participar um empreendimento, humanamente, tão insano.

¹⁹⁹ Ver: o que demonstram o mapa IV e a fotografia I

²⁰⁰ Orlando Villas Boas, citou em suas memórias, as operações de transporte de caminhões e cargas pesadas, descendo o rio Araguaia e subindo o rio das Mortes para abastecer a base Xavantina. A Marcha para o Oeste. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994, págs. 32-33. Também, as operações de transporte fluvial, para abastecer Xavantina foram citadas por José Celestino da Silva: Entrevista realizada com Sr. José Celestino da Silva – Zé Goiás - no dia 09 de Janeiro de 2006, em Nova Xavantina

Partida para o rio das Mortes

A distância entre Aragarças e o rio das Mortes é de 156 quilômetros que foi vencida em 87 dias – 03 de dezembro 1943 a 28 de fevereiro de 1944. A expedição percorreu menos de 02 quilômetros por dia. O relevo e a vegetação encontrada no percurso não eram uniformes, razão pela qual, algumas etapas do roteiro foram muito mais penosas que outras. Um exemplo: a distância de 70 quilômetros entre Aragarças e o bico da Serra Azul foi vencido em 12 dias²⁰¹. Esta primeira etapa do roteiro, ainda, fazia parte do antigo roteiro proposto por Francisco Brasileiro, que subiria a Serra Azul e seguiria na direção da Cachoeira da fumaça. Estes 70 quilômetros eram, praticamente, a metade dos 156 quilômetros da marcha até o rio das Mortes. A outra metade do roteiro da expedição, 86 quilômetros, exigiu 75 dias de marcha para ser vencida. Nesta etapa do roteiro, a expedição percorreu, pouco mais de um quilômetro por dia. Foi a parte mais penosa do roteiro, entre Aragarças e o rio das Mortes. Ainda nesta etapa do roteiro, os expedicionários enfrentaram um terreno de pântanos, que denominaram de mata do Pindaíba, que se inicia no rio do mesmo nome e se estende por trinta quilômetros em direção ao rio das Mortes²⁰². Ayres Câmara da Cunha fez a seguinte descrição deste percurso da marcha da expedição até o Rio das Mortes:

A travessia da floresta do rio Pindaíba foi, em verdade, a mais trabalhosa e extenuante fase da primeira etapa sobre um terreno lodacento, molhado, que cedia a cada passo, coberto de vegetação suja, espessa, onde para abrir caminho foi preciso derrubar árvores colossais. Além disso, os expedicionários sofriam diariamente a tortura constante dos mosquitos, das abelhas, dos carrapatos e dos outros insetos impertinentes que, em grandes quantidades, atormentavam os homens não só durante as horas de serviço, como também até alta noite e, por vezes, até ao amanhecer.

O inverno nesse ano foi dos mais rigorosos como nunca se viu. Chuvas e mais chuvas, de manhã à noite e dias seguidos, fazendo aumentar consideravelmente as águas estagnadas dos pantanais e transbordando os rios, os córregos, os lagos e as terras alagadiças. Tudo isso causava grande atraso e constituía sérios obstáculos à longa e aventureira jornada.

Mais ainda, os burros, fracos e magros caíam nos atoleiros com as pesadas cargas, deixando-as imundas de barros e, às vezes, inteiramente molhadas o que inutilizava assim

²⁰¹ Op. cit.

²⁰² CARPINTIERE, Archimedes. Op cit.

muitos cereais: os homens, não raro, também caíam na lama e, conseqüentemente, ficavam com as roupas encharcadas. Os gêneros alimentícios apodreciam por se conservarem molhados durante muito tempo, devido à mata ser escura, de árvores até ao chão²⁰³.

As dificuldades com o clima, o relevo e os insetos, também aparecem no relato de Acary Passos de Oliveira:

Forte aguaceiro desabou pela madrugada e com ele um exército de pernilongos. É a aproximação do inverno que traz consigo inúmeras dificuldades para quem viaja pelos gerais. Debaixo de um chuvisco impertinente, a partida se deu às 06h00min. Atravessamos sucessivamente o córrego Fundo, Banhadão do Capão Bonito, Banhado do Barreiro e Ribeirão do Barreiro, que com a chuarada recente encontra-se com 10 metros de largura: mesmo assim foi transposto a vau. Com a carga foi diferente, pois a maioria dos muares era de pequena altura, exigindo-se, portanto, que toda a carga fosse conduzida para a margem oposta nos ombros dos expedicionários²⁰⁴. Duas novas pragas aparecem hoje, juntando-se ao indesejável cortejo que há dias acompanha. Potós e maruins. Os primeiros de tamanho de uma formiga saúva, cor avermelhada, listadas de preto, anda habitualmente com cauda voltada para cima. Geralmente o ataque é no rosto. Quando pousa na epiderme, deixa um líquido cáustico que produz dores, deixando uma queimadura que permanece por vários dias, às vezes externa e purulenta²⁰⁵.

Estas duas citações de Ayres Câmara da Cunha e de Acary Passos de Oliveira exigem uma relativização. Os narradores se diferenciavam dos demais trabalhadores, a maioria analfabetos. Ambos dominavam a escrita e com esta ferramenta tinham acesso as imagens produzidas e veiculadas por livros e jornais. Uma citação de Acary Passos de Oliveira exemplifica esta circulação de imagens: “É a aproximação do inverno que traz consigo inúmeras dificuldades para quem viaja pelos gerais”. Gerais era um termo utilizado no século XVIII para fazer referência às regiões auríferas e os espaços percorridos por preadores de índios²⁰⁶. Aqui temos a apropriação de uma imagem que circulou por textos escri-

²⁰³ Relato de Ayres Câmara da Cunha. In: CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico. Nova Xavantina: 1992.

²⁰⁴ OLIVEIRA, Acary de Passos. – Roncador_Xingu: Roteiro de uma expedição – Barra Goiana 1943(Aragarças) – Rio das Mortes1944 (Xavantina). São Paulo: Edição do Autor,1976,Pág. 51.

²⁰⁵ Op cit. p. 81

²⁰⁶ Ver: MONTEIRO, John Manuel. Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Ver também: ALMEIDA, Rita Heloisa. O Diretório dos Índios: Brasília: editora da Universidade de Brasília, 1997.

tos e visuais sobre a parte interior do território brasileiro, sendo instrumentalizada para compor uma narrativa sobre o Vale do Araguaia.

A geógrafa Magali Franco Bueno, analisou as imagens de paisagem construídas para os espaços do interior do Brasil no século XX, a partir da literatura dos romancistas Alberto Rangel e Euclides da Cunha. Estes textos literários apresentam as regiões, Nordeste e Amazônica, como espaços que impõem obstáculos a civilização. Por impor obstáculos, precisavam ser dominada e racionalizada. Com este discurso se justificou uma exploração devastadora, principalmente na Amazônia. Prática que ganhou ainda mais força depois das décadas de 1940 e 1950²⁰⁷, com os projetos de colonização do Governo Vargas e depois com os governos dos presidentes militares.

Alberto Rangel²⁰⁸ publicou em 1904, um livro com o título: Inferno Verde. Os espaços amazônicos, na leitura de Rangel são lugares úmidos que compõem um cenário com árvores gigantescas que esparramam pelo ar, galhos e cipós, formando um ambiente que se recusa ao homem. Imagens como estas orientaram as leituras visuais de Acary Passos de Oliveira e Ayres Câmara da Cunha. Estes dois sertanistas, como Alberto Rangel, construíram um cenário com chuvas, terrenos lodacentos, mosquitos, febres e feridas. Mas diferente de Alberto Rangel que esteve na Amazônia como observador, os narradores da marcha da Expedição Roncador-Xingu, não eram apenas observadores da cena, eram trabalhadores da expedição. Seus textos são relatos de experiências, indo além de um testemunho sobre um acontecimento. Condição que não evitou o diálogo entre as imagens que construíram sobre o Vale do Araguaia com as imagens produzidas para outros espaços do território brasileiro: Nordeste e floresta amazônica, e em outro momento, início do século XX.

Depois de vencida a mata do Pindaíba os expedicionários adentraram em vegetação de cerrado como demonstra a citação abaixo:

²⁰⁷ BUENO, Magali Franco. Op cit, p. 63.

²⁰⁸ Alberto Rangel era amigo e contemporâneo de Euclides da Cunha, este escreveu o prefácio de seu livro: inferno verde, o que demonstra que ambos fizeram as mesmas leituras sobre a Amazonia. Assim como Euclides da Cunha, estudou engenharia na escola militar. BUENO, Magali Franco. O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos viajantes, do estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Geografia, USP/FLCH, 2002.

Um observador, no alto de uma grande árvore, descreve o panorama: o cerrado em frente perde-se de vista [...] A produção dos trabalhos está sendo satisfatória. As árvores são mais espaçadas e geralmente finas. Predominam as lixeiras, piquizeiros e muricizeiros. A não ser o piquizeiro que contém cerne, as demais são abatidas com um só golpe de foice ou de machado²⁰⁹.

A citação acima é uma referência à última etapa da marcha da expedição para o rio das Mortes. Segundo Ayres Câmara da Cunha, esta etapa do percurso era de aproximadamente 50 quilômetros²¹⁰. Depois de ter vencido o inferno verde da mata do Pindaíba, percebe-se o alívio que surge nesta passagem. Nenhuma observação sobre as chuvas, terreno lodacento e insetos. Citar árvores que poderiam ser abatidas com um só golpe de foice era o mesmo que dizer que estavam no paraíso, se compararmos esta passagem com o relato sobre o marcha da expedição na parte anterior do roteiro.

Cotidiano dos trabalhos na Marcha: Violência e Silêncio

A historiadora, Mirian Rejane Guimarães Ferreira, ao estudar o cotidiano dos trabalhos na comissão das linhas telegráficas, identificou os silêncios que os discursos dos registros da comissão fizeram sobre as condições de vida dos trabalhadores da construção da linha do telegrafo. A historiadora identificou indícios de violências no relacionamento do comando dos trabalhos nas linhas e os mecanismos para fazer silenciar os constrangimentos das perdas humanas impostas aos trabalhadores. Um destes mecanismos era o falseamento dos números de mortos nos relatórios dos trabalhos nas Linhas do Telegrafo²¹¹.

Para Marcha da Expedição Roncador-Xingu, de Aragarças para o Rio das Mortes, no relato de Acary Passos de Oliveira, foi construída uma imagem sem conflitos das relações dos comandantes da expedição com os trabalhadores. Mas seguindo o que ensinou aos historiadores, Walter Benjamin, “é preciso

²⁰⁹ OLIVEIRA, Acary Passo. Op. Cit, p. 84

²¹⁰ Relato de Ayres Câmara da Cunha. In: CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico. Nova Xavantina: 1992.

²¹¹ FERREIRA, Mirian Rejane Guimarães. Os Trabalhadores da Comissão Rondon: Violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo. (1907-1915). Cuiabá: Dissertação em História – Instituto de Ciências Humanas e Sociais/UFMT.

*escovar a história a contra pelo*²¹²”. No caso de Passos de Oliveira, seu relato é um elogio ao comando da expedição e de si mesmo. Mas, nas descrições do cotidiano da marcha, deixam frestas onde o historiador pode visualizar as condições de trabalho degradante a que eram submetidos os trabalhadores. É o que se percebe nas citações a seguir:

Hoje, dia 12, é domingo. O regime de trabalho ajustado pela chefia é de que, no sertão não existe domingo, dia santo, nem qualquer outra data que faça parar o serviço. Para ela, legislação trabalhista é coisa de cidade, para angariar votos nas eleições, sem nenhuma aplicação no mato. Não concebe a idéia de jornada de oito horas de trabalho diário; assim, a alvorada é executada à hora regulamentar, pondo os encarregados do serviço a se movimentarem²¹³.

Nesta citação temos uma contestação da imagem do trabalho enquanto um instrumento de elevação moral da pessoa do trabalhador, construída no período do governo do Presidente Getúlio Vargas. Esta imagem positiva do trabalho da era Vargas foi um contraponto a imagem do trabalho como resignação do período escravista e da primeira república²¹⁴. O instrumento político de Getúlio Vargas para promover este discurso positivo do trabalho foram as leis trabalhistas, compiladas na consolidação das leis do trabalho (CLT)²¹⁵. Mas esta revelação de Acary Passos de Oliveira de que a legislação trabalhista não tinha *nenhuma aplicação no mato*, lembrando que isso era coisa da cidade para comprar votos, coincide com a observação do historiador Francisco Carlos Teixeira, quanto à exclusão dos trabalhadores rurais da participação dos novos direitos trabalhistas²¹⁶. Para o historiador Antonio Torres Montenegro, revelações como a que aparece

²¹² BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 225.

²¹³ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 57.

²¹⁴ GOMES, Angela Maria de Castro. Op cit.

²¹⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Vargas e a Questão Agrária: a construção do fordismo possível. Rio de Janeiro: pesquisa em andamento no âmbito do projeto Pronex “Agricultura, Desenvolvimento e História Social”, desenvolvido pelo CPDA/UFRRJ/Tempo Presente/IFCS/UFRJ, com apoio do Finep/CNPq. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/Revista%20Dialogos/DI%C1LOGOS08.doc>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2007.

²¹⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Op cit

nesta citação de Oliveira, abrem possibilidades para a historiografia construir periodicidades e versões alternativas à história oficial²¹⁷.

A imposição de jornadas de trabalhos extenuantes era seguida de outros constrangimentos como as que aparecem nas passagens do relato de memória de Acary Passos de Oliveira sobre o dia de natal de 1943 e o feriado que não foi, início do ano de 1944:

Assim passamos o dia do natal de 1943, assoberbados de serviço, sem ao menos uma melhoria na bóia. Muitas lembranças das esposas e filhos. A espera de um avião que não veio. Se viesse, teríamos presentes ou, o que era mais necessário, notícias da família e jornais. Para comemorar a noite santa, foi servida como sobremesa uma única lata de goiabada, distribuída a dezesseis pessoas. Era o primeiro doce que se via²¹⁸.

Sobre o dia 01 de Janeiro de 1944:

Domingo 02.01.44 – parece mentira, mas é pura verdade: a chefia resolveu dar descanso aos expedicionários. Tudo indica um dia cheio de sol, céu limpo sem chuvas. Servido o desjejum, partem em várias direções turmas de trabalhadores que vão caçar pescar ou melar, de acordo com suas inclinações. Poucos são os que permanecem no acampamento para descansar ou lavar roupas²¹⁹.

A interjeição de espanto do narrador para com esta dádiva do comando da expedição, “*a chefia resolveu dar descanso*”, se mostra em seguida, não como uma pausa nos trabalhos para descanso, mas uma parada para reabastecimento. As atividades desenvolvidas, no dia 02 de Janeiro de 1944, como a caça, a coleta de mel e lavagem de roupa era uma preparação para a seqüência da marcha, não era descanso. Também, se 02 de Janeiro foi dia de “descanso”, temos a revelação de outro constrangimento. Isto indica que no feriado do dia 01 de Janeiro, os trabalhadores estavam em atividades na marcha, assim como o feriado religioso do dia de natal. Os constrangimentos das jornadas extenuantes de trabalhos e a não consideração de datas religiosas, aparecem ao lado de estratégia de dominação e cooptação como as que surgem na citação abaixo:

²¹⁷ Sobre o diálogo entre as periodizações e versões de acontecimentos passados história oficial e as lembranças dos trabalhadores, ver: MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória. São Paulo: Contexto, 1994, p. 74-97.

²¹⁸ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 65

²¹⁹ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 75.

Ao jantar, distribuir-se-iam cigarros mansos, isto é, cigarros de papel, pois os de fumo de rolo são conhecidos por cigarros brabos, arrebenta o peito, coqueluche devido à tosse que o mesmo provoca em fumantes pouco habituados ao seu uso. É muito comum ouvir-se em meio de trabalho o seguinte pedido, me dá um brabo dos seus, para espantar os mosquitos.

O fumo desempenha papel importante entre os trabalhadores do sertão. Sua falta produz tristeza, apatia, aborrecimento e muitas vezes desentendimento que conduz a funestas conseqüências.

Tenho observado vários casos de indisciplina entre os trabalhadores pacatos e obedientes, quando falta o fumo.

Quando se quer um bom serviçal sertanejo, não se deve esquecer-se de levar uma boa carga de fumo e respectivas palhas para enrolá-los. Em várias ocasiões, os expedicionários faziam seus cigarros, utilizando (moda indígena) pedaço de jornal ou de papel higiênico²²⁰.

O uso de drogas para promover dependência entre os trabalhadores sertanejos foi uma prática política de dominação bem anterior a chegada da Expedição Roncador-Xingu nesta parte central do Brasil. Acary Passos de Oliveira não está revelando nenhuma novidade nesta citação sobre o uso do tabaco como entorpecente para manter os trabalhadores sob controle. Segundo a Antropóloga Paula Monteiro, desde o final do século XIX, o exército brasileiro já fazia uso do álcool para promover dependência entre os índios Bororo, a fim de subjugá-los. O acontecimento que a antropóloga está citando, para exemplificar a sua análise é a criação da vila militar Tereza Cristina, em 1887. Este estabelecimento militar reuniu os Bororos, espalhados pelo seu imenso território em um único aldeamento. O objetivo desta prática política era a liberação do território bororo para a posse destas terras por latifundiários. Para estabelecer o controle desta população em um espaço muito menor do que aquele que os Bororos o tinham como território, um instrumento de controle foi a distribuição gratuita de cachaça. As conseqüências desta submissão dos Bororo ao álcool foram o aumento dos roubos, brigas e “homicídios” cometidos pelos índios. Estas violências entre índios também chegaram aos soldados, que se envolveram com bebedeiras, sexo e violência. Quando o governo da província de Mato Grosso resolveu intervir nesta situação, enfrentou a resistência dos Bororo, que não estavam dispostos a abrir

²²⁰Ver: GOMES, Angela Maria de Castro. – A construção do homem novo. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. O Estado Novo: Ideologia e poder. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982, p. 155.
OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 71.

mão do álcool. As consequências desta ação do governo do estado junto aos Bororo foram trágicas e aparecem no decréscimo demográfico. De uma população de cerca de três mil índios, arregimentados pela vila militar Teresa Cristina, em 1888, restava uma aldeia de trezentos Bororo. Considerando que a vila tinha sido criada um ano antes, teve-se um número aproximado, de 2700 mortes em um ano²²¹.

A distribuição de tabaco para os trabalhadores da marcha da Expedição Roncador-Xingu, citada por Acary Passos de Oliveira, guarda uma correspondência com a tragédia dos Bororo. Assim como o álcool cumpriu o objetivo do exercito brasileiro em submeter os índios, o tabaco é indicado como um instrumento para o controle dos trabalhadores da marcha, como indica Passos de Oliveira: “*O fumo desempenha papel importante entre os trabalhadores do sertão*”. Papel importante, do lugar social de quem explorava os trabalhadores, que não considerava as consequências para a saúde, expressa na citação “*arrebenta o peito*” e as consequências sociais do vício do tabaco entre os trabalhadores e do álcool entre os Bororo. A ausência destes entorpecentes causava indisciplinas e violências entre as pessoas.

Também, no relato de memória de Acary Passos de Oliveira, há um pequeno indício da desqualificação que os trabalhadores da expedição sofriam. Os trabalhadores braçais não eram considerados pessoas com capacidade para portar saberes sobre um espaço geográfico onde tinha transcorrido toda a sua experiência de vida. São desconsiderados os seus saberes sobre o relevo, flora, fauna e clima do espaço em que estavam atuando. Esta percepção de Acary Passos de Oliveira, sobre os trabalhadores, surge na descrição da construção de uma canoa pelos sertanejos. Esta habilidade provoca espanto no narrador, como se percebe na citação a seguir:

Os trabalhadores que construíram a canoa merecem uma citação especial, embora o Cel. não admita esse gênero de manifestação; porém, acho justa, se levamos em conta os

²²¹ MONTEIRO, Paula. Antonio Colbacchini e a Etnografia Salesiana. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 22 Nº. 64, p. 53. Ver também: VIERTLER, Renate Brigitte. As aldeias Bororo e alguns aspectos e sua organização social. São Paulo: Tese de doutorado, USP, FFLCH, 1972. VIERTLER, Renate. Brigitte. Convívio interétnico e alcoolismo entre os Bororo: Campo Grande: Revista Tellus, v. 2, n. 2, 2002. p. 9-38.

seguintes fatores: escolha de madeira própria a essa finalidade, em mata virgem desconhecida e, sobretudo longe do acampamento um quilômetro; derrubada da respeitável madeira, lavragem e falquejo, utilizando os recursos existentes, ou seja, o machado e o fogo; abertura e limpeza da picada por onde deveriam passar; o esforço sobre-humano para arrastar a embarcação até o rio. Por tudo isso, sou de parecer que, a título de estímulo, sejam os mesmos citados²²².

“Sou de parecer que sejam os mesmos citados”. Nesta citação, Acary Passos de Oliveira, dá a si próprio um lugar de autoridade, conferido pelo domínio da escrita. Existe, nesta citação, uma expropriação da palavra e da fala dos trabalhadores. Pois o narrador considera estes homens incapazes de possuir habilidades intelectuais. Razão pela qual, a descrição dos conhecimentos dos trabalhadores sobre as espécies vegetais que poderiam fornecer madeira para a construção de embarcações, sua provável localização, uma indicação de sofisticados conhecimentos de flora, e as técnicas para construir embarcações fluviais são apresentadas como fatos extraordinários e não como o resultado de uma experiência de vida na floresta, a partir da qual os sertanejos construíram os conhecimentos relatados por Acary Passos de Oliveira. Esta citação se transforma em uma exceção dentro do discurso que apresenta os sertanejos como incapacitados politicamente para participar com autonomia de um acontecimento, Expedição Roncador-Xingu, apresentada como uma epopéia pelo narrador.

O relato de Acary P. de oliveira construiu uma estratégia discursiva que justificou a disciplina militar imposta aos trabalhadores na condução da marcha. Somente a racionalidade da disciplina militar poderia levar a expedição aos seus objetivos, vencer a floresta amazônica, e cumprir outro objetivo, este político, transformar pessoas sem capacidade moral e política em trabalhadores disciplinados e aptos a tarefa modernizadora a que se propôs o Estado Novo. O comandante da expedição, Cel. Vanique, não pareceu otimista quanto aos sertanejos, no relato de Passos de Oliveira. Vanique não viu nenhuma positividade nas pessoas dos trabalhadores, como fez a suposta generosidade de seu cronista. Para o comandante, os sertanejos eram pessoas sem nenhum merecimento de participação das memórias da expedição. Esta sua postura política é enfatizada na citação de Acary Passos de Oliveira: *“o Cel. não admitia esse gênero de mani-*

²²² OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 72.

festação". Por "manifestação", entenda-se: silenciar sobre os trabalhadores em qualquer registro que os apresentem como personagens de um acontecimento que estabeleceu o controle de território sobre a parte central do Brasil e Amazônia por parte do estado brasileiro.

Os caminhos e os personagens do sertão

A leitura do Sociólogo José de Souza Martins²²³ apresenta o termo sertão dentro de uma dualidade. A palavra sertão, na história do Brasil, sempre teve um duplo sentido. Mais do que indicar um lugar longe do mar, indicou um lugar social de construção da diferença. Como em um jogo de espelhos, o litoral era o lugar do poder, da força do desenvolvimento e dos padrões culturais a serem impostos as pessoas que viviam nas áreas distantes do litoral. O Sertão era o espaço do outro; índios, caboclos, vaqueiros, tropeiros, boiadeiros, enfim de pessoas que tinham que ser colonizadas e civilizadas²²⁴. Quanto à parte central do Brasil, antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho identificou três personagens: o índio, o sertanejo e o fazendeiro do sertão. Estes estavam dispostos no espaço social de uma forma assimétrica, tendo os fazendeiros do sertão no topo de uma hierarquia. Estes fazendeiros se apresentavam como os moradores mais antigos do lugar. Eram os donos de imensas áreas de terras para a criação de gado a solta, sem cerca. Alguns destes fazendeiros do sertão são referências para a história oficial das cidades do Vale do Araguaia e do leste goiano, a exemplo de Mane Pio em Aragarças, Coronel Lúcio da Luz na cidade de Luciara e o Coronel Santana, chefe político de Aruanã²²⁵. Em seguida vinham os sertanejos que viviam de roças, caça e pouco gado. Na parte mais inferior desta hierarquia estava o índio que os fazendeiros mandavam matar como fica explícito na citação a seguir:

²²³ MARTINS, José de Souza. O tempo da Fronteira: Retorno a Controversia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira. São Paulo, Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Volume 8, maio de 1996.

²²⁴ Sobre a multilinearidade das temporalidades e espacialidades na fronteira ver também: NEVES, Erivaldo Fagundes. O sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. Vitória da Conquista: Revista Politéia: História e Sociedade, vol 03, n 01, 2003, p. 155.

²²⁵ LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Op. Cit, p. 207. Sobre a formação da cidade de Luciara e sua interligação com fazendeiros criadores de gado, ver: SOARES, Luis Antonio Barbosa. Trilhas e Caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia – MT. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/ UFMT, 2004.

Essas aldeias ainda estavam no sertão, bem próximo daqui, desses fazendeiros. Esse fulano até vivia brigando com os índios, matando índios, essas coisas. Porque era muito perto deles, eles estavam muito perto daqui. Essa família de fulano tomou conta de um mundo de terra aí, desses índios aí. É uma família muito grande [...] e tem um mundo de terras e os índios, eles foram empurrando os índios para lá²²⁶.

Como eles foram empurrando os índios? Este é mais um silêncio produzido pela narrativa dos projetos de colonização do Vale do Araguaia, intensificado no governo de Getúlio Vargas. Relatos como este, colhido pelo antropólogo Manuel Ferreira Lima Filho, ajudam a explicar a inexistência de populações indígenas no percurso da marcha da Expedição Roncador-Xingu entre Aragarças e o rio das Mortes. Acary Passos de Oliveira²²⁷ não fez nenhuma citação sobre encontro com índios durante os trabalhos da marcha, mas deu a seguinte informação sobre a presença sertaneja no percurso entre Aragarças e a mata do Pindaíba:

[...]Mais de 500 metros e a mata fechada acaba em frente da casa do último civilizado da região. Daqui pra frente é o sertão, os gerais, o desconhecido. O habitante isolado do mundo chama-se Domingo Ribeiro. É natural de Minas Gerais, autêntico desbravador, pois há mais de dois anos, conforme suas declarações, reside neste isolamento com sua família composta de duas pessoas. Disse-nos na sua simplicidade de sertanejo que, estando no fim da vida, abandonou a cidade onde só encontra gente prometedora e enganosa, para morrer na selva, a fim de que sua alma fosse salva²²⁸.

Segundo a historiadora Janaina Amado, na história do Brasil, Sertão é um conceito que se configurou em uma perspectiva dual. O sertão é o inferno ou é o paraíso. Tudo depende do lugar de quem fala²²⁹. A perspectiva eleita por Acary Passos de Oliveira para descrever o personagem Domingo Ribeiro, foi à positiva: paraíso. Nesta perspectiva, o sertão é apresentado como um símbolo de virtudes que aparece no modo de vida marcado pela destreza e simplicidade

²²⁶ Os entrevistados são identificados por Manuel Ferreira Lima Filho como um casal de pioneiros de Aragarças, mas não faz referência sobre pedido de anonimato do entrevistado para o pesquisador. Op cit, p. 2007-2008.

²²⁷ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit.

²²⁸ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 53.

²²⁹ AMADO, Janaina. Região, Sertão, Nação. Rio de Janeiro: Revista Estudos Históricos, vol.8, n.15, 1995, p. 145-151.

dos sertanejos. Em contraposição, o litoral é o espaço da cidade, civilizado, mas vítima dos vícios de uma vida degradada e corrompida²³⁰.

Pessoas como Domingos Ribeiro, desde a década de 1930 já estavam ultrapassando a Barra Goiana e Barra Cuiabana (atuais Aragarças e Barra do Garças), seguindo pelo Vale do Araguaia na direção do Xingu. Estas pessoas construíram uma infra-estrutura de estradas que foram utilizadas pela Expedição Roncador-Xingu como é descrito por Acary Passos de Oliveira, nas citações a seguir:

Não havíamos passado trinta minutos quando os mateiros localizaram a 500 metros acima de nossa posição a almejada picada. Houve e, é muito natural, um desvio de rumo, enganados que fomos por uma antiga e abandonada estrada.

Procedente da Fazenda Moraes onde foram preparar carne de sol como é conhecida a carne seca, usada principalmente no sertão, chegaram os tropeiros Virgílio Nascimento e Manoel Santana. Toda a carne foi estendida em varais abrigados das chuvas, no interior dos ranchos. Disse-nos o Virgílio que durante todo o trajeto, todas as tardes, nos pousos, desmanchavam os fardos estendendo-se a carne em varais que eram cobertos de lonas para sua proteção; durante o dia, quando o sol saía, davam descanso à tropa, pondo as mantas de carne a secar²³¹.

A informação sobre uma antiga e abandonada estrada é um indício de que esta parte central do Brasil não era tão desconhecida como afirma o relato de Acary Passos de Oliveira, embora o narrador insista com os termos sertão, gerais e desconhecido. Também, uma estrada abandonada é um indício de que mais pessoas como o Sr. Domingo Ribeiro, estiveram neste espaço e o haviam abandonado. Esta presença sertaneja neste espaço é marcada pela informação sobre as fazendas do sertão. Estes empreendimentos agrícolas tiveram papel fundamental como ponto de abastecimento de gêneros alimentícios para os trabalhadores da marcha da Expedição Roncador-Xingu. Segundo o historiador Rafael Straforini, as entradas para o interior do território por pessoas ligadas a

²³⁰ Sobre a oposição: litoral civilizado e sertão bárbaro ver: GALETTI, Lylia da Silva Guedes. Mato Grosso: o estigma da barbárie e a identidade nacional. São Paulo: XVII Congresso da ANPUH, 1995. ver também: OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* vol. V (suplemento), 195-215 julho 1998.

²³¹ OLIVEIRA, Acary Passos de. Op. Cit. p. 57.

administração pública e as atividades econômicas no litoral, exemplo dos bandeirantes, *“sempre se utilizaram das trilhas indígenas bem como do conhecimento das trilhas abertas pelos primeiros moradores luso-brasileiros, passados de geração em geração pela tradição oral”*²³².

A estrada velha de Xavantina

Um destes caminhos, fundamental para a colonização e expansão da fronteira agrícola no Vale do Araguaia, foi a estrada *velha de Xavantina*. Este caminho desapareceu dos recortes que as narrativas oficiais operaram nas memórias da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central. Entretanto, as fontes orais foram uma ferramenta política da maior importância para a esta pesquisa. Estas fontes, operaram um desvio nos discursos oficiais e possibilitaram a reconstrução deste caminho, esquecido pela memória oficial. A Estrada Velha de Xavantina foi recuperada pelas lembranças do Sr. José Batista Porto²³³.

As informações do Sr. Batista Porto, também possibilitaram um cotejamento com as leituras feitas por Francisco Brasileiro sobre o relevo do Vale do Araguaia, para propor um roteiro para a expedição Roncador-Xingu. Este roteiro teria o seu início na base de Aragarças, seguiria pelos divisores de água das serras Azul e do Roncador e adentraria o Xingu até a cidade de Santarem no Pará. As lembranças deste entrevistado, ao informar sobre a estrada velha de Xavantina, discute a questão do relevo. Apresentando os divisores de águas como rotas óbvias de estabelecimento de caminhos.

²³² STRAFORINI, Rafael. Estradas Reais no Século XVIII: A Importância de um Complexo Sistema de Circulação na Produção Territorial Brasileiro. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000, p. 09.

²³³ José Batista Porto nasceu em Caiapônia, Estado de Goiás em 1933. Segunda suas lembranças: “Eu entrei na Fundação Brasil Cental em Junho de 1946. Lá em Caiapônia-GO. Trabalhei na construção de Estrada de Caiapônia para Aragarças. Aqui quando foi em 1950 teve uma transferência de 40 funcionários de Goiás pro Mato Grosso. Nois atravessou o Araguaia no dia 04 de Janeiro de 1950, numa balsinha de tambor, desses tambor de 200 litros, pra fazer o estrada de Barra do Garças pra Xavantina. Foi no dia 08 de Janeiro de 1950. Eu era uma criança, quando entrei. O serviço que eu fazia na FBC, eu cuidava de uma tropa da chefia dos engenheiros. A entrevista de Batista Porto deu a pista, para esta pesquisa sobre a estrada velha de Xavantina. Entrevista com o Sr. José Batista Porto, realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006, às 14h00min.

O fragmento de memória de Batista Porto, apresentado a seguir, retoma uma racionalidade geográfica, defendida por Francisco Brasileiro e ignorada pelo comando militar da expedição, considerando que nas partes altas das serras estão os divisores de águas, possibilitando o desvio dos pantanos e os leitos caudalosos dos rios.

Então a primeira estrada que saiu aqui em Xavantina veio ali pelo Antarctica, passou no salgadinho aí desceu e saiu ali onde é um laticíniozinho, que tem... Onde têm um tamburi, umas cadeiras. O laticínio fica do lado esquerdo indo daqui pra lá e o ginásio de esporte de cá. É aquela estradinha que sai ali. Empareia com o posto do Luiz Otavio. Foi a primeira estrada que saiu aqui em Xavantina. Foi a Fundação. Ela veio por cima da serra. Saiu de Barra, subiu a serra lá numa fazenda que era do pai do Lalau Cristino Porto, lá no taquaral. Lá ela subiu a serra e veio por cima da serra cortando... Que existia as vertentes que ia pra lá e pra cá. Veio no divisor de águas, naquele veio. Veio desceu a serra aqui no rumo do Antarctica. Foi a primeira estradinha que saiu aqui em Xavantina, foi essa²³⁴.

Estas informações, recuperadas pelas lembranças do Sr. José Batista Porto, acrescentam novas informações às descrições de Acary Passo de Oliveira dos caminhos construídos pela Expedição Roncador-Xingu, da base de Argarças até o rio das Mortes, que aparecem no mapa construído pelo memorialista desta etapa do itinerário da expedição²³⁵. O caminho: *Estrada Velha de Xavantina*, não aparece neste mapa. Também, nas descrições deste mapa, percebe-se que não há coincidência entre a picada que a expedição abriu no final do ano de 1943 e início do ano de 1944 para chegar ao rio das Mortes e o traçado da Rodovia Br 158. Esta coincidência foi construída pela memória oficial de Nova Xavantina, mas é desconstruída pelas lembranças do Sr. Porto e pelo mapa de Passo de Oliveira. No mapa, é possível ler que a picada aberta pela expedição foi abandonada definitivamente depois que a base de Xavantina se estabeleceu. Mas, não há indicação sobre a estrada velha de Xavantina. A sua indicação no mapa é uma intervenção do pesquisador, a partir das informações da entrevista com o Sr. Batista Porto. Aqui surge uma questão da maior importância para esta pesquisa. Os trabalhadores da Fundação Brasil Central, construíram outra

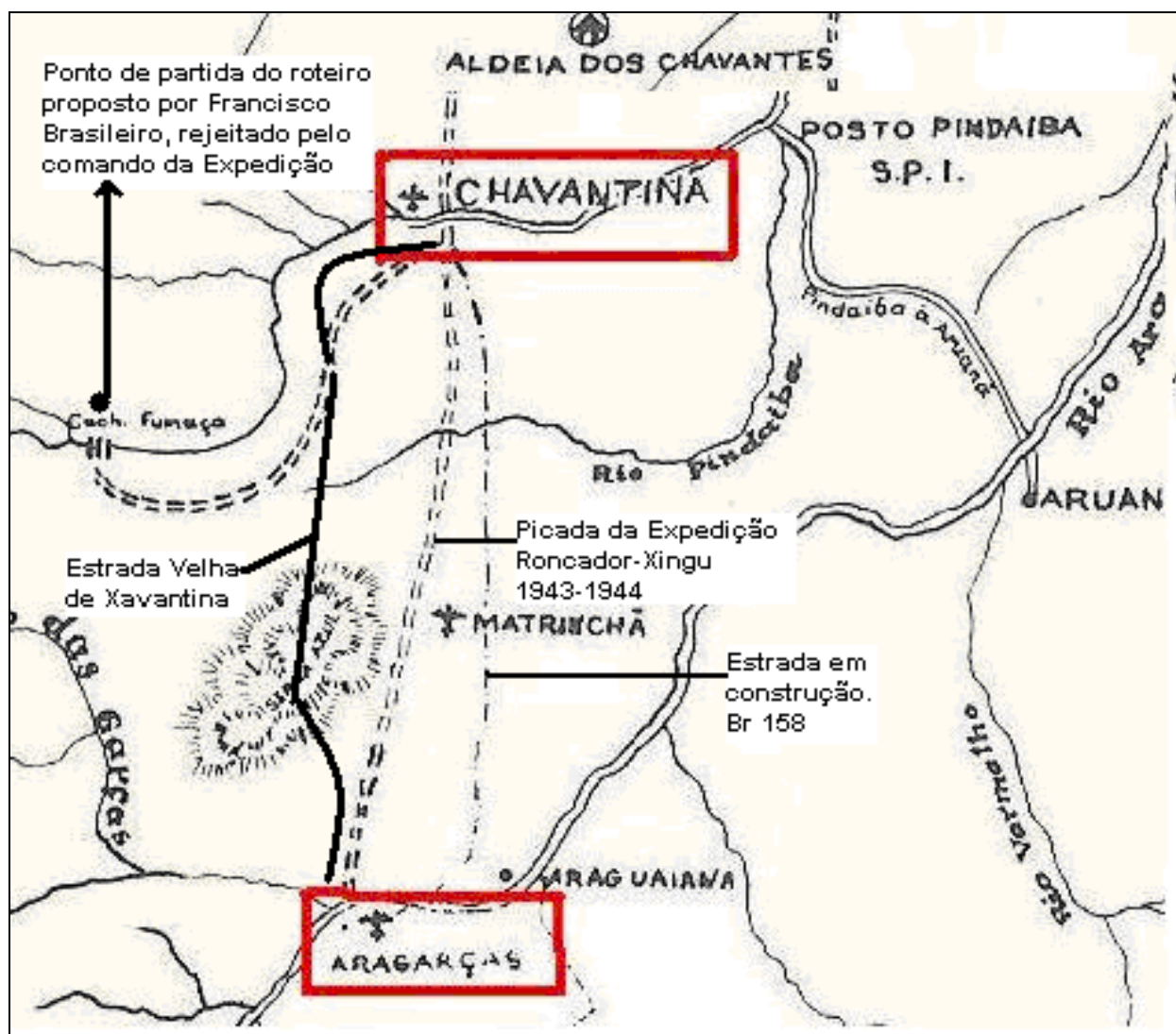
²³⁴ Entrevista com o Sr. José Batista Porto, realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006, às 14h00min.

²³⁵ OLIVEIRA, Acary Passo de. Op. Cit.

estrada para operar a base de Xavantina, pois a picada da expedição era impraticável, segundo as memórias de Acary Passos de Oliveira. Mas a construção desta estrada é absolutamente silenciada nas fontes oficiais e nos textos dos memorialistas. Sem a entrevista do Sr. Batista Porto, esta pesquisa não teria tomado conhecimento deste caminho. Exemplos como este colocam a questão da contribuição das fontes orais para a historiografia. Estas fontes, ante o silêncio que as narrativas oficiais impõem a determinadas coletividades e temas, se tornam a única ferramenta para abrir frestas em seus muros, segundo o historiador Antonio Torres Montenegro²³⁶. A seguir o recorte do Mapa de Acary Passos de Oliveira:

²³⁶ MONTENEGRO, Antonio Torres. História Oral e Memória. São Paulo: Contexto, 1994.

MAPA III - ROTEIRO DA CACHOEIRA DA FUMAÇA



OLIVEIRA, Acary de Passos. Roncador-Xingu: Roteiro de uma Expedição – Barra do Garças/Aragarças/1943 – Rio das Mortes/Xavantina/1944, São Paulo: Edição do Autor, 1976, p. 85. Obs: o destaque em cor vermelha para a localização de Aragarças e Xavantina é do pesquisado. Assim como, a indicação da Estrada Velha de Xavantina, o roteiro de Francisco Brasileiro, indicação do traçado da Rodovia Br 158 e a picada da Expedição Roncador-Xingu.

Neste recorte do mapa de Acary Passos de Oliveira e na entrevista do Sr. Batista Porto, há indícios para uma desconstrução dos discursos oficiais que construíram uma memória da trilha aberta pela expedição como o traçado da Rodovia Br 158. Orlando Villas Boas em entrevista para Archimedes Carpintiere, também desconstrói este discurso que coloca o traçado da Rodovia 158, coinci-

dindo com a trilha da expedição²³⁷. O entrevistado demonstra que a antiga picada da expedição até Xavantina, foi abandonada, na definição do traçado da Rodovia Br 158. A Rodovia seguiu pela parte baixa do Vale do Araguaia e foi construída, somente no período dos governos militares.

A construção da estrada velha de Xavantina contou com obras de engenharia civil que não guarda nenhuma comparação com a abertura da picada da expedição, construída sob o comando do Cel. Flaviano de Matos Vanique. Nas lembranças de Jose Batista Porto temos a construção de uma estrada que contou com a remoção de árvores e a compactação do solo. A construção deste caminho, ainda teve que contar com o extenuante trabalho manual. Entre estes trabalhos estavam a retirada de solo das raízes das árvores, corta-las a machado e remove-las para fora do traçado da estrada. A novidade na construção da Estrada Velha de Xavantina foi a utilização das máquinas que, nas décadas seguintes, se tornariam protagonistas na construção de estradas de rodagem, exemplo das escavadeiras, retro-escavadeiras, pás carregadeiras, tratores de esteiras e os caminhões basculantes. Ainda, na entrevista do Sr. Batista Porto, surge o avião. Esta máquina teve a função de apoio logístico à construção da estrada. Transportar os trabalhadores desta obra. O entrevistado foi um dos trabalhadores transportado nos aviões da Fundação Brasil Central.

Esta nova maquinária; tratores, caminhões e aviões, tornaram mais rápida e mais eficiente a construção de estradas e propiciou mais velocidade aos transportes. Estas máquinas, doravante, transformariam por completo os deslocamentos de pessoas e mercadorias no Brasil central. Redefiniria assim, as temporalidades e as espacialidades do mundo sertanejo. A utilização destas máquinas, na construção da Estrada Velha de Xavantina, é verificada nas fotografias e na citações a seguir

Atravessamos o Araguaia pro lado de cá no dia 04 de janeiro de 50, pra fazer a estrada de Barra do Garças ate Xavan-

²³⁷ Entrevista com Orlando Villas Boas, realizada em Nova Xavantina, no ano de 1986. In: CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico. Nova Xavantina: 1992.

tina. Quando foi no dia 08 de janeiro o acampamento aqui de Xavantina precisou de três funcionários que tinham vindo de Goiás. Então nois em três no Aragarças, pegaram nois de avião e soltaram nois aqui, no dia 08 de janeiro de 50. As duas horas da tarde nois baixamos nesse campo aqui. Prestamos serviço aqui na Xavantina, cinco meses e retornou nois pra ponta da estrada de novo. Ai viemos fazendo essa estrada de Barra do Garças pra Xavantina. Então o movimento da estrada, nois roçava, fazia picada na foice, limpava aquela margaça na foice, limpava as arvores e cavoucava o pé das arvores de enxidão e cortava as raiz das arvores no machado [...]

Foto II – Construção da Estrada Velha de Xavantina



Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina: Os Heróis do Brasil. Fotografia doada por José Celestino da Silva.

[...] E tinha um tratorzinho, D4 um esterinha, era fraco. Aquele tratorzinho, era só pra empurrar as arvores da estrada, tampa os buracos. O nosso movimento era tudo manual. Os acampamentos da frente sempre era mudado com o cargueiro nas costas de burro os de traz vinham de carro que já tiveram por onde vim. tudo era na mão. Lugares que precisava de por algum cascalho, se aquele tratorzinho não tivesse no local, tinha aquela patrolinha veia, uma Alichard,

uma patrôla antiga, hoje não tem ela mais, acabou. Se não tava naquele local pra fazer um cascalho, nois cavocava no enxidão, na picareta, fazia o cascalho, carregava o caminhão na pá e descarregava na enxada. O cascalho naqueles lugares, quando aquelas máquinas não tava no local, era na mão. Porque naquele tempo a Fundação não tinha caçamba, caminhão caçamba era só carroceria de madeira. Os primeiros caminhões que veio pra fundação, caçamba, veio caçamba, carroceria de madeira. Eram uns Stud Beik, era um tipo de carro, tipo Chevrolet, chamava Stud Beik. Ai, esse já era caçamba, era pequenininho, mas já era caçamba. Ai, por exemplo, pra carrega essas caminhão, muitas vezes era na pá, que nois carregava. Agora pra caçamba, eles faziam a caçambagem. Agora a retroescavadeira que era aqui no Major Reis, no Araés, ele cedeu ela pra Fundação, pra essa Expedição. **Ela era comandada na carroceria de um caminhão.** Localizava na carroceria de um caminhão e ela girava em volta assim, como essa mãozinha. Então a retro escavadeira tinha a conchinha. Mais ela não tinha nada hidráulico. Tudo era no cabo de aço. Uns descia, outros soltava, outros rodava. Ela tinha catraca em baixo pra ela roda. Ela rodava assim, com aquele braço comprido, como esses tratorzinhos que tem concha. Ai ela carregava esse caminhão. Era muitas conchinha daquelas pra lota um caminhão daqueles (risos) ²³⁸.

²³⁸ Entrevista com o Sr. José Batista Porto, realizada em 15/01/2006 – 14h:00min Horas, Nova Xavantina – MT.

FotoIII – Máquinas na construção da Estrada Velha de Xavantina.



Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina: Os Heróis do Brasil. Fotografia doada por José Celestino da Silva.

Neste fragmento do relato de José Batista Posto há uma ênfase na valorização do trabalho manual. Busca-se dar visibilidade ao desprendimento e esforço dos trabalhadores para realizar a obra, construção da estrada velha. Mas, as informações sobre a incorporação da maquinaria na construção da estrada velha, neste relato, apontam para uma situação de fronteira onde se estabelecem o diálogo entre distintos modos de vida. Como demonstram as fotografias I e II, há um confronto entre a dinâmica de trabalho do sertanejo que contava apenas com ferramentas manuais e as operações da engenharia civil que tem a sua disposição a velocidade e maior capacidade de produção das máquinas motorizadas. Na fotografia I, três trabalhadores removem uma imensa árvore, escavando o entorno de suas raízes enxadão, e as cortando com machado. Já na fotografia II, oito trabalhadores operam uma pá carregadeira rudimentar, montada sobre o chassi de um caminhão, mas ainda assim, capaz de realizar o mesmo trabalho de dezenas de homens. Segunda a leitura de José de Souza Martins sobre a situação de fronteira, temos neste exemplo o diálogo entre distintos tempos históricos, operado pela maquinaria. Um dos exemplos de Souza Martins, para este diálogo de tem-

poralidades é a do pistoleiro que dispara o seu revólver contra um índio: *a bala de seu tiro não só atravessa a distância o espaço entre ele e a vítima. Atravessa a distância histórica entre seus mundos, que é o que os separa*²³⁹.

As informações, que surgem no relato do Sr. José Batista Porto, comparadas com as duas fotografias que apresentam cenas das atividades na construção da Estrada Velha de Xavantina, formam um quadro explicativo sobre o papel das máquinas na redefinição das noções de tempo e espaço que aparecem nas diferentes formas de abrir caminhos nas florestas do Vale do Araguaia. Estas diferenças aparecem nas operações de abertura da primeira picada da expedição, utilizando somente o trabalho manual, para a construção da estrada velha de Xavantina, que fez uso de máquinas motorizadas. Mas estas redefinições impostas pela maquinaria não ficaram apenas nos exemplos da estrada velha de Xavantina e a picada da expedição. As máquinas impingiram uma singularidade para a atuação da Fundação Brasil Central no Araguaia e Amazônia. O automóvel, os aviões e, em seguida as máquinas da construção civil e agrícola, redefiniram as temporalidades e as espacialidades no processo de expansão de fronteiras nesta parte central do Brasil. Os espaços geográficos foram comprimidos ante a velocidade dos automóveis e os aviões. As mesmas distâncias passaram a ser percorridas em espaço de tempo muito menor que o utilizado pelas chalanças do rio Araguaia²⁴⁰. Transformaram-se as percepções do observador sobre as dimensões

²³⁹ MARTINS, José de Souza. O tempo da Fronteira: Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente e expansão e da frente pioneira. In: Fronteira: A degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo, Editora HUCITEC, 1997.

²⁴⁰ O Araguaia tem sua nascente na região sul de Mato Grosso, acima da antiga cidade de Baliza. Suas águas correm para a região leste do Estado. Segue dividindo o Estado de Mato Grosso do Estado de Goiás, depois estabelece os limites entre o Estado de Mato Grosso e Tocantins. Encontra o Rio Tocantins, já próximo ao Oceano Atlântico. No Século XIX se tornou uma importante via de navegação com a iniciativa do General Couto de Magalhães de criação da companhia de Navegação do Araguaia. Cidades foram fundadas, como Leopoldina, para atender as demandas de serviço das atividades de transporte fluvial. Esta modalidade de transporte funcionou até a primeira metade do século XX, quando ainda, a cidade de Leopoldina era a porta de entrada para o Vale do Araguaia. Quanto ao Rio das Mortes, este nasce na Serra de São Vicente e corre na direção da região leste de Mato Grosso. Entra no Vale do Araguaia na cachoeira da fumaça. Até a realização da Expedição Roncador-Xingu era pouco utilizado, devido à resistência dos índios Xavante. A instalação da base de Xavantina é que transformou o rio das Mortes em importante meio de transporte para fazer chegar à base maquinaria e suprimento. Com a construção da estrada velha de Xavantina e depois a Rodovia Br 158, deixou de ser utilizado. Seu encontro com as águas do rio Araguaia se dá próximo da Ilha do Bananal. Para saber mais sobre a geografia dos rios Araguaia e das Mortes Ver: MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Nos olhos dos outros: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940-1970). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 2005.

territoriais da parte central do Brasil e da Amazônia. Tempo e espaço passaram a ser percebidos de uma forma mais compactada.

Outra questão colocada por este relato, do Sr. José Batista Porto, é constatação de que a construção da *estrada velha de Xavantina* ocorreu de forma concomitante à colonização das suas margens. As pessoas iam acompanhando o avanço da construção da estrada e se instalando nas suas margens. Aqui há um questionamento dos projetos de colonização dirigida do governo Getúlio Vargas, as colônias agrícolas, exemplo da colônia Vale do Sonho no Vale do Araguaí. As pessoas resistiram às práticas disciplinadoras impostas pelos administradores das colônias²⁴¹. Ao contrário dos resultados não alcançados pelo projeto Vale do Sonho, as lembranças do Sr. José Batista Porto, trazem indícios de uma ocupação da parte alta da serra azul, sem apoio do governo brasileiro, que apresentou resultados positivos:

Agora gente particular, foi chegando uns moradores, que veio por uma estrada por cima da serra. A serra do Antártica.

Ai depois veio o Joaquim Cuiabano, com uma fazendinha lá perto do Antártica. Ai veio o Joaquim Baiano, que era ali perto do salgadinho.

Nois veio com a estrada definitivo, que tem ela hoje. Na abertura da estrada, o pessoal, a comunidade veio acompanhando. Os acampamentos, os moradores particulares, que vinha aqui do Mato Grosso mesmo, vinha aqui do Goiás. Vinha acompanhando a abertura e se instalando na margem da estrada e esparramando. Mais foi pela desbravação da FBC. [...] A fundação ajudava. A comunidade que vinha sempre morando em beira da estrada, ai, como no transporte a Fundação levava e trazia. Era um tipo de uma carona. Não tinha linha, não tinha carro particular. Era só o funcionalismo da Fundação. Ai depois veio a Aeronáutica. Através do campo ai, a Aeronáutica fez a linha também. Então o que transportava o povo? Era a Aeronáutica e a Fundação. Eram os meios de transporte.

Na parte da alimentação, o pessoal dessas beira de estrada, iam comprar em Barra do Garça. Na Xavantina não vendia por que só vinha pro consumo do funcionalismo. Tinha a cantina, mais era pro consumo do funcionário.

E: MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhaguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001.

²⁴¹ Sobre a Colônia Vale do Sonho ver o capítulo I desta dissertação.

A abertura da estrada se transformou em um vetor de ocupação demográfica das partes altas do Araguaia. Esta ocupação foi ocorrendo sem o apoio e controle do estado, como demonstra as lembranças do Sr. Batista Porto. A Fundação Brasil Central deu colaboração às pessoas que seguiam a construção da estrada dentro de uma perspectiva humanitária. Dar corona como afirma o entrevistado, mas sem um caráter de apoio governamental a essas pessoas. Ao compararmos estas informações de Batista Porto, sobre a ocupação da parte alta da Serra Azul, com as informações de Manuel Rodrigues Ferreira²⁴² sobre o projeto de colonização Vale do Sonho, que ocorria no mesmo momento, surgem algumas perguntas. A primeira delas é a razão pela qual as pessoas não se dirigiam para o projeto Vale do Sonho, que tinham infra-estrutura. E preferiam seguir a construção da estrada velha de Xavantina. Temos uma boa questão para outra pesquisa. O Sr. José Batista Porto dá poucas informações sobre o cotidiano dessas pessoas que estavam implantando uma estrutura agrária a revelia do estado brasileiro. Aparecem apenas duas informações no relato do entrevistado. Uma é a constatação de que a Fundação Brasil Central não deu nenhum apoio para estas pessoas, a outra constatação é sobre a expulsão destes posseiros de suas propriedades, o que se lê na afirmação *hoje é fazenda*. As pessoas que participaram do processo de expansão agrícola nas terras altas do Vale do Araguaia perderam as suas propriedades para o latifúndio. Estes trabalhadores rurais sofreram uma contra-reforma agrária, se pensarmos na leitura de Otávio Ianni²⁴³, sobre a expansão da fronteira agrícola na Amazônia. É o que se constata na citação a seguir, sobre a desativação da estrada velha de Xavantina:

Ela acabou. Algum pedaço aproveita pra alguma fazenda, mais virou tudo lavoura, virou pasto, ai bagunçou tudo. Hoje é fazenda, é abertura, aquilo já mudou tudo. Até a gente que é daqueles tempos, quando vai não conhece mais. Perdeu a rota, a visão. Naquele tempo que a gente veio era tudo mata bruta, campo.

Hoje a maior saudade, maior paixão daquilo que a gente alcançou e passou por ele, aquelas selvas naturais, aquele sertão, nois mudava os acampamentos, vinha pela picada do Cel. Vanique, ai tudo virgem como deus deixou. Hoje ta tudo desbravado pelo homem. Acabou as mata, acabou os campos. E eu e outros que ta vivo ainda, ta acompanhando

²⁴² FERREIRA, Manuel Rodrigues. Em Pleno Vale do Sonho. São Paulo, Jornal a Gazeta 04/09/1945. In: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

²⁴³ IANNI, Otávio. Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia. Petrópolis, Vozes, 1979.

a desbravação, a destruição. Olha eu, eu era forte sadio. Hoje com que eu estou. Assim foi a natureza, hoje ta acabada. Ta feliz eu que ainda conto estas histórias que ainda to vivo. E muitos colegas de trabalho que não tem vida mais. Há muitos anos que são falecidos. Então aquele tipo de nosso trabalho, tudo manual. Ai tem gente: mais você tem saudade de um tempo sofrido ai eu respondo, não gente. Por comum hoje é melhor do que o amanha. Hoje você acha que ta ruim, quando é amanha você alembra de hoje e diz sabe: ontem tava melhor do que hoje. O amanha você tem saudade de hoje que passou.

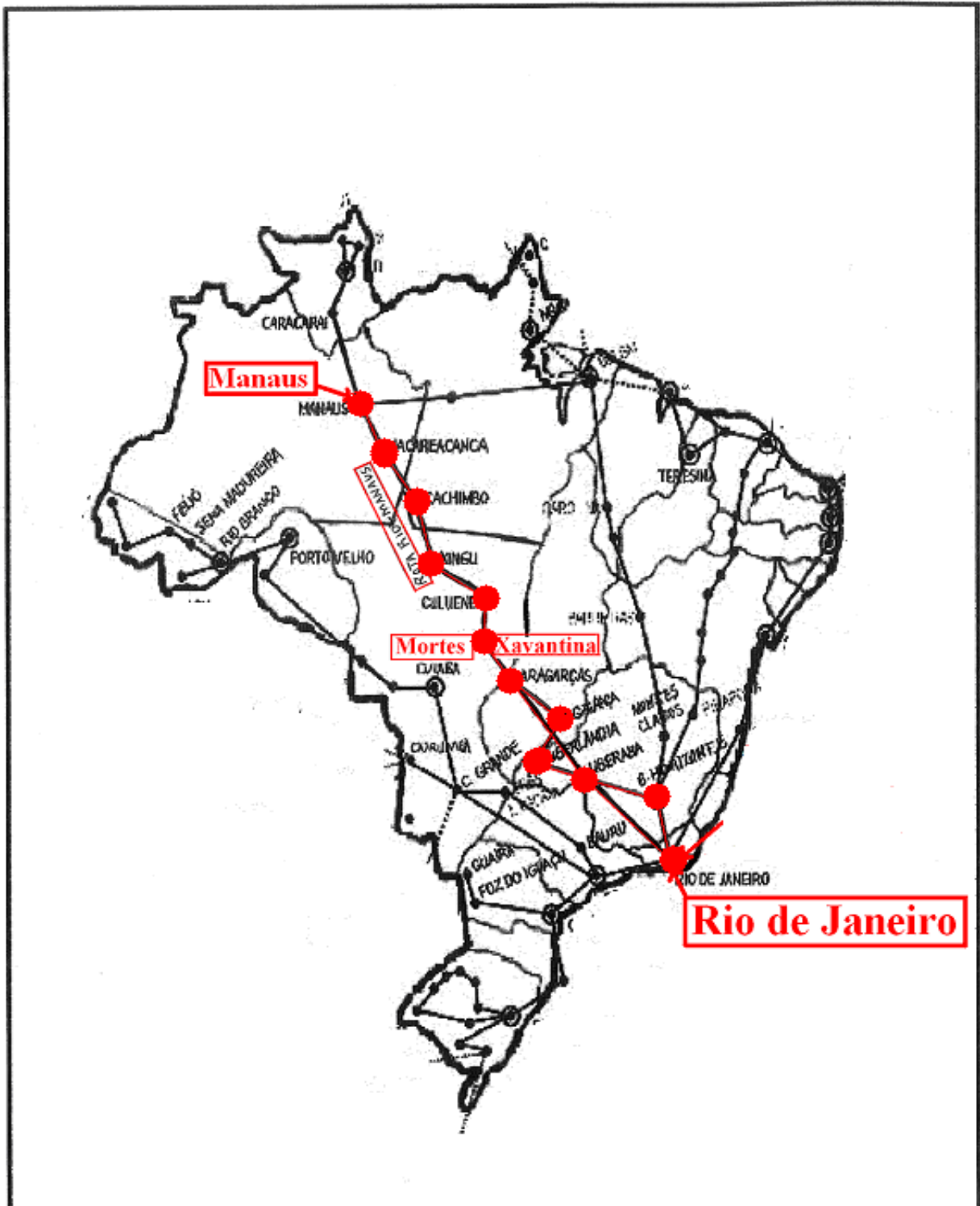
Segundo as lembranças do Sr. José Batista Porto, o caminho que o mesmo denominou de estrada velha de Xavantina, também perdeu a sua dinâmica como vetor de ocupação demográfica do Vale do Araguaia, com a construção da Rodovia Br 158, caminho definitivo, construído pelos governos militares. Estes fragmentos de memória desconstroem as continuidades que quer apresentar a memória governamental da Roncador-Xingu. Estas continuidades servem a construções discursivas que ligam os empreendimentos políticos de expansão das fronteiras brasileiras para o Brasil Central e Amazônia pelo Estado Novo e seguida pelos governos militares aos atuais interesses da expansão agrícola no Araguaia. Nestas continuidades estão estabelecidos todos os silêncios que interessam a memória dos donos do poder. O silêncio imposto sobre o tema da expropriação dos territórios indígenas e as violências contra os mesmos, e a exclusão dos trabalhadores pobres das riquezas produzidas por estas expansões de fronteiras, e no caso específico desta pesquisa, a expulsão dos posseiros que estabeleceram uma estrutura agrária nas terras altas do Vale do Araguaia.

Ainda, outra questão levantada pelo Sr. José Batista Porto coincide com as reflexões do Sr. José Celestino da Silva²⁴⁴ sobre os impactos ecológicos das expansões de fronteiras do estado brasileiro sobre o Araguaia. José Celestino da Silva refletiu sobre o assoreamento do rio das Mortes e o desaparecimento das espécies de peixes e o Sr. Batista Porto reflete sobre o desmatamento. Os entrevistados apresentam estas suas reflexões em uma analogia com o fenômeno do envelhecimento humano que é um fato inexorável. Desta forma o desmatamento ganha, um caráter fatalista.

²⁴⁴ José Celestino da Silva, entrevista realizada em Nova Xavantina, em 15/01/2006, as 15h.

Mapa IV – Rota Aérea Rio Manaus

Rota Rio Manaus



Fonte: Este mapa foi reproduzido por João Vieira de Sousa em seu artigo: *O papel da Força Aérea no desenvolvimento Nacional: O Exemplo Brasileiro*, S/D. O destaque para o itinerário da Rota Rio-Manaus, a cidade de Rio de Janeiro, a base do rio da Mortes/Xavantina e a cidade de Manaus é meu.

Na margem direita do rio das Mortes foi escolhido um ponto onde foi instalado uma base da Expedição Roncador-Xingu. Inicialmente denominado de base do rio das Mortes; na década de 1950, base Xavantina; na década de 1960, distrito de Ministro João Alberto, do Município de Barra do Garças e, em 1980 elevado a condição de Município de Nova Xavantina. Segundo Manuel Ferreira Lima Filho²⁴⁵, esta base da Fundação Brasil Central no rio das Mortes foi o marco da presença do estado brasileiro no território Xavante. “As aldeias Xavante, as margens do rio, foram identificadas por reconhecimento aéreo²⁴⁶”. O uso dos aviões para esquadrinhar o território Xavante indicia a articulação que passou a existir entre os órgãos governamentais para controlar o território do Brasil Central. Para o contato com os Xavante, a Fundação Brasil Central fez um convênio com o Serviço de Proteção aos Índios – SPI para dinamizar a atração destes índios. Doravante, o avião se tornou um instrumento fundamental para o governo brasileiro reconhecer e controlar os seus territórios.

Nas lembranças dos trabalhadores da Fundação Brasil Central, o avião se tornou uma ferramenta política fundamental para que as pessoas que estavam isoladas pelas distâncias do Brasil Central, se sentissem como parte das ações do governo para esta parte do território brasileiro. Esta pista surge na entrevista do Sr. Adão Gomes de Souza: *naquela época só andava de avião, era o Douglas – CAN – era o Correio Aéreo Nacional*²⁴⁷. O avião do CAN fazia uma linha regular da capital federal Rio de Janeiro a cidade de Manaus, todas as quarta-feiras. Além de transportar correspondências, trazia assistência de saúde, a única nesta parte do Brasil, como informa a entrevista com a Sra. Maria da Glória Nunes da Silva, no recorte a seguir:

Naquele tempo existia um avião chamado CAN. O CAN – Correio Aéreo Nacional – o único avião que descia aqui era ele e os teco-teco. Ai tinha vez que tinha alguém doente, trazia pra lá pra trata e tinha os médicos dentro do avião. Porque não existiam médicos fixos aqui dentro de Xavantina. Qualquer coisa tinha que ir pra Barra. Depois é que foi

²⁴⁵ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia. Goiânia: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996, pg. 45-47.

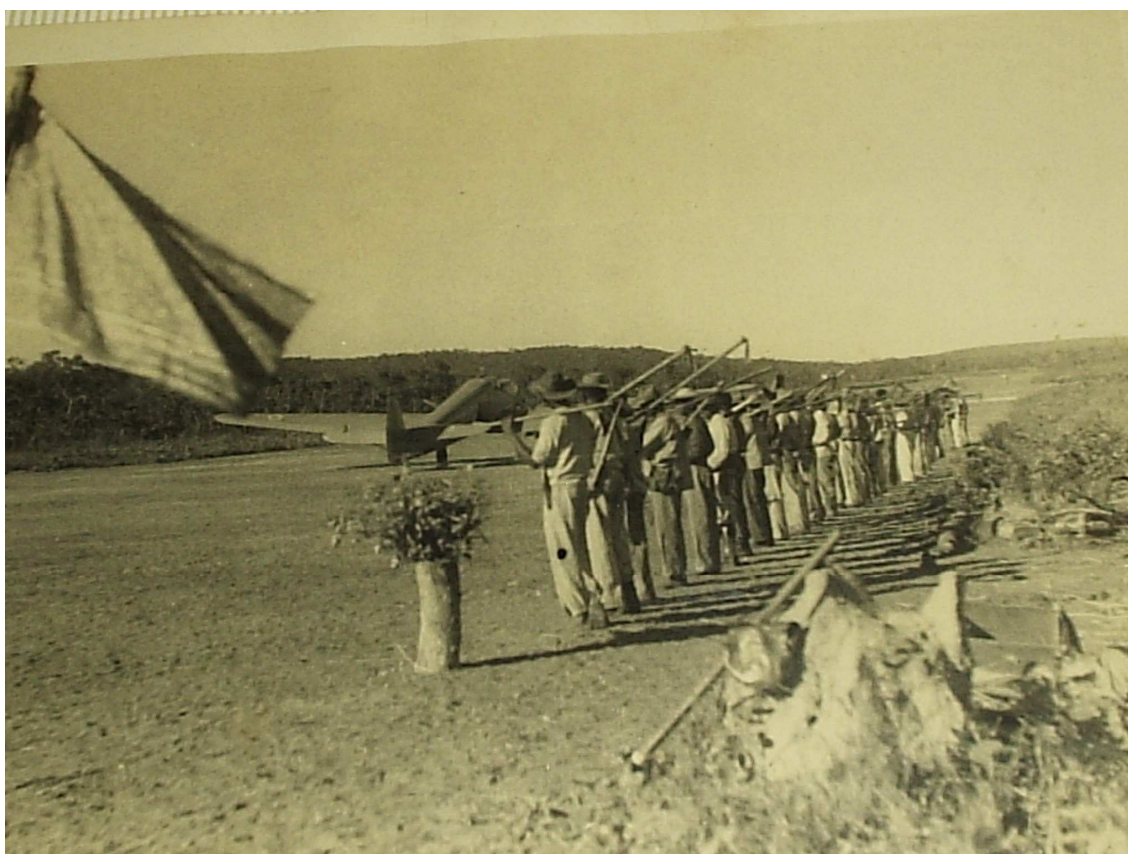
²⁴⁶ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Op. Cit, pg. 45.

²⁴⁷ Entrevista com o Sr. Adão Gomes de Souza realizada em Nova Xavantina no dia 08/01/2006 às 19h00min.

forma um pequeno hospitalzinho, onde é a prefeitura hoje, lá do outro lado, lá era o hospital.

O avião foi o único instrumento para o atendimento de saúde das populações sertanejas e indígenas. Para cumprir este objetivo foi criado o Serviço de Unidades Sanitárias Aéreas (SUSA) que ficou a cargo do médico Noel Nutels²⁴⁸. Esta única alternativa de assistência de saúde para as pessoas pobres, associada à imagem, emissora de signos poderosos, do avião, construiu um campo onde as memórias dos trabalhadores da Fundação Brasil Central dialogam com os discursos produzidos pelo governo do Presidente Getúlio Vargas. A força simbólica da imagem do avião pode ser percebida na fotografia a seguir:

Foto IV – Construção do campo de pouso de aviões em Xavantina. Ano de 1944



Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina: Os Heróis do Brasil. Fotografia doada por José Celestino da Silva. Também publicada em VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

A tomada desta imagem foi feita no início da manhã, segundo indica as sombras das pessoas que estão em pé na lateral direita da pista. Pois, as

²⁴⁸ PAIVA, Carlos Henrique Assunção. A saúde pública em tempos de burocratização: o caso do médico Noel Nutels. Hist. cienc. saude-Manguinhos vol.10 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2003.

sombras tomam a direção do leste para o oeste. Os dois primeiros planos desta fotografia estão ocupados pela pista de pouso de aeronaves. Na lateral direita da pista estão os trabalhadores alinhados e portando ferramentas de trabalho, a enxada. No lado esquerdo, acima tremula uma bandeira, não identificada e no lado direito abaixo, aparecem mais uma enxada e objetos impossíveis de serem identificados. E, finalmente, aproximadamente, no centro da fotografia esta o personagem principal da imagem, o avião Fock-Wolf.

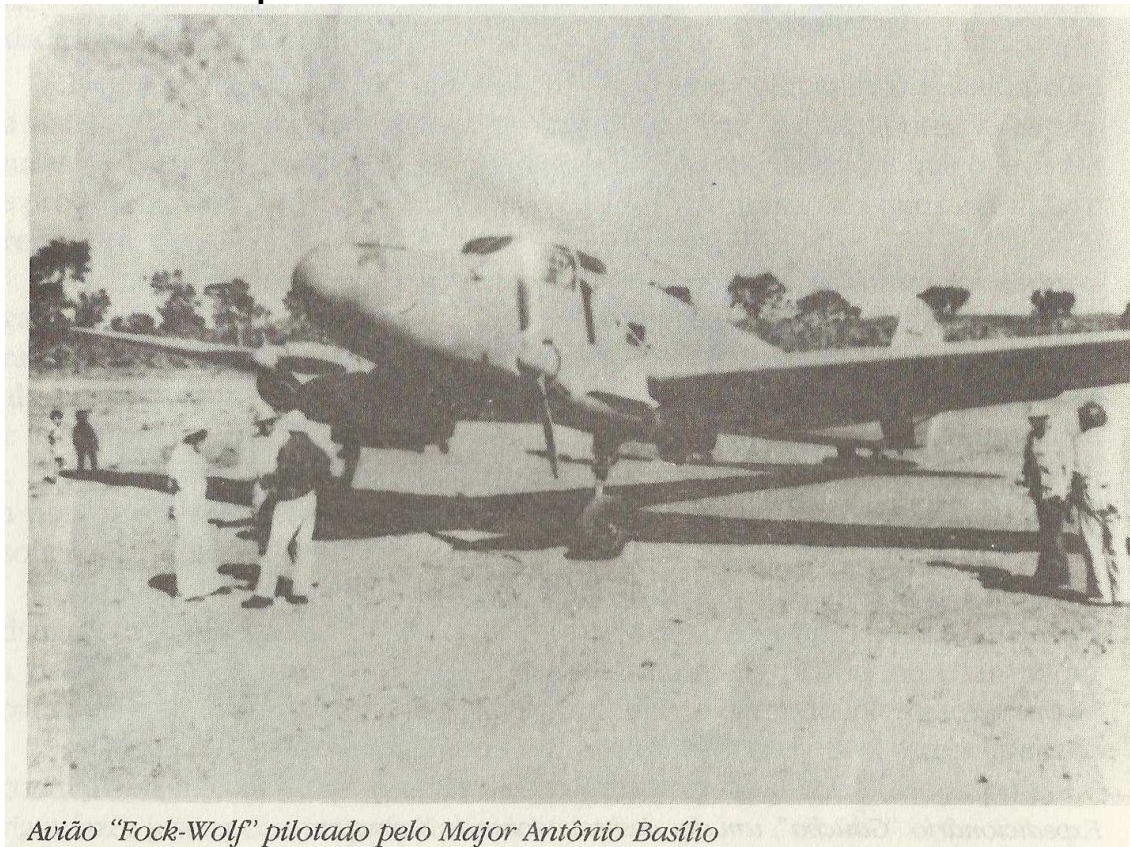
O termo personagem, utilizado aqui para identificar o avião, não é uma inversão indevida na identificação de coisas e pessoas. A máquina é humanizada nesta fotografia. Percorre a pista como uma autoridade passando a tropa em revista, no protocolo militar. A própria pista constrói uma imagem de forte simbolismo na tomada da imagem. Começa tomando quase todo primeiro plano da foto e vai se afunilando, dominando o infinito, que também será dominado pela máquina, o avião. Os trabalhadores, na lateral direita da pista, assumem o papel de soldados na cena. Apesar de não estarem usando uniforme militar, portam armas, que são representadas pelas enxadas colocadas sobre o ombro. Esta cena demonstra como esta nova máquina, o avião, redefiniu o controle de território por parte do governo e garantiu a expansão demográfica da parte central do Brasil. Mais importante ainda, é que força simbólica do avião perpassa tanto os discursos do poder instituído, quanto às memórias dos trabalhadores oriundos do espaço social sertanejo.

Também esta fotografia é uma testemunha da efetividade da Expedição Roncador-Xingu em seu propósito de construir o caminho aéreo entre a cidade do Rio de Janeiro até a cidade de Manaus. Este caminho demandava a construção de uma infra-estrutura de apoio a navegação aérea, grandiosa o suficiente para ser incorporada pelas memórias dos trabalhadores. Nas narrativas do trabalhadores há um efeito discursivo que faz o interlocutor imaginar que foi contruída, de fato, uma estrada ligando as cidades do Rio de Janeiro e Manaus, como surge na entrevista do Sr. Adão Gomes²⁴⁹. A estrada Rio-Manaus nunca existiu, mas como produção de memórias tem a sua importância política. Demonstra a positividade da expedição para o domínio do território amazônico e

²⁴⁹ Entrevista com o Sr. Adão Gomes de Souza realizada em Nova Xavantina no dia 08/01/2006 às 19h00min.

efetivação da navegação aérea neste espaço territorial do Brasil. Na fotografia a seguir, aparece com maior ênfase, a imagem do avião Fock Wolf, personagem principal da fotografia IV:

Foto V- Pista de pouso em Xavantina 1944



Avião "Fock-Wolf" pilotado pelo Major Antônio Basílio

Fonte: VARJÃO, Valdon. **Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 103

Esta positividade da Expedição Roncador-Xingu nas memórias dos trabalhadores tem uma materialidade, se seguirmos a leitura do historiador Paul Zanker²⁵⁰. O poder do estado brasileiro e da liderança política de Getúlio Vargas se exhibe na obra de construção civil: rota aérea Rio de Janeiro – Manaus. Para Zanker, as obras de arquitetura e de infra-estrutura civil, produzem um discurso que não carecem de verbalização. As imagens emanadas destas obras emitem signos, poderosos o suficiente, para se sobrepor a publicidade governamental com vistas a promover as configurações de poder transitórias. As realizações governamentais na arquitetura e na infra-estrutura civil projetam para outras sociedades e para a posteridade a percepção de mundo dos impérios que as construíram. Neste estudo de Zanker é apresentado o exemplo do imperador

²⁵⁰ ZANKER, Paul. Augusto, y el poder de las imágenes. Madrid Alianza, 1992.

Cesar Augusto, cujo reinado se transformou em referência para os Estados Modernos. Quanto a Expedição Roncador-Xingu, o historiador Archimedes Carpintiere, percebeu nesta extensa infra-estrutura, que teve objetivos militares e civis, os desdobramentos políticos que ultrapassavam o Governo do Presidente Getulio Vargas, naquele momento, no seu término:

Pela primeira vez os aviões que partiam do Rio de Janeiro podiam chegar a cidade de Manaus voando em uma linha reta sobre o auto Xingu e o Vale do Tapajós. Esta rota foi oficialmente inaugurada em junho de 1950, por uma esquadra de oito aviões, comandada pelo Brigadeiro Raimundo Vasconcelos de Aboim²⁵¹.

Xavantina, neste contexto, era o elo de uma cadeia de postos avançados, também chamados de pontos de apoio. Esta cadeia tinha como marco zero a Base de Aragarça, situada no território de Goiás, onde estavam estabelecidos o escritório central, hospital, escola e biblioteca. Na cidade de Xavantina foi instalada a oficina de manutenção dos aviões e um posto de reabastecimento. Depois de Xavantina, foram construídas as bases do Campo dos Índios, Tanguro, Garapu, Culuene, Xingu, Jacaré, Diauarum, Arraias, Teles Pires, Cachimbo, Cururu, Cabroá e Jacareacanga. Estas últimas bases seriam uma opção para pousos de emergência, no caso de problemas técnicos dos vôos e apoio para o contato com as populações indígenas²⁵².

A criação de vias de comunicação com a região amazônica se tornou um imperativo, mas também uma possibilidade com o desenvolvimento da navegação Aérea Brasileira. Este novíssimo meio de transporte foi consolidado e ampliado com a criação da Força Aérea Brasileira – FAB e a criação do Ministério da Aeronáutica em 1941. Essa nova Força da Armada brasileira reuniu as esquadras aéreas da Marinha e do Exército.

²⁵¹ CARPINTIERE, Archimedes. Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico. Nova Xavantina: 1992

²⁵²MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Território. www.grupomontevideu.edu.uy. Acessado em 10 de outubro de 2006.

A aviação no Brasil já vinha se consolidando desde 1931 quando foram criados o Correio Aéreo Militar – CAM e o Correio Aéreo Naval. Os resultados positivos dos correios, do Exército e da Marinha, levou o Governo Vargas a fundir os mesmos e criar o Correio Aéreo Nacional – CAN, que passou a cumprir missões militares e civis. O objetivo civil do CAN era estabelecer e operar as vias de comunicação, citadas no Decreto-Lei 4.750²⁵³, entre as cidades do litoral e as outras cidades do interior do território brasileiro, principalmente, as cidades localizadas nos estados da Amazônia, Para e Acre. No entanto, essas linhas aéreas dependiam, sobremaneira, dos caminhos terrestres. Pois os aviões das décadas de 1930 e 1940 tinham pouca autonomia de vôo e precisavam realizar pousos a cada 500 Km para reabastecimento. Também não contavam com nenhum tipo de comunicação via rádio e as previsões meteorológicas eram imprecisas, o que reduzia a segurança desses vôos sobre a Amazônia e o Brasil Central. As cartas de navegação, por sua vez, apresentavam erros de até 50 milhas terrestres e os poucos campos de pousos existentes nas rotas aéreas, não contavam com infra-estrutura para abastecimento, operação que tinha que ser realizada pelos pilotos, apesar dos riscos²⁵⁴.

Devido a esses impedimentos, as rotas aéreas que ligavam as cidades do Sudeste, as cidades do Norte e Amazônica, seguiam o litoral. Uma rota aérea ligando o Sudeste e a Amazônia pelo Brasil Central se tornou um objetivo militar e civil para o Governo Vargas, considerando a redução de distâncias e custos dos vôos. O estabelecimento de um caminho aéreo ligando a Capital Federal (Rio de Janeiro) à cidade Manaus, que fosse uma alternativa ao caminho que contornava todo o litoral brasileiro para chegar ao Estado do Amazonas, efetivou-se com a picada e as bases de apoio, construídas pela Expedição Roncador-Xingu.

Segundo o Coronel-Aviador João Vieira de Sousa²⁵⁵, apesar da inexistência dos caminhos terrestres até a década de 1940, o Correio Aéreo Nacional – CAN - vinha se expandindo pelo interior do Brasil, apoiado pela infra-

²⁵³ SOUSA, João Vieira de. O papel da Força Aérea no desenvolvimento Nacional: O Exemplo Brasileiro. Home Page da Air & Space Power International em português, Acessado em 10 de maio de 2005.

²⁵⁴ SOUSA, João Vieira de. Op cit.

²⁵⁵ SOUSA, João Vieira de. Op cit.

estrutura das estradas de Ferro. Os pilotos utilizavam as suas estações de rádios para comunicação. Nestas mesmas estações eram escritos em seus telhados o nome da cidade e uma seta indicando a direção e distância do campo de pouso. Posteriormente, este procedimento, foi utilizado em cidades que não eram servidas por linhas férreas.

A Expedição Roncador-Xingu concluiu o projeto do Governo Vargas que implantou vias de comunicação aérea, ligando o litoral as outras partes do Brasil. Este projeto vinha sendo executado desde 1931. Todas as regiões do Brasil foram interligadas, como demonstra o mapa das linhas do Correio Aéreo Nacional. Juntamente com a rota aérea Rio – Manaus, foram estabelecidas outras rotas aéreas de igual importância, como a Rota do Tocantins e do Acre. Estava então consolidada uma logística militar que aumentava o controle do Estado brasileiro sobre o seu território. Além do objetivo militar, essas rotas aéreas tinham funções civis junto as populações sertanejas dispersas pelo interior do Brasil. Levavam correspondências, remédios, transportavam doentes para centros com mais recursos hospitalares e apoiavam os contatos com as populações indígenas no sentido de garantir os projetos de colonização²⁵⁶.

²⁵⁶ SOUSA, João Vieira de. Op cit.

O caminho das águas

FOTO VI - Campo de pouso no rio Kuluene.



Fotografo Jean Manzon - Vista aérea do rio Kuluene, afluente do rio Xingu, com campo de pouso. Disponível em: http://www.estadao.com.br/villasboas/galeria_manzon/007.htm. Acesso em 09 de Abril de 2008.

A imagem do rio ocupa os dois planos desta fotografia. Este serpenteia pela floresta amazônica, como se poder ver no terceiro plano da foto, no lado esquerdo. No lado direito da foto, no segundo plano, tem-se uma abertura na floresta, no formato de uma estrada curta, indicando tratar-se de uma pista de pouso de aeronaves.

O que se percebe na leitura desta fotografia é a articulação do caminho terrestre, a picada da Expedição Roncador-Xingu, com os rios com calados que possibilitassem a navegação fluvial e a utilização da navegação aérea. Os rios com calados para portar embarcações de pequeno e médio porte, eram utilizados para fazer chegar até as bases de apoio em construção; a maquinaria, combustíveis e material de construção civil, para edificar as obras de infra-estrutura civil, a exemplo da construção das pistas de pouso.

Picada aberta pela vanguarda da expedição tinha como objetivo reconhecer o espaço geográfico. Não tinha eficácia alguma no abastecimento de víveres, combustíveis e materiais de construção civil. O transporte fluvial tinha grande vantagem comparativa no transporte de cargas não perecíveis; máquinas e suprimentos para a construção das instalações das bases de apoio. Porém, este meio de transporte era muito demorado. Impraticável no transporte de cargas como correspondências, medicamentos, alimentos e pessoas. Recursos indispensáveis na operacionalização das bases de apoio. O avião resolveu esta barreira imposta pelas dimensões territoriais da região amazônica. O estado brasileiro, através da Expedição Roncador-Xingu, a Fundação Brasil Central, Força Aérea Brasileira e o Serviço de Proteção ao Índio, promoveu uma bem sucedida logística que articulava os modais de transporte terrestre, aéreo e fluvial.

Este procedimento operacional da Expedição Roncador-Xingu é percebido nos diários da marcha da expedição de Aragarças até o rio das Mortes. Depois da chegada da expedição ao rio das Mortes, no dia 28 de fevereiro de 1944, o comando da expedição tomou providências quanto a escolha de um lugar adequado às margens do rio para instalar a base do rio das Mortes (base Xavantina). Este lugar foi encontrado no dia 04 de março de 1944. Percebe-se que os trabalhadores utilizaram quatro dias de trabalho para identificar um lugar com as especificações determinadas pelo comando da expedição. A partir deste momento se iniciaram as construções das primeiras instalações da base. Segundo Orlando Villas Boas, a construção da nova base precisava de utensílio como fogão, geladeira a querosene, cama, mesas, cadeiras e cargas de maior volume e densidade como cimento, ferro para construção, madeira serrada, canos e um caminhão para os trabalhos de abertura do campo de pouso de aviões. Estes produtos não poderiam ser transportados de avião devido ao seu volume e densidade. Uma opção seria o transporte destes produtos em caminhões até a mata do Pindaíba e depois desta localidade a carga seguiria em carroções até o rio das Mortes, mas Orlando Villas Boas lembrou dos atoleiros e as pontes e bueiros que facilmente eram levados pelas águas altas dos córregos e riachos²⁵⁷.

²⁵⁷ VILLAS BOAS, Orlando. A marcha para o oeste. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1994, p. 32-33.

A opção para o transporte de utensílios domésticos e materiais de construção civil, da base de Aragarças para instalar a base do rio das Mortes, era navegar descendo o rio Araguaia e depois subir o rio das Mortes²⁵⁸. O rio Araguaia, segundo a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto, foi caminho do movimento migratório dos estados do Para e Maranhão para as cidades de mineração do leste matogrossense, entre elas Lageado, nas décadas de 1920 e 1930²⁵⁹. Mas a navegação pelo rio Araguaia, ainda, é anterior a estas décadas. No ano de 1868, Couto Magalhães iniciou a navegação por este rio com a construção do porto e oficina de barcos no antigo presídio de Leopoldina, atualmente cidade de Aruanã²⁶⁰. Este histórico de utilização do rio Araguaia para o transporte de pessoas e cargas produziu um conhecimento sobre o seu relevo que dava uma margem de segurança para os pilotos que operavam embarcações de carga por este rio na década de 1940. Quanto ao rio das Mortes, esta experiência não existia quando a Expedição Roncador-Xingu chegou ao Vale do Araguaia. Este rio era pouco conhecida na década de 1940. Na década de 1930, os padres salesianos como Sacilotti e Fuchs e Jornalistas e escritores como Willy Aurelli, percorriam o rio das Mortes²⁶¹, mas em embarcações de pequeno porte. Estas incursões não eram o suficiente para produzir conhecimentos que garantisse a segurança para a navegação com embarcações de grande calado. Situação oposta ao que ocorria com o rio Araguaia. Os operadores de embarcações com porte o suficiente para transporte cargas de grande volume, que seriam utilizadas pela primeira vez no rio das Mortes, teriam que enfrentar os riscos desta falta de conhecimento.

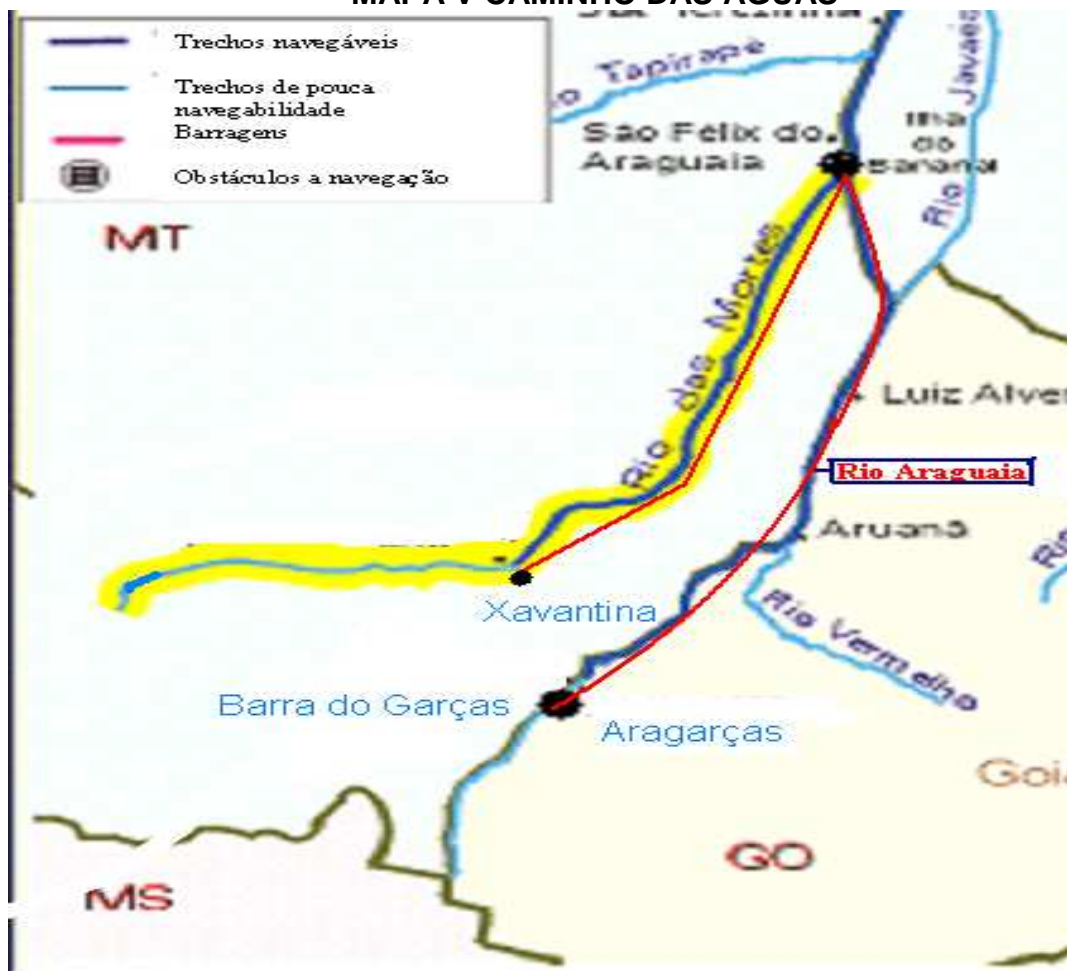
²⁵⁸ Ver Mapa V desta Dissertação.

²⁵⁹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá: Ed.UFMT, 2006. p. 121-133.

²⁶⁰ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia. Br

²⁶¹ MAYBURY-lewis, David. A Sociedade Xavante. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1984, pág. 41. Ver também: AURELI, Willy. Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga. Rio de Janeiro: Edição Cultura Brasileira, 2ª edição. p. 75.

MAPA V CAMINHO DAS ÁGUAS



Fonte: <http://www.transportes.gov.br/bit/hidro/figuras/map-mortes.gif>

Orlando Villas Boas relatou a saída das duas primeira embarcações que saíram de Aragarças com suprimento e maquinária para instalar a base do rio das Mortes (futura Xavantina). O primeiro barco a ser contratado foi o São Felix, que naufragou assim que deixou o cais. Os motivos do Naufragio foram o excesso de carga e má distribuição da mesma. Orlando Villas Boas relata que o barco partiu sob protesto do comandante da embarcação, mas o Cel Vanique os ignorou solenemente. O segundo barco a ser contratado foi o Capitanguara. Desta vez, segundo Villas Boas, foi o comandante da embarcação que ignorou as ordens do Cel Vanique. A carga respeitou a estrutura do barco e o mesmo chegou a base Xavantina no rio das Mortes em 28 dias²⁶². Sobre este Barco, o Capitanguara, o Sr. José Celestino da Silva, relatou a seguinte lembrança:

²⁶² VILLAS BOAS, Orlando. Op cit.

Capitariquara era o Titanic do Araguaia. Pergunta pra o pesquisador: conhece o Titanic, o Navio?. Ele afundou em 1912 – 14 de abril de 1912, esse navio afundou. Ainda ontem passou o filme dele ai.

Ai esse barco, esse motorzão chegou lá em Aragarças. O Cel. Vanique pegou um avião e foi lá. Foi trouxe um caminhão que veio cá. Ai o motorzão chegou. O Cel. Vanique disse: eu quero que o Sr. Vai leva um caminhão lá pro Rio das Mortes. O piloto disse: pode por o caminhão dentro do barco e mais coisa que tem ai. Pode lota que eu faço a viagem pro Sr. Encheu o motor no que pode. É muita coisa, pode lota, o barco é grande. Era como daqui naquela casa. Um mundão veio de barco. Era coisa linda. Tinha oito dançarinas nele. Um bando de moça no segundo andar, era dois andar. Héeee barcão. Esse barco não vem aqui mais. O rio ficou raso. Ai trouxemos o barco de lá. Chegou em (...) bateu numa pedra lá. Quase que foi. O nome dele era Capitariquara. *Já ouviu fala?* Era o nome do barco.

Olha a origem da palavra. Capitariquara na língua Caraja é ninho de tartaruga no fundo d'água. E na nossa língua Capitari é o macho da tartaruga. Quara é uma tartaruga boiando²⁶³.

É provável que o entrevistado também não tenha conhecido o Capitariguara, assim como o entrevistador. Mas como as imagens circulam pela escrita ou pela oralidade, Zé Goiás, se apropriou das mesmas e construiu a sua narrativa fantástica. A associação da imagem cinematográfica do titânic com o Capitaquara, somada as figuras da oito bailarinas em um lugar que ainda não tinha mulheres, produz para o interlocutor uma narrativa espetacular. E Zé Goiás procurou dar autoridade a sua narrativa demonstrando para o entrevistador os seus conhecimentos sobre a etimologia caraja da palavra capitariquara.

Mas as informações que surgem nas lembranças de Zé Goiás, vão além da sua narrativa fantástica. Se encontram com demandas políticas que estão na ordem do dia em Nova Xavantina e no Vale do Araguaia. Trata-se de questões ambientais relacionadas ao desaparecimento de nascentes de águas, assoreamento de rios e perda de espécies vegetais e animais. A entrevista de Zé Goiás, apresenta informações que questionam politicamente o uso predatório do Rio das Mortes. A citação sobre o barco Capitaquara: *“Esse barco não vem aqui mais. “O rio ficou raso”*. Coloca questões para uma pesquisa em História Ambiental que remetem a questionamentos sobre os desmatamentos nas matas ciliares,

²⁶³ Entrevista realizada com Sr. José Celestino da Silva – Zé Goiás - no dia 09 de Janeiro de 2006, em Nova Xavantina.

destruição de córregos e mananciais que compõem a bacia hidrográfica do rio das Mortes e seu, conseqüente assoreamentos. Estas observações parecem estar soltas na transcrição da entrevista, mas as mesmas estão contextualizadas politicamente, se pensarmos nas práticas ambientais promovidas pela expansão da fronteira agrícola no Vale do Araguaia a partir da década de 1940. Também, pensando na produção da memória, a citação sobre a degradação ecológica do rio, é um fragmento de lembranças que possibilitam a visualização das experiências afetivas dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central com o rio das Mortes. Esta relação afetiva com o rio surge na citação que Zé Goiás faz em, sua entrevista, sobre o seu esporte na juventude; a pescaria no rio das Mortes: *“Um dia eu peguei três peixão lá embaixo”²⁶⁴*. Esta informação de Zé Goiás teve por objetivo, chamar a atenção do entrevistador para o fato dos peixes estarem desaparecendo do rio. Trata-se de outra questão para a História Ambiental. O desaparecimento de uma fonte de alimentos e renda para a população que margeia o rio e as conseqüências políticas da perda deste recurso natural.

²⁶⁴ Entrevista realizada com Sr. José Celestino da Silva – Zé Goiás - no dia 09 de Janeiro de 2006, em Nova Xavantina, às 15h00min.

Capítulo III

Xavantes, Sertanejos e Sertanistas no Rio das Mortes

- Vargas: Vanique, eu to planejando uma Expedição aqui. E você vai ser o coordenador dela. Vanique: e os índio hein? Vargas: ah!!! Vamos ter com o Rondon agora. Chamou o Rondon. O Rondon veio.

- Vargas: eu to planejando aqui Rondon uma Expedição daqui a Manaus. E é caminho que mexe com os índio.

- Rondon: ah, os índio é o seguinte: “É morrer se preciso for, matar nunca”.

- Vanique: então tudo bem, nois vamos.

Explorações Sertanistas no Vale do Araguaia

Em 1925, o militar inglês, Sir Percival Fawcett, comandou uma Expedição que tinha por objetivo chegar a Serra do Roncador, nas proximidades do rio das Mortes. Fawcett acreditava que sob os contrafortes desta Serra se encontrava uma avançada civilização, a cidade de Agharta. A fantasia deste explorador inglês se tornou uma matriz de força simbólica para a construção das imagens da parte mais central do Brasil que foram instrumentalizadas pela Expedição Roncador-Xingu, a Fundação Brasil Central, os grupos político que exerceram o poder em Nova Xavantina e, atualmente, faz uso destas imagens, a publicidade para promover o turismo no Vale do Araguaia. A expedição de Fawcett se apropriou das narrativas fantásticas sobre o interior do Brasil, produzidas desde o período da dominação portuguesa na parte central da América do Sul. Estas narrativas, segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda²⁶⁵, tinham um caráter especulativo, do ponto de vista geográfico, mas no imaginário europeu do Antigo Regime, estas imagens faziam parte de uma iconografia que traçava uma verticalidade entre o Velho Mundo, Europa, e o Novo Mundo, América. Portanto, as fantasias sobre o mundo americano tinham uma função política.

Com a Expedição de Sir Percival Fawcett, as instrumentalizações políticas destas imagens fantásticas sobre a parte central da América do Sul ganharam mais uma ferramenta para exercer o seu poder, a autoridade científica. A própria pessoa do explorador já era portadora de autoridade. O título de Sir o colocava na elite política do Império Britânico. Por ser membro desta elite, teve trânsito entre as instituições de Saber do Império. Entre estas instituições estavam a Real Sociedade Geográfica de Londres²⁶⁶, que financiou a Expedição. O aporte financeiro desta instituição ao empreendimento exploratório de Fawcett das terras da parte central do Brasil, pensando com a leitura de Edward Said sobre a percepção européia das terras e pessoas localizadas na parte sul do globo terres-

²⁶⁵ Em relação as fantasias portuguesas produzidas sobre o interior do Brasil nos séculos XVI ao XIX, ver: HOLLANDA, Sergio Buarque de. *A visão do Paraíso*. São Paulo, Brasiliense, 2000.

²⁶⁶ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia*. In: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996.

tre²⁶⁷, estava dentro de um campo de poder, detentor de força simbólica, suficiente para impor as suas imagens.

A imposição destas imagens fantásticas pelo campo de poder do qual fazia parte Sir Percival Fawcett se expressa na consolidação da versão construída para explicar o seu desaparecimento para o público que acompanhava a epopéia do explorador inglês nas selvas do Brasil Central. Segundo esta versão, o explorador encontrou os portais da cidade encantada de Agharta e migrou para a sua avançada civilização, sendo descartadas outras possibilidades para sua morte, como ataque de animais e execução por um dos povos indígenas deste espaço geográfico. As circunstâncias da morte de Sir Percival Fawcett foram investigadas pelo Sertanista Orlando Villas Boas durante cinco anos. Com a colaboração dos índios Calapalo, Villas Boas reconstituiu a execução do explorador inglês, de seu filho e de seu ajudante. Com as informações colhidas junto aos índios, foram localizados e exumados os seus restos mortais. Os mesmos foram enviados ao Museu Nacional para identificação. Porém, a família Fawcett se negou a colaborar nesta etapa da investigação e nunca aceitou os resultados da apuração empreendida por Orlando Villas Boas e, desde então, passou a sustentar a tese de que Fawcett encontrou um portal na Serra do Roncador para uma civilização subterrânea muito avançada²⁶⁸.

A construção da parte mais central do Brasil, como um lugar fantástico, pela Expedição de Sir Percival Fawcett, tornou-se referência para as expedições de sertanistas e exploradores ao território Xavante na década de 1930. Cito a seguir as duas expedições que tiveram mais publicidade e recursos financeiros e foram nomeadas como as novas bandeiras paulistas. Uma delas, a Bandeira Piratininga foi chefiada pelo jornalista Willy Aurelli que foi também o seu cronista. E a Segunda, foi a Bandeira Anhanguera, chefiadas por outro jornalista Hermano Ribeiro e teve, também, duas entradas, uma em 1932 e, a segunda, em 1937.

²⁶⁷ SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

²⁶⁸ FERREIRA, Manuel Rodrigues. *História dos Irmãos Villas Boas: Fundação Brasil Central, Expedição Roncador-Xingu e Parque Indígena do Xingu*, São Paulo, RG Editores, 1997, p. 121-123.

A Bandeira Piratininga

Em 1937, Willy Aureli²⁶⁹, organizou a Bandeira Piratininga. Esta bandeira percorreu o Rio das Mortes, em seguida o Rio Araguaia e chegou até a Ilha do Bananal, onde fez contato com os índios Karajá. Em 1945, retornou ao Rio Araguaia e, no ano de 1949 publicou os resultados sua expedição exploratória a estes dois rios e a Serra do Roncador²⁷⁰. A publicação de Aureli apresentou informações sobre o relevo e os biomas do Vale do Araguaia.

O livro de Willy Aureli com os resultados das suas pesquisas exploratórias deu destaque para os dois rios mais importantes do Vale do Araguaia e a Serra do Roncador. Entretanto, ao descrever o rio das Mortes, apresenta-o em uma narrativa espetacular, com teor fantástico. As imagens do cronista sobre o rio das Mortes é comportada pela mesma icnografia que orientou as leituras de Percival Fawcett sobre a parte Central do Brasil; o imaginário fantástico dos europeus sobre as terras dos continentes; americano africano e asiático. Na citação a seguir, percebem-se as fantasias de Willy Aureli sobre o rio das Mortes em diálogo com as imagens fantásticas sobre o Brasil Central, construídas pelas fantasias de Fawcett. Entre estas fantasias esta a cidade de Agharta, perdida sob os contrafortes da Serra do Roncador.

Rio das Mortes!

Nome sombrio, mas que não corresponde à fantasia de todos. Jamais a mente humana poderá fazer ideia real da majestade deste curso d'água cristalina e pura. Pintor algum sonhou fixar na tela paisagem tão maravilhosa! É indescritível a beleza desta via fluvial que desperta gritos de sincera admiração aos que nela viajam. E gritos de estupefação saíam de nossas bocas, mesmo quando esfalfado pela rude fadiga, irritados e mau humorados, quedávamos extasiados ante um crepúsculo, ou defrontando um conjunto de ilhas, matas e campos esmeraldinos. Desejava possuir mil bocas para gritar ao mundo minha impressão maravilhosa que durou meses a fio. A vista não se cansa de admirar os quadros estupendos. Nenhuma monotonia no ambiente para fazer

²⁶⁹ Willy Aureli nasceu em Santos - SP, em 18 de junho de 1898, e trabalhou no jornal da Noite e Gazeta do Povo, na cidade de Santos. Na cidade de São Paulo, trabalhou para os jornais, Folha da Noite e Folha da Manhã, A Época, O Tempo, Diário Popular, Diários Associados e Shopping News. Como Chefe e cronista da Bandeira Piratininga publicou o seu diário²⁶⁹. Aureli, também é um dos biógrafos de Sir Percival Fawcett

²⁷⁰ AURELI, Willy. Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga, Rio de Janeiro, Edição Cultural Brasileira, 2ª Edição, 1949.

decrecer o entusiasmo que se experimenta desde o início. Se o rio Araguaia é belo, o das Mortes é esplendido! Nunca julguei topar, nesta minha vida de peregrinação, espetáculos tão deslumbrantes como os que aqui deliciaram meus olhos. Nesta maravilhosa manifestação do belo, todos os perigos, todas as tocaias que a natureza prepara, justificam-os a moldura radiosa que os cerca! Poucas regiões do mundo poderão oferecer ao viajante tamanha variedade de paisagem como o rio das Mortes! Um verdadeiro parque!

É a descrição do paraíso na terra. A construção de um lugar para ser identificado com os jardins de uma civilização avançada, a cidade de Agatha²⁷¹, escondida nas selvas do Brasil Central. O fato de Aurelli ter sido um dos biógrafos de Percival Fawcett estabelece uma correspondência entre as fantasias do explorador inglês e esta descrição do rio das mortes feita por Aurelli²⁷². Construir lugares com descrições fantásticas é uma tradição que remonta aos gregos antigos, a exemplo da descrição que Platão construiu para a lendária cidade de Atlântida²⁷³.

Mas a descrição fantástica da paisagem do rio das Mortes não deixa de dar lugar a oposição civilização, litoral do Brasil, lugar da indústria e agricultura, e barbárie, interior do Brasil, lugar do sertão e de populações incultas, índios selvagens e natureza bravia. Na seqüência do relato de Aurelli, a descrição do paraíso, desvia para o outro extremo, a de um lugar traiçoeiro com águas violentas, animais horrendos e pessoas selvagens. Nesta passagem da descrição, grifei a afirmação: *insidia dos selvagens*. O cronista se refere aos índios Xavante, ocupantes do espaço geográfico, percorrido pelas águas do rio das Mortes.

²⁷¹ Segundo a EUBIOSE, sob os contrafortes da Serra do Roncador, esta o portal para a cidade de Agatha. Esta cidade faz parte de uma civilização subterrânea que era procurada pelo Inglês Percival Fawcett quando desapareceu entre os índios Calapalo. EUBIOSE é uma seita religiosa que tem entre os seus cânones, a crença na terra oca, onde encontra-se civilizações mais avançada que a dos terráqueos da superfície do planeta terra.

²⁷² Durante a pesquisa de campo, a leitura da Biografia de Fawcett, escrita por Willy Aurelli, não foi realizada por falta de acesso a obra. Localizei um exemplar desta obra em uma biblioteca particular em Nova Xavantina, mas a proprietária não me franqueou o acesso. Este fato é revelador da instrumentalização política que personalidades da cidade fazem das fantasias sobre a região do Araguaia na gestão da memória da cidade.

²⁷³ Platão. Timeu – Crítias o Segundo Alcibíades Hípias Menor. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3ª Edição. Belém, EDUFPA, 2001, p. 149-175.

A natureza prodigaliza indistintamente as nuances das cores, a pujança da selva, a fereza da fauna, **a insidia dos selvagens**. Aqui, a tremenda solidude do sertão bruto; ali, o mistério da floresta lacustre; acolá, a placidez dos lagos virgens, a brutalidade inaudita dos ciclones, a amenidade das campinas sem fim, a cilada assassina das quedas d'água, a majestade dos barrancos altíssimos, a mansidão das águas puras, o clima inconstante, a tortura dos mosquitos, a fartura inigualável da caça e pesca, a riqueza do solo, as praias alvíssimas, os lodaçais traiçoeiros, as ilhas solitárias, os "igarapés" duvidosos....

Sinuosos como serpentes, os afluentes investem para o desconhecido. As lagoas surgem como reflexo de aço polido. E o imã gigantesco que atrai para o interior povoado pelo mistério ainda não desvendado. Perspectivas abrem-se a cada passo, dividindo, em avenidas, os braços de água. Portais e túneis verdes convidam à penetração, conduzem por corredores jamais palmilhados, ao imprevisível. A vereda tranqüila transmuda-se num tabocal hirto de pontas, agressivo, impedindo o acesso à campina de ervas altas ondejantes à brisa, onde o buritizal campeia soberano, índice seguro de águas potáveis e mansão de gigantescas sucuris. Depois, o cerrado habitado por galheiros, sussuaparas, campeiros e catingueiros, guataparás e cervos. Mais além, tabuleiros dilatados onde a "barba de bode" esconde as varas de queixadas ferozes, de caititus espavoridos.

Em meio a essa solidão, como olho gigantesco a perscrutar o infinito do céu, lagoas circulares de onde irradiam as pegadas da fauna que nelas se dessedenta a horas certas. Milhares de patos selvagens, marrecãos, garças níveas e colhereiros rosados, volteiam pelo espaço ou sulcam as águas paradas enquanto, como troncos amorfos, enormes sáurios balouçam a espera de vítimas.

Imagens como estas circularam na imprensa nacional e, principalmente, na imprensa paulista. Estas duas bandeiras – Piratininga e Anhanguera - foram financiadas por jornais da capital paulista, que publicavam reportagens e fotografias produzidas por seus integrantes. A imagem que Willy Aureli construiu do rio das Mortes se afirmou e se tornou referência para os textos produzidos posteriormente e orientou a imaginação sobre o lugar: rio das Mortes. O cronista participou da sua construção através dos seus textos como as citações anteriores.

Um exemplo desta circulação das imagens do rio das Mortes, construídas pelas expedições exploradoras das décadas de 1920 e 1930 ao Vale do Araguaia é o relato das memórias de Sylvio da Fonseca. Este cronista partici-

pou da expedição do Serviço de Proteção ao Índio - SPI, realizada no ano de 1946, chefiada pelo sertanista Francisco Meireles²⁷⁴. Esta expedição estabeleceu contato com os índios Xavante em nome do governo brasileiro. Em seu livro de memórias, o cronista praticamente copiou uma frase inteira do livro de Willy Aureli, construída para se referir ao rio das Mortes: *“Do ponto de vista pictórico, o Mortes é um dos mais belos rios que cortam os sertões brasileiros”*²⁷⁵.

A cópia desta frase sobre o rio das Mortes, feita por Sylvio da Fonseca do Livro de Aureli, não pode ser transformada em uma acusação de plágio. É um dado como tomado. O momento que uma idéia ou imagem se consolida a ponto de se sobrepor a sua origem. A força desta imagem do rio das Mortes foi verificada, por esta pesquisa, em uma das entrevistas realizadas em Nova Xavantina. O Sr. Fernando Mesquita lembrou em seu relato, da leitura que fez do livro de Willy Aureli²⁷⁶, quando planejava sair da cidade de São Paulo para morar no Brasil Central. Neste fragmento de memória, a referência à imagem construída do sobre o rio das Mortes, por Aureli, é direta.

[...] Sobre o rio das Mortes eu já tinha lido um livro, sobre a Expedição Piratininga de Willy Aureli que falava do Rio das Mortes. [...] E eu não tinha visto o Rio das Mortes. Então eu atravessei, entrei na cozinha, fui andando, fui lá pela cozinha, o rio das Mortes. Tive a maior decepção. Porque ele tava muito cheio, estava muito barrento. Parecia uma coisa extremamente feia. Não tinha nada há ver com o que o Willy Aureli tinha descrito.²⁷⁷

A decepção do entrevistado não enfraquece a imagem do rio das Mortes, construída por Aureli. O fato da vista do rio não corresponder a sua expectativa, demonstra a força simbólica que esta imagem exerceu sobre a imaginação de Fernando Mesquita em relação ao rio e ao centro do Brasil. Esta citação também é uma indicação da instrumentalização destas imagens para mobilizar os indivíduos que participaram destas expedições, na década de 1930 e, ainda na década de 1980, orientou uma decisão individual em migrar da cidade São Paulo

²⁷⁴ FONSECA, Sylvio da. Frente a Frente com os Xavante. Rio de Janeiro. Irmãos Pongetti Editores, 1948.

²⁷⁵ FONSECA, Sylvio, Op. Cit, p. 49.

²⁷⁶ Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga, Rio de Janeiro, Edição Cultura Brasileira, 2º edição, S/D.

²⁷⁷ Entrevista com Fernando Mesquita em 15/01/2006, as 14:00 horas.

para o interior do Brasil. É óbvio que nem todas as pessoas que decidiram migrar das regiões Sul e Sudeste do Brasil para o Brasil central e Amazônia eram leitores deste gênero literário²⁷⁸, que além de Willy Aurelli, contava com publicações de outros sertanistas como Hermano Ribeiro, Francisco Brasileiro e Silvyo da Fonseca. Mas, os que se decidiam por buscar uma nova vida nas partes centrais do Brasil tinham acesso a propaganda governamental que circulava pela imprensa, principalmente, o rádio²⁷⁹. Esta publicidade se apropriou destas imagens, construídas por estes textos de literatura de viagem.

Neste sentido, o relato de Willy Aureli ultrapassa os limites do encantamento pictórico. A citação de Fernando Mesquita demonstra como o olhar destes exploradores e sertanista foi instrumentalizado para a construção das imagens sobre o Brasil, sejam estas imagens abstratas ou visuais. A positividade política destas imagens se revela quando a mesma aparece nas referências de um indivíduo que decidiu transferir sua residência da cidade de São Paulo para Nova Xavantina, na década de 1980.

O contexto político das décadas de 1930 e 1940 acelerou o avanço das fronteiras políticas e econômicas do Brasil. Projetos de colonização empreendidos no interior do Brasil, como a CAND – Colônia Agrícola de Dourados, atualmente cidade de Dourados no Mato Grosso do Sul, e a CANG – Colônia Agrícola de Goiás, atualmente cidade de Ceres, se consolidaram. Considerando este contexto, é possível visualizar, na narrativa de Willy Aurelli, os indícios de um olhar que busca o viés econômico na paisagem do rio das Mortes, como o que surge na citação a seguir:

Depois é o estirão da floresta bruta e, mais além a restinga de mata virgem, onde a peroba, o tambury, o jatobá, o jequitibá, o cedro, o pau-marfim, a colossal landy, a congonha, a ameixa, a aroeira, a canela-preta, a copaíba, o pau-d'alho, o

²⁷⁸ Sobre o gênero literário, *Literatura de Viagens*, ver: ETTE, Ottmar. Os caminhos do desejo na literatura de viagens: um ensaio sobre a sua multidimensionalidade e as figuras fundamentais dos movimentos que coloca em cena. Revista Humboldt. Ano 46, número 89. Bonn, Goethe Institut, 2004.

²⁷⁹ Sobre a propaganda governamental elaborada para convencer as pessoas a migrar para a Amazônia e Brasil central ver: GUIMARAES NETO, Regina Beatriz. A Lenda do Ouro Verde: política de colonização no Brasil Contemporâneo, Cuiabá, UNICEN, 2002.

ypê, a ariundiva, se entrelaçam pelos cipós serpenteantes, tolhendo o passo tardio ao invasor atento aos mil perigos.

E buritis, babaçus, tucuns, guarirobas, indaiás, constituem muralhas verdes de palmas à espera que o homem delas se vala com usura. Nas margens, os “sarans”, a madeira que dá o fogo, que traz o “o calor e amizade”, como dizem os índios, a goiabeira brava, o caniço, o bambual, a pindaíba, a taboca, forma toda a gama do verde, desde o mais pálido ao mais escuro. Os “paus d’arco” floridos pintam de ouro o conjunto, enquanto pelos travessões as águas cantam e eterna melopéia adormecedora!

Tudo isso numa sucessão que não cansa. O belo e o horrível se casam sem a menor transição. Unem-se em estreito abraço, amparam-se na disparidade violenta, nivelando-se na solidão perpetua e soberana!²⁸⁰

As árvores nomeadas por Willy Aureli são as de utilização na indústria da construção civil e moveleira. Suas observações se relacionam com a postura política da elite paulista, de que a sua economia detinha hegemonia em relação às demais regiões do país. Para eles, São Paulo era a locomotiva do Brasil²⁸¹.

A Bandeira Anhanguera.

O historiador Acir Montecchi ao fazer seu estudo sobre a Bandeira Anhanguera, demonstrou como estas expedições exploradoras ao centro do Brasil se articulavam com o contexto político de reafirmação das elites paulistas, na década de trinta. Isto se deu após a derrota da revolução constitucionalista em 1932, liderada por São Paulo, sendo derrotados pelo Governo Federal. Esta derrota obrigou os paulistas a redefinir o seu projeto de hegemonia cultural na construção de uma história do Brasil.

Nesta redefinição do papel político de São Paulo na nova configuração de poder no Brasil, após a ascensão de Getúlio Vargas ao poder central, a elite política paulista redefiniu o papel da sua instituição de gestão da memória: o Instituto Histórico de São Paulo. Os membros desta instituição se encarregaram de construir um passado para a história política do Brasil que estabelecesse uma

²⁸⁰ AURELI. Willy. Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga, Rio de Janeiro, Edição Cultura Brasileira, 2º edição, S/D, p 75.

²⁸¹ Ver: MONTECCHI, Acir Fonseca. Teatro de Imagens: A Bandeira Anhanguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001.

relação de hierárquica entre São Paulo e as demais regiões do território brasileiro²⁸². Construir uma hegemonia cultural era, então, pré-requisito para a liderança política e econômica dos paulistas diante das elites de outros estados do Brasil. Segundo Montecchi, as intenções hegemônicas desse projeto dos paulistas se destacam nos preparativos da Bandeira Anhangüera em 1937²⁸³.

Para potencializar os efeitos de publicidade da Bandeira Anhangüera, os jornais se apropriaram de argumentos científicos para que suas narrativas tivessem autoridade junto aos seus públicos. Foi montado um enredo espetacular para impressionar os leitores. Estas narrativas construía a elite paulista como protagonista de todas as iniciativas de expansão fronteiriça rumo ao interior do Brasil. Desta forma, São Paulo buscou se construir como detentor de uma hegemonia cultural na história do Brasil.

Para construir este efeito publicitário, segundo o historiador Acir Montecchi, os textos de jornal impresso e radiofônicos, buscaram de maneira incisiva estabelecer comparações narrativas entre a Bandeira Anhangüera e as bandeiras de pesquisa mineral e de caça aos índios que paulistas empreenderam nos séculos XVII e XVIII.

O interesse que a Bandeira Anhangüera, com um itinerário que deu prioridade ao Vale do Araguaia²⁸⁴, despertou na imprensa e, conseqüentemente, na opinião pública, despertou também a atenção do Presidente Getúlio Vargas. O Governo Vargas se apropriou deste interesse político das elites paulistas por construir as suas imagens para o interior do Brasil, dentro de uma verticalidade que privilegiava São Paulo e empreendeu junto à opinião pública paulista, a busca de apoio político e apoio financeiro para o seu projeto de exploração e ocupação das partes mais centrais do Brasil. Tratava-se dos preparativos para a expedição Roncador-Xingu.

²⁸² MONTECCHI, Acir Fonseca. Op. Cit.

²⁸³ MONTECCHI, Acir Fonseca. Op. Cit.

²⁸⁴ Cf. MONTECCHI, Acir Fonseca. Op. Cit.

A Expedição Roncador-Xingu e a reconciliação com São Paulo

No campo simbólico, as elites paulistas, se apropriaram da Expedição Roncador-Xingu. Segundo Manuel Ferreira Lima Filho, a partida da expedição de São Paulo se deu como uma reatualização do mito da conquista pelos bandeirantes desta parte mais central do Brasil. Uma exibição simbólica que demonstrou a intenção de São Paulo em se apropriar da expedição, foi a realização de uma missa na basílica de São Bento para abençoar os expedicionários, na partida da expedição, em 07 de agosto de 1943. A basílica de São Bento é a mesma onde se realizava as missas nas ocasiões de partida das expedições bandeirantes nos séculos XVII e XVIII²⁸⁵.

Este interesse de São Paulo pela Expedição Roncador-Xingu, esta dentro do contexto de construção de hegemonia cultural de São Paulo estudado por Acir Montecchi²⁸⁶. Mas o historiador demonstra as estratégias políticas de Vargas em se apropriar dos interesses dos paulistas na Expedição Roncador-Xingu, para garantir-lhe apoio político e doações financeiras. Segundo Orlando Villas Boas, existia uma boa vontade da elite paulista em fazer doações para a expedição:

Em São Paulo, o ministro e o chefe da Guarda tiveram boa recepção e farta doação. Sinhá Junqueira, dona de um império agrícola em Ribeirão Preto, doou 90 mil litros de álcool-motor; a São Paulo Alpargatas deu 2 mil metros de lona; a Cia Antarctica cedeu, para manter o alto ânimo expedicionário, alguns milhares de litros de “incentivos”; a Armour e a Swift doaram perto de 30 mil galões de corned-beef[...]²⁸⁷.

O apoio das elites políticas e econômicas de São Paulo foi empenhado ao governo Vargas na execução da Expedição Roncador-Xingu. É o que pode ser constatado nesta citação de Orlando Villas Boas. Também, o governo Vargas se apropriou da publicidade das bandeiras exploratórias da década de 1930 ao Vale do Araguaia. As explorações geográficas, pesquisa mineral, fauna e

²⁸⁵ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia*. In: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996, p. 44 e 45.

²⁸⁶ MONTECCHI, Acir. Op cit.

²⁸⁷ VILLAS BOAS, Orlando. *A Marcha para o Oeste*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1994, p. 25.

flora e entradas ao território Xavante, construíram o palco para o lançamento do projeto Marcha para o Oeste no ano de 1938, logo após a implantação do Estado Novo em 1937. Estas imagens das expedições exploratórias da década de 1930, junto à opinião pública, produzidas pela imprensa paulista, se tornaram matrizes para a produção de outro repertório simbólico que era necessário ao governo Vargas para viabilizar politicamente os seus projetos de colonização no Vale do Araguaia. Este novo repertório de símbolos deveria tornar positiva a figura indígena. Neste empreendimento, foi apropriada toda uma tradição cultural advinda da literatura brasileira, que transitou a figura do índio da condição de barbárie para uma humanidade. Todavia, esta humanidade esteve sempre sob a tutela do estado brasileiro. Neste momento esta tutela foi efetivada pelo Serviço de Proteção ao Índio – SPI. As intenções governamentais, neste Novo discurso sobre os índios era incorporá-los aos projetos de colonização e expansão das fronteiras econômicas no interior do Brasil²⁸⁸.

Segundo o historiador Alcir Lenharo, o consenso intelectual foi construído pelo Governo Vargas, “[...] através de uma burocratização intensiva da intelectualidade [...] com o fim de efetivar a centralização do poder simbólico [...]”²⁸⁹. Nesta operação política, o governo Vargas garantiu o isolamento dos intelectuais que se opunham a Marcha para o Oeste. Caio Prado Junior era um destes opositores. Para este intelectual, o projeto de ocupação da parte central do Brasil, do Governo Vargas, cometia os erros do período colonial, ao promover a dispersão e instabilidade do povoamento. Prado Junior liderava um grupo de intelectuais que, acreditava que antes de conquistar o Oeste era preciso povoar o Leste²⁹⁰.

Para neutralizar esta oposição, a repressão e o isolamento das idéias dissonantes não eram suficientes. A autoridade não se afirma pela nega-

²⁸⁸ Sobre a incorporação as intenções do governo Vargas em incorporar os índios ao processo de expansão das fronteiras econômicas para o interior do Brasil ver: GARFIELD, Seth. As raízes do que hoje é o Brasil: Os índios e o estado-nação na era Vargas. São Paulo, Revista Brasileira de História, Volume 20, número 39, 2000.

²⁸⁹ LENHARO, Alcir. Sacralização da Política, Campinas, Papirus, 1986, p. 53.

²⁹⁰ WAIBEL, Leo. Capítulos de Geografia Tropical do Brasil, Rio de Janeiro, Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente, 1979, pg 310. Este tipo de debate é muito interessante- o descontentamento dos paulistas com a política varguista. Mas não tenho espaço aqui para explorar mais esse viés. O que seria muito bom, pois colocaria o debate no lugar de outras perspectivas.

ção. Segundo Edward Said, a autoridade “[...] é formada, irradiada, disseminada; é instrumental, é persuasiva; tem posição, estabelece padrões de gosto e valor; é virtualmente indistinguível de certas idéias que dignifica como verdadeira [...]”²⁹¹. Nesta leitura, uma imagem para ser eficiente, precisa ser lida de forma funcional dentro dos seus respectivos sistemas simbólico. As imagens do Brasil Central, reeditadas pelos novos bandeirantes paulistas tinham esta funcionalidade; o que foi verificado, na ocasião da viagem do Presidente Getúlio Vargas, à Ilha do Bananal em Agosto de 1940²⁹².

O Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP – construiu as imagens do Presidente entre os índios Karajá, relacionando a primeira viagem de um Presidente da República a uma área indígena, com as expedições dos bandeirantes do período colonial. Sendo que, esta viagem do presidente não fora ariscada como as dos primeiros bandeirantes; o presidente tinha a sua disposição a tecnologia do transporte aéreo. Ainda assim, não deixou de ser um acontecimento apoteótico, pois os fotógrafos do DIP acompanhavam o presidente para registrar as imagens dos índios que deveriam ser transformadas em relíquias: segundo as diretrizes ideológicas do Estado Novo²⁹³. Estas diretrizes ideológicas foram estabelecidas pelo Serviço de Proteção aos Índios – SPI: “[...] Não queremos que o índio permaneça índio. Nosso trabalho tem por destino sua incorporação à nacionalidade brasileira [...]”²⁹⁴. Nesta nova configuração de poder simbólico, construída pelo Estado Novo, os índios não precisavam mais serem eliminados fisicamente. O Estado Novo havia encontrado um lugar para eles em seus projetos de colonização do Centro-Oeste do Brasil. Tratava-se da reedição do lugar do índio na sociedade brasileira. Segundo Rita Heloisa de Almeida, no Brasil, índio sempre foi um assunto de Estado. A Coroa Portuguesa administrou as populações indígenas com vistas a legitimar as suas pretensões territoriais na

²⁹¹ SAID, Edward. O Orientalismo. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p 31.

²⁹² MENDOZA, Carlos Alberto Casas. Nos olhos dos outros: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940-1970), Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, (Tese de Doutorado), 2005, pg 123.

²⁹³ GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. Revista Brasileira de História (Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, p. 15-42. 2000.

²⁹⁴ GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. Revista Brasileira de História (Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, p 15-42. 2000. p 18.

parte central da América do Sul, aumentar o rebanho da Fé Católica e integrar estas populações nos seus projetos de colonização como mão-de-obra e súditos da Coroa Portuguesa com vistas a produzir argumentos a serem utilizados nas disputas diplomáticas com a Coroa Espanhola por territórios na parte mais central da América do Sul²⁹⁵. Este último objetivo teve seqüência no período imperial e alcançou a República como se pode observar nos discursos do Presidente Getúlio Vargas sobre a expansão das fronteiras brasileiras para o Brasil Central e Amazônia. Segundo Vargas, o lugar dos índios se resumia em serem: “[...] *trabalhadores da floresta, sentinelas da fronteira, soldados da nação e trabalhadores da ‘glória’ nacional [...]*”²⁹⁶

Nesta mesma viagem a Ilha do Bananal, Getúlio Vargas fez uma incursão ao território Xavante, sobrevoando o Vale do Araguaia de avião. Segundo o DIP, de binóculo, o Presidente avistou uma aldeia Xavante não localizada pelos representantes das agências estatais responsáveis pelas relações entre os índios e o Governo Brasileiro²⁹⁷. Para o Marechal Cândido Rondon, o Presidente Vargas não viu nenhuma aldeia Xavante, o avião presidencial sobrevoou aldeias de outros povos indígenas do Xingu. Ainda segundo Rondon:

As aldeias observadas pela comitiva presidencial serão possivelmente dos índios do Xingu e não dos Xavante, que vivem na vertente setentrional do alto do rio das Mortes. Estão elas ligadas entre si por uma larga estrada completamente limpa, demonstrando tráfego constante e permanente.²⁹⁸

Mas a negativa de Rondon, mesmo sendo ele uma autoridade intelectual para tratar deste assunto, devido ao seu conhecimento do espaço de Mato Grosso e da técnica cartográfica, não altera uma análise sobre esta pretensão de visualização de aldeias Xavante pelo Presidente Getúlio Vargas. A linguagem do poder cria o fato e, sobretudo, suas representações. O importante era o Presidente Vargas observar “todos” os grupos indígenas. O vôo do avião Presi-

²⁹⁵ O Diretório dos Índios. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1997.

²⁹⁶ GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. Revista Brasileira de História (Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, p 15-42. 2000, p. 24.

²⁹⁷ Idem, p. 20.

²⁹⁸ Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. Rumo ao Oeste, Rio de Janeiro, Ministério da Guerra, 1942.

dencial sobre as cabeceiras dos rios do Xingu indicou o fim do isolamento dos Xavante em relação à sociedade brasileira.

Um ano depois da viagem presidencial a Ilha do Bananal, em 1941, o SPI enviou a primeira expedição para “pacificar” os índios Xavante. Esta expedição terminou em tragédia, sendo morto o seu chefe, o Engenheiro Genésio Pimentel Barbosa. Em 1946 foi enviada uma segunda expedição, chefiada por Francisco Meireles. Esta expedição estabeleceu um contato com os Xavante sem a materialização de violência física, o que não nos permite afirmar que o contato foi pacífico. Não é possível desconsiderar as desconfianças e as apreensões de ambos os lados. Mas para efeitos de publicidade governamental, a expedição de Meireles, resultou na atração e “pacificação” dos Xavante²⁹⁹.

²⁹⁹ SILVA, Aracy Lopes. Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela da(org). História dos índios no Brasil, São Paulo. Companhia das Letras, 1992, p. 368.

No Coração Bárbaro do Brasil

Foto VII – Tomada aérea de aldeia Xavante



Fotografo: Jean Manzon – Revista O Cruzeiro 24 de julho de 1944



Recorte da fotografia anterior: Fotografo - Jean Manzon – Revista O Cruzeiro 24 de julho de 1944

A imagem construída por esta fotografia traz em primeiro plano a figura da sombra de um avião, ocupando aproximadamente um terço da tomada da fotografia. Ainda que a sombra da silueta do avião esteja ocupando mais o lado esquerdo do que o lado direito, pode-se considerar como o primeiro plano, pois o lado direito da fotografia esta vazio. Identificar com destaque as figuras que surgem nos primeiros planos das imagens visuais é de fundamental importância, pois estas estabelecem uma relação de hierarquia com as demais figuras que as compõem. Aqui cabe destacar que os textos visuais são construídos por recortes, orientados pelos mesmos critérios de seleção que compõem os recortes de construção dos demais gêneros textuais. O fotografo, constrói os recortes das suas fotografias a partir do seu universo cultural.

O segundo plano da fotografia é formado pelas figuras de três habitações. A maior ocupando o lado esquerdo da foto e no lado direito aparece uma casa menor e uma parte de uma terceira casa. Próximo a estas casas surgem às figuras humanas da imagem. Do lado esquerdo da imagem aparece uma figura humana em movimento. Este movimento esta indicando uma fuga da cena. E no lado direito do segundo plano da fotografia, aparece seis figuras humanas, sendo que quatro delas estão circundando a casa menor. Estas figuras, ao contrário da figura do lado direito, não parecem estar em fuga. Pelo contrário. Estão apontando arcos e flechas para o alto, como se pode observar mais claramente, no recorte desta parte da fotografia, feita pela edição da publicação.

Esta Fotografia foi produzida pelo fotografo francês Jean Manzon³⁰⁰ e publicada no dia vinte e quatro de julho de 1944 pela revista o cruzeiro em uma reportagem que teve por título *“enfrentando os Chavantes”*. O texto da reportagem foi assinado pelo jornalista David Nasser que fazia dupla com o fotografo Manzon³⁰¹. A tomada fotográfica foi feita da cabine de um avião Fock-Wulff da Força Aérea Brasileira. Tinha na tripulação, o capitão Antonio Eugenio Basílio, piloto da FAB e um mecânico de bordo, também de nome Antonio. Como passa-

³⁰⁰ Jean Manzon se transfere de Paris para o Rio de Janeiro em 1940. É responsável pela inovação do fotojornalismo brasileiro a partir de 1944, introduzindo o conceito de ensaio fotográfico no país. Revolucionou a fotografia de imprensa ao realizar ampla reportagem sobre os índios XAVANTES, publicada na edição de 24 de junho 1944 na revista O Cruzeiro, ocupando a capa e 18 páginas inteiras.

³⁰¹ MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri de Souza. Bem na Foto: a Invenção do Brasil na Fotografia de Jean Manzon. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2007.

geiros estavam a bordo o repórter fotográfico Jean Manzon e o jornalista David Nasser.

Esta foi a versão apresentada pela edição da revista O Cruzeiro, mas outras versões questionam a revista. Segunda a historiadora Ana Cecília I. de Souza Martins, a fotografia foi questionada por um fotografo da própria revista O Cruzeiro, Flavio Damm. Segundo, o fotografo, *“era tecnicamente impossível realizar esta fotografia com uma câmara fotografia Rolleiflex em um avião em movimento”*. O mais provável é que a imagem da aldeia Xavante tenha sido feita pelo SPI, com câmeras cinematográficas. Para a edição da reportagem, a dupla: jornalista e fotografo, ganharam de presente uma documentação de reconhecimento da trajetória da Expedição Roncador-Xingu do Ministro João Alberto³⁰². Entre esta documentação havia um fotograma que foi decomposto e remontado, formando a imagem da aldeia Xavante, publicado como se a fotografia fosse de autoria de Jean Manzon.

É obvio que Jean Manzon desmentiu esta versão. Segundo as memórias do fotografo, a fotografia foi tomada com uma câmara Gaumont. Segundo ele, esta câmara tinha recursos técnicos capaz de registrar com precisão cenas em movimento. Mas, independentemente das desconfianças, bem fundamentada, dos profissionais da fotografia dos anos de 1940, a reportagem *“Enfrentando os Chavantes”*, foi um sucesso de venda e circulou pela imprensa nacional e internacional³⁰³.

O sucesso de venda que a revista O Cruzeiro obteve com a reportagem *“Enfrentando os Chavante”*, ultrapassa os limites dos talentos de Jean Manzon e de David Nasser para o fotojornalismo que começava a surgir no Brasil das décadas de 1930 e 1940. A plasticidade da imagem heróica dos Xavante, enfrentando um avião, provoca surpresa no observador, mesmo que este não tenha formação intelectual para a leitura artística de imagens produzidas por um fotografo como Manzon. A imagem dos Xavante produzida pela fotografia de Manzon ganhou, ainda mais força simbólica, devido ao seu entrecruzamento com as proposições políticas do Estado Novo que visava construir uma memória visual para as partes interiores do território brasileiro e reeditar a imagem do índio, não

³⁰² MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri de Souza. Bem na Foto: a Invenção do Brasil na Fotografia de Jean Manzon. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2007, p. 49.

³⁰³ Martins, Ana Cecilia I. de Souza. Op Cit.

mais como bárbaro, mas como portador de valores da cultura ocidental. A tomada fotográfica aérea dos Xavante produzida por Jean Manzon, coloca os Xavante nesta fronteira; entre a irracionalidade Barbara, como enfrentar um avião com arco e flecha; contrastando com uma atitude de dignidade e coragem, demonstradas no ato de defender-se, a despeito de qualquer sacrifício. É partir destas leituras que o público da Revista fez da fotografia de Manzon que devem ser considerados os desdobramentos das imagens da reportagem “Enfrentando os Chavantes”. Outras reportagens da revista o Cruzeiro foram apropriadas nesta construção de uma memória visual do interior do Brasil no Governo Vargas, mas esta, dos Xavante, foi a mais eficiente neste projeto político. A historiadora Ana Cecília I. de Souza Martins, propôs uma analogia entre o sucesso da Revista O Cruzeiro nas décadas de 1930 a 1960 e a Missão Francesa que chegou ao Brasil com a família real portuguesa em 1808. Esta missão trouxe para o Brasil os artistas; pintores e gravadores, que construíram uma memória visual do Brasil no século XIX. Os Fotógrafos e jornalistas da Revista o Cruzeiro, entre os mais conhecidos estão Jean Manzon e David Nasser, desempenharam o mesmo papel político na primeira metade do século XX. A Historiadora caracterizou Jean Manzon como o *Debret do século XX*³⁰⁴.

A circulação das imagens do interior do Brasil feita pela revista O Cruzeiro para a opinião pública brasileira e estrangeira se verifica no texto da romancista Rachel de Queiroz, citado a seguir:

Uma das mais fortes emoções que o papel impresso já me proporcionou, devo-a ao cidadão do mundo, Jean Manzon. Era uma fotografia e representava um guerreiro Xavante de arco esticado, a seta apontada para o céu, pontaria alçada contra o avião cuja sombra negra lhe aparecia ao lado. Além de toda a força plástica de quadro tão belo, havia ainda um elemento dramático, eterno, naquele flagrante. Era o próprio **coração bárbaro do Brasil**, enfrentando o mundo, o choque inicial do homem primitivo contra os engenhos mais modernos da civilização – era assombroso constatar que o selvagem não se apavorava, que sozinho e nu no meio da selva enfrentava a espantosa ave de ferro e de que inimigos. Essa fotografia foi feita em plena guerra, quando os tanques e os aviões de nazistas punham de joelhos a Europa inteira. Fazia bem, dava vontade de chorar, ver a cólera e a bravura do bárbaro no próprio instante em que metade do mundo, acovardada e vencida, enchia a gente de vergonha

³⁰⁴ A historiadora se refere ao aquarelista Frances Jean-Baptiste Debret, que juntamente com outros artistas que estiveram no Brasil no século XIX, como Johann Moritz Rugendas, produziram um conjunto de imagens que compõem uma memória visual do Brasil do período imperial.

de pertencer à raça humana também. (Rachel de Queiroz, 1956)³⁰⁵.

A definição de Rachel de Queiroz do Vale do Araguaia como *coração bárbaro do Brasil* é um exemplo de como a fotorreportagem de Jean Manzon e David Nasser fizeram circular as imagens dos povos indígenas para o público urbano do Brasil. O lugar político da romancista, Rachel de Queiroz, delegava autoridade às imagens da reportagem, potencializando a sua força simbólica dentro de um contexto político de construção de uma memória visual das partes interiores do território Brasileiro. O público leitor brasileiro já possuía uma imagem das partes centrais do Brasil, construídas por sertanistas e exploradores nas primeiras décadas do século XX. Exemplo de Percival Fawcett, Willy Aurelli e Hermano Ribeiro. A Revista o Cruzeiro se apropriou destas imagens, mas não lhes conferiu os devidos créditos ao arrogar para si, de forma pretensiosa, a tarefa de estar *apresentando o Brasil para os brasileiros*³⁰⁶. As pessoas e terras das partes interiores do território brasileiro já haviam sido apresentadas ao povo brasileiro pelos textos de literatura de viagem produzidos pelos bandeirantes e novos Bandeirantes desde o período colonial, de forma muito mais extensiva e intensiva, na primeira metade do século XX. Entretanto, a pretensão da revista, *apresentar o Brasil para os Brasileiros*, não tem lugar como produção de imagens, estas já existiam, mas quanto à circulação destas imagens, sua pretensão deve ser considerada. A ferramenta de mídia utilizada pela revista, à fotografia, era muito mais eficiente que os textos de literatura de viagem produzidos pelos cronistas das expedições exploradoras da primeira metade do século XX. A leitura do texto fotográfico é produzida com maior velocidade que a leitura dos textos literários, por esta razão, apropriado por um público de maior escala.

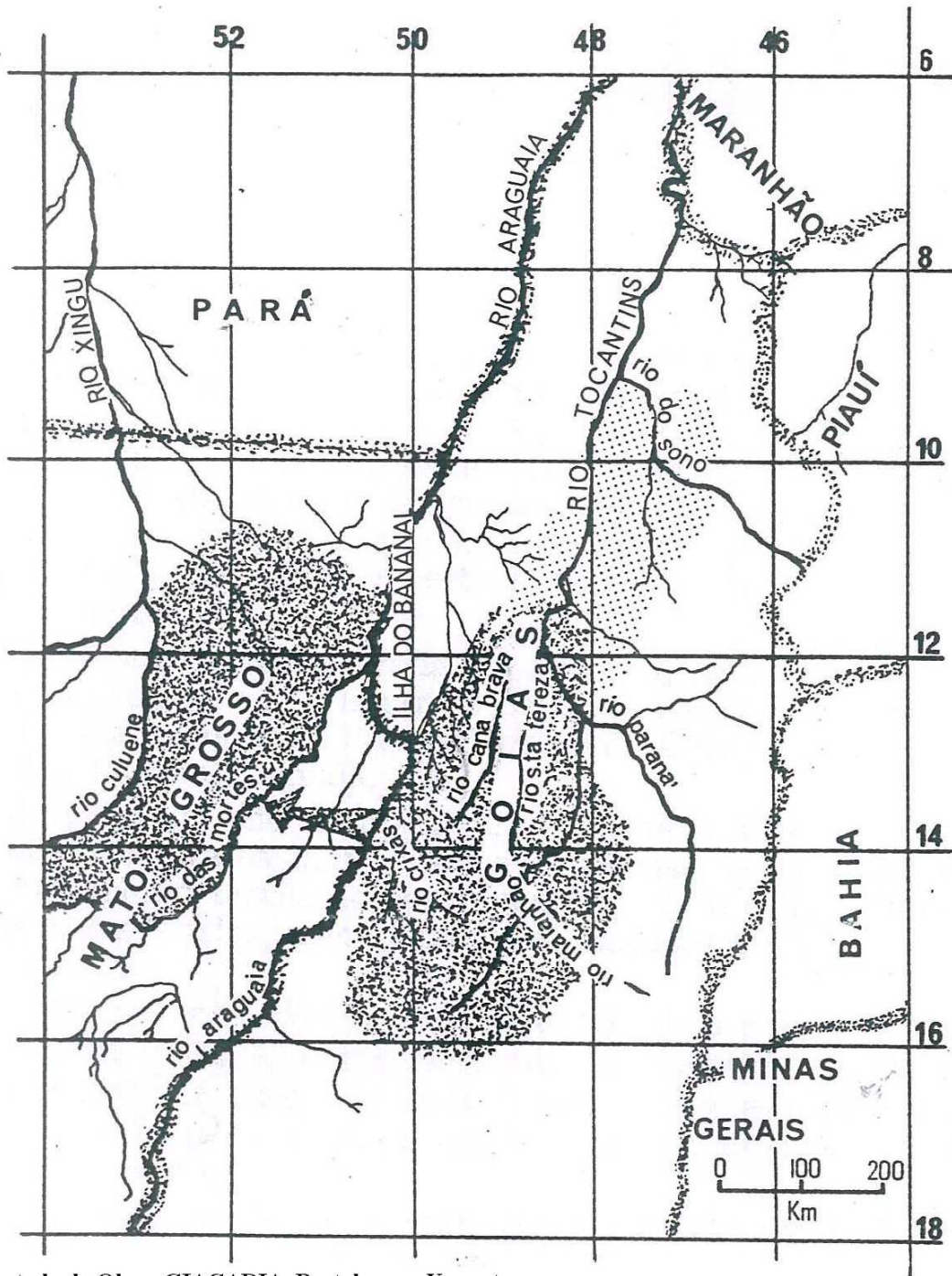
Neste sentido, a imagem descrita de forma espetacular pela romancista Rachel de Queiroz, estava dentro de uma iconografia preexistente sobre os Xavante, pois estes já ocupavam a parte norte do Vale do Araguaia, margem esquerda do rio das Mortes, à aproximadamente um século. Como demonstra o mapa a seguir:

³⁰⁵ PEROTTI, Rosangela Terezinha. José Hidasi e os Naturalistas no “Coração Bárbaro” do Brasil. Dissertação de Mestrado. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2005, (contra capa da Dissertação).

³⁰⁶ MARTINS, Ana Cecilia Impellizieri de Souza. Op. Cit.

Mapa VI – Migrações Xavante

TERRITÓRIOS XAVANTE



Adaptado da Obra: GIACARIA, Bartolomeu. Xavante: Auwê Uptabi - Povo Autêntico, São Paulo, Editora Dom Bosco, 1972, pag. 34.

Até a primeira metade do século XIX, os Xavante estavam no norte do atual estado de Goiás. Somente depois deste período, em momento indefinido pela etnografia, é que os Xavantes passaram a viver entre os rios Araguaia e Batovi. O território Xavante fazia fronteira com a nação Xerente, que também participa do tronco lingüístico Macro-Jê. Esta proximidade cultural permitiu que os Xerente fossem utilizados como agentes apoiadores do contato de sertanistas, religiosos e exploradores com os Xavante, da década de 1920 até a instalação da Fundação Brasil Central no Vale do Araguaia. David Maybury-Lewis fez pesquisa participante entre os Xerente em 1956, para apreender a língua, antes de seguir para a área indígena Xavante, onde realizou a pesquisa nos anos de 1958 e 1962³⁰⁷. Mas o SPI, já havia se utilizado desta estratégia nas atividades de contactação dos Xavante, durante a instalação da Fundação Brasil Central no rio das Mortes. Levou para a base do rio das Mortes, um de seus funcionários, o Sr. Euvaldo Gomes, que trabalhava com os Xerente e sabia a sua língua. A familiaridade deste funcionário com língua Xerente facilitou o aprendizado da língua Xavante e, conseqüentemente, o contato com estes índios³⁰⁸.

Enquanto os Xavante estavam no norte da Província de Goiás até o século XIX, mantiveram contato com os fazendeiros e garimpeiros que se instalavam nesta província. E, em momento não especificado pela etnografia, atravessaram o rio Araguaia, estabelecendo-se a margem esquerda do rio das Mortes³⁰⁹, ocupando espaços que constituíam o território Bororo. Este histórico de contato dos Xavante com os sertanejos; criadores de gado e garimpeiros, até o século XIX, questiona a imagem que as Expedições à parte central do Brasil, na década de 1930, construíram dos Xavante, apresentado-os como ferozes e arredios aos “civilizados”. A migração dos Xavante da Província de Goiás para o Vale do Araguaia é indicio de uma decisão política de evitar o contato com a expansão agrícola e a mineração que existia nesta província desde o período colonial.

³⁰⁷ MAYBURY-LEWIS, David. *A Sociedade Xavante*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984.

³⁰⁸ Quanto ao trabalho de Euvaldo Gomes com os Xavante, em Xavantina, Entrevistei a sua esposa, Sra. Maria Gomes em 13/01/2006, em Nova Xavantina. Nesta entrevista, ela me confirmou que o objetivo do SPI em levar o seu marido para Xavantina era o fato do mesmo saber a língua Xerente e por isso aprenderia rapidamente a língua Xavante, o que ocorreu.

³⁰⁹ SILVA, Aracy Lopes. *Dois Séculos e meio de História Xavante*. In: CUNHA, Manuela da(org). *História dos índios no Brasil*, São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

Entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, os Xavante viveram afastados dos sertanistas, religiosos e fazendeiros do sertão. Os que se aventuravam em seus territórios, ou navegavam o rio Araguaia, eram atacados e mortos.

Quando colonizadores começaram a chegar à região compreendida entre o Araguaia e o rio das Mortes, os Xavante começaram a fazer emboscada e matar os intrusos. Por volta da década de 30, já tinham criado, na região, sua reputação de ferocidade. As pessoas tinham medo de passar a noite em acampamentos em qualquer ponto da margem esquerda do Araguaia [...]³¹⁰

Esta constatação feita pela pesquisa de campo de David Maybury-Lewis, também surgiu nos relatos colhidos pelas entrevistas realizadas pela historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto, quando realizou pesquisa sobre as áreas de mineração da parte leste de Mato Grosso e as cidades que surgiram neste movimento migratório. Em um dos relatos, colhidos por Guimarães Neto, sobre a viagem pelo rio Araguaia, feito por João Antonio Neto, é lembrado o terror que os Xavante provocavam entre os migrantes que utilizavam o rio Araguaia para chegar às pequenas cidades de Mato Grosso³¹¹. Neste momento, décadas de 1920 até a década de 1940, os representantes do Serviço de Proteção aos Índios - SPI e os missionários Salesianos faziam incursões ao território Xavante para estabelecer contatos com os mesmos. No entanto, segundo a citação de David Maybury-Lewis e Regina Beatriz Guimarães Neto, não lograram sucesso.

Com a criação da Expedição Roncador-Xingu, o Estado Novo passou a ser o protagonista dos contatos entre os Xavante e a sociedade brasileira. Os antecedentes já haviam sido construídos, quando no ano de 1941, o presidente Getúlio Vargas fez uma viagem à ilha do Bananal e o SPI realizou uma expedição ao território Xavante, liderada por Genésio Pimentel Barbosa que resultou em tragédia. Os Xavante executaram os membros da expedição, incluindo o seu líder, Pimentel Barbosa. Nestas iniciativas de contato da parte do governo brasileiro, o Estado Novo se apropriou dos conhecimentos produzidos pelas incursões

³¹⁰ MAYBURY-LEWIS, David. A Sociedade Xavante, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984, p. 41.

³¹¹ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX, Cuiabá, Ed.UFMT, 2006, p. 125.

de sertanistas e exploradores ao território Xavante, na década de 1930, sobre as suas táticas militares. Como se percebe na citação a seguir:

[...] Os Xavante são muito inteligentes, e não atacam expedições maiores, contra as quais as suas sortidas seriam inúteis. De qualquer forma os expedicionários marcharão juntos, coesos, dispostos a evitar surpresas [...] ³¹².

Esta citação do Jornal O Estado de São Paulo demonstra que o discurso do “*Não atacar os índios*” tinha uma fronteira bem marcada. Não se tratava de uma postura humanitária. Mas se relacionava com a apropriação da ideologia positivista feita pelo Estado Novo. Segundo esta filosofia, as sociedades humanas seguem uma linha evolucionista que se inicia no estágio teológico, passa pelo metafísico e chega ao estágio científico ³¹³. Desta forma, as sociedades indígenas evoluíam em direção a civilização ocidental. Poderiam, assim, ser incorporadas à sociedade capitalista e serviriam ao projeto Marcha Para o Oeste. O que não é o suficiente para afirmar que a opinião pública da década de 1940 se mobilizaria contra ações genocidas contra o índio Xavante que viesse a ser empreendida pelo governo brasileiro. Esta não preocupação da opinião pública com os direitos civis dos índios aparece na citação de uma ironia feita por um repórter, quando o Ministro João Alberto dava entrevista ao jornal “O Estado de São Paulo”, para esclarecer os objetivos da Expedição Roncador-Xingu “[...] *A essa altura, um repórter sugere baixinho, ao lado da gente, que se leve uma metralhadora, escondida do General Rondon* ³¹⁴”. A ironia do repórter não pode ser atribuída, somente, à sua subjetividade, uma vez que foi recortada e editada pelo jornal. Este recorte do jornal é um indicativo de que havia no Brasil dos anos de 1940 uma oposição à política indigenista do Marechal Rondon e uma indiferença quanto aos atos de violência contra as culturas indígenas impostos pelo avanço da fronteira capitalista para o Oeste do Brasil.

A imagem que o indigenismo positivista construiu dos índios, não somente os índios do Brasil central, mas principalmente estes, anulavam as suas

³¹² Jornal O Estado de São Paulo, 04 de Junho de 1943.

³¹³ COMTE, August. – Discurso preliminar sobre os Espírito positivo, tradução: Renato Barboza Rodrigues Pereira: Edição eletrônica: ed. Ridendo Castingat Mores(www.jahr.org) file:///C:/site/livros_gratis/espirito_positivo_comte.htm (1 of 55) [23/2/2002 22:59:17].

³¹⁴ jornal O Estado de São Paulo, 04 de Junho de 1943.

histórias e marcava o momento do contato destes com os agentes do estado brasileiro como um começo para as suas histórias. Não o começo labiríntico³¹⁵, mas a origem cristã que generalizava a história de todas as sociedades indígenas.

As representações construídas pelas incursões dos agentes do estado brasileiro ao Brasil Central nas décadas de 1920 e 1930, que apresentavam os Xavante como guerreiros cruéis e arredios à civilização, orientaram o contato dos trabalhadores da expedição Roncador-Xingu na base Xavantina. O relato do Sr. João Rodrigues da Silva³¹⁶ reproduz essa representação “[...] *A notícia aqui era que o índio Xavante tinha um metro de ombro. Se dava um tiro de carabina nele, ele resistia [...]*³¹⁷”. Essa imagem apavorava os trabalhadores da expedição. “*Até banhar no rio, nego tinha medo*³¹⁸”. Mas segundo João Rodrigues esse medo era recíproco. O índio também tinha medo. Perguntei ao entrevistado sobre a razão do medo que os índios tinham dos trabalhadores. Recebi uma resposta óbvia. “*Porque nós usava arma*³¹⁹”.

As armas de fogo nunca foram disparadas contra os Xavante, segundo relato dos trabalhadores da FBC, entrevistados para esta pesquisa, e dos sertanistas como Orlando Villas Boas, colhidos em textos de suas memórias e de jornais. O que não significa que não foram utilizadas. Seu uso se deu no campo simbólico. Os estampidos provocados pelos disparos eram suficientes para apavorar os índios. Os trabalhadores da Fundação Brasil Central já tinham esse conhecimento e o instrumentalizaram. Orlando Villas Boas relatou para o Jornal o Estado de São Paulo a utilização da arma de fogo, na guerra psicológica contra os Xavante.

Os Xavante hostilizavam a tropa, espantavam os burros. Nós tivemos 18 escaramuças com os Xavante, que eram os mais bravos que havia. Nos livramos bem, não demos um ti-

³¹⁵ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

³¹⁶ O Sr. João Rodrigues da Silva chegou na base do rio das Mortes, futura Vila Xavantina, em 1944. Trata-se do trabalhador da Expedição mais antigo que consegui entrevistar. Segundo o entrevistado, dos primeiros trabalhadores que chegaram a Xavantina, só ele está vivo. João Rodrigues nasceu em 1915, na cidade de Porto Nacional no Estado de Goiás. Foi entrevistado no 10/01/2006, às 19:00 horas.

³¹⁷ Entrevista realizada com o Sr. João Rodrigues da Silva no dia 10/01/2006, em Xavantina.

³¹⁸ Idem.

³¹⁹ Idem.

ro em índio. Quando a coisa era muito séria atirávamos para cima. E assim conseguimos atravessar o território Xavante³²⁰.

Ao relatar os tiros para o alto, Orlando Villas Boas, desconsidera a existência de uma guerra psicológica contra os Xavante e simplifica o processo de contato dos agentes estatais com estes índios. Essa simplificação do processo de contato com os Xavante foi apropriada pelas representações dos antigos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu sobre estes índios. Um desses trabalhadores, José Celestino da Silva – Zé Goiás deu um depoimento para o documentário: *Heróis do Brasil*, onde construiu uma cena mitológica do momento que os Xavante conversaram pela primeira vez com Orlando Villas Boas. No sentido de se tratar do primeiro contato dos Xavante com um indivíduo da cultura ocidental. O título do documentário já é um indicativo de quem é protagonista e quem é coadjuvante neste relato. O herói é o sertanista, representante do estado brasileiro. O papel de coadjuvante fica para o índio, ao receber os favores das boas intenções dos representantes da invasão do seu território.

[...] Eu fui ver. Eita bicho Xavante[...]. Ai os índios me abraçaram lá, passou a mão na minha cabeça, sujando eu de urucum e eu com o enxadão na mão, tava tremendo que tava danado. Ai quando o rapaz chegou[...]. Ah! Eu vi os índios abraçados como Zezinho lá. Quando o povo gritou aqui os índios correram [...] O Xavante. Era muito Xavante. [...] Depois no outro dia veio oito índio. Chegou ai. Chegou, deixou o caminhão pra lá, jogou as bordunas no chão e as flechas no chão. Ficou tudo assim (imitando a expressão facial dos Xavante). Ai o Apoená³²¹ falou: como chama você? Orlando. Ah! Irmão e abraçou o Orlando. Depois foram pra casa. E ele amansou. Não tinha medo que Xavante, fosse [...] agora nós não brabo mais, não brabo mais. *Araju bô, araju bô*. Nós tem tudo agora, da pra nós, coisas pra nós: remédio, roupa, sapato, espelho, da tudo. Agora não tem medo mais não, acabou. E ai acabou o tempo ruim.³²²

³²⁰ Sítio do jornal O Estado de São Paulo, na rede mundial de computadores. Neste sítio, esta arquivada esta reportagem publicada em 09 de Março de 1993.

³²¹ A liderança Xavante citada por José Celestino da Silva, Apoená, é o líder Apowe. Ver SANTOS, Ricardo Ventura, *Expansão da Fronteira e os Xavante do Brasil Central*. Rio de Janeiro. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

³²² Entrevista com Zé Goiás para Amanda Galler e Aline Barros, Documentário: *Heróis do Brasil*, Nova Xavantina, Universidade de Mato Grosso – UNEMAT 2005. Site: www.rotabrasiloeste.com.br.

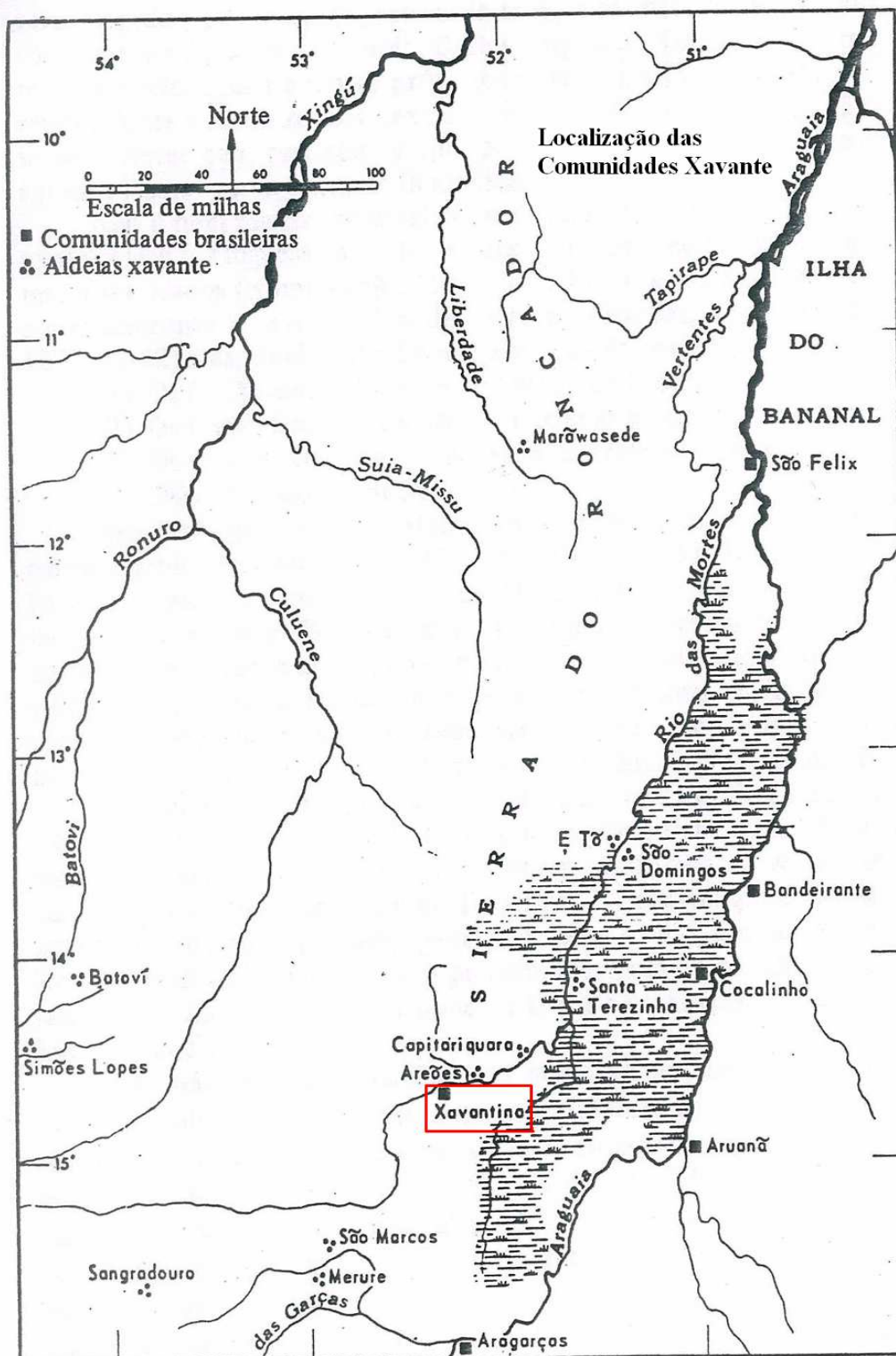
Segundo a cena relatada por José Celestino da Silva, os Xavante decidiram abandonar as suas hostilidades contra os representantes das agências estatais no Araguaia, SPI e FBC, e construir uma relação política amistosa com os antigos “inimigos”. O relato do encontro de Orlando Villas Boas com o líder Xavante: Apowe construiu uma cena onde os índios descobrem a nobreza do sertanista Orlando Villas Boas e decidiram iniciar uma relação baseada no diálogo. A palavra “irmão”, no contexto da cena, tem uma força simbólica que precisa ser considerada. Sem deixar de considerar que o termo “irmão” na cultura Xavante pode não ter o mesmo sentido que é dado pela cultura ocidental. Também, é preciso questionar a disposição dos índios em tratar como irmãos, aqueles que os tinham aterrorizado com tiros para o alto.

O relato cria um efeito que oculta toda a violência do processo de contato dos fazendeiros do sertão, exploradores, sertanistas e religiosos com os Xavante até a sua “pacificação”. Segundo Aracy Lopes da Silva, nestas décadas, 1930 e 40, as pressões sobre a área do rio das Mortes aumentaram e os Xavante se subdividiram em três grupos, sendo que cada um experimentou tipos diferentes de contato com o avanço do estado brasileiro sobre os seus territórios. Também, mantiveram relacionamentos distintos com o território que atualmente ocupam³²³. Esta informação da antropóloga desautoriza a idéia generalizante que apresentou o contato entre o Xavante e os trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu como uma opção unânime desta sociedade. Pois, segundo Aracy Lopes da Silva, é preciso considerar que os Xavante se organizaram politicamente por facções³²⁴. E as diferentes facções entraram em contato com os novos ocupantes do Vale do Araguaia em momentos diferentes.

³²³ SILVA, Aracy Lopes. Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela da (org). História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 369-370.

³²⁴ Idem.

Mapa VII – Xavantina e o Território Xavante



Adaptado da obra: MAYBURY-LEWIS, David. A Sociedade Xavante, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1984, pag 36

O Cotidiano Sertanejo e o Convívio com os Xavante

O historiador Gilmar Arruda³²⁵ ao analisar a expansão agrícola para o oeste paulista questiona as conclusões radicais que a antropologia funcional-estruturalista construiu sobre os contatos dos índios com os sertanejos e agentes dos projetos de colonização do governo brasileiro. Segundo estas conclusões, os índios tiveram três opções nos momentos de contato. A primeira era fugir rumo ao interior do Brasil, caso dos índios Caiapó, que estavam nas margens do rio Tiete nos séculos XVI e XVII³²⁶ e foram aparecer no Vale do rio Xingu no século XX. A segunda opção era enfrentar militarmente os intrusos e, devido a não posse de armas de fogo e de defesa imunológica contra as doenças trazidas pelos representantes das expansões de fronteiras para o oeste brasileiro. Desta forma foram eliminados fisicamente. A terceira opção era a rendição e em seguida serem incorporados como mão-de-obra pelos novos ocupantes dos seus territórios.

Contrariando estas premissas fatalistas, os relatos de memória dos entrevistados de Gilmar Arruda demonstraram outras possibilidades de convivência entre índios e sertanejos. Um dos entrevistados por Arruda lembrou que: “[...] *conheciam, visitavam os índios, entendiam o idioma deles. Tinham muita amizade com os índios [...]*”³²⁷. Relatos como estes, segundo Gilmar Arruda, possibilitam pensar que a convivência entre sertanejos e índios não foi uma eterna guerra, mas não autoriza uma conclusão de que não houve assimetria nos contatos de índios com os sertanejos e outros agentes da ocupação dos seus territórios.

Seguindo a leitura de Gilmar Arruda, é possível identificar nos relatos de memória dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu as estratégias políticas de convivências que pessoas, índias e não, índias tiveram que construir para garantir um mínimo de segurança para os dois lados. Ambos os lados, índios e trabalhadores da expedição, estavam em um espaço de exclusão política. Os índios não tinham opção frente à expansão das fronteiras do estado brasileiro e

³²⁵ ARRUDA, Gilmar. *Cidades e Sertões: entre a história e a memória*, Bauru, EDUSC, 2000.

³²⁶ Sobre a economia paulista no Planalto do Piratininga e as sociedades indígenas desta região ver: MONTEIRO, Jonh Manuel. *Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*, São Paulo Companhia das Letras, 1994, p. 76-79.

³²⁷ ARRUDA, Gilmar. *Op. Cit.*, p. 231.

os trabalhadores da expedição eram pessoas pobres, expulsas pelas secas e fomes da região Nordeste do Brasil e da violência dos garimpos do Mato Grosso.

Nas lembranças dos primeiros moradores da Base Xavantina é possível perceber a cautela que os Xavante tiveram para tomar as primeiras iniciativas de contato com os trabalhadores da FBC. Segundo os relatos destes trabalhadores este processo durou aproximadamente uma década. Tomando como exemplo as datas que surgem no relato do Sr. Adão Gomes de Souza, o contato com os Xavante se tornou efetivo somente na década de 1950. A sua chegada na base Xavantina ocorreu no mês de setembro de 1951. E em sua entrevista, Adão Gomes, lembrou da cena em que os Xavante foram vistos pela primeira vez na base Xavantina, ocupando a margem esquerda do rio das Mortes. A lembrança do Sr. Adão enuncia uma data 1954:

O índio ainda não tinha dado fala. No dia que o índio chegou do outro lado, aquilo avermeio de índio. Ai teve que dá espelho e rapadura pra eles. Ai voltaram e ficaram ai começaram acostuma com o povo. Ai a cidade foi progredindo, ai foi naquele tempo, 54³²⁸.

“Não tinha dado fala” é uma indicação do não domínio da língua portuguesa. Dominar a língua é condição indispensável para os empreendimentos de contato. Mas por outro lado, sem o efetivo contato é impossível o domínio da língua. Este é um indicativo de que a decisão dos índios em tomar a iniciativa de buscar o contato com os trabalhadores da expedição foi difícil e demorada, mas buscada, mesmo enfrentando a barreira da língua. José de Souza Martins destacou esta percepção dos Xavante de que o contato era fundamental para garantir condições mínimas de convivência, já que a ocupação do seu território era um fato consumado. Ainda assim, os Xavante, nestas condições políticas desfavoráveis, buscaram construir um espaço de negociação que garantisse a integridade da sua coletividade.

Esta experiência política que os Xavante construíram no processo de negociação com a Fundação Brasil Central foi instrumentalizada nas décadas seguintes contra a expansão da fronteira agrícola contra os seus territórios. Áreas

³²⁸ Entrevista com o Sr. Adão Gomes de Souza, realizada em Nova Xavantina no dia 08/01/2006, as 19:00 horas.

de terras indígenas Xavante foram garantidas, ainda nas décadas de 1960 e 1970, momento de pouca sensibilidade da opinião pública para a questão indígena. Na década de 1990, os Xavante empreenderam uma luta política contra a implantação da hidrovía rio das Mortes – Araguaia e, ainda lutam pela retomada das suas terras na localidade denominada Suia Missu, apropriadas pelo projeto agropecuário do mesmo nome. Também, é possível relacionar a esta experiência política, a elaboração de uma imagem que os Xavantes construíram para se apresentar aos moradores das cidades do Vale do Araguaia, que garante o respeito dos não índios para com as suas pessoas.

Este espaço político construído pelos Xavante, lutando sempre por um lugar de protagonismo nas suas relações com os moradores da cidade e os representantes do estado, foi verificado pelo sociólogo José de Souza Martins, na leitura que fez desta sociedade indígena. O autor recortou uma fala do cacique Juruna sobre os trabalhadores da expedição no rio das Mortes, onde surge a postura política dos índios em se colocar como protagonista no processo de negociação: *“deu muito trabalho atrair branco. Branco sempre com medo. Foi uma luta amansar branco”*³²⁹. O cacique Juruna tem toda a razão. Deu muito trabalho mesmo. É o que se pode verificar ao considerar a data que aparece no relato do Sr. Adão, 1954. A Expedição Roncador-Xingu chegou ao rio das Mortes em 1944. Temos, neste caso, uma década de intervalo, entre a chegada dos trabalhadores da expedição ao rio das Mortes e o primeiro contado destes com os Xavante. A data que surge no relato do Sr. Adão Gomes de Souza, também desconstrói o mítico encontro do sertanista Francisco Meireles com os Xavante em 1946, como um marco inicial do contato com os Xavante.

A necessidade do contato, considerando o esforço dos Xavante em buscá-la, como indica as lembranças do Sr. Adão, também era considerada por outros trabalhadores da expedição, como indicou as lembranças de outro entrevistado, o Sr. Raimundo Pereira dos Santos: *[...] a maioria das pessoas do meu tempo, aprendeu até a fala a língua do índio. Não fala tudo, mas muita coisa aprendeu, a falar o Xavante*³³⁰. O fato da maioria dos trabalhadores ter aprendido a

³²⁹ MARTINS, José de Souza. O tempo da Fronteira: Retorno a Controversia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira. São Paulo, Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Volume 8, maio de 1996, p. 37.

³³⁰ Entrevista realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006, as 17:00 horas.

língua Xavante é indício de que esta seria uma ferramenta importante em situações de enfrentamento com os índios que demandasse negociação. Não dá para considerar esta informação como apenas curiosidade dos trabalhadores para com a cultura Xavante. Esse esforço dos trabalhadores em aprender a língua dos índios para, caso necessário, negociar, encontra-se com a fala de Juruna: os trabalhadores tinham medo dos Xavante.

Outro indício de que a aparição dos Xavante na margem esquerda do rio das Mortes não foi casual, mas uma decisão política, está na indicação de cor que o Sr. Adão Gomes faz no relato: Vermelho. *Avermeio de índio*. Os Xavante estavam pintados de urucum. Maquiagem que usam em rituais religiosos e, em situações de negociações políticas, para demonstrar força ao estrangeiro. A cena da aparição dos Xavante foi elaborada para transmitir um discurso. Queriam o contato, mas também queriam negociar as condições deste contato. É preciso considerar também que algumas facções da sociedade Xavante não buscaram o contato com a expedição, uma vez que a sociedade Xavante e, nenhuma sociedade indígena, se constitui monoliticamente.

Finalmente a última informação do relato do Sr. Adão Gomes, denuncia que a cena da chegada dos Xavante a margem esquerda do rio das Mortes, foi apenas o primeiro ato do efetivo contato dos Xavante com os trabalhadores da FBC. A informação contida na frase: *Ai voltaram e ficaram ai começaram acostuma com o povo*, indica um retorno dos Xavante para as suas aldeias e, posteriormente voltaram para a base Xavantina. Quanto a este intervalo de tempo, pode-se inferir uma avaliação por parte dos índios dos resultados da sua aparição aos trabalhadores da FBC na margem do rio das Mortes. Também, é preciso considerar que não necessariamente aparição dos índios aos trabalhadores signifique que a sociedade Xavante, na sua totalidade, tenha decidido entrar em contato com os novos ocupantes da outra margem do rio. O que é razoável se considerar na análise desta cena política, segundo Aracy Lopes da Silva, é a ocorrência de uma ou mais facção dos Xavante indo até a margem esquerda do rio das Mortes para tentar o contato com os trabalhadores da expedição.

Finalmente, o processo de contato dos Xavante com os não índios não se encerra nesta primeira década (1944 - 1954) de atuação do governo brasileiro no rio das Mortes. Segundo esta informação colhida no relato do Sr.

Adão Gomes de Souza, os Xavante demoraram dez anos para estabelecer o primeiro contato com os trabalhadores Fundação Brasil Central. Ainda assim, trata-se apenas do primeiro ato na construção das estratégias políticas dos Xavante para se relacionar com os representantes da expansão das fronteiras do Brasil sobre os seus territórios. Este primeiro contato foi apenas para os índios se certificarem da redução dos riscos de sofrerem violência física. O processo de contato se estendeu pelas décadas seguintes e, ainda continua a ocorrer em Nova Xavantina. Em outros relatos de antigos trabalhadores da Fundação Brasil Central é retomada as dimensões políticas da afirmação do Sr. Adão Gomes, contida em sua frase *“acostumar com o povo”*. Frase que pode ser lida como aprender a ler os representantes do Estado Novo e os sertanejos em seu universo cultural. Este aprendizado é marcado, em algumas situações, por conflitos, em outras os relatos indicam solidariedade. É o que indica os relatos dos trabalhadores e a fotografia a seguir:

Fotografia VIII – Xavante e o avião.



Fonte: Fotografo José Araújo de Medeiros. Fotografia de 1949. Expedição Roncador-Xingu no Vale do Araguaia.

O recorte que o fotografo produziu nesta fotografia marcou o contraste da monumentalidade da máquina em contraste com a figura humana que se torna diminuta frente à figura do avião. A máquina ocupa os três planos da imagem. Ainda assim, é destacado apenas a parte da frente da aeronave, o capô do motor, a hélice, os dois pneus dianteiros e uma parte da asa do avião. Este recorte conduz o olhar o espectador para uma dimensão ainda maior do avião. É colocada ênfase na dimensão da máquina ao não comportá-la totalmente na to-

mada fotográfica. No outro extremo deste recorte, a figura do índio é tomada na sua totalidade, ainda assim, é percebido em escala muito menor que o avião.

Na direção dos dois pneus do avião, percebe-se outra figura humana, mostrando apenas as pernas. A figura dá indicio sobre a presença de outro índio, por estar desnudo. Trata-se de mais um observador indígena da máquina voadora, pois na anatomia das suas pernas são destacados os joelhos, indicando estar de frente para câmera fotográfica. Também, no lado direito da fotografia, vê-se uma pequena parte da cauda de outro avião, denunciando que outras aeronaves estavam no local. Também, a indicação das sombras no chão é uma informação de que a tomada da fotografia foi feita no meio da tarde, entre 15h00min e 17h00min.

O recorte do fotografo denuncia a sua percepção etnocêntrica, ao marcar o contraste entre a superioridade da máquina, representando também a superioridade da sociedade que a produziu, ante as populações indígenas, não detentora destas tecnologias. Estas sociedades estavam submetidas à situação de contato de forma assimétrica. O etnocentrismo de José Araújo de Medeiros, nesta fotografia, é comparável ao etnocentrismo visto na tomada fotográfica de Jean Manzon da aldeia Xavante³³¹. A sombra da asa do avião se sobrepondo de maneira bíblica as casas Xavante. Evocando, assim, todo o simbolismo que a sombra tem na iconografia cristã³³². Pensando com José de Souza Martins, esta fotografia, enuncia os dois tempos históricos se encontrando em contexto político de verticalidade das relações sociais. De um lado a cultura Xavante, enunciada pela imagem dos índios atirando flechas inutilmente contra o avião, na fotografia de Jean Manzon, e o índio em luta corporal contra o avião, na fotografia de José Araújo de Medeiros. Trata-se do tempo racionalizado do capitalismo, enunciado na máquina: o avião³³³, contra o tempo errático do índio, representado na sua postura de estupefetação diante da máquina.

³³¹ Tomada aérea de aldeia Xavante. Revista O Cruzeiro 24 de julho de 1944

³³² O livro Atos dos Apostolos, escrito pelo apóstolo São Paulo, narra uma cena na qual as famílias que tinham pessoas doentes, as colocavam na calçada para serem tocadas pelas sombras dos discípulos de Jesus, quando estes passavam pela rua.

³³³ MARTINS, José de Souza. O tempo da Fronteira: Retorno a Controversia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira. São Paulo, Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Volume 8, maio de 1996.

Mas a postura etnocêntrica dos fotógrafos, Jean Manzon e José Araújo³³⁴, que recorre nesta fotografia ao efetivar o recorte para esta fotografia. Não tira o foco do talento artístico destes fotógrafos. Há que se considerar aqui a qualidade do equipamento fotográfico, sim, mas o talento do fotógrafo se sobrepõe. A luminosidade dada ao corpo humano e os reflexos da luz solar emitidas pelo metal que reveste a máquina, dão a imagem uma beleza mágica.

Ainda assim, toda a magia da plástica das fotografias de Manzon e Araújo de Medeiros, não foi suficiente para evitar a desumanização dos índios. Estes compõem as cenas como coadjuvantes. Suas atitudes são inúteis ante a presença das máquinas, como atirar flechas no avião e movimentar a máquina com a força muscular. Os flagrantes destas atitudes dos índios determinam a situação de assimetria destas sociedades frente aos representantes do estado Brasileiros que empreendiam a expansão das suas fronteiras sobre os territórios indígenas.

Para visualizar a dinâmica política da sociedade Xavante foi preciso cotejar os textos fotográficos com as lembranças do contato dos índios com os trabalhadores da expedição que surgiram em suas entrevistas. Nestas lembranças foram aparecendo indícios que informa sobre situações de conflitos, mas também, de solidariedade entre índios e trabalhadores da Fundação Brasil Central. As situações de violentos conflitos entre as facções Xavante, também marcaram as lembranças dos trabalhadores. Estes conflitos, segundo a antropóloga, Aracy Lopes da Silva³³⁵, se relacionam com a decisão de alguns grupos ter optado pelo contato e outros não. Esta é uma pesquisa que precisa ser feita. Nas

³³⁴ José Araújo de Medeiros nasceu em 1921 na cidade de Teresina, Estado do Piauí e morreu em Áquila na Itália no ano de 1990. Começou a fotografar profissionalmente em Teresina, antes de se transferir para o Rio de Janeiro em 1939, onde colaborou com as revistas Tabu e Rio. Em 1946, foi convidado por Jean Manzon para integrar a equipe da revista O Cruzeiro, na qual, durante os quinze anos seguintes, firmou seu nome como um dos mestres do fotojornalismo brasileiro. Fundou em 1962 a Agência Fotográfica IMAGE com outro fotógrafo da revista O Cruzeiro, Flávio Damm. Sua empresa foi precursora deste gênero de fotografia. A partir de 1965, começou a trabalhar em cinema, assinando a direção de fotografia de obras clássicas do moderno cinema nacional, como A falecida (Leon Hirszman, 1965), Xica da Silva (Carlos Diegues, 1976) e Memórias do Cárcere (Nelson Pereira dos Santos, 1983), e dirigindo o longa: Parceiros da aventura (1979). Em fins dos anos 80, foi professor da Escola de Cinema de Santo Antonio de los Baños em Havana (Cuba). Publicou, em 1957, o livro **Candomblé**, primeira obra a documentar fotograficamente esta religião afro-brasileira. Foi homenageado, em 1986, com a retrospectiva José Medeiros, 50 anos de fotografia, pela Fundação Nacional de Arte, no Rio de Janeiro (RJ). Fonte: <http://www.sergiosakall.com.br/montagem/fotografia-brasil-anuncios.htm>.

³³⁵ SILVA, Aracy Lopes. **Dois Séculos e meio de História Xavante**. In: CUNHA, Manuela da (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

lembranças dos antigos moradores de Xavante surgem estes indícios. Foi relatado, para esta pesquisa, um evento em que índios buscaram guarida na Base Xavantina, por estarem fugindo de perseguições em suas aldeias:

[...] Eles brigavam entre eles mesmo, os Xavante. Eles brigavam muito, matavam uns aos outros. Tinha um índio aqui por nome de Aribuanã, ele era o chefão, muito sábio esse homem ai. Eu conheci pouco. Eles circulavam muito ai, de maneira que eles tinham parentes deles ai. **Eles mataram uns parentes dele** ai e ficou dois rapaiz. E esses dois rapais entrou na Fundação. Um desses rapaiz era mininote. O finado Vergílio, pai do Bosquinho que é sogro do prefeito atual, criou esse rapaiz. Ele trabalhou de mecânico, motorista, muito bom jogador de futebol, inclusive nos jogamos juntos, por que eu era jogador de futebol. E o outro irmão dele trabalhava na horta. Depois veio trabalhar na oficina. Ele era minino começou estuda, ficou na oficina, sem ganhar nada e também efetivou. Ele hoje é aposentado e foi pra aldeia. Mais bebia muita cachaça, aprendeu a beber. Se perdeu no meio dos brancos como eles falam³³⁶.

Este fragmento de lembranças do Sr. Raimundo Pereira indicia uma convivência entre os trabalhadores da FBC e os Xavante que transitava entre a solidariedade e a exploração da mão-de-obra indígena. A nobreza de sentimento do funcionário da Fundação Brasil Central, Vergílio Nascimento, para com os índios que estavam em risco de morte, acolhendo-os, é também uma informação das condições em que os índios eram integrados as atividades da Fundação Brasil Central. Não poderiam retornar as suas comunidades e para ficar no espaço da base Xavantina precisavam encontrar alternativas para serem integrado. A única alternativa era se empregar como mão-de-obra braçal. As condições da empregabilidade desta mão-de-obra indígena são enunciadas no relato do Sr. Raimundo Pereira. *Sem Ganhar nada*. Os índios tiveram que pagar caro pela proteção que receberam da Fundação Brasil Central.

Mas para além da exploração da mão-de-obra indígena, surgem do no relato do Sr. Raimundo, os espaços para a construção de relações afetivas entre os trabalhadores e os índios. Um destes espaços é a prática esportiva, o futebol. Trata-se de elemento de agregação entre índios e trabalhadores da FBC. Mas esta agregação tem, também, o seu viés negativo, o abuso das bebidas alcoólicas. *Se perdeu no meio dos brancos como eles falam*.

³³⁶ Entrevista com o Sr. Raimundo Pereira dos Santos, realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006, as 17:00 horas.

Mesmo denunciando os problemas com o alcoolismo entre os índios, o relato do Sr. Raimundo Pereira, demarca uma simetria na convivência entre os índios Xavante e os trabalhadores da expedição. Os índios construíram espaços políticos que garantiram a consideração das suas pessoas por parte dos sertanejos. Condição que não aparecem nas fotografias de Manzon e José Araújo. Esta horizontalidade das relações entre sertanejos e índios surgiu nas percepções de um observador que não participou da expedição como trabalhador. Chegou a Xavantina depois que a fundação já havia sido extinta, mas as relações sociais que foram construídas, ainda sobreviviam. Trata-se do paulista Fernando Mesquita que chegou a Xavantina em 1980. Em sua entrevista fez a seguinte leitura do ethos sertanejo para com os índios:

Os sertanejos antigos que vieram pra cá tiveram uma relação muito próxima com os índios. E os índios também com eles. Eles se conheciam como inimigos. Depois como gente que fez paz. Depois uma convivência de comunidade. Conforme a cidade foi crescendo, eu acho que esse contato foi sendo perdido completamente³³⁷.

Esta horizontalidade na convivência entre índios e sertanejos, construída no processo de contato, não sobreviveu no processo de incorporação dos novos representantes da expansão da fronteira agrícola no Vale do Araguaia, os produtores de grãos e pecuaristas do Sul e Sudeste do Brasil. Fernando Mesquita observou a transição da postura de respeito entre os Xavante e os Sertanejos para uma postura que denominou de *desprezo e medo* da parte dos novos moradores da cidade para com os índios. O entrevistado fez a seguinte leitura do lugar social do índio na nova configuração política da cidade a partir da década de 1980:

Ela não trata de maneira igual. Agora se você quiser a opinião dominante, **há uma mistura de desprezo e medo**. Mais tem muita gente da FBC que participou aqui dos contatos iniciados com os Xavante. Esse mundo sertanejo tinha uma relação muito mais franca e próxima com os índios. Eles não tinham problemas com os índios. Agora esse pessoal que veio do sul ou a segunda geração dos trabalhadores da FBC, já tem uma visão amedrontada e ao mesmo tempo de desprezo. Eu conversando com quase todos os pioneiros, essa casa aqui era de um sertanejo chamado Aroeira, o

³³⁷ Entrevista com Fernando Mesquita, realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006 as 14:00 horas.

velho Aroeira, participou da Expedição Pimentel Barbosa, de 1941, posterior a Piratininga, 04 anos depois, mais a expedição de Francisco Meireles que pacificou os Xavante. Ele (Aroeira) foi ferido na cabeça por um índio. E, eu presenciei uma conversa dele com o índio, depois de muitos anos, numa aldeia Xavante aqui nos Areões, em que ele contava o lado dele e o índio não contava o lado dele. O índio fazia mímica pra mim, explicando como é que ele tinha flechado o Aroeira. Um frente ao outro, amigos, já velho. E o Aroeira casou com uma Xavante. Os filhos dele são quatro Xavante³³⁸.

Esta observação de Fernando Mesquita denuncia que a construção de um espaço político de civilidade, construído por sertanejos e Xavante no momento da instalação da Fundação Brasil Central no rio das Mortes, não sobreviveu a no processo de implantação da agricultura mecanizada, incentivada pelos governos militares. Os gestos de respeito e generosidade da parte dos primeiros trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu para com os Xavante não foram suficientes para eliminar a assimetria nas relações entre os índios e os filhos dos antigos trabalhadores da fundação, menos ainda, com os estrangeiros que chegaram para morar em Xavantina e expandir as atividades agrícolas capitalistas por sobre as terras que compunham o território Xavante.

Ainda assim, os Xavante não foram empurrados para a margem do espaço urbano, um lugar de invisibilidade política. Os entrevistados para esta pesquisa, trabalhadores da FBC e antigos moradores, não percebem os Xavante como pessoas de segunda classe. Os entrevistados foram unânimes em afirmar que os índios nunca lhes causaram dano. Apenas um entrevistado afirmou não gostar dos índios, mas não indicou a razão da sua má vontade para com os índios³³⁹.

Volto à leitura de Gilmar Arruda³⁴⁰ sobre sertanejos e índios na expansão agrícola no oeste paulista. Não é possível explicar todos os processos de contato entre a cultura ocidental e as culturas indígenas por uma via única. O caso específico dos Xavante demanda a formulação de questões que dêem conta de responder como estes índios elaboram as suas estratégias políticas para o

³³⁸ Entrevista com Fernando Mesquita, realizada em Nova Xavantina no dia 15/01/2006 as 14:00 horas.

³³⁹ Entrevista com Sebastião Rosa Dias, realizada em Nova Xavantina no dia 08/01/2006 as 17h00min horas.

³⁴⁰ Gilmar Arruda. Cidades e Sertões: entre a história e a memória, Bauru, EDUSC, 2000.

contato com os agentes do Estado Novo de forma a lhes garantir espaços mínimos de dignidade. Como conseguiram construir uma relação de respeito e confiança com os funcionários da expedição e da Fundação Brasil Central. Ainda que a civilidade da relação construída com os sertanejos tenha se perdido, na atualidade, os Xavante conseguiram evitar a invisibilidade política. Convivem com os moradores da cidade na base da desconfiança, medo e desprezo, mas garantindo seus espaços de convivência. Estas questões ficam para uma pesquisa sobre os Xavantes na cidade.

O que importa aqui é que o espaço urbano de Xavantina se constituiu a partir destas convivências, em alguns momentos o convívio foi conflituoso, em outros momentos se constituiu espaços para a afetividade como casar com uma mulher Xavante, jogar futebol, acolher índio ameaçado de morte. Enfim, se realizou uma humanidade entre índios e não índios. Estas convivências baseadas na horizontalidade orientaram a configuração dos espaços políticos de convivência entre Xavante, Sertanejos e Sertanistas.

Os personagens do Sertão: as resistências e os prazeres no rio das Mortes

O transito entre negociação e conflito operado nas negociações entre índios Xavante e sertanejos, também foi operado entre sertanistas e sertanejos. Os agentes do estado brasileiro se impuseram as pessoas pobres e sem escolaridade, moradoras dos interiores do Brasil, numa relação de verticalidade. Esta relação era percebida pelos trabalhadores da Fundação Central da base do rio das Mortes. Os indícios desta percepção surem nas lembranças dos trabalhadores, apresentadas nas citações a seguir.

Salomão Gomes:

O Vanique era o regime militar. Se ele falasse que tinha que come sal, tinha que come. No inicio aqui não foi fácil não. O Cel. era duro. Duro... Osso duro de roer. Falava: você não sabe o que é caro (imitando a voz do Cel.). Por que nois falava do Xabá que era muito salgado e alguns peões jogava fora e ele via. Moço! Ele ficava possesso. **“Nunca comeu carne, quando come não conhece. Fica jogando fora”** (imitando a voz do Cel Vanique). Mas quem que gostava de um sal daquele. Cortava e jogava dentro do feijão, rapaiz (ri-

sos). Feijão preto cheio de coró. Feijão veio – acho que sobra da guerra. Nois sofremo muito (silêncio). Sofremo muito³⁴¹.

[...] O Cel. falou: Salomão, você vai pra roça mais o Godô. Faiz uma roça boa lá. Lá no Mortinho. Nois trabaeimo nessa horta lá. **Ai alguém falou: graças a deus. Porque aqui o muro... Era duro sabe.** Aqui era arrancando toco e o guarda tava em cima, enchendo o saco e olhando Mais ele era duro mesmo. **A mulher dele suicidou aqui. Dentro dessa casa bem ai.** Então... Era ruindade dele mesmo. Que não deixou ela ir passear.

José Celestino da Silva:

- [...] Passou um trabalhador e viu o Virgílio Nascimento cortando carne. Oh! Seu Virgílio ta tendo carne aqui. Virgílio: veio de Goiânia. O Dr. Acary mandou um pedacinho pro Cel. Vanique. Ah, vocês tem carne aqui e não quer dá pra nós. Tem muita carne aí, cortando carne e não que dá pra nós [...].

- Ai o padre: Cel. a missa ta celebrada. E disse: viva São Pedro nas alturas. Viva. Enquanto um espírito de porco lá disse: enquanto nois ta comendo arroiz e feijão sem gordura.

- O Cel. ordenou: leva esse bandido em Aragarças, esse corno, leva ele embora. Levou ele pra Aragarças. Na mesma hora foi leva ele.

João Rodrigues da Silva:

A mulher dele era bonitinha, novinha. Ela tinha 14, ou 15, ou era 16 anos. O Cel. depois que vieram à conta. Era um ciúme danado. Que ela só podia ta perto dele. Ele podia ir pra lá, pra Barra, deixava a mulher dele lá, mais ele não era uma pessoa boa. Ninguém falava com ela. Só falava com ela assim, aqueles que... Quando tava mais o Cel. Ela vivia trancada.

Nestes fragmentos de lembranças dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu se estabelece a imagem do Coronel Flaviano de Matos Vanique, marcada pela sua inflexibilidade e insensibilidade. Sua inflexibilidade é lida dentro de um pólo positivo, exemplo do trabalhador que fez ironia para protestar contra a qualidade da comida no ambiente da missa e foi punido exemplarmente. Mesmo na citação do suicídio da esposa, a positividade da sua imagem não é destruída, pois o coronel não é responsabilizado de forma dolosa. Somente a a-

³⁴¹ Entrevista com Salomão Gomes. Em Nova Xavantina, dia 09/01/2006, as 17h00min

firmação de que ele era ruim. Não deixou a esposa viajar à Porto Alegre, visitar a família.

Se estas citações forem suficiente para despertar a antipatia do interlocutor para com o personagem Cel. Flaviano de Matos Vanique, os entrevistados desconstroem esta antipatia no conjunto de seus relatos. Em outros fragmentos dos relatos de memória dos trabalhadores da expedição, surge outro aspecto da imagem do Coronel Vanique, construída pelas memórias dos trabalhadores. Trata-se de um personagem que tem uma conduta moral irrepreensível. Este destaque para a conduta moral do Coronel Vanique surge em uma passagem da entrevista do Sr. Godofredo (Godô) que de ênfase a correição da postura do Coronel ao dirimir conflitos entre os trabalhadores. Como se lê na citação a seguir:

O Cel. Vanique não aceitava fuxico³⁴². [...] Tinha uma turma do seu Pedro Leão que tinha 18 homens. Trabalhava encascalhando campo, nessa época, carrinho de mão, carroça de 04 rodas, carregando cascalho e encascaia aquele campo. Ai tinha um baininho. Tinha uns 18 anos. O baianinho era só pra puxa água. Da cabeceira daquele brejo, o Mortim, pra eles lá. Puxa água.

Um dia ele (Pedro Leão) falou pro Coronel que o baininho não queria trabalhar. O Coronel: tá bom. Então chega aqui amanhã. Amanheceu o dia, o coronel: O baininho vem cá. Pronto Coronel. Pega essa foice. Vai roça isso aí. Ele (coronel) ficava da chefia onde hoje é aquela pracinha, ali era a chefia dele, do almoxarifado pra cá. Ele ficava indo e vindo da chefia lá embaixo e prestando atenção no baininho, e o baininho tava que trabalhava. Quando é de noite a turma chegou do Mortim, o Coronel falou: o Pedro vem cá. Pronto Coronel. Pedro, você é um sem vergonha Pedro. Porque Coronel? Você não me falou que aquele rapaiz era ruim de serviço. Eu pus pra trabalhar hoje aí ele nunca faio. Eu não quero homem pra trabalha um dia só não Pedro. Eu quero que trabalhe um ano, dois se for possível. Pronto acabou. **Ele não acreditava em fuxico. Ele era rigoroso.** Ai depois ele saiu³⁴³.

Não aceitava fuxico. Esta frase enuncia o lugar mítico que o Coronel Flaviano de Matos Vanique ocupa nas memórias dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu. A intervenção que o Coronel fez para dirimir o conflito entre um trabalhador braçal e um funcionário da Fundação Brasil Central destaca

³⁴² Fuxico é um termo utilizado no vocabulário sertanejo para designar as malidencias entre as pessoas.

³⁴³ Godofredo Siqueira de Miranda. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 14h00min.

as suas virtudes em oposição aos vícios de seus subordinados. Com este exemplo, o Sr. Godofredo (Godô), construiu um personagem que cultivava virtudes elevadas; a correição e a justiça, ao tratar com isonomia as partes. Sendo que estas partes: o baianinho e o Sr. Pedro Leão estavam em uma configuração de poder vertical. O Sr. Pedro Leão era Funcionário da Fundação Brasil Central e o baianinho era um trabalhador Braçal. No relato do Sr. Godô este trabalhador nem mereceu ser nomeado, um indício do lugar de inferioridade que este ocupava naquela configuração política. No entanto a intervenção do Coronel Vanique veio equilibrar as diferenças de poder entre as partes em conflito.

Este fragmento de lembrança do Sr. Godô sobre a relação do Coronel Vanique com os trabalhadores da base do rio das Mortes esta dentro de um contexto de construção mítica. O mito que veio corrigir o mundo. A Antropóloga Maria de Fátima Roberto Machado identificou este mito em seu estudo sobre a figura mítica do Marechal Rondon entre os índios Paresi. A figura mítica do Rondon foi construída no processo de instalação das linhas telegráficas que cortaram o território Paresi³⁴⁴. O Marechal também era visto como um corretor dos vícios dos brancos que cometiam atrocidades contra os Paresi. Protegia os mais fracos contra as incúrias dos fortes. É o caso do Coronel Vanique protegendo um sertanejo contra o arbítrio de um chefe. Pedro Leão. A construção discursiva do Sr. Godô, outorga cidadania a este trabalhador. Um personagem em desvantagem política naquela configuração de poder, uma vez que o entrevistado nem se dar o trabalho de nomea-lo, ficando com a alcunha de baianinho.

O Sr. Godô, em sua entrevista, tratou de desconstruir as versões que apresentam o Coronel Vanique em situação de abuso de poder e prática de arbítrio. Ao ser indagado pelo pesquisador sobre as insinuações, que surgiram em entrevistas anteriores, sobre chicotadas em trabalhador indisciplinado, Seu Godô desmentiu estas insinuações de forma peremptória:

O Coronel Vanique? Se alguém fala isso pra você é mentira. Nunca teve. Depois que eu cheguei ate o dia que acabou a expedição. Nunca teve. Nunca ninguém bateu em peão, nem no tempo dele, nem no tempo dos outros. Se alguém lhe falar isso é mentira.

³⁴⁴ MACHADO, Maria Fátima Roberto. Índios de Rondon: Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimare e Kaxiniti, grupos Paresi. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

A rigidez e a inflexibilidade do Coronel Vanique é atribuída a todos os chefes de base que vieram depois dele. Mas estes chefes são humanos. Todas as suas imperfeições e vícios são enfatizados. Um exemplo é a insensibilidade do Cel Vanique até com a sua esposa D. Alda Vanique. Quem sai desta conta é Orlando Villas Boas, este se eleva acima da humanidade. As imperfeições humanas que surge nas descrições do personagem Cel. Vanique, não aparecem nas lembranças dos trabalhadores sobre a sua convivência com Villas Boas. As repostas dos entrevistados são sucintas, como: *ele era um sertanista, um indigenista, ou era um homem bom*. O personagem ultrapassou o estágio da humanidade e alcançou o lugar do mito. O zelo que os entrevistados tomaram ao apresentar o personagem Horlando Villas Boas levou o pesquisador a desistir da análise da atuação dos Villas Boas na Expedição Roncador-Xingu e depois na Fundação Brasil Central, nesta pesquisa, deixando-a para um estudo específico sobre este personagem.

Mas os trabalhadores braçais, mesmo em situação muito assimétrica em relação aos funcionários da Brasil Central, não se renderam sem resistências as imposições de uma disciplina de trabalho que se orientavam por um código de condutas estranhas as suas experiências de vida sertaneja. Se rebelar contra a disciplina militar da base diretamente era uma insanidade, os custos eram muito alto como denunciavam as entrevistas. Ir embora a pé, até Barra do Garças, era um dos constrangimentos. Diante desta situação que lhes era adversa, os trabalhadores optaram por fazer as resistências surdas. Nos pequenos boicotes, no bom humor, era o campo onde poderiam escapar das condições degradantes de trabalho as quais eram constrangidos. Alguns exemplos que aparecem nas lembranças do trabalhador Raimundo Pereira da Silva. O primeiro deles é sobre a bebida alcoólica, como se lê na citação a seguir:

- Aqui era proibido beber. Você não podia beber pinga. Você não podia beber nada, bebida nenhuma. Era tudo lei seca mesmo. Eu nunca tive gosto pela bebida, porque o cara começa cedo. Eu nunca fui assim. Mais eu via cara beber todo dia (risos)³⁴⁵.

³⁴⁵ Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min.

A Lei Seca estabeleceu um mercado paralelo de cachaça via contrabando:

- O cara pegava cavalo, vinha de cavalo, burro, vinha vende pinga aqui, escondido.
– eu fui voltando no rumo da escola, aí de longe eu vi um cavalo lá. O cara pegou as pinga e entrou no mato alto e escondeu lá pra dentro. E nois tinha um... Ele é primo da minha mulher, o Miguelão. Ele era mecânico da Fundação. Esse gostava de pinga. Ele bebia álcool, bebia pinga. Eu falei pra ele: Miguel o veio foi lá fazer a festa. O cara escondeu umas coisas e eu acho que é pinga. Ele perguntou: qual é o rumo? Eu mostrei o rumo pra ele. Aí ele pegou, lá tinha muito cascalho, aí ele pegou uma mão cheia de cascalho e jogou. Fez: plim, plim, plim... Ele roubou toda a pinga do veio. O veio ficou chorando lá. Ele roubou tudinho (risos)³⁴⁶.

A lembrança do fato citado nesta passagem enuncia outra estratégia das resistências silenciosas: o humor. Na passagem a seguir as transgressões dos trabalhadores acabaram por perverter a chefia:

Tinha o piloto. Nois fazia uma vaquinha e dava o dinheiro pra ele e ele trazia uma caixa de pinga e escondida. Lá no aeroporto. Quando era noite, tinha um violão veio, saía tocando violão na estrada assim e ia lá bebe essa pinga. Ficava lá até tarde, bebendo pinga (risos). Ele (chefe) descobriu. Mais não falou nada não. Brabo também, o chefe era brabo. De vez em quando ele dizia: arranja uma pinga aí. Era o chefe da estrada. Ele bebia direto. Ele tinha pinga. Mais tinha vez que acabava a dele né. Aí ele dizia: arranja uma pinga pra mim. Nois falava: não tem pinga não. Tem sim, arranja uma pinga pra mim. A gente arranjava uma garrafa de tatuzinho ou de 29. **O povo, os trabalhadores, era abusado também**, tinha uns cara danado aí, que vivia aí....³⁴⁷

Sobre o acesso aos hortifrutis produzidos pela Fundação Brasil Central, novamente um exemplo de violência e exclusão dos trabalhadores. Mas os trabalhadores as enfrentavam com a sabotagem e o humor:

[...] Tinha o pomar aí do outro lado, mais tinha tanta fruta, mais só comia dele, funcionário. O cara braçal não era funcionário. Ninguém comia uma fruta aí, porque ele não dava. Ele não deixava. Perdia lá, mais peão, nesse tempo era tra-

³⁴⁶ Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min.

³⁴⁷ Idem.

balhador braçal, não pegava uma melancia, não pegava um coco, não pegava uma manga, nem nada. Lá ate hoje da manga demais, tinha melancia, tinha coco. [...] Eu cheguei aqui, fui trabalhar la no Mortinho. Nois tinha uma horta la, eu fui trabalhar na horta. Melancia pra la perdia. Nem a gente que trabalhava la não podia chupa uma melancia. Não chupava, porque se chupasse ia pra rua. la daqui pra Barra de pé, porque ele não deixava avião ir leva [...]

[...] **Fruta la a gente pegava era roubado. Nois roubava.** Tinha aqui um alemão, ela já tava radicado no Brasil, ele veio trabalhar aqui. Trabalhava no escritório. Ele gostava de nada e eu também. Quando nois tava de folga, nois tava no rio nadando. Ele falou: vamos roubar fruta la no pomar. Eu falei: como é que nois vamos roubar la rapaiz. As canoas eram trancada. Tinha as canoa la, mais era trancada, pra ninguém travessa pra la. Ele falou: nois não nada todo dia esse rio pra la e pra ca. Nois vamos nadando. Mais de dia o veio Olívio pega. Ele disse: não, nois vamos e de noite. Nois ia 10h00 horas da noite. Levava um sacão de estopa, arranjava uma corda comprida de uns 10 metros, tinha uma bomba ali por cima da Meire. Ali no Zé Brito. Ali tinha uma Bomba d'água. Nois ia pela bomba. Ali nois caia na água e atravessava e saia la do outro lado.³⁴⁸

Na falta de condições de exercerem a sua humanidade, sem falar em exercício de cidadania pela via pública, os trabalhadores tiveram que construir espaços alternativos para se garantirem como pessoas. Cidadania não dá para ser citada em um espaço como este. Desta forma, os trabalhadores resistiram às violências que sofriam, tendo como único instrumento, a sabotagem. Neste processo encontraram espaço para o prazer: nadar nas águas do rio das Mortes, pescar, caçar, tomar pinga, cantar e tocar violão.

Outro atributo do mito Rondon, além de corrigir o mundo, verificado pela antropóloga Fátima Roberto Machado³⁴⁹, é a sua atribuição de nomear o mundo. Rondon renomeou as referências de relevo do território Paresi. O Coronel Vanique também renomeou as referências geográficas da base do rio das Mortes, como demonstram as citações a seguir:

[...]Ai no dia 07 de Setembro de 1945 o Cel. Vanique foi fazer um churrasco lá. Levou o Virgílio, o meu pai... Levaram mui-

³⁴⁸ Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min

³⁴⁹ MACHADO, Maria Fátima Roberto. Índios de Rondon: Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimare e Kaxinititi, grupos Paresi. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994

ta cerveja Antarctica. Lá tava comendo churrasco. Arriba os copos ai. Até esse momento era Ribeirão do Anel. Hoje é Ribeirão Antarctica. Nunca mais saiu. Antarctica, Ribeirão Antarctica. Ele tava bebendo cerveja Antarctica. De agora em diante é Ribeirão Antarctica. Não acaba esse nome. Antarctica. E assim, muitos nomes aqui foi posto pelo Vanique, pela Expedição [...]

[...] Ai fizemos uma estradinha pra lá. Lá pro Capão das Antas. O Capão das Antas é onde hoje é o Estilac (bairro). Foi em 21 de Abril de 1945, ano que eu cheguei aqui. Foi fazer um churrasco lá. Foi o Estilac, foi o meu pai, o Dr. Olívio, esse Virgilio (da foto), André... Dr. Evair e várias autoridades lá. E vai assando o churrasco lá. Assou carne e ai foi o Estilac... Cadê Vanique, Coronel... A cachaça. Ele perdeu no meio do churrasco (a pinga). Era 17 pessoas. Ai o Cel. procurou a pinga lá e não achou. Foram caça a pinga. Caço, caçou... E o Estilac achou a pinga. Disseram: até esse momento era Capão das Antas, agora é Capão Arlindo Estilac Leal. Ta o Estilac lá. **É importante isso**³⁵⁰.

É importante isso. Na leitura do entrevistado, estes fragmentos narrativos, ao serem entrelaçados, vão compondo a imagem do herói, Cel. Flaviano de Matos Vanique. Para a historiografia, a importância das imagens, como as produzidas pelos relatos de Zé Goiás, esta na sua circulação nos espaços narrativos da oralidade, algumas destas imagens chegaram até a escrita e foram compondo uma memória para Nova Xavantina. Um exemplo de diálogo entre os relatos de Zé Goiás e textos escritos que circulam, não somente em Nova Xavantina, mas no Estado de Mato Grosso, é o livro de Valdão Varjão sobre a cidade de Barra do Garças, o Vale do Araguaia e a Expedição Roncador Xingu³⁵¹. Os relatos de Valdão Varjão e Zé Goiás, sobre a atribuição do topônimo Vale do Sonho se encontram ao ponto de não ser possível determinar quem esta se apropriando e quem esta sendo apropriado nesta construção narrativa. Segundo a entrevista de Zé Goiás, a atribuição do topônimo Vale Sonho se no evento descrito na citação a seguir:

Cheguemo ai, esse Virgilio ai, fizeram uma feijoada muito enjoada pra ele... o nome lá era Vale do Matrinchã. (Fotos: agora repara bem – mostra outra foto – Almoxarifado, oficina mecânica, vista aérea das primeiras casas de xavantina) re-torna a história do Vale do Sonho. Ai o vaqueiro Virgilio so-

350 Sr. José Celestino da Silva. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 09/01/2006, às 15h00min.

³⁵¹ VARJÃO, Valdão. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989

nhou que tava defecando lá atrais de uma moita, mas na verdade tava defecando na cama (risos) Alguém falou: Aha, há... não tem nada não rapaiz, ... arrumou tudo trocou de cama. Arrumou outra cama pra ele, vestiu outra roupa, jogou a roupa suja pra lá. No outro dia cedo foi lava a roupa dele lá no corgo do Matrinchã. Ele ficou envergonhado.

Cel. Vanique: Não.... Oh!!! Virgilio Fica contente. Mas ta faltando uma coisa. **Esse sonho seu, me instruiu uma coisa tão importante. Você não queira nem sabe. Aqui até esse momento era Vale do Matrinchã . De agora em diante é Vale do Sonho.** O sonho do Virgilio. Por causa dele. Ele cagou na cama. Ele sonhou que tava cagando no mato. No sonho tinha umas pedra lá, ele tava agachado atraiz de umas pedra lá. Acusou ele tava defecando na cama, cagando na cama. Ai (gargalhadas) não tem nada não. Arrumou tudo. Ele disse (Virgílio Nascimento): eu fiquei chateado com esse negócio. Eu disse: é nada. Esse sonho seu, sugeriu uma coisa tão importante, vai fica na história, esse nome. Até esse momento era Vale do Matrinchã, de agora em diante é Vale do Sonho. Muito bem, ta lá Vale dos Sonho, não ta. Até hoje.

Entrevistado: Conhece?

Entrevistador: Conheço

A História vem daí.

A versão do texto do livro e Valdon Varjão:

A noite foi servida uma feijoada no barracão. O major, abusado do apetite, comeu demais. Certa hora da noite ele sofreu um grande pesadelo e, aos gritos, acordou todo o acampamento. Seguinda para Xavantina, foi perguntado sobre certos fatos e para testemunhar onde havia pernoitado virou-se para o auxiliar para que este informasse o nome daquele local que chamou de Vale dos Sonhos, numa alusão ao pesadelo que tivera. A partir daquele instante o acampamento de Matrinchã ficou conhecido como Vale dos Sonhos, nome lindo e sugetivo, onde mais tarde a Fundação Brasil Central desenvolveu uma Colônia de agricultura, trazendo colonos do Rio Grande do Sul para ali se radicarem³⁵².

Nos relatos de Varjão e Zé Goiás, os personagens são diferentes, mas o enredo é o mesmo. No relato de Varjão quem defecou na cama sonhando, pensando estar atrás de uma moita, no acampamento do Matrinchã, foi o piloto Walfredo e, no relato de Zé Goiás, foi o trabalhador Virgilio Nascimento. Mas o que o que deve ser destacado nestes relatos é que a presença dos agentes estatais no Vale do Araguaia se transformou em uma força de redefinição dos toponi-

³⁵² VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 115.

mos daquele espaço geográfico. Nos dois relatos, um evento fortuito, o desastre sonambúlico dos personagens do relato, foi utilizado para rebatizar o Vale do Matrinchã para Vale do Sonho.

Construindo um lugar: o rio das Mortes e Xavantina

No dia 14 de Abril de 1944 foi inaugurada na margem direita do Rio das Mortes a segunda base de apoio da expedição Roncador-Xingu. Esta data é uma construção das lideranças política que militaram pela criação do município de Nova Xavantina. Em 1944, os trabalhadores da expedição não poderiam imaginar que este lugar se tornaria uma cidade, como demonstram os relatos dos trabalhadores da expedição³⁵³. Mas o poder instituído demanda origens, momentos fundantes, como ensinou Michel Foucault³⁵⁴. Nas datas que surgem nos diários da expedição não aparece a data 14 de abril. Esta data esta solta nos textos produzidos para orientar os decretos de criação do município de Nova Xavantina³⁵⁵. A expedição chegou ao rio das Mortes no dia 28 de fevereiro³⁵⁶. O comando da expedição determinou aos expedicionários que procurassem um lugar adequado para instalar a infra-estrutura da nova base, que foi encontrado no dia 04 de março. Até o dia 14 de abril, passaram-se 50 dias. O que ocorreu neste inter-regno? Estavam construindo o campo de aviação? 50 dias não era tempo suficiente. A carga com a maquinaria e o material de construção civil demorou 28 dias para chegar até o acampamento dos expedicionários no rio das Mortes, via rio Araguaia e das Mortes. Já, a construção das barracas de folha de buriti não precisavam de 50 dias para serem erguidas. A narrativa oficial não apresenta respostas a estas perguntas.

A expedição entendia por lugar adequado, um local alto, que ficasse protegido das águas do rio no período das cheias, solo firme e livre de áreas alagadiças e que possibilitasse a agricultura. Uma vez encontrado este local, os expedicionários passaram a trabalhar na construção da infra-estrutura da futura base. Esta base, durante a segunda metade da década de 1940, ficou conhe-

³⁵³ Estes relatos serão apresentados a seguir neste subtítulo.

³⁵⁴ Nietzsche, a Genealogia e a História. In: A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

³⁵⁵ Esta data, 14 de abril, se relaciona com o Calendário da Seita Eubiose. 14 de abril de 1956.

³⁵⁶ FERREIRA, Manuel Rodrigues. História dos Irmãos Villas Boas: Fundação Brasil Central, Expedição Roncador-Xingu e Parque Indígena do Xingu, São Paulo, RG Editores, 1997, p. 20.

cida como “base do rio das Mortes”³⁵⁷. Na década de 1950, este lugar passou a ser conhecido como Vila Xavantina. No ano de 1963 esta vila foi transformada em distrito do Município de Barra do Garças, com o nome de Ministro João Alberto³⁵⁸. Finalmente, em 1980 foi criado o Município de Nova Xavantina, reunindo os distritos de Ministro João Alberto, localizado na margem direita do rio das Mortes, e o distrito de Nova Brasília, localizado na margem esquerda do rio³⁵⁹.

Nas décadas de 1940, 1950 e 1960 a base do rio das Mortes (Xavantina) funcionou como apoio à Expedição Roncador-Xingu; sustentação das atividades do Correio Aéreo Nacional³⁶⁰ – CAN e núcleo de atração dos índios Xavante. Desta forma, a base Xavantina, como era conhecida pelos trabalhadores da expedição, operacionalizou os projetos de colonização do Estado Novo, sob Getúlio Vargas, na parte central do Brasil³⁶¹.

A constituição do espaço urbano de Xavantina se desenvolveu de forma articulada as atividades da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central. Esta articulação se fortaleceu com a instalação das oficinas de manutenção e abastecimento de aeronaves. Estas instalações foram fundamentais para o apoio a linha do Correio Aéreo Nacional - CAN, que ligava a cidade do Rio de Janeiro a cidade de Manaus e as operações da Força Aérea Brasileira – FAB. Estes objetivos, cumprido por Xavantina, se articulavam a outro, garantir a presença do Estado brasileiro dentro do território Xavante. Estes índios já tinham alguns contatos com sertanejos que migravam da região Nordeste para o Estado de Mato Grosso, via Rio Araguaia, desde o início do século XX, mas ainda não tinham contato com a agência indigenista (SPI) do estado brasileiro, até a década de 1940.

O Governo de Getúlio Vargas demonstrou a importância de Xavantina para os seus objetivos civis e militares em controlar esta parte central do

³⁵⁷ Entrevista realizada com o Sr. Salomão Gomes no dia 08/01/2006, em Nova Xavantina.

³⁵⁸ Lei Estadual nº 2.059 de 14/12/1963.

³⁵⁹ Lei Estadual nº 4.176 de 03/03/1980.

³⁶⁰ FERREIRA, Manuel Rodrigues. Op Cit, p. 55.

³⁶¹ MACIEL, Dulce Portilho. Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio. www.grupomontevideo.edu.uy

Brasil ao agendar uma visita presidencial à Xavantina, um ano e quatro meses depois da chegada da expedição ao rio das Mortes. Em 24 de Junho de 1945 o Presidente Getúlio Vargas e o seu ministro da Guerra, futuro Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra, visitaram Xavantina³⁶², que havia sido criada a pouco mais de um ano, em 14 de Abril de 1944, segundo o calendário oficial do município de Nova Xavantina. No livro de visitas da cidade ficou registrada a saudação de Getúlio Vargas e de Eurico Gaspar Dutra. O Presidente Vargas assim saudou a recém criada vila:

Deixo aqui o testemunho do meu apreço a estes destemidos patriotas desbravadores do sertão, continuadores dos sertanistas que conquistaram essa região no passado para que os atuais como seus sucessores continuem aqui uma nova civilização³⁶³.

A visita do Presidente Getúlio Vargas deu visibilidade à Xavantina e aos objetivos do seu governo em controlar a parte central do Brasil. A Revista Manchete noticiou a visita do presidente com uma reportagem que teve o seguinte título: “no último ponto da civilização”³⁶⁴. Manuel Ferreira Lima Filho³⁶⁵ fez o seguinte recorte desta reportagem: “[...] um presidente se afasta do palácio do Catete para ver de perto como o Brasil toma posse de si mesmo³⁶⁶”. Em outra leitura, a de José de Souza Martins, pode-se perceber como as percepções da cultura ocidental, o tempo do capital, se sobrepõem como uma sombra, no sentido que esta tem na iconografia cristã, a cultura Xavante e outras culturas indígenas do Vale do Araguaia e Vale do Xingu³⁶⁷.

A anotação do Presidente Vargas no livro de visita de Xavantina se entrelaça com o conteúdo ideológico apresentado pela reportagem da revista

³⁶² D'Eri, Domingos. – Nova Xavantina: Sua Gente, Sua História, Nova Xavantina-MT, Editora Alternativa, 2001, p. 97

³⁶³ Idem, Ibidem

³⁶⁴ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia*. In: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996, p. 47.

³⁶⁵ Idem.

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ O tempo da Fronteira: Retorno a Controversia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira. São Paulo, Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Volume 8, maio de 1996.

manchete, quando o presidente cita o termo “sertanistas”, fazendo uma referência às bandeiras paulistas dos séculos XVII e XVIII. Desta forma, Getúlio Vargas relacionou Xavantina com o movimento bandeirante, estabelecendo um campo de diálogo entre a publicidade do Estado Novo sobre a Expedição Roncador-Xingu e as memórias dos trabalhadores da expedição. É o que surge na entrevista de Zé Goiás: “eu sou um bandeirante do século XX³⁶⁸”

A visita de Getúlio Vargas à Xavantina³⁶⁹ é utilizada para justificar a data comemorativa do aniversário da cidade, 14 de Abril de 1944. Um presidente da República visitando Xavantina em 1945, afirma a sua condição de cidade, já naquele momento, e produz um efeito de verdade para os atuais moradores da cidade no sentido de que todas as pessoas que passaram a viver em Xavantina, a partir daquele momento, 1944, se sentissem moradores de uma cidade. Este discurso é afirmado em todos os textos oficiais que se relacionam com o evento da fundação da cidade e nos eventos públicos de rememoração do seu aniversário.

No entanto, os relatos das experiências dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu dão indicações para outras leituras, alternativas a imposta pela narrativa oficial da cidade. A data de seu aniversário é um dos fatos que não se relacionam com as experiências de vida dos trabalhadores da expedição; a picada da Roncador-Xingu chegou ao rio das Mortes em 28 de Fevereiro de 1944³⁷⁰. Mesmo nos relatos oficiais, há contestações à data de aniversário da cidade imposta pelas comemorações oficiais. O mesmo livro de visitas onde foi feita a anotação do Presidente Getúlio Vargas está, também, uma anotação do seu Ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, com a seguinte referência sobre a localidade Xavantina: “Como mato-grossense, é para mim motivo de júbilo

³⁶⁸ Entrevista com José Celestino da Silva. Realizada em Nova Xavantina, no dia 09 de Janeiro de 2006, às 15h00min.

³⁶⁹ Ao me referir a Xavantina neste momento não utilizo o termo cidade. Esta localidade, Xavantina, se constituiu lentamente como uma cidade, no decorrer das décadas de 1950, 1960 e 1970.

³⁷⁰ LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia*. In: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996, p. 46.

visitar hoje este acampamento e a futura Xavantina”³⁷¹. O General Dutra apresenta Xavantina como uma cidade, mas no futuro.

O relato do trabalhador da Expedição Roncador-Xingu, Sr. José Celestino da Silva, sobre a população de Xavantina na década de 1940, concorda com a conclusão do General Dutra que afirmou Xavantina como cidade, mas no futuro. “[...] Teve uma greve danada ai. 72 pessoas foram embora. [...] Ficou pouquinha gente aqui. Eu, o meu pai e o Virgílio Nascimento. Ai veio dois avião C-47, trazer gente aqui. Cada um trouxe 28 pessoas. Era muita gente. Ai valeu”³⁷². Se somarmos os que foram embora, 72 pessoas, no episódio da greve citada por José Celestino, com as 03 pessoas que ficaram teremos uma população de 75 pessoas, antes da greve. Depois da greve, Xavantina passou a ter uma população de 59 pessoas, considerando os dois aviões que chegaram com 28 pessoas cada, mais os 03 que lá já estavam. Esses números explicam por que o General Dutra utilizou o termo “acampamento” para Xavantina. O expectador, também fica com esta leitura ao se defrontar com a fotografia a seguir:

Foto IX – Acampamento da Expedição Roncador-Xingu no rio das Mortes



Primeiros ranchos levantados em Xavantina, próximo ao rio das Mortes, em fevereiro de 1944

Fonte: VARJÃO, Valdon. **Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, pag. 101.

³⁷¹ D'Eri, Domingos. – Nova Xavantina: Sua Gente, Sua História, Nova Xavantina-MT, Editora Alternativa, 2001, p. 97.

³⁷² Entrevista com o Sr. José Celestino da Silva, realizada no dia 09/01/2006, em Nova Xavantina.

As construções de palha de buriti, as margens do rio das Mortes, ocupam um espaço minúsculo para ser considerado como uma cidade, ainda que no futuro. No entanto, esta fotografia traz elementos iconográficos, que contrariam em partes, a opinião do General Dutra. A imagem enuncia uma imposição espacial urbana, própria da racionalidade capitalista, sobre um ordenamento da natureza. A fotografia traz em primeiro plano a barraca comandante Cel. Vanique, em segundo plano vê-se a edificação do almoxarifado, ladeado por três barracas no lado direito, eram os alojamentos dos trabalhadores. Ainda no lado direito, tem-se uma edificação uma quarta barraca muito pequena, quase não aparece na foto, que foi identificada por Zé Goiás como a sua barraca. Ao fazer esta observação, o entrevistado destaca o seu protagonismo na construção das memórias de Xavantina. Ainda no lado direito vê-se uma pequena parte de uma edificação, cortada pelo fotografo. No lado esquerdo vêem-se mais uma edificação. Finalmente, no último plano da fotografia, no lado direito, surgem às águas do rio das Mortes. O elemento de racionalidade urbana, nesta foto, esta marcado pelos caminhos que ligam a barraca do comandante ao almoxarifado e a edificação, que foi cortada em parte da foto, no lado direito. Seus traçados seguem uma linha reta e são absolutamente limpos, indicando um domínio absoluto de um espaço sobre o outro, o urbano sobre a floresta.

Esta minúscula intervenção urbana da expedição sobre a floresta não era o suficiente para levar os trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu a perceberem o espaço da base do rio das mortes com uma futura cidade. Ainda que o calendário oficial da cidade estabeleça que a partir do dia 14 de Abril de 1944 existiu uma cidade com o nome de Xavantina. Mas, José Celestino da Silva, é taxativo em afirmar o contrário: “[...] *aqui não tinha casa não. A vida aqui era dura viu. Tudo vinha de avião. Não tinha estrada pra lugar nenhum aqui. Só podia vim pelo rio. Mais não vinha também não*”³⁷³.

O Sr. Raimundo Rodrigues de Oliveira foi irônico quando lhe pedi que relatasse as suas lembranças sobre a Xavantina dos tempos da expedição:

³⁷³ A identificação das edificações que aparecem na fotografia, das edificações e qual era a sua função, na base, foi feita pelo entrevistado. Inclusive a identificação da sua barraca. Neste momento da entrevista o gravador já estava desligado. Entrevista com José Celestino da Silva, Em Nova Xavantina, no dia 09/01/2006, as 15h00min.

“não tinha cidade. Aqui tinha a Fundação Brasil Central [...]”³⁷⁴. Na leitura do Sr. Raimundo, a base não poderia ser considerada cidade, e justifica a sua leitura: “[...] olha em 1946, não tinha nenhuma casa ainda [...]”³⁷⁵. Seguindo a leitura do Sr. Raimundo e do Sr. José Celestino, temos a indicação de quais signos da cultura material autorizam um espaço como cidade. Estes signos da cultura material para este entrevistado são as construções em alvenaria. “[...] quando eu cheguei aqui – 1946 - não tinha nenhuma casa de telha. Aquela casa ali (casa do Coronel Vanique) tava no ponto de andaime. Dali três dias, eles maderaram ela [...]”³⁷⁶.

Esta condição de não cidade da base Xavantina continuou até a década de 1950. O relato do Sr. Raimundo Pereira da Silva, que chegou a Xavantina em 1951, portanto não trabalhou na expedição, mas sim, na Fundação Brasil Central, construiu a seguinte imagem da cidade: “[...] Olha rapaz, aquilo não tinha nada. Tinha umas casinhas, pouquinhas. Eram umas quatro ou cinco casas só [...]”³⁷⁷. Ao ser indagado pelo entrevistador sobre um abaixo assinado e uma greve dos trabalhadores da fundação em protesto contra a qualidade da comida, dormitório, horário de trabalho, que foram relatados nas entrevistas anteriores a sua, Raimundo Pereira reagiu com humor:

Também não. Também não tinha pra quem entregar, porque não tinha cidade. A Barra do Garça não existia, não tinha nada lá na Barra do Garças. Não tinha pra quem entregar.

Somente a partir da década de 1950 é que a base de Nova Xavantina começou a tomar feições daquilo que os trabalhadores da Fundação Brasil Central consideravam cidade. É o que se enuncia na fotografia a seguir. Embora a legenda da fotografia, feita por Valdão Varjão indique a data de 1946, as construções em alvenaria que aparecem na fotografia, dão indicio que se trata de uma tomada feita em meados da década de 1950, considerando as informações que surgem nas entrevistas.

³⁷⁴ Entrevista realizada no dia 11 de Dezembro de 2005, às 10 horas.

³⁷⁵ Idem.

³⁷⁶ Entrevista com o Sr. José Celestino da Silva, realizada no dia 09/01/2006 às 15 horas. Neste relato: Ponto de andaime é o momento em que as paredes da construção passam de dois metros de altura. Quanto à palavra maderar, trata-se da construção da infra-estrutura do telhado da casa.

³⁷⁷ Entrevista com o Sr. Raimundo Pereira da Silva, realizada no dia 10/01/2006, às 15:00 horas.

Foto X – Primeiras edificações em alvenaria da base Xavantina.



Início da povoação de Xavantina, em 1944, com as primeiras edificações

Fonte: Fonte: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989, p. 102.

Nesta fotografia, ainda vê-se no centro a primeira barraca do comandante Cel. Vanique, ainda em pé. A sua frente está à casa de alvenaria que foi construída para a sua residência. Esta edificação está ladeada por outras quatro edificações em alvenaria, sendo que duas estão dispostas do lado esquerdo e duas no lado direito. Ainda no primeiro plano, na parte bem à esquerda tem-se uma construção em alvenaria, sem telhado. Olhando da esquerda para direita, no primeiro plano, vê-se uma pequena área desmatada com uma edificação que não pode ser identificada como de alvenaria, bem ao centro uma barraca de palha de buriti e já no lado direito, uma construção que também não pode ser identificada. Ainda, tomando como referência, a edificação sem telhado, vê-se de baixo para cima, três edificações em tijolo, sendo que a terceira edificação é, atualmente, o teatro Vila Lobos. No segundo plano, vêem-se três edificações em alvenaria, segundo os entrevistados, de uso coletivo: almoxarifado, dormitório e cozinha e refeitório. Na margem do rio, têm-se duas edificações de tijolo e telha para residência. E, no último plano, para contextualizar a imagem, as águas do rio das Mortes

e a floresta. Quanto aos dois espaços desmatados e terraplanados que aparecem no segundo plano do lado direito e esquerdo, tendo como referência a antiga barraca do Cel. Vanique, estes se foram reservados para praças, com a mesma utilização no futuro traçado da cidade.

A disposição dos caminhos e dos espaços sem edificação, as praças, também, como na foto anterior, segue a lógica de uma sobreposição de uma racionalidade espacial ocidental sobre um ordenamento da natureza. Praças são vazias de edificações, mas portadoras de enunciados políticos. São os espaços públicos, onde as pessoas representam os seus papéis.

Uma questão de ordem metodológica a ser apontada, nesta foto, é a legenda de Valdão Varjão, com a informação: *início da povoação de Xavantina em 1944, com as primeiras edificações*. As primeiras edificações são as que aparecem na fotografia anterior. Todas construídas de folha de buriti. Segundo as informações dos entrevistados, a primeira casa de tijolo e telha de barro foi construída em 1946. As demais edificações, só foram erguidas depois de 1950, como informam as entrevistas de José Celestino, José Batista Porto e Raimundo Rodrigues. Sendo assim esta fotografia não é de 1944, mas do início dos anos 50 do século XX. Aqui o cotejamento entre as fontes desfez um equívoco. Zé Goiás, em sua entrevista, para compor o seu relato sobre as primeiras edificações da base do rio das Mortes, utilizou o seu acervo fotográfico como suporte para acessar as suas memórias. É o que se lê na citação seguir:

Eu morava numa barraca de paia lá embaixo. Eu mostro pra você. (*mostrando fotos do seu acervo – pergunta para o entrevistador*) Mostra fotos do Vale do Matrinchã. Hoje é Vale do Sonho.

Encontra as fotografias: agora repara bem – *mostra outra foto* – Almoxarifado, oficina mecânica, vista aérea das primeiras casas de xavantina.

Encontra outra fotografia dos trabalhadores da expedição: Zé Arunã, Leopoldo, Maranhense, Eu, Euvaldo, Zé Bororo, Manuel Pinto, Chico Piloto, Genaro, Lorival. Esse aqui é meu pai. Esse aqui é o seu Horlando Villas Boas. Eu era o cozinheiro. Eu tava lá fazendo co-

mida. Olha lá, pondo comida na mesa. Uma panela na mesa. Ta vendo?³⁷⁸

Nesta passagem do relato de Zé Goiás, o próprio entrevistado co-teja as suas lembranças com um suporte material de memórias: as fotografias. Da ao interlocutor uma garantia de veracidade das suas afirmações. Esta dentro do questionamento que Paul Ricoer³⁷⁹ faz sobre a insegurança do historiador frente aos testemunhos, com a pergunta: *como posso saber o que vocês disseram?* Aqui Zé Goiás dá uma alternativa. Confronte as fontes.

Quanto ao nome da cidade, novamente, a narrativa oficial não a relaciona com os relatos das experiências de vida dos trabalhadores da expedição. Um desses trabalhadores, Orlando Villas Boas, relatou sua experiência na base Xavantina para o jornal O Estado de São Paulo, no dia 09 de Março de 1993³⁸⁰, 50 anos depois da Expedição Roncador-Xingu. O relato de Orlando Villas Boas dá indicações das indefinições em torno do nome da base da expedição no rio das Mortes. “[...] Xavantina era um ponto do rio das Mortes, alcançado pela expedição, no rumo de Manaus. Chamou-se São Pedro do rio das Mortes, depois Xavantina[...]³⁸¹. Villas Boas não indicou uma data para a adoção do nome Xavantina para a base. Mas, no relato de experiência de vida de outro trabalhador da expedição, é possível colher outros sinais. Este trabalhador é o Sr. Salomão Gomes. Por intermédio de seu relato, é possível indicar que até o fim da década de 1940, Xavantina não existia. Segundo o entrevistado, sua chegada à base do rio das Mortes ocorreu em 1948. Em sua entrevista faz a seguinte observação sobre o momento em que foi convidado para trabalhar em Xavantina: “[...] *Então vamos pro rio das Mortes. Ninguém falava em Xavantina [...]*³⁸².

³⁷⁸ José Celestino da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina em 09/01/2006, às 15h00min.

³⁷⁹ RICOER, Paul. La Memoria, La história, El Olvido. Madrid, Editorial Trotta S.A., 2003, pag.181.

³⁸⁰ Jornal O Estado de São Paulo. As reportagens utilizadas nesta pesquisa estão no seu sítio na rede mundial de computadores: oestadao.com.br.

³⁸¹ Sítio do Jornal o Estado de São Paulo, Terça-feira, 09 de Março de 1993: oestadao.com.br.

³⁸² Entrevista realizada com o Sr. Salomão Gomes de Souza, em 08/01/2006, em Nova Xavantina.

Xavantina ou São Pedro do Rio das Mortes

As indefinições em torno do nome de Xavantina provocaram um diálogo entre dois campos simbólicos; o Estado Brasileiro e a Igreja Católica. O entrelaçamento destes dois universos de símbolos surge no relato do Sr. José Celestino da Silva:

[...] Dia 29 de Julho de 1946 teve uma missa [...] Ai o padre falou: de agora em diante aqui não é mais rio das Mortes não. É São Pedro do Rio das Mortes. O Coronel foi olhar no livro do dia e disse: tá certo. Hoje é dia de São Pedro[...]. Mais pela lei natural aqui tem que ser Xavantina, por causa dos Xavante. O Coronel disse: muito bem Orlando (Villas Boas), é isso mesmo. Tá aí, Xavantina. Aqui era pra ser, São Pedro do Rio das Mortes.³⁸³

A missa relatada pelo Sr. José Celestino da Silva foi uma operação de posse de território empreendida pelo Governo Vargas ao rio das Mortes. Apesar de não ter a princípio levado em consideração à presença indígena e os seus territórios, o Governo Vargas não conseguiu fazer com que a força da presença indígena desaparecesse, tanto que o nome da cidade foi constituído tomando por base o universo simbólico Xavante. Este grupo indígena resistiu bravamente durante um século. Quando se viu vencida pelo cerco empreendido pelo governo, passou a lutar no campo do diálogo. O Estado Novo operava no sentido de sobrepor o seu território sobre o território Xavante. Nesta operação se apropriava do campo simbólico de outra instituição, a Igreja Católica, para nomear um lugar Ocidental Cristão no rio das Mortes – São Pedro do Rio das Mortes. Nomear lugares é uma das operações de apossamento simbólico de um território. Isso pode ser visto à luz das palavras de Pierre do Bourdieu:

Na ordem simbólica pela produção do senso comum ou, mais precisamente, pelo monopólio da nomeação legítima como imposição oficial – isto é, explícita e pública – da visão legítima do mundo social, os agentes investem o capital simbólico que adquiriram nas lutas anteriores e sobre o poder que detêm sobre as taxionomias instituídas, como os títulos. Assim as estratégias simbólicas por meio das quais os agentes procuram impor a sua visão do mundo podem situar-se entre dois extremos: o insulto [...] ou a nomeação oficial, ato de imposição simbólica que tem a seu

³⁸³ Entrevista realizada com o Sr. Salomão Gomes de Souza, em 08/01/2006, em Nova Xavantina.

favor toda a força do coletivo, do consenso, do senso comum, porque ela é operada por um mandatário do Estado, detentor do monopólio da violência simbólica legítima.³⁸⁴

O relato da missa, apresentado por José Celestino da Silva em sua entrevista³⁸⁵, dá visibilidade para o diálogo entre os signos da Igreja Católica e do Estado Novo, pela nomeação do espaço territorial conquistado da sociedade Xavante. Os índios, nem aparecem no relato de José Celestino. O fato de o nome Xavantina prevalecer sobre o nome cristão: São Pedro do rio das Mortes, evidencia o protagonismo do Estado Novo em relação a igreja católica. Não significa que o instrumento de poder simbólico da igreja tenha sido dispensado pelo Estado Novo, mas aqui eles entram no campo de poder como coadjuvantes.

O Estado Novo era o detentor do “monopólio da violência simbólica legítima³⁸⁶”. Segundo Seth Garfield³⁸⁷, o Estado Novo incorporou os índios ao seu repertório ideológico, transformando-os em instrumento de popularização da Marcha para Oeste e ajudou a propagar o ideário positivista sobre as populações indígenas, que tinha em Cândido Mariano da Silva Rondon³⁸⁸ um entusiasta. Esta nova postura política, da parte do governo de Getúlio Vargas e da sociedade brasileira, reduziu a violência física contra os índios, mas por outro lado, foi substituída por estratégias de incorporação destas populações as políticas demográficas do governo brasileiro. Deixou-se a prática da guerra convencional e passou-se a praticar uma guerra psicológica contra os índios. Promovia-se toda sorte de humilhação contra estas coletividades. Disseminação de epidemias, incentivo a rivalidades entre facções internas e redução dos seus territórios a áreas minúsculas dos postos indígenas. Desta forma, as populações indígenas seriam transformadas em reserva de mão-de-obra, úteis aos projetos de colonização da Marcha para Oeste.

³⁸⁴ Pierre Bordieu, *O Poder Simbólico*. Lisboa, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p. 146.

³⁸⁵ Entrevista com o Sr. José Celestino da Silva, realizada no dia 09/01/2006, em Nova Xavantina.

³⁸⁶ Idem.

³⁸⁷ GARFIELD, Seth. As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e o Estado-Nação na era Vargas. *Revista Brasileira de História*(Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, p. 15-42. 2000.

³⁸⁸ Sobre Candido Mariano da Silva Rondon Ver: FERREIRA, Mirian Rejane Guimarães. *Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo (1907-1915)*, Cuiabá, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFMT, 2007.

Neste contexto é possível compreender as atitudes de Horlando Villas Boas, que aparece no relato do Sr. José Celestino da Silva, fazendo a defesa do mundo Xavante. Mas, esta defesa dos índios é uma operação de apropriação do campo simbólico Xavante para redefinir o seu próprio território. A Expressão: *“aqui tem que ser Xavantina, por causa dos Xavante”* cria um efeito de incorporação dos Xavante ao novo território, mas novamente os exclui, uma vez que os mesmos não fizeram parte da cena descrita pelo entrevistado, na renomeação da base do rio das Mortes como Xavantina.

A atitude de Villas Boas foi bem sucedida, pois o nome São Pedro do Rio das Mortes foi substituído por um derivado da palavra Xavante, Xavantina. Nesse sentido, os Xavante foram levados em consideração, apesar de estarem excluídos do projeto de colonização proposto pelo governo Vargas. No passado, o espaço que se constituía como território Xavante, era território de outros povos indígenas: Bororo, Carajá, Bakairi Tapirapé. Além de conquistar seu território destes povos, os Xavante conseguiram defendê-lo por quase um século³⁸⁹. Mas com a chegada da Expedição Roncador-Xingu ao rio das Mortes, isso não foi mais possível. A execução da expedição visava ampliar a ocupação demográfica do Brasil Central, por movimentos populacionais orientados pelo estado brasileiro. Na década de 1940 o governo federal estava tomando medidas para aliviar as pressões demográficas nos centros urbanos do Sudeste e amenizar os conflitos sociais gerados pela pobreza no Nordeste³⁹⁰.

Para Michel Foucault, atos de poder como a nomeação de Xavantina, apresentam-se como um lugar onde se demarcam um ponto instituído como inaugurador, como começo, e se impõem como verdade. É marcada pela idéia cristã de perfeição. O que a pesquisa em História precisa buscar nos “começos” não é a identidade, ainda, preservada das “origens”, mas as discórdias entre as coisas, os disparates, as ironias. Sendo assim, investigar os “começos” é desconstruir a narrativa das classes dominantes³⁹¹. Os “começos”, pensando como

³⁸⁹ MAYBURY-lewis, David. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984.

³⁹⁰ OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. - João Alberto - A Metáfora de um Revolucionário. Rio de Janeiro, X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ - História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

³⁹¹ FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: A Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

Michel Foucault, não são os pontos primeiros dos acontecimentos. Eles são pontos de entrecruzamento de outros “começos”, que formam uma trama interminável: “O mundo é uma miríade de acontecimentos entrelaçados³⁹²”. E a instalação da base da Expedição Roncador-Xingu, no rio das Mortes, pode ser vista como um entrelaçamento de objetivos políticos, oriundos das demandas políticas do Governo Vargas na década de 1940, interna e externa. O Brasil havia acabado de se definir ao lado dos Aliados na Grande Guerra Mundial. Este acontecimento foi utilizado como justificativa para a execução da expedição. As imagens que sertanistas e exploradores produziram sobre o Brasil Central, nos anos de 1920 e 1930, veiculadas pela imprensa paulista para a opinião pública do Brasil litorâneo é outro fio que se entrelaça na narrativa sobre a fundação de Xavantina. E, finalmente, temos a leitura dos sertanejos que viam as transformações territoriais operadas pela chegada da Expedição Roncador-Xingu ao rio das Mortes³⁹³.

O estabelecimento de uma base de operações da Expedição Roncador-Xingu no rio das Mortes, seja com o nome católico de São Pedro do rio das Mortes, seja como referência aos Xavante – Xavantina, foi a ampliação de um movimento demográfico que adentravam o território Xavante, desde a década de 1920. Este avanço demográfico do Sul e Norte para a parte central do Brasil estabeleceu um grande cerco³⁹⁴, que não era de paz, em torno do território Xavante. A logística operacional da Expedição Roncador-Xingu se constituiu em uma poderosa máquina de guerra, contra a qual não sobrava outra opção aos Xavante que não fosse a negociação do contato. Este processo é precedido de outros acontecimentos. Trata-se da expedição de Francisco Meireles a localidade de São Domingos na margem direita do rio das Mortes, ponto de apoio dos padres salesia-

³⁹² Idem, p. 29.

³⁹³ Neste trabalho estou considerando como incursões não índias; o movimento bandeirante paulistas dos séculos XVII e XVIII, as entradas do General Couto de Magalhães no Vale do Araguaia no século XIX e as “novas bandeiras” do século XX. Sobre estas incursões não índias, ver: LIMA FILHO, Manoel Ferreira. *Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia*, Brasília, Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998 e HOLLANDA, Sergio Buarque de. *A visão do Paraíso*. São Paulo, Brasiliense, 2000.

³⁹⁴ Sobre a ocupação não índia dos entornos do território Xavante, Ver: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX*, Cuiabá, Ed.UFMT, 2006. Nesta pesquisa a autora reconstrói o caminho dos primeiros moradores da cidade Guiratinga, ao sul do território Xavante, através do Rio Araguaia. Ver: SOARES, Luis Antonio Barbosa. *Trilhas e Caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia – MT. Cuiabá, Dissertação de Mestrado, UFMT, 2004*. Este trabalho analisa a ocupação não ao norte do território Xavante.

nos nas fracassadas tentativas de contato com os Xavante na década de 1930 e 1940. No ano de 1946, sob o comando do SPI, Francisco Meireles, logrou um pequeno êxito com a troca de presentes entre a sua equipe e um grupo Xavante. Porém é preciso considerar que cinco anos antes, 1941, outro funcionário do SPI, Genésio Pimentel Barbosa, não teve sucesso e acabou sendo morto junto com a sua equipe de atração e contato. Mesmo assim, o discurso que o SPI vendeu a leitores desavisados foi à idéia de que a expedição de Francisco Meireles, em 1946, estabeleceu o contato e pacificou³⁹⁵ os Xavante. Mesmo que troquemos o termo pacificação por contato, a data 1946, eleita pelo SPI como o início das relações entre o estado brasileiro e os Xavante, não encontraríamos sustentação em nenhuma fonte. Segundo a antropóloga Aracy Lopes da Silva, o processo de contato entre índios Xavante e Funcionários das agências indigenistas estatais se prolongaram até a década de 1960. Também, não se podem generalizar os contatos pontuais dos trabalhadores do SPI com pequenos grupos de índios, para toda a sociedade Xavante. Algumas facções desta sociedade optaram pelo contato, outras optaram pelo distanciamento das bases de operação da Fundação Brasil Central e sustentaram esta alternativa política até o limite do possível, década de 1960³⁹⁶.

A sobreposição de um território ocidental cristão sobre o território Xavante, não levou a rendição desta sociedade pelas armas convencionais, como demonstraram os estudos da historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto³⁹⁷ e do antropólogo David Maybury-Lewis³⁹⁸. Para compreender o avanço da Expedição Roncador-Xingu sobre o Rio das Mortes, com incidentes com os Xavante, que não resultaram em mortes³⁹⁹ entre os trabalhadores da expedição, é preciso estudar o impacto simbólico das armas de fogo. Os índios ficavam aterrorizados

³⁹⁵ . O termo pacificar neste discurso ultrapassa os limites do etnocentrismo e cai em uma desqualificação grotesca das pessoas, pois pacificação é um termo utilizado por adestradores de animais para o convívio doméstico

³⁹⁶ SILVA, Aracy Lopes. Dois Séculos e meio de História Xavante. In: CUNHA, Manuela da (org). História dos índios no Brasil, São Paulo. Companhia das Letras, 1992, p. 368..

³⁹⁷ GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX, Cuiabá, Ed.UFMT, 2006 e

³⁹⁸ MAYBURY-LEWIS, David. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1984.

³⁹⁹ Orlando Villas Boas cita “escaramuças com os Xavante” que não foram citadas por nenhum dos entrevistados que participaram da segunda fase da Expedição Roncador Xingu. Ver: Jornal: O Estado de São Paulo, Terça-Feira, 09 de Março de 1993.

com os seus estampidos⁴⁰⁰. “Por isso, levaríamos, além das armas, inumeráveis e rumorosos foguetões cuja ação era tanto ou mais eficiente que a das armas de fogo”⁴⁰¹. Também é preciso analisar como foram vistos e sentidos os aviões pelos Xavante, pois estes foram uma arma de guerra, utilizados tanto para provocar terror, como para cooptá-los, lançando presentes. Esta etnologia ainda não foi feita. Um diálogo da Antropologia com a História, no estudo dos Xavante seria muito promissor, pois como sugere Michel de Certeau, “[...] existem relatos que ‘marcham’ à frente das práticas sociais para lhes abrir um campo⁴⁰²”.

⁴⁰⁰ FONSECA, Sylvio da. Frente a Frente com os Xavante. Rio de Janeiro. Irmãos Pongetti Editores, 1948, p. 92.

⁴⁰¹ FONSECA, Sylvio da. Frente a Frente com os Xavante. Rio de Janeiro. Irmãos Pongetti Editores, 1948, p. 92.

⁴⁰² CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994, p. 211.

Considerações Finais.

No dia 08 de Janeiro de 2006, em um fim de tarde, fui recebido por um trabalhador da Fundação Brasil Central na base Xavantina, o Sr. Salomão. Fui acomodado na varanda de sua Casa, uma construção da extinta SUDECO, com vista para uma grande praça, demarcada no tempo do Coronel Vanique e tendo mais ao fundo as águas do rio das Mortes. Este foi o cenário onde conversamos por aproximadamente quarenta e cinco minutos. Sua entrevista seguiu a lógica discursiva verificada nas entrevistas de outros trabalhadores, entrevistados nos dias anteriores. A maioria das informações que já havia sido colhida foi confirmada pelo Sr. Salomão, com pequenas variações, devido a falhas de memória. Mas ao final da entrevista, o que ocorreu com a maioria dos entrevistados desta pesquisa, a conversa continuou depois do gravador já ter sido desligado e o entrevistado ter se certificado do fato. Neste momento da entrevista, com o gravador desligado, mas não as observações do pesquisador, pois neste momento surgem os indícios não enunciados na fala, mas nos silêncios, ironias, tom de voz e outras manifestações que compõem o entorno da entrevista. Neste momento o entrevistado foi até a sala e retornou com um livro. Eram as memórias dos irmãos Villas Boas⁴⁰³. Apresentou o livro ao pesquisador e perguntou: *você conhece?* A resposta foi sim. Então ouvi o seguinte comentário: *Nesse livro só fala deles, mas quem fez a expedição fomos nós e não eles.* O nós aqui se refere aos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu.

Esta afirmação do Sr. Salomão Gomes de Souza guiou esta pesquisa. Foram identificados os lugares sociais de origem destes trabalhadores brasileiros. Eram lugares de exclusão: garimpo seca no Nordeste, o mundo sertanejo e, depois de estabelecida as bases da expedição, os índios Xavante. Os silêncios e as violências a que foram submetidos, foram visualizados nas pistas involuntárias que as fontes como relatos de memórias, documentos governamentais e as próprias entrevistas deixaram escapar. Pois, tanto a memória que o poder estabelecido construiu para a Expedição e para a Fundação, quanto os relatos construídos

⁴⁰³ VILLAS BOAS, Orlando. A Marcha para o Oeste. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.

pelos próprios trabalhadores buscaram excluir todos os indícios que pudessem compor uma imagem negativa da expedição. Os ocupantes do poder instituído têm na memória da expedição, subsídios para produzir ativos eleitorais. E os trabalhadores se constroem enquanto personagens nos seus relatos de participantes da Expedição. Abrir frestas neste muro discursivo é *escovar o cachorro a contrapelo*, segundo a lição de Walter Benjamin.

Nestas frestas observamos os trabalhadores enquanto construtores da Expedição Roncador-Xingu, o que a narrativa oficial quer silenciar. Foi possível tornar visível as relações de trabalho, orientadas por uma disciplina militar. O comando da base foi sempre exercido por militares, entretanto, os trabalhadores eram civis, recrutados em espaços de exclusão na sociedade brasileira. Um exemplo destes lugares de exclusão social de trabalhadores pobres, citados em entrevistas e bibliografia, eram as áreas dos garimpos⁴⁰⁴. Tratava-se de pessoas pobres que vinham do Norte e Nordeste do Brasil pelo rio Araguaia, de barco até Barra do Garças. Desta localidade até o rio das Mortes, o caminho era percorrido a pé. Os meios de transporte e o percurso feito pelos trabalhadores pobres do Nordeste e o Norte do Brasil, para chegar a Xavantina é um indicio do lugar social destes nas bases da expedição e nos quadros da FBC. Estes trabalhadores constituíam o grupo dos “braçais”. Os trabalhadores com qualificação técnica, como os pilotos de aeronaves, mecânicos de avião e militares, vinham de avião, todos da região Sudeste. O CAN e a FAB se tornaram instrumentos de controle dos trabalhadores. Aos que não se submetiam a disciplina imposta pelo comando da expedição eram expulsos dos seus quadros e lhes eram negados o transporte nos aviões do CAN. Neste caso, teriam que ir de Xavantina até a base de Aragarças andando a pé⁴⁰⁵. Os caminho e meios de transporte eram o indicador das diferenças sociais dentro das bases. Determinava que tipo de trabalho lhes seriam reservados e como seriam tratados. Foi criada uma hierarquia entre os trabalhadores. Esta hierarquia aparece nas designações de funcionários e braçais. Estas desig-

⁴⁰⁴ Sobre as atividades anteriores dos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central ver: VILLAS BOAS, Orlando. *A Marcha para o Oeste*, Rio de Janeiro, Editora Globo, 1993, pg. 30; entrevista de Orlando Villas Boas para a revista SESC, São Paulo, nº 24, 2000 e relatos dos trabalhadores da Fundação Brasil Central, feitos no decorrer das entrevistas que realizei na pesquisa para esta dissertação.

⁴⁰⁵ Relato do Sr. Raimundo Ferreira da Silva feito no dia 10/01/2006, em Nova Xavantina.

nações indicavam os locais onde os trabalhadores poderiam circular, onde dormir, o que comer e com quais termos e tom de vozes seriam interpelados.

Mas esta pesquisa procurou ir além das denúncias das violências e silêncios. Isto é fato dado como tomado, para um pesquisador, atuando em nome de uma instituição financiada pelo erário público. Necessário se faz uma posição política do pesquisador no sentido de construir espaços de visibilidade para estas pessoas, que participam da produção da riqueza social, mas são emudecidas, tornadas invisíveis. Isso é o óbvio. Juntamente com a busca de indícios que pudessem visualizar os trabalhadores, foi reconstituído o percurso da Expedição, as iniciativas de colonização da Fundação Brasil Central, juntamente com a atuação da Força Aérea Brasileira no sentido de controlar o espaço aéreo do Brasil Central e Amazônico. Procurou-se operar desvios nas pesquisas anteriores que, na sua maioria, focam na negatividade da atuação do Estado Novo no Brasil Central. Não tomamos uma postura contrária a esta, a priori, mas procuramos nos entregar as fontes. A interpretação que construímos a partir destas fontes não autoriza uma leitura pela via de um negativismo radical.

Verificamos que a constituição do espaço urbano de Nova Xavantina foi um dos desdobramentos da Expedição Roncador-Xingu. Mas a expedição teve outros desdobramentos, entre eles, a consolidação da linha do Correio Aéreo Nacional, ligando a cidade do Rio de Janeiro e a cidade Manaus; as operações da Força Aérea Brasileira que estabeleceram as instalações militares na serra do Cachimbo e em Jacareacanga, através dos quais passaram a controlar o espaço aéreo amazônico e colonização efetiva do Vale do Araguaia. Os grandes projetos agropecuários iniciaram-se com a Fundação Brasil Central e se consolidaram nos governos militares.

O domínio do espaço aéreo brasileiro foi consolidado pela Rota Rio - Manaus. Cumpriram-se os objetivos da Expedição Roncador-Xingu. Esta rota passou a ser operada com regularidade pelo Correio Aéreo Nacional – CAN e Força Aérea Brasileira. Estabeleceram-se definitivamente as ligações de transporte e comunicação da parte mais central do Brasil com as regiões Sudeste e Sul.

Em 1967 foi extinta a Fundação Brasil Central e no seu lugar foi criada a SUDECO - Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste. A criação deste órgão governamental foi além dos limites de uma reforma administrativa. Tratava-se de uma redefinição das políticas de ocupação da Amazônia e da parte mais central do Brasil, postas em prática pelos governos militares⁴⁰⁶. Segundo o antropólogo, Manuel Ferreira Lima Filho, a extinção da FBC é um ponto de ruptura nas memórias dos seus trabalhadores⁴⁰⁷.

Os malogros financeiros da Fundação Brasil Cental não podem ser lidos apenas a partir da corrupção e incompetência da burocracia da Fundação. Embora, corrupção e incompetência tenha permeado as suas atividades⁴⁰⁸. Mas os resultados da sua atuação impactaram o processo de colonização da parte mais central do Brasil e, desta forma, integrou esta área de grandes proporções geográficas e de grandes reservas de recursos naturais as demais partes do Brasil. Sendo assim, a Expedição Roncador-Xingu e a Fundação Brasil Central, não eram apenas uma resposta as necessidades políticas imediatas do Governo Vargas de responder uma crise econômica e uma deslegitimação política que se avolumaram a partir do ano de 1943. Mesmo sem Getúlio Vargas o estado brasileiro deu continuidade ao projeto de expansão das fronteiras econômicas e políticas do Estado de Goiás para o Vale do Araguaia.

Outro aspecto da constituição do espaço urbano de Xavantina, discutido nesta dissertação, é a sua localização dentro do território Xavante, uma sociedade indígena que se estabeleceu nas partes mais centrais do Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Com os projetos de colonização desta parte do Brasil, os Xavantes deixaram de se manter isolada no âmbito do Estado brasileiro. Os relatos dos trabalhadores da FBC revelam indícios de tensões, tanto do

⁴⁰⁶ Sobre a redefinição dos projetos de colonização da Amazônia, empreendida pelos governos militares, ver: GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A Lenda do Ouro Verde*, Cuiabá, Unicen, 2002.

⁴⁰⁷ LIMA FILHO, Manuel Ferreira. *Op. Cit.*

⁴⁰⁸ O jornalista Carlos Teles publicou um livro denunciando os desvios da administração do Ministro João Alberto. Este livro é uma compilação de denúncias sensacionalistas sem apoio em fontes. O autor fez suposições a partir de uma organização dos textos dos decretos e portarias referentes a Fundação Brasil Central. Junto com as pseudo análises dos textos destes decretos, o jornalista desatina em desqualificações da pessoa do Mistros. TELLES, Carlos. *História Secreta da Fundação Brasil Central: retrato de João Laberto e de uma época*. Rio de Janeiro: editora Chavante, 1946.

lado dos trabalhadores quanto dos índios. Estas tensões exigiram a construção de estratégias políticas singulares que garantissem a segurança dos Xavante e dos trabalhadores da expedição. Os Xavante passaram a redefinir as suas estratégias políticas para o contato com os agentes do estado brasileiro, principalmente, indigenistas e latifundiários, uma vez que o isolamento tornou-se uma impossibilidade política.

A contribuição desta pesquisa se insere na luta dos antigos trabalhadores da Expedição Roncador-Xingu e da Fundação Brasil Central em preservar a memória de suas participações nestes acontecimentos. As famílias destes trabalhadores perderam fontes como fotografias e cartas que relacionavam os seus familiares a Expedição e a Fundação. No momento que estive em campo realizando as entrevistas, tive notícias de trabalhadores que tinham falecido, outros que estavam muito doente e, entrevistas que não foram transcritas devido a voz indecifrável do entrevistado e outras realizadas com muita dificuldade, caso de Zé Goiás, que tinha baixa audição. As entrevistas preservaram um pequeno fragmento das lembranças destes trabalhadores do acontecimento Expedição Roncador-Xingu. Uma iniciativa, neste sentido foi tomada pela UNEMAT - Nova Xavantina, através de seu curso de turismo. Alunos e professores deste curso têm tomado iniciativas no sentido de produzir e arquivar fontes sobre o passado da cidade. Entre estas fontes esta a série de entrevistas com trabalhadores da expedição, intitulada: Os Heróis do Brasil.

Além de catalogar e preservar fontes, esta pesquisa buscou produzir uma interpretação que construísse um lugar alternativo a invisibilidade dos trabalhadores nas narrativas oficiais de Nova Xavantina. Também, operou-se um desvio nas leituras que construíram um negativismo radical para a atuação do Estado Novo no Vale do Araguaia. A colonização teve sim um custo social, exploração dos trabalhadores na Expedição e na Fundação, acossamento das pequenas propriedades rurais e dos territórios Xavante. Junto com a Expedição veio um custo ambiental: desmatamento, perda e assoreamento de rios e ribeirões, biodiversidade de fauna e flora. Por outro lado, efetivou-se a colonização do Araguaia através da grande propriedade rural, garantiu-se o domínio do espaço aéreo, operada pela base aérea da Serra do Cachimbo e Jacareacanga e efetivou a linha

aérea Rio de Janeiro - Manaus. Não se trata de tomar partido, fazer juízo de valor, mas de considerar a possível positividade das políticas Estado Novo no Brasil central. O que foi planejado foi executado e seus objetivos alcançados. Foi desta perspectiva que esta pesquisa foi conduzida.

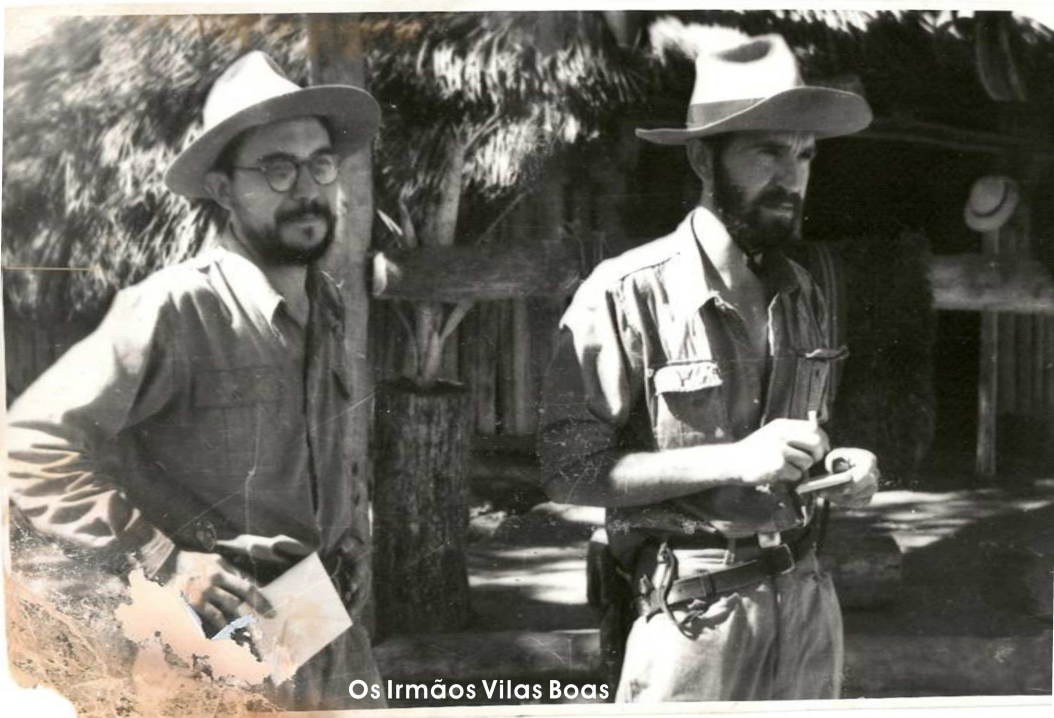
Caderno de fotografias

Caderno de Fotos



Visita de Getúlio Vargas (ao centro) à região- na foto, à direita de Vargas vê-se o ministro João Alberto Lins de Barros, à sua direita vê-se o Coronel Vanique à esquerda de Vargas, o então ministro, Eurico Gaspar Dutra.

Foto XI – Getúlio Vargas em Visita à Expedição Roncador-Xingu. Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina.



Os Irmãos Vilas Boas

Foto XII - Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina.



Foto XIII – Preparativos para a marcha da expedição – Fonte – Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XIV - Preparativos para a marcha da expedição – Fonte – Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XV – Coronel Flaviano de Matos Vanique no córrego do Pindaíba. Batizando uma canoa.
Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



FotoXVI – O Médico Vahia de Abreu em seu posto de Saúde. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XVII – Trabalho na picada - Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XVIII – Equipe de vanguarda. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XIX – Chegada ao rio das Mortes. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XX– Equipe de Vanguarda com o Cel Vanique. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXI – Construção de campo de pouso da FAB. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXII – O presidente Getúlio Vargas em Xavantina. A seta mostra o Sr. Antonio Fernandes da Rocha. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXIII – A Barraca do Comandante Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXIV. O Ministro João Alberto em Xavantina. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXV – O conquistador e o conquistado – rio das Mortes (o título desta foto foi atribuído por Archimedes Carpintiere). Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXVI – Expedicionário frente ao marco de início da marcha Xavantina ao Xingu. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXVII – Aeronave de apoio. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXVIII – Trabalhadores da Fundação Brasil Central. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXIX – Casa do Cel. Vanique. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXX – As primeiras construções de alvenaria. Fonte: Acervo catalogado por Archimedes Carpintiere.



Foto XXXI - Vista de Xavantina na década de 1950. Fonte: Fonte: Acervo do curso de Turismo – UNEMAT – Nova Xavantina.



Foto XXXII – Aeronave de apoio a Fundação Brasil Central. Fonte: VARJÃO, Valdon. **Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989. P. 86

Fontes orais

- Lourival Ferreira de Miranda(Loro). Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005.
- Cícero Ferreira da Luz. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005.
- Anastácio Juscelino Mendes. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005.
- Sebastião Rosa Dias. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005.
- Joana Ferreira. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005.
- Raimundo Rodrigues de Oliveira. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005, às 09h00min.
- Sr. João Fernandes de Oliveira. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 16h00min.
- Salomão Gomes de Souza. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 17h00min.
- Sr. Adão Gomes de Souza. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 19h00min.
- Sr. Manuel Alves de Souza. (Manezinho). Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 20h00min.
- Sr. Agostinho Araújo. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 09 de janeiro de 2006, às 07h00min.
- Sra. Maria da Gloria Nunes da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 09 de janeiro de 2006, às 15h00min.
- Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min.
- João Rodrigues da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 19h00min.
- Jose Mariano da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 11 de janeiro de 2006, às 08h00min.
- Jose Rocha Cardoso – Zé Arara. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 11 de janeiro de 2006, às 09h00min.
- Manuel Messias. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 11 de janeiro de 2006, às 16h00min.

- Idolvina Zulmira da Costa. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 12 de janeiro de 2006, às 15h00min
- Joaquim Rodrigues de Meneses. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 13 de janeiro de 2006, às 17h00min
- Aramis Batista de Oliveira. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 15 de janeiro de 2006, às 17h00min
- Godofredo Siqueira de Miranda. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 14h00min.
- Arnaldo José. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 17h00min.
- Archimedes Carpintieri. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 20h00min.
- Valteri Araújo da Silva – Valtinho. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 17 de janeiro de 2006, às 16h00min.
- Dr. Fernando Mesquita. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 15/01/2006, às 14h00min. .
- Sr. José Celestino da Silva. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 09/01/2006, às 15h00min.
- Sr. José Batista Porto. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 15/01/2006, às 14h00min.
- Sra. Maria Gomes. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 13/01/2006, às 18h00min.

Orlando Villas Boas. Entrevista concedida a José Marqueiz In: VARJÃO, Valdon. Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1989.

Fontes Governamentais

Portaria nº 77 de 03 de Junho de 1943. Publicada pelo Minsitro João Alberto Lins de Barros – Organiza a Expedição Roncador-Singu

Lei Estadual nº 2.059 de 14/12/1963. Criação do Distrito Ministro João Alberto, subordinado ao Município de Barra do Garça.

Lei Estadual nº 4.176 de 03/03/1980. Decreto de criação do Município de Nova Xavantina.

Decreto Lei nº 5.801 de 08 de Setembro de 1943. Decreto do Presidente da República Getúlio Vargas – Considera de interesse militar a Expedição Roncador-Xingu.

Decreto Lei nº 5.878. 04 de outubro de 1943. Criação da Fundação Brasil Central a Fundação Brasil Central

Decreto Lei nº 4.750

Fontes eletrônicas - Jornais – Sítios da rede mundial de computadores – Áudio Visual

<http://www.estado.com.br>.

www.grupomontevideo.edu.uy

<http://www.faficp.br/mhnnatural/nosertao>.

Depoimento de Orlando Villas Boas, recortado para o Documentário: **Heróis do Brasil**, produzido e dirigido por Amanda Galler, Nova Xavantina-MT, Universidade de Mato Grosso UNEMAT, 2005. Site: www.rotabrasiloeste.com.br.

José Celestino da Silva (com Zé Goiás) Entrevista concedida à Amanda Galler e Aline Barros para o Documentário: Heróis do Brasil, ocorrida em Nova Xavantina. Universidade de Mato Grosso – UNEMAT 2005. Site: www.rotabrasiloeste.com.br.

Dona Nedorina Batista dos Santos. Entrevista concedida a Archimedes Carpintiere em Nova Xavantina. Publicado no jornal O Roncador, Agosto/1986.

Entrevista com Orlando Villas Boas. São Paulo: Revista SESC. nº 24, 2000.

Jornal O Estado de São Paulo”, 11 de agosto de 1937.

Jornal O Globo, 1945.

Jornal Folha de Nova Xavantina, 1986.

Jornal O Roncador, 1986.

Jornal O Povo, 21/6/1942. Discurso de Getúlio Vargas quando da inauguração da Campanha Nacional da Borracha: "Brasileiros! A solidariedade dos vossos sentimentos me dá a certeza prévia da vitória".

Jornal O Estado de São Paulo, 04 de Junho de 1943.

Jornal O Estado de São Paulo, 12 novembro de 2006.

Jornal o Estado de São Paulo, Terça-feira, 09 de Março de 1993.

Jornal O Roncador de Agosto de 1986.

Jornal: O Estado de São Paulo, Terça-Feira, 09 de Março de 1993.

Bibliografia

AGGIO, Alberto e LAHUERTA, Milton. **Pensar o século XX: Problemas políticos e história nacional na América Latina**, São Paulo, Editora UNESP, 2003.

ALMEIDA, Rita Heloisa. **O Diretório dos Índios**: Brasília: editora da Universidade de Brasília, 1997.

ABREU, Silvana de. **Planejamento Governamental: A SUDECO no espaço mato-grossense – Contexto, Propósitos e Contradições**. São Paulo, Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Tese de Doutorado, 2001.

AMADO, Janaina. **O Cervantes de Goiás**. Rio de Janeiro: Revista Nossa História, Ano 1, nº 3, Dezembro/2003.

ARRUDA, Gilmar. **Cidades e Sertões: entre a história e a memória**, Bauru, EDUSC, 2000.

AURELI, Willy. **Roncador: Jornada da Bandeira Piratininga**. Rio de Janeiro: Edição Cultural Brasileira, 2º Edição, 1949, pág. 64.

BARBOSA, Luis Bruno Horta. **Missão Rondon: apontamentos sobre os trabalhos realizados pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, sob a direção do Coronel de Engenharia Candido Mariano da Silva Rondon, de 1907 a 1915**. Rio de Janeiro: Publicações em artigos do Jornal do Comercio do Rio de Janeiro em 1915, Tipografia do Jornal do Comercio, de Rodrigues & C., 1916.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. .

BORGES, Jorge Luis. – **O informe de Brodie**. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

Brandão, Hilma Aparecida. **Memórias de uma tempo perdido: a Estrada de Ferro Goiás e a cidade de Ipameri – início do século XX**. Uberlândia: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, pags. 09-11. Ver também: CAMPOS Junior, Paulo Borges. A ESTRADA DE FERRO GOIÁS, www.cesuc./revista/ed-3/A ESTRADA DE FERRO. Acesso em 30 de setembro de 2007.

BRANDI, Paulo. **Getúlio Vargas**. www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes. Acesso em: 10 de outubro 2007.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia: uma leitura pro meio dos viajantes, do estado, dos livros didáticos de geografia e da mídia impressa**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Geografia, USP/FLCH, 2002.

CACELLI, Elizabeth. **Marcha para o Oeste: Discurso e legitimação**. Cuiabá: Revista da Universidade Federal de Mato Grosso, Ano II, nº02, Maio-agosto, 1983, pág. 86.

CARPINTIERE, Archimedes. **Nova Xavantina – Portal do Roncador- História e perfil sócio-econômico, político, cultural e geográfico**. Nova Xavantina: 1992.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. **História e Memória da Educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. – **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O mundo como representação**. São Paulo: Revista de Estudos Avançados (edição eletrônica), vol.5 no. 11, Jan./Abr. 1991.

Chaul, Nasr Fayad. **Marchas para o Oeste**. In: SILVA, Luiz Sergio Duarte da (org). **Relações Cidade – Campo: Fronteiras**. Goiânia: Ed. UFG, 2000., págs. 120-124.

CODATO, Adriano Nervo **Os autores e suas idéias: um estudo sobre a elite intelectual o discurso político do Estado Novo**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 32, 2003.

COMTE, August. **Discurso preliminar sobre o Espírito positivo**, tradução: Renato Barboza Rodrigues Pereira. Disponível em: file:///C:/site/livros_gratis/espirito_positivo_comte.htm..

D'Eri, Domingos. – **Nova Xavantina: Sua Gente, Sua História**. Nova Xavantina: Editora Alternativa, 2001.

ETTE, Ottmar. **Os caminhos do desejo na literatura de viagens: um ensaio sobre a sua multidimensionalidade e as figuras fundamentais dos movimentos que coloca em cena**. Revista Humboldt. Ano 46, número 89. Bonn, Goethe Institut, 2004.

FERNANDES, Estêvão Rafael. **Entre cosmologias, estratégias e performances: incursões Xavante à Funai**. Brasília: Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, 2005.

FERNANDES, Marilena Julimar. - **Percursos de Memórias: A Trajetória Política de Pedro Ludovico Teixeira**. Uberlândia: Dissertação de Mestrado em História, PPG História, UFB, 2003.

FERREIRA, Manuel Rodrigues. **História dos Irmãos Villas Boas: Fundação Brasil Central, Expedição Roncador-Xingu e Parque Indígena do Xingu**. São Paulo: RG Editores, 1997.

FERREIRA, Mirian Rejane Guimarães. **Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo (1907-1915)**. Cuiabá: Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História da UFMT, 2007.

FONSECA, Sylvio da. **Frente a Frente com os Xavante**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1948.

FOUCAULT, Michel. – **Microfísica do Poder**, Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANÇA, Maria Stela Campo. **Xavante, Pioneiros e Gaúchos: Relatos Heróicos de Uma História de Exclusão em Nova Xavantina**. Brasília: dissertação de Mestrado, Programa de Mestrado em Antropologia da UNB, 2000.

GALETTI. Lylia da Silva Guedes. **Mato Grosso: o estigma da barbárie e a identidade nacional**. São Paulo: XVII Congresso da ANPUH, 1995.

GARFIELD, Seth. **Indigenous Struggle at the Heart of Brazil: State Policy, Frontier Expansion and the Xavante Indians, 1937-1988**. Durham: Duke University Press. 2001.

_____. **As raízes de uma planta que hoje é o Brasil: os índios e a Estado-Nação na era Vargas**. São Paulo: Revista Brasileira de História (Edição Eletrônica, pg. 20), São Paulo, v.20, nº 39, p 15-42. 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Livro Técnico e Científico S.A, 1989.

GOMBRICH, E. H. **A teoria renascentista da arte e a ascensão da paisagem” in: Norma e forma**. São Paulo Martins Fontes, 1990.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **A Lenda do Ouro Verde**. Cuiabá: Unicen, 2002.

_____. **Cidades da Mineração: Memórias e práticas Culturais – Mato Grosso na primeira metade do século XX**. Cuiabá: Ed.UFMT, 2006.

_____. **Vira Mundo, Vira Mundo: Trajetórias Nômades. As Cidades na Amazônia**. São Paulo: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História PUC, Projeto História (27): **Nomadismo, Memória, Fronteira**, Julho/Dezembro/03, nº27, 2003.

_____. **Artes da Memória, Fontes Orais e relatos históricos**. In: Revista Historia e Perspectiva. Uberlândia: Julho/Dezembro 2004.

HOBBSBAWN, Eric. **A Invenção das Tradições**. São Paulo, paz e terra, 1997.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **A visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

IANNE, Otavio. **Colonização e contra-reforma agrária na Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

LACERDA, Aline Lopes de. **A OBRA GETULIANA ou como as imagens comemoram o regime**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 14, 1994.

LENHARO, Alcir. **O Vale dos Sonhos**. In: **Colonização e Trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste**. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**, Campinas: Papyrus, 1986.

LIMA FILHO, Manoel Ferreira. **Pioneiros da Marcha para o Oeste: Memória e Identidade na Fronteira do Médio Araguaia**. Brasília: Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UNB, 1998

_____ **A Fundação Brasil Central: o Fio da História e Outras Cosmologias no Médio Araguaia**. Goiania: Revista de Divulgação Científica/ Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. V. 1, Goiânia: Ed. Da UCG, 1996.

LIMA, Antonio Carlos de Souza. **Um grande Cerco de Paz, Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. E do mesmo autor: **Governo dos índios sob a gestão do SPI**. In: História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1992a.

LIMA, Nísia Trindade. **Missões civilizatórias da República e interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos, ISSN 0104-5970, vol.5 suppl.0 Rio de Janeiro, 1998.

LOWY, Michael. **Ideologias e Ciência Social**. São Paulo: Cortez, 1996.

MACIEL, Dulce Portilho. **Fundação Brasil Central: Sua Conturbada Trajetória e o desenvolvimento do Centro-Oeste Brasileiro**. In: IV Colóquio sobre Transformaciones Territoriales: Ordenamiento y Gestión Del Territorio. www.grupomontevideo.edu.uy.

MACHADO, Maria Fátima Roberto. **Índios de Rondon: Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimare e Kaxinití, grupos Paresi**. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

MAGALHÃES, J. V. Couto de. - **Viagem ao Araguaia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 3a edição, 1934, páginas 96-98.

MAGALHÃES. Amílcar Botelho de. **Catálogo geral das publicações da Comissão Rondon e do Conselho Nacional de proteção aos índios..** Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Publicação 96, 1946.

Marechal Candido Mariano da Silva Rondon. **Rumo ao Oeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Guerra, 1942.

MARTINS, José de Souza. **O tempo da Fronteira: Retorno a Controvérsia sobre o Tempo Histórico da Frente de Expansão e da Frente Pioneira**. São Paulo, Revista Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, Volume 8, maio de 1996.

_____. **Não há terra para plantar nesse verão: O cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo**. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARTINS, Ana Cecília Impellizieri de Souza. **Bem na Foto: a Invenção do Brasil na Fotografia de Jean Manzon**. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2007.

MAYBURY-lewis, David. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1984.

MENDOZA, Carlos Alberto Casas. **Nos olhos dos outros: nacionalismo, agências indigenistas, educação e desenvolvimento, Brasil-México (1940-1970)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Tese de Doutorado, 2005.

MONTECCHI, Acir Fonseca. **Teatro de Imagens: A Bandeira Anhanguera através das Lentes de Antonio Senatore – 1937**. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/UFMT, 2001.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, Paula. **Antonio Colbacchini e a Etnografia Salesiana**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 22 Nº. 64, 2000.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1994.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **O sertão como recorte espacial e como imaginário cultural**. Vitória da Conquista: Revista Politéia: História e Sociedade, vol 03, n 01, 2003.

OLIVEIRA, Acary Passo de. - **Roncador-Xingu: Roteiro de uma expedição – Barra Goiana 1943(Aragarças) – Rio das Mortes1944 (Xavantina)**. São Paulo: Edição do Autor, 1976.

OLIVEIRA, Irene Rodrigues de. - **João Alberto - A Metáfora de um Revolucionário**. Rio de Janeiro: X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ - História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

OLIVEIRA, Lucia Lippi, VELLOSO, Mônica Pimenta, GOMES, Ângela Maria de Castro. **O Estado Novo: Ideologia e poder**. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: *História, Ciências, Saúde — Manguinhos* vol. V (suplemento), 195-215 julho 1998.

_____. **A conquista do Oeste**. Rio de Janeiro: www.cpdoc.fgv.br/A_conquista_do_oeste.asp. Acesso em 10 de outubro de 2007

OLIVEIRA, Márcio de. **A participação goiana na construção de Brasília**. Goiânia: SOCIEDADE E CULTURA, V. 8, N. 1, JAN./JUN. 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**: São Paulo: Brasiliense, 1994, p 16.

PAIVA, Carlos Henrique Assunção. **A Saúde Pública em Tempos de Burocratização**. Rio de Janeiro: Revista: História, Ciências, Saúde, Manguinhos, vol. 10, set-dez. 2003.

PAZ, Mariza Campos da. **Noel Nutels: a política indigenista e a assistência à saúde no Brasil central 1994 (1943-1973)**. Rio de Janeiro: Dissertação de mestrado, UERJ/IMS, 1994.

PESSOA, Marcos Garcia. **A Força Aérea Brasileira na Expedição Roncador-Xingu (1943 – 1945)**. Cuiabá: Departamento de História UFMT, 2004.

PEROTTI, Rosangela Terezinha. **José Hidasi e os Naturalistas no “Coração Bárbaro” do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2005.

Pierre Bordieu, **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

Platão. Timeu – **Crítias o Segundo Alcibíades Hípias Menor**. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3ª Edição. Belém, EDUFPA, 2001.

RAMOS, Alcida Rita. **Uma Crítica da Desrazão Indigenista**. Caxambu: XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998.

RICOER, Paul. **La Memória, La história, El Olvido**. Madrid, Editorial Trotta S.A., 2003.

SAID, Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994.

SANTOS, Ricardo Ventura. **Expansão da Fronteira e os Xavante do Brasil Central**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. Tradução. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, págs. 14 e 15.

SILVA, Aracy Lopes. **Dois Séculos e meio de História Xavante**. In: CUNHA, Manuela da (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da Silva. **Vargas e a Questão Agrária: a construção do fordismo possível**. Rio de Janeiro: pesquisa em andamento no âmbito do projeto Pronex “Agricultura, Desenvolvimento e História Social”, desenvolvido pelo CPDA/UFRRJ/Tempo Presente/IFCS/UFRJ, com apoio do Finep/CNPq. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos>. Acesso em 10 de Fevereiro de 2007.

SOARES, Luis Antonio Barbosa. **Trilhas e Caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia – MT**. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/ UFMT, 2004.

SOARES, Luis Antonio Barbosa. **Trilhas e Caminhos: povoamento não indígena no Vale do Araguaia – MT**. Cuiabá: Dissertação de Mestrado em História/ UFMT, 2004.

SOUSA, João Vieira de. **O papel da Força Aérea no desenvolvimento Nacional: O Exemplo Brasileiro**. Disponível em: [Home Page da Air & Space Power International em português](#). Acesso em 01 de Novembro de 2005.

STRAFORINI, Rafael. **Estradas Reais no Século XVIII: A Importância de um Complexo Sistema de Circulação na Produção Territorial Brasileiro**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.

TACCA, Fernando de. **Rituais e festas Bororo: a construção da imagem do índio como "selvagem" na Comissão Rondon**. São Paulo: Revista de. Antropologia, vol.45, no. 1, 2002.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. **Vargas e a questão agrária: a construção do fordismo Possível**. Rio de Janeiro: Revista Diálogos, n. 2, v.2.DHI. UEM. Disponível em: <[http://www.dhi.uem.br/publicaRevista Dialogo](http://www.dhi.uem.br/publicaRevistaDialogo), vol 02, págs 113-127. Acesso em 06 de Junho de 2007.

TELLES, Carlos. **História Secreta da Fundação Brasil Central: retrato de João Laberto e de uma época**. Rio de Janeiro: editora Chavante, 1946.

VARJÃO, Valdon. **Aragarças: Portal da Marcha para o Oeste**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1989.

VENTURA, Roberto. - **Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. V (suplemento), 133-147 julho 1998.

VERGARA, Moema de Rezende. **Ciência e história no Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central na Primeira República**. Rio de Janeiro: Revista Scielo: História, Ciências, Saúde-Manguinhos, vol.13 no.4 Rio de Janeiro, Oct./Dec. 2006.

VIERTLER, Renate Brigitte. **As aldeias Bororo e alguns aspectos e sua organização social**. São Paulo: Tese de doutorado, USP, FFLCH, 1972.

VIERTLER, Renate. Brigitte. **Convívio interétnico e alcoolismo entre os Bororo**: Campo Grande: Revista Tellus, v. 2, n. 2, 2002.

VILLAS BOAS, Orlando. **A Marcha para o Oeste**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1994.

WAIBEL, Leo. **Capítulos de Geografia Tropical do Brasil**. Rio de Janeiro: Superintendência de Recursos Naturais e Meio Ambiente, 1979.

ZANKER, Paul. **Augusto, y el poder de las imágenes**. Madrid Alianza, 1992.

Anexo I - Entrevistas efetivamente utilizadas na dissertação

Raimundo Rodrigues de Oliveira. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08/12/2005, as 09h00min

Qual é o seu nome completo?

Raimundo Rodrigues de Oliveira.

O senhor nascer onde?

No Goiás. Município de Araguacema, hoje na beira do rio Araguaia. Antigamente tinha nome de Santa Maria.

Quando o senhor foi pra lá e por que o senhor decidiu muda de lá?

O negócio é o seguinte. Eu vou fala a verdade. Eu fui criado sem pai e nem mãe. Não conheci pai e nem mãe. Fui criado assim, meio aqui e acula. Portanto quando foi em 44, eu fui [...] desci o rio Araguaia até a Santa Isabel. Que é dos índios Karajá. A ilha do Bananal é 80 léguas de comprimento por 40 de largura. Aí nós chegemo na Santa Isabel e fiquemo. Já eu fiquei até Janeiro. Quando foi em janeiro (de 1945) Aí nós subimo. Foram desce um batelão alagou, morreu um rapaiz. E nós fiquemo tudo pindurado nos gaio de pau 9 dia. Sem cume nada, só bebendo água, por que água tinha muito. Água tava sobrando. E nós ficamo lá nove dia. Nadou 5 homem. Nessa terra de cá. Todo mundo escapou com a roupinha que tava no corpo. Mué e minino. Tudo, tudo...Ainda teve uma mué que teve uma criancinha pindurada lá num gaio de pau. Enrolou a criancinha numa foia, e caiu e a piranha comeu. E nós ficamo lá. Com pouco chegou duas canoa e tirou nós e botou por terra. E nós viajamo, viemo embora e eu fiquei no SPI. Desde 1945.

O senhor era da Expedição?

Eu era do SPI. Eu fui funcionário do SPI. Funcionário assim, pinhão (peão).

O senhor não era contratado efetivo?O que o senhor fazia no SPI?

Eu era vaqueiro, eu era capinado de enxada, eu era roçado de foice, cortador de machado, amansador de cavalo. Tudo isso. Esse era o meu serviço. Tudo. Serviços Gerais. De tudo eu fazia. Pouquinho mais fazia.

Do SPI, o senhor veio pra Xavantina?

Já no SPI eu casei. Daí bota bicho de purga na cabeça. Vai pra qui vai pra acula. Vim esbarra aqui na Santa Terezinha. Que hoje é uma fazenda, na beira do rio. Antigamente era fazenda dos Padre. Os padres se situaram lá. Chamaram um bucado de gente pra lá e ficou lá. Eu fiquei lá uns tempo. Aí resolvi ir pra Xavantina. Mudemos pra Xavantina. Ta com 27 anos que nós mora em Xavantina. Vai faze 28 em fevereiro (filho).

O senhor na Santa Terezinha quanto tempo?

Uma média de 5 a 6 anos.

Mais de Santa Terezinha, o senhor foi pra onde?

De Santa Terezinha eu desci lá pra barreira do Piqui. Assenta a fazenda de um homem – Abri fazenda – Abri a posse pro homem bota um gado. Abri a posse, e ele botou o gado. Eu fiquei lá, uns 4 ou 5 anos. Aí eu saí... fiquei uns dia pelo outro lado do rio morando também. Labutando de roça. O rio enchia muito, comia tudo. De certo que dá um dinheirinho bom, daqui pra Xavantina. Em 77 nós mudou pra cá. E daqui eu não sai mais não. Agente vai ficando veio, ficando cansado. Fraco de força, fraco de recurso. Mexe daqui, mexe pra aculá, E vai passando né.

Quando o senhor morava em Santa Terezinha, o senhor vinha aqui em Xavantina?

Não senhor. Eu vim aqui quando eu estava lá no SPI.

O senhor veio aqui bem no começo?

Em 46 e 47. Nós viemo lá do São Domingo, de canoinha.

São Domingo era fazenda?

São Domingo é Fundação Nacional do Índio, (FUNAI) do índio Xavante (atual Pimentel Barbosa). De lá o chefe mandava a gente aqui, busca alguma coisa e a gente vinha. Era sempre 4, 2, 3, a gente vinha aqui.

Quantos dias demoravam essa viagem?

05 – 05 pra vim e 05 pra volta – não pra vota era ligeirinho – Porque era desce. Agora pra subi é...

Como era cidade nesse tempo? (46 e 47)

Não tinha cidade. Aqui tinha a Fundação Brasil Central. Não existia a cidade nem do outro lado, não tinha barraco ainda. Olha, em 46, não tinha nenhuma casa ainda... 46 e 47.

Desse lado tinha quantas casas?

Desse lado aqui, eu conheci a conzinha. Conheci outra casa e conheci a casa do Coronel Vanique. Cá em cima um barraquinha de paia de coco. Com os trezinho tudo no chão assim e a caminha dele. Nem parede de casa não tinha. E a famia dele ali.

Então não tinha aquela casa do coronel?

Não tinha. Aqui não tinha casa nenhuma. De material nenhuma. Tavam fazendo.

Tavam fazendo já... aquela casa (coronel).

Tava mais não tinha. Não tinha ninguém morando de baixo de uma casa de material. Aqui em 46.

Da Fundação tinha o Aeroporto?

Já tinha já... tinha já o campo.

No mesmo lugar que é hoje?

No mesmo lugar.

Quando o senhor veio morar em Xavantina, o que senhor lembra?

Há eu me lembro de coisa boa.

Que coisa boa?

Coisa boa. O seguinte, trabaia prós outros pra come, ganha o salarinho, pra cria os fio. Ta mais no meio de gente, tem mais um movimentozinho tem colégio, prós fio. Tem Igreja, pra gente í, na igreja.

E na palha velha, que o senhor morou...

Morei – morei quantos anos meu bem? (perguntou para a esposa). Morei 27,5 anos.

O que o senhor lembra de lá?

Da palha Velha? Bom. Sinto saudade da casa que eu morei.

Senhor lembra como se estabeleceram as ruas do bairro?

Não senhor. Eu quando cheguei pra li, já tinha aquela casa que eu morei. Foi a casa que a mué veio na frente e comprou. Foi um ranchinho da paia. E eu cheguei mais as traia. Teve bom morou um pouquinho. Ai foi miorando assim de pouco a pouco. Até que ela ta no ponto que ta lá. Quando a casa taba boa. Agora a mué disse: há eu to cansada de subi essa serra, pra i par igreja, pra i lá em cima. Vamu compra ai. Aí vendeu o lote e comprou aqui.

Quando o senhor morou lá já tinha aqueles caminhos?

Aqueles que os carro corre hoje?

Não os bequinhos?

Tudim. Já tinha tudim.

O senhor lembra de alguém ter criado caso por conta desses becos?

Bem não lembro não. Eu vi fala. Não vi que tem um corredor aqui. Que teve assim meio encrencado. Uns queria fecha o corredo. E os morado não queria. O certo é que os morado ganharam a questão.

O senhor lembra quem queria fecha o beco?

Não senhor.

O senhor ouviu fala?

Eu vi o povo fala.

O senhor lembra de ter ouvido histórias fantásticas sobre a cidade?

Não lembro não. Não tem. Olha eu vou fala a verdade a você. Eu labutei muita mata. Labutei sertãozinho aí. Viaja um dia sem gente. O povo diz que tem lobisomem, mais eu nunca vi. Não sei se tem, mais eu nunca vi. Não sei se tem. Mais eu acho que não tem não.

O senhor já ouviu fala do Godofredo – finado nego veio?

Isso... é o povo bobo, é ilusão do povo. O povo dizem que o índio quando ta muito veio. Ele diz que vira bicho né. Mais já foi o tempo, agora não. Eu nunca vi. Nunca vi lobisomem, nunca vi pé de garrafa. Eu nunca fantasma nenhum. E tenho anda muito. Quando nós chegemo aqui tinha aquela ruazinha que entramo ali e saia lá embaixo. Tinha umas casinha pro lado direito aqui. Quando o João Batista veio com a mudança dele. Ficou na casa a finada Joaquina. Ele ficou nela lá um bando de dia. Um bando de dia não até eu i embora.

Nazaré (filha do seu Raimundo): Aquele beco onde fecharam nos fundo da Patrícia ali. Aquilo ali tudo era rua. O seu Lourenço ali, aquilo tudo era rua. Fechou tudo. Naquela época foi o finado Frederico.

Sr. José Celestino da Silva. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 09/01/2006, às 15h00min.

Qual é o seu nome completo?

José Celestino da Silva – Zé Goiás

O senhor nascer onde?

Aruaná – Goiás – 02 de Julho de 1923

Em que ano o senhor chegou em Xavantina, em que ano?

Eu sai de lá no dia 6 de Julho de 1946. Eu sai de Aruanã pra cá... Daqui eu fiquei uns dia aqui. Fui trabalha em Diaranã. Lá em baixa, ajuda faze um campo lá. Aí o Orlando me pegou emprestado. Pra trabalha com índio. Trabalhei 14 ano com índio. Ajudei 17 tribo do índio passa...Deus sabe (...) Matou quantas pessoas perto de mim assim e eu tava com o mosquetão ali tremendo de medo abriu. Aí (...) não. Esse trabalho mais o Orlando. Se aí não é pra mata ele não.

(...) Arnaldo Anila

É de Cuiabá – Pessoal de Cuiabá. Mataram 11 pessoa.

Quais índios eram? Sabe em ano foi isso?

1949. Aí o capitão me deu 4 guerreiro pra deixa lá. Mesmo assim, tinha uma tribo de índio brabo estrada. Tava 14 em do acampamento que nós ia fica. A pé no varjão, lagoa, mata pra passa. Mata não. E 111 é medo né. Aí os índios falou: “matou pai capitão, mãe capitão, filho capitão, mué capitão, matou tudo capitão. Vingou. Eu conheço ele. Tinha dois que era deles. Atirou em nós. Quase pegou nós. Nós passou eles também – viche... já foi dois – índio é foi três.

Pois é...

“ E re re a” a dança da morte, cada defunto num pau, numa vara. Aí bateu rádio pra Uberlândia (naquele tempo não tinha Brasília) Cuiabá. Aí veio um helicóptero, aí veio o povo todo né. Muito grande da marinha. Grandão o helicóptero. Aí dei-

xou o Alberto lá. Vamu corrigi isso aqui. Essa picada é aqui. A RRM é aqui. A RRM tava saindo muito por riba né.

O que era a RRM?

Rota Rio Manaus. Nós tava no RRM pela rota, mais tava fora da rota né. Aí veio do Rio de Janeiro um avião Medindo daqui prá Manaus. !!!! ta fora da rota quase 10 km pra cima, mais de 10 km. Trabalhei muito nesse sertão. Comida acabava. Eu não besta. Eu não passava fome. Eu tinha mel de abelha. Comia fruta, tinha muita fruta no meio do mato aí. Matava bicho, assava. Comia só com sal. Não tinha farinha, não tinha arroz, não tinha nada. Eu ficava for toda vida. Aí o médico do helicóptero foi lá e falou: “Por que esse indivíduo ta forte assim?”. Por que eu não passo fome não. O médico: “não passa fome não? O que você come?”. Tudo. Como fruta, como coco, muito coco aí. Muita coisa aí. Asso peixe, como com sal. Não tem farinha, não tem nada. Tudo eu passei nessa vida. Dois ano nessa época.

Três anos.

Dois né.

O senhor trabalhou na construção da picada?

Não. Eu não fazia picada não. Era só acompanhamento da expedição. Picada era os índios lá da frente. Esse povo lá da frente.

Era os índio que fazia picada?

la de traiz tocando. Chegava num lugar assim...pegava a mesma direção né. O dia que nós chegou no Creputia. Aí o avião passou lá e jogou o bilhetinho com a carta dizendo. Amanhã cedo a gente chega em Creputia e vamu pega tudo. Aí o índio falou assim: “a gente não chega lá hoje não”. Aí faze ponte, carrega o burro, corta pau... Vamu durmi aqui. Durmimo. Onça desse tanto. Mais tinha onça. A gente tirou aqueles poção, pindurou assim. Tinha uma linha, uma linha muito grande. Puiz ela por fora assim. Fazia ti, ti, , barulho, melhor alarme, alarme. Mais tinha muita onça, numa era bonita assim, eu contei 5 onça... reeeee, rosnando. Com a gente ela não mixia não.

Quando foi... Amanheceu o dia... nós tava tomando café, durmindo no alto. Aí chegou o acampamento. Ôôôôô diacho! Creputia. Você já teve lá?

Não. Ali é o centro geográfico. O meio do Brasil.

Onde?

Creputia, para dentro aí, perto da serra do cachimbo. Aí é o centro geográfico, cachimbo é o centro geográfico. É o centro do Brasil. Aí um avião veio aqui, me encontro. Creputia. Aí nós fomos pra serra do Cachimbo. Naquele tempo não tinha campo lá não. Campo, a natureza e quem feiz. Uma laje de pedra. Ela é como daqui na casemate lá. Sabe onde que é?

Sei

Como daqui na Casemate. Nivelada a pedra. Só tem uns buraquinho aqui, outra aculá. Foi eu o seu Orlando Villas Boas, o brigadeiro Lioneo. O sargento lá, Pira, era piloto do (móbile) e Deusdete era piloto do (Bicarf), Clovis Bilivaqua era piloto do (Vas), 4 asa. Eu fui no 4 asa mais os clovis. O clovis baixou na pista lá, baixou. Não trouxe nadinha. O clovis arranhou a asa do avião num pau seco lá. Tava só ele. Aí da certo que ele chega com... Aí o Bicaarf. Você conhece o Bicaarf? Aquele com dois leme bonito. Baixou, tinha dentro. O tenente Pira... O clovis ficou apaixonado, por que o Lioneo pegou fama. Ele que baixou primeiro no Cachimbo. O Clovis pediu conta e foi embora. Bira. Aí foi o Spinelli pra lá pediu... O avião foi lá. Até hoje a pista ta lá. Agora fizeram outra pista né. A outra pista é bonita de asfalto. Baixa o jatão lá. O Hercule. Quando já tinha asfaltado lá. Nós fomos lá.

Eu, o seu Orlando e dois índio. Índio Tchucanamã. Ficamo 11 dias lá. Numa tribo da índia é Krenkore. Eu fiquei lá mais os dois índio. Depois o seu Orlando voltou de novo. Falou: “agora nós vamos pra São Paulo. De São Paulo nós vem embora pra cá. Era nove hora no Hercule. Ih, avião... era 4 motor. Foi deixa um trato lá. Trator de esteira desceu inteirinho. Sem desmonta, sem nada, desceu dele. Deixo ele. Nós entrou dentro nele... Ele não pode carrega nele... Ele não pode carrega civil, é só pára-quedista. Avião novo... Aí do Cachimbo fomos baixo em Pirassununga. Eu, nós. Eu não vi nada... Eu agarrei no sono, fui, dormi. Tem beliche lá dentro. Avião militar. Aí chegou lá, pois 14 tambor de querosene nele, abasteceu ele. De lá a São Paulo 1h:05min hora e cinco minutos. Chegemo lá era de madrugada, 4 hora da madrugada. Chegamo em São. Rodiou, rodjou... Tinha, um jatão, baixando lá e outro decolando. Três volta e o avião baixou. E baixinho.... dessa arturinha do chão.

Do seu Villas Boas. O que o senhor lembra?

Dos Villas Boas? Há ele era amansado de índio. Os Villas Boas era indigenista. Eu também fui indigenista 14 anos com eles. Aí ele foi embora pra São Paulo. Morreu né. Eu vi a morte dele. Eu tenho revista dele aí.... Ele vivia brigando comigo. Ele tinha ciúme das índia. As índia era atirada demais lá (há é?) iiiiii!!!! Sobre o índios Suia: Só tinha 46 índio. O Búfalo. Conhece o Búfalo? Chegamo lá, ponhem os índio tudo dentro do avião. Doente, tudo ruim. Beijão de pau. Aí junto com os Suia, aí né. Faiz 18 ano que houve uma revolução lá e esses índio fugiram pro Mato Grosso. Agora juntou ele lá. Agora nenhum desses aí conhece essa gente não lembra? Os veio já morreram tudo (mostrando os diploma na parede).

O que eu passei na minha vida, o que fiz na minha vida. Eu tenho 82 anos de idade e fico lembrando assim: o sofrimento deixou saudade. As lagrimas da vida é o sumo dos sentimentos das dores que nós tem.

Tinha dia que nós chorava de tristeza (áudios ruim). Um dia nós tava viajando e o Luiz falou assim: ô vocês vão pega uma tribo de Kaiaby aí, mais é manso. Quando nós subiu num alto assim... só tinha as tapera, fumaça saindo lá e casa aqui e aculá. Lugar bonito. Acabava o mato e já era cerrado. Do outro lado era Mato.

Ai o soldado falou pra mim; prepara o mosquetão e pá. Ai veio tudo ao nosso encontro. Menina de 14, 15 ano tudo pelada. Heeé, mais foi um dia que eu tomei uma chá de vista... Héeee..

Menina bonita, menina morena clara, guarani, era Guarani São Paulo purinha. Eu trabalhei em São Paulo também, pra FUNAI. Conheci os Guarani, Tupi-Guarani. Trabalhei com eles. O ofício que eu estava fazendo lá era expedição de estrada. Chegamos na aldeia deles era 4h:30min, pernoitamos lá, deu farinha pra nois, farinha que eles faiz, bem feita a farinha. Deu muita farinha, batata doce, banana, deu pra nois. Acompanhou nós até um bucado e voltou. Índio bom rapaiz, Kaiaby. Já era manso. Amansou com os bandeirantes no outro tempo né. Vinha de Cuia-bá, ficou manso.

Eu nunca fui bravo fui manso toda vida (riso). Tem muito índio bravo aí. Tinha três nordestino. Chegamos na beira do rio lá, acabou tudo. Só ficou massa de tomate e sal. Não tinha nada pra come. Tinha eu, o seu Orlando, um índio... Um indiozinho assim, forte, o radiotelegrafista e o farmacêutico e os três nordestino. Acabou tudo. Como é que nos faz agora. Não tem como passa rádio, não tem rádio, sem rádio como é que nois faiz.... Da aqui lá a pé ninguém vai, é muito longe. Ai eu falei pró índio assim: olha vamos caça coisa por aí. O índio... um viado passou lá. O índio disse: vamos atira. Matou um viado matero né. Nois tirou o co-

ro dele. Alguém disse: pega o couro dele pra curtir pra eu fazer uma bolsa pra pesca ai pindurou o viado lá, sem couro, ai nois foi caça lenha e a onça veio e roubou o viado. Joguemo as traia, peguei o mosquetão. O Orlando disse: não. Morrer se preciso for, matar nunca. Nem um bicho. Nois tem que se coloca no lugar dela. Ela ta com fome também. Mais já tirou o coro Orlando. Ah! Deixa pra lá.

Ai nois... era bicho de todo tipo...

Ai foi vê era a onça la atrais. Quando ela viu o índio, ela correu. Ai eu fui e peguei o fogo lá. Deu pra pega alguma coisa pra come, não tinha nada. – Quando deu fé ela avançou no viado e correu. Ela bem ai e nois não via ela. – Depois pegou um peixe, eu fiquei vigiando e o índio foi apanha lenha pra assa o peixe. Assemo o peixe. Nois comia peixe. Os nordestino não queria come nada. Um morreu no meu posto, Não tava acostumado né. Feiz mal pra eles e um morreu. Outro foi pró Piauí e outro pro Ceara.

Depois... passou 11 dias nessa penúria. Foi um avião, falamos pra eles, o sinal lá. O sinal: precisamos de alimento. Ai veio o avião (não entendi o nome do avião) joga para-queda pra nois. Jogou três para-queda. Jogou arrois, feijão, farinha, banha, remédio e roupa. Um par-quedas enganchou num gaio de pau lá... e marimbondo danado, héee marimbondo. Tinha uma caixa de marimbondo lá né. Ai féis uma fumaça debaixo dum pau, o índio subiu lá em riba, cortou o gaio e salvou o para-queda. O cordão dele não rebenta. Ali tava cheio dentro do para-queda.

As vez eu lembro a dificuldade que eu passei pra vive esses dia... dificuldade né.

O que o Sr. Lembra de Xavantina?

Quando eu cheguei aqui não tinha nenhuma cada de teia. Nenhuma casa de teia não tinha. Aquela casa ali (Casa do Coronel Vanique) tava no ponto de andaime. Dali três dias eles maderaram ela. Acabou de fazer e eles maderou. Dentro de 05 dias o Coronel tava morando nela. A primeira casa. Tinha outra, a casa de rádio. Quando eu cheguei já tinha a casa de rádio. Depois dessa ai fizeram outra.

Tinha barraca de paia. Eu morava numa barraca de paia lá embaixo. Eu mostro pra você. (mostrando fotos do seu acervo – pergunta para o entrevistador: você conhece o Virgilio Nascimento? Não. Responde o entrevistador. Continua perguntado: o Bosquinho você conhece? O Bosquinho eu vou conhece agora. O primeiro filho homem. Zé Goiás continua procurando as fotografias da sua barraca no seu arquivo privado. Mostra fotos do Vale do Matrinchã para o entrevistador. O Pesquisador pergunta: hoje é Vale do Sonho?) Retorna a entrevista.

Cheguemo ai esse Virgilio ai, fizeram uma feijoada muito enjoada pra ele... o nome lá era Vale do Matrinchã. (Fotos: agora repara bem – mostra outra foto – Almoxarifado, oficina mecânica, vista aérea das primeiras casas de xavantina) retorna a história do Vale do Sonho. Ai o vaqueiro Virgilio sonhou que tava defecando lá atrais de uma moita, mas na verdade tava defecando na cama (risos) Alguém falou: Aha, há... não tem nada não rapaiz, ... arrumou tudo trocou de cama. Arrumou outra cama pra ele, vestiu outra roupa, jogou a roupa suja pra lá. No outro dia cedo foi lava a roupa dele lá no corgo do Matrinchã.

Ele ficou envergonhado. Não.... Oh!!! Virgilio Fica contente. Mas ta faltando uma coisa. Esse sonho seu, me instruiu uma coisa tão importante. Você não queira nem sabe. Aqui até esse momento era Vale do Matrinchã . De agora em diante é Vale do Sonho.

O sonho do Virgilio.

Por causa dele. Ele cagou na cama. Ele sonhou que tava cagando no mato. No sonho tinha umas pedra lá, ele tava agachado atraiz de umas pedra lá. Acusou

ele tava defecando na cama, cagando na cama. Ai (gargalhadas) não tem nada não. Arrumou tudo.

Ele disse (o cagão): eu fiquei chateado com esse negócio. Eu disse: é nada. Esse sonho seu, sugeri uma coisa tão importante, vai fica na história, esse nome. Até esse momento era Vale do Matrinchã, de agora em diante é Vale do Sonho. Muito bem, ta Vale dos Sonho, não ta.

Até hoje

Conhece?

Conheço

A História vem daí (Gargalhadas descontroladas do entrevistador e do entrevistado).

Essa barraca do Sr. Ficava aqui perto?

É bem ai do lado da pracinha. Na beira do rio ai, pra baixo do clube. Não tem o clube ai? Pra baixo do clube. Lá onde tem aquela cabana, lá do Lamper(deve ser o Oscar hoje, não consegui compreender a voz do entrevistado)

Perto do hospital Nova Brasília?

Não é do lado de cá. Do lado de lá não tinha nada não. Do lado de lá era mata selvagem. Nós fizemos do lado de cá. A Expedição chegou aqui. Mostrando as fotos: ai a barraquinha que eu morava, era essa ai, na ladeira. Era um matão aqui e do outro lado. Abaixo da barraca era mato, hoje limpou tudo.

Do lado lá não tinha nada. Ai fizemos uma estradinha pra lá. Lá pro Capão das Antas. O Capão das Antas é onde hoje é o Estilac (bairro).

Foi em 21 de Abril de 1945, ano que eu cheguei aqui. Foi faze um churrasco lá. Foi o Estilac, foi o meu pai, o Dr. Olívio, esse Virgilio (da cagada), André.... Dr. Evair e várias autoridades lá. E vai assando o churrasco lá, assou carne e ai foi o Estilac... Cadê Vanique, Coronel... (a cachaca) ele perdeu no meio do churrasco (a pinga). Era 17 pessoas. Ai o Cel. procurou a pinga lá e não achou. Foram caça a pinga. Caço, caçou... e o Estilac achou a pinga. Disseram: até esse momento era Capão das Antas , agora é Capão Arlindo Estilac Leal. Ta o Estilac lá. É importante isso.

Pergunta para o entrevistador: Capitariquara. Conhece lá?

Não conheço

Capitariquara era o Titanic do Araguaia. Pergunta pra o pesquisador: conhece o Titanic, o Navio? . Ele afundou em 1912 – 14 de abril de 1912, esse navio que afundou. Ainda ontem passou o filme dele ai.

Ai esse barco, esse motorzão chegou lá em Aragarças. O Cel. Vanique pegou um avião e foi lá. Foi traze um caminhão que veio cá. Ai o motorzão chegou. O Cel. Vanique disse: eu quero que o Sr. Vai leva um caminhão lá pro Rio das Mortes. O piloto disse: pode por o caminhão dentro do barco e mais coisa que tem ai. Pode lota que eu faço a viagem pro Sr. Encheu o motor no que pode. É muita coisa , pode lota, o barco é grande. Era como daqui naquela casa. Um mundão veio de barco. Era coisa linda. Tinha oito dançarina nele. Um bando de moça no segundo andar, era dois andar. Héeee barcão. Esse barco não vem aqui mais. O rio ficou raso. Ai trouxemos o barco de lá. Chegou em (...) bateu numa pedra lá. Quase que foi. O nome dele era Capitariquara. Já ouviu fala? Era o nome do barco.

Olha a origem da palavra. Capitariquara na língua Caraja é ninho de tartaruga no fundo d'água. E na nossa língua Capitari é o macho da tartaruga. Quara é uma tartaruga boiando.

Você conhece o Antarctica?

O Ribeirão Antarctica? Eu já ouvi falar, mas não conheço.

Ai no dia 07 de Setembro de 1945 o Cel. Vanique foi fazer um churrasco lá. Levou o Virgílio, o meu pai... Levaram muita cerveja Antarctica. Lá tava comendo churrasco. Arriba os copos aí. Até esse momento era Ribeirão do Anel (inaudível). Hoje é Ribeirão Antarctica. Nunca mais saiu. Antarctica (Ribeirão Antarctica). Ele tava bebendo cerveja Antarctica. De agora em diante é Ribeirão Antarctica. Não acaba esse nome Antarctica. E assim muitos nomes aqui foi posto pelo Vanique, pela Expedição. (o entrevistador tentou fazer o entrevistado repetir o antigo nome do Ribeirão Antarctica. Sem sucesso, o mesmo está em adiantado estado de surdez)

De quantos nomes o Sr se lembra?

Vem gente aqui me entrevistar e pergunta como é que foi posto esse nome? Eu já confirmei tudinho. Em Brasília eu encontrei lá o Dr. Jorge, ele é da Gazeta Nacional de Brasília, amigo nosso.

Ele me pediu; me conta como foi.

Aquele nome lá que era Matrinchã e pois nome de Vale do Sonho. Eu contei pra ele. E o Valfredo tava bem assim. O Valfredo, o Capitão... coisa e tal. Bem assim enconstado. Ai um deputado – morreu já – o Amaral Neto – Deputado Federal. O Zezinho (Zé Goiás) pôra aí, eu vou chama uma pessoa aqui. Lá vem o Valfredo. Lá vem ele lá. . Amaral Neto: você conhece esse aqui capitão? Você conhece Valfredo? Não conheço não. Ele tá contando a história dele. Eu falei: ah, Valfredo. Oh. Eu fui com você, nois ia daqui pra Aragarças, no CAN. Justamente Valfredo. Valfredo pergunta: você tava esse tempo com o Cel? Tava. José Celestino da Silva. O baixinho. Valfredo: Ah. O baixinho do Cel.

Valfredo: Você tá forte ainda.

Eu sou mais velho que ele (Valfredo) 04 dia. Tá veinho. Ele falou: pode conta essa história. Eu contei a história ... do Vale do Sonho pra ele.

Ele falou: Uai... eu não comi tanto desse jeito. Mais vai contando aí. Eu tava era atraís de umas rama lá. Tava nada... foi na cama. Não. Não preocupe não. Largou tudo....

Héee! Mais foi bom... O Cel. Vanique falou. Oh! Nois tava tomando café de manhã. Ele falou: até esse momento aqui era Vale do Matrinchã, de agora em diante é Vale do Sonho. O Dr. Jorge disse: muito bem. É isso que eu queria saber. Vale do Sonho. Nome bonito né.

Ele (Dr. Jorge) falou: você baixinho !!! Eu fui o autor desse nome (risos).

E o nome Xavantina? Quem deu o nome?

O nome daqui? Eu vou conta pra você. Dia 29 de Julho de 1946 teve uma missa (mostrou fotos do padre que rezou a missa), eu vou mostra pra você. Dia 29 de Julho de 1946 teve uma missa (mostrando foto do padre que rezou a primeira missa). Eu vou mostra pra você. Esse padre aqui. Que vê. Ai chegando aqui o dia 29 de Julho de 1946 foi celebrado a missa... celebrou a missa. Ai o padre: Cel. a missa tá celebrada. E disse: viva São Pedro nas alturas . Viva. Enquanto um espírito de porco lá disse: enquanto nois tá comendo arroz e feijão sem gordura. O Cel. ordenou: leva esse bandido em Aragarças, esse corno, leva ele embora. Levou ele pra Aragarças. Na mesma hora foi leva ele.

Ai o padre falou: de agora em diante aqui não é mais Rio das Mortes não. É São Pedro do Rio das Mortes. O Cel. foi olha o livro do dia e disse: tá certo. Hoje é dia de São Pedro. Mais pela lei natural aqui tem que ser Xavantina, por causa do Xavante. O Cel. disse: muito bem Orlando. É isso aí mesmo. Tá aí Xavantina. Aqui era pra ser São Pedro do Rio das Mortes.

Mostrando fotos: Zé Arunã, Leopoldo, Maranhense, Eu, Euvaldo, Zé Bororo, Manuel Pinto, Chico Piloto, Genaro, Lorival. Esse aqui é meu pai. Esse aqui é o seu Orlando Villas Boas. Era o cozinheiro. Eu tava lá fazendo comida. Olha lá, pondo comida na mesa. Uma panela na mesa. Ta vendo?

Repete a Frase: “ comendo arroz e feijão sem gordura. Peste mesmo”.

O que o Sr. Lembra da Expedição Roncador-Xingu?

No rio de Janeiro, o Cel. Vanique.. Primeira vez que ele... tinha um grupo de alemães aí na Serra do Cachimbo... Acharam o local muito bonito e estavam planejando fazer uma base estratégica aí na Serra do Cachimbo. E o espião, espião brasileiro, percebeu isso. Avisou Vargas, Getúlio Vargas. Vargas, os alemães tão planejando na Serra do Cachimbo, fazer uma base estratégica. Vargas: vamos pô uma Expedição. A Expedição vai se a Expedição Roncador Xingu. Vamos por o nome da Rota: RRM – rota Rio-Manaus. Outro falou assim: RAP. Não pode ser RAP. É RRM (não foi possível ouvir o que significava as iniciais RAP). Aí o Vanique falou: tá danado hein. O Getúlio Vargas falou: como é que nos vamos fazer. A Expedição (...) os alemães vai toma um pedaço da terra da Amazônia aí... Serra do Cachimbo. Aí chamou o Cel. Vanique. Getúlio Vargas: Vanique – o Cel. Vanique tinha brigado no quartel, ninguém gostava dele lá né. Vamos por ele... toma esse caminho pra lá... A Expedição e pega ele. Que nada rapaz. Vargas: Vanique, eu to planejando uma Expedição aqui e você vai ser o coordenador dela. Vanique: e os índio hein? Vargas: ah!!! Vamos ter com o Rondon agora. Chamou o Rondon. O Rondon veio, Vargas: eu to planejando aqui Rondon uma Expedição daqui a Manaus. E é caminho que mexe com os índio. Rondon: ah, os índio é o seguinte: “É morre se preciso for, matar nunca. Aí o Vanique: então tudo bem, nois vamos.

Vargas: agora vamos chama o Ministro João Alberto. Ele vai ser o coordenador da Expedição. Você (Vanique) vai ser o encarregado.

A Expedição saiu do Rio de Janeiro num Trem de Ferro. O pessoas, a comitiva, o Vanique veio de avião pra São Paulo. Quando o Vanique chegou em São Paulo, passou um bucado, chegou o Trem de Ferro com a comitiva. Aí quando foi no outro dia, a Expedição, comitiva, saiu de Trem de Ferro até Uberlândia. Chegou em Uberlândia, o Trem de Ferro partiu, foi pra Goiânia.

O Pedro Martins de Aragarças tava em Uberlândia, era negociante em Aragarças. Pedro Martins (...) Você conhece ele? Não. Tem nesse livro aí.

Pedro Martins falou assim: então Cel., o Sr. é o Cel. Vanique? Sou. Pedro Martins: essa Expedição vai até Manaus é? Vanique: Manaus. Ela vai até lá. Pedro Martins: mais Cel., por Leopoldina, essa Expedição vai dá uma volta fora de jeito. Daqui pra Aragarça já tem estrada. Passa cavaleiro, passa carro, até caminhão passa aí. Vanique: não diga Pedro Martins. A rota é essa aí.

Mostrando fotos do Valdo Varjão.

Não diga. A rota é essa aqui, disse Pedro Martins. Pode condena essa rota de Leopoldina. Tá muito errada.

Continua: mostrando foto do Orlando Villas Boas, Crânio que seria do Cel. Fawcett – lê a legenda da foto: “Pesquisador com possível ossada do Cel. Fawcett”.

Aí a Expedição chegou aqui. Mais não tinha o nome de Expedição Roncador-Xingu. Chegou aqui o ministro João Alberto. Até aqui só teve o nome de Expedição. De agora pra frente é Expedição Roncador-Xingu. Eu conheço o Roncador. Mistério viu. Ali tem coisa, naquela serra. É esquisito demais lá. É muito esquisito lá.

Procurando foto do Orlando. Mostra foto do Vanique.

Aqui não tinha casa não. A vida aqui era dura viu. Tudo vinha de avião. Não tinha estrada pra lugar nenhum aqui. Só podia vim pelo Rio. Mais não vinha também não.

Ai passou um trabalhador e viu o Virgílio Nascimento cortando carne. Oh! Seu Virgílio ta tendo carne aqui. Virgílio: veio de Goiânia. O Dr. Acary mandou um pedacinho pro Cel. Vanique. Ah, vocês tem carne aqui e não quer dá pra nós. Tem muita carne ai, cortando carne e não que dá pra nós.

Ficou... fizeram greve.

Por causa da Carne?

Fizeram a greve porque não tinha a carne aqui. Ai foram lá na cozinha.... Num dia de Domingo. Vieram de lá. Eu vim encabeça isso aqui. Eu (Zé Goiaz)? Falei: que encabeça rapaiz. Ai me pegou e me empurrou pra cima da parede e cortou a minha cabeça bem aqui. Machucou, machucou eu. Agora esse trem não vai presta não rapaiz. Eu cheguei a falei pro Vergílio, esse Vergílio que você viu aqui (foto)....batia em gente. Era foda esse tempo. Não devia te tirado o Getúlio Vargas. Foi tirado.

O Estilac, o Cel. Vanique, O paulista. Ai falaram: machucou a cabeça dele. O Cel. falou que foi que bateu em você? Esse cara bem ai que me empurrou na parede. O bicho pegou, ele (Cel.) pegou ele e bateu de chicote mesmo. Você conhece chibata? Deu umas 15 chibatada nele. Soltou ele pra lá. Ele(o agressor): eu vou pega esse moleque ai. O Cel. disse: você não vai em lugar nenhum, você vai embora hoje mesmo. O Cel. mandou 17 pessoas embora. Um avião veio de Manaus passou ai e foram 17 pessoas embora. Por causa desse pedacinho de carne que faltou, entende. Deram um abaixo assinado pra eu assina. Eu não quis assina. Me empurrou.

Ai outro dia teve uma rebeldia danada ai. 72 pessoas foram embora. Fizeram uma abaixo assinado contra o Orlando Villas Boas e... Foi contra o Orlando, o Estilac e o Cel. Vanique e o médico – 04 pessoas. Foram tudo embora, 72 pessoas. Ta escrito aqui (mostrando o Livro: Nova Xavantina: sua gente, sua história. Domingos D'Eri). Ficou pouquinha gente aqui. Eu, o meu pais e o Virgílio Nascimento. Ai veio 02 avião C-47, o Douglas. Veio traze gente aqui. Cada um trouxe 28 pessoa... É muita gente. Ai valeu.

Outro dia fizeram outra greve ai. Foi 15 pessoa embora. Só gente atoa fazia greve. Só.... tinha comida e casa. Só por causa de comida. Aqui tinha caça demais.

O ministro João Alberto passou rádio pró Cel., queria come um pirão de peixe. Eu vou chega ai amanhã, eu quero um pirão de peixe. O Cel.: oh, vai pega um peixe. Pegou uma bagrada. Oh!! Peixão bonito. Você conhece bagrada? O ministro João Alberto chegou: oh, mais que peixe bacana. Como é que é o seu nome: José Celestino da Silva. Trata eu de baixinho. Ai ele pegou uma22 de um tiro e me deu de presente. Ai ficaram olhando e me chamou de pucha saco. Ai ganhei até uma 22 porque puchava saco.

O ministro João Alberto perguntava por mim pelo rádio. E o menino ai ta bom, pescando, o baixinho ta pegando peixe, e grande. Um dia eu peguei treis peixão lá embaixo. Oh, pega a carroça. Alguém foi lá. Coronel: dá um peixe ai pra cozinha. O Coronel: não é um crime, ficam tudo jogando baralho. Ai eu queria dá peixe pra eles. Mas me chamavam de puxa saco.

Um dia já tinha tocado o silencio pra dormi. Um barulhão, jogando baralho. O Cel. me falou: vai vê o que eles tão fazendo barulho. – truco, 06, truco – Eu falei pro Cel.: eles tudo tão jogando baralho. Mais ninguém me viu não. Tava o Virgílio, o penteado, Estilac. Aquele puxa saco veio nois vigia.

Como o Sr. soube que o Penteado era pistoleiro do Getúlio Vargas.

O Penteado era pistoleiro do Getúlio Vargas. Ele tava como o Cel. Vanique só pra enche saco, mais ele ganhava dinheiro. Ele trabalhou aqui, uns tempo. Tinha um canavial aqui, ele veio fazer uma pinga aqui. Fez 04 barril de pinga, da boa!!! Seleccionada, mesmo. Acabou a cana e ele foi embora. Depois ele voltou aqui pra despedir de nós. Foi embora pro Rio Grande do Sul. Lá ele morreu. Gostava de mim era meu amigo.

Ele tinha muito dinheiro, trouxe 11 conto de reis quando veio pra aqui. Ele tava rico.

Quanto à comida? Demorou muito tempo pra resolver?

Eu passava bem, eu tinha dinheiro, piloto era muito meu amigo. Eu encomendava com ele de fora. Carne de sol, lingüiça, farinha. Arroz e feijão tinha aqui. Aqui não tinha pinga, pinga era proibido.

- Salomão Gomes de Souza. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 17h00min.

Qual é o seu nome?

Salomão Gomes de Souza

O Sr. nasceu onde?

Maranhão.

Em que ano o Sr. veio para Xavantina?

Eu saí do Maranhão pra Goiás em 1945. Aí fiquei os anos de 45, 46, 47, 48 e 49. Não, em 47, eu vim pra Mato Grosso. No Mato Grosso eu passei pelo garimpo de cristal aí na ponta da Serra das Borboletas (audição ruim), aí vim destinado ao garimpo do gatinho, dava muito diamante.

Onde era esse garimpo?

Era aqui no Mato Grosso – Poxoreu, por aí, perto de Poxoreu. Poxoreu deu muito diamantes, também. Nós vinhamos destinados a ele. Eu mais dois rapazes. Até que quando nós chegamos no garimpo, não fizemos nada... E ainda peguei um enroladinho e vendi por 70 cruzeiro.

O que era um enroladinho?

É um cristalzinho pequeno. Aí os outros não fizeram nada. Aí eles abriram... Vamos embora pro Mato Grosso, por que é melhor.... Então vamos. Aí vinhamos. A pé até Santa Maria do Araguaia. Chegamos lá pegamos o moto do velho finado Dodô. Era dono de um moto que vinha pelo rio, deixando mercadoria, sal pra aquelas fazendas na beira do Rio Araguaia. *Era comerciante?* O velho era dono do moto. Trazia o sal que eles compravam na fazenda, vamos dizer: você é fazendeiro, compra 10 tonelada de sal, eu compro mais 10, outro mais 10. Então o moto trazia tudo e ia entregando.

E aí nós pegamos um moto daqueles. Levamos 12 dias pra chegar em Aragarças-Goiás. Nem existia Barra do Garça. Nessa época Barra do Garça não valia nada ainda. Aragarça que era melhor porque tinha o Exército.

E então nós chegamos ali. Tinha muito garimpo de diamantes vendido pelo dólar.... Era um movimento. Cidade pequena, mais tinha muito movimento. Corria muito dinheiro. Aí ficamos por ali. Eu nunca tinha garimpado, eles também não. Aí o Cel Flaviano de Matos Vanique, que era chefe aqui tinha ligado pro escritório lá em Aragarças, era pra ficar gente pra vim trabalhar. Até o seu Levino que era o secretário. Aí nós fomos no escritório lá. O Levino ligou pro Cel aqui. O Cel disse: eu tô precisando de 18 homem (todos os entrevistados que conviveram com o Cel Vanique, imitam a sua voz de maneira muito parecida) Você tem aí me manda pra cá. Eu tenho que abrir uma Expedição Roncador-Xingu, agora em

1948, mês de 3 abril, mês de maio, nois tem que abri essa Expedição, daqui pra frente.

Por que já tinha chegado aqui.

Aqui já tava construindo, limpando... Eu ainda ajudei a limpa de enxidão. Não tinha trato né. Ai então nois vamos pra lá e ai nois volta. Então vamos pró rio das Mortes.

Não se falava em Xavantina ainda?

Ninguém falava em Xavantina. Ai entremo.... Fichou todo mundo. Amanhã vamos fazer o exame. Todo mundo lá no Doto, fulano de tal lá. Ai o Doto lá... Todo mundo tira a roupa, fica pelado, examinou tudo mundo e disse: agora tudo bem, pode ir.

Ai mandou nois pro aeroporto. O avião já vinha do Rio de Janeiro pra pega. Era aquele C-47, o Douglas. Tem até um lá em Canarana, na praça. Ai nois viemo nele. Cheguemo aqui... Ai eu não tava muito acostumado com essa vida... de horta. Ai o Cel falou: Salomão, ele era igual índio, você vai pra roça mais o Godô. O seu Serafim: faiz uma roça boa lá. Lá no Mortinho – *lugar da horta*.

Seu Godô é o seu Godofredo?

Você conhece ele?

Não. Mas eu vou procura-lo.

Pode procura que ele te fala. Nois trabaimo nessa horta lá. Ai... Alguém falou: graças a deus. Porque aqui o muro... era duro sabe. Aqui era arrancando toco e o guarda tava em cima, enchendo o saco e olhando. Você não podia para pra nada. Mosquito!!! E lá não... Lá nois... Tinha muita formiga e mosquito também. Ai nois fazia a fuamcinha... rapaiz colhemo tanta verdura ali. Ninguém dava conta.

Ai ficamos lá. Eu fiquei 03 meses trabalhando com o Godô e o Serafim. Com 03 meis o Cel falou: minino vem cá (imitando a voz do Cel) – eu tava forte. Um molecão de 18 anos. O Cel: eu quero fazer uma Expedição, mas fazer tudo com home novo, forte, igual a você. E lá ganha mais. Você ganha roupa, botina, tudo de graça. Aqui ganhava 400 e lá ganhava 500 – *fora a roupa e comida* – aqui já estavam vendendo, descontando no salário. Essa roupa vinha da guerra, de 1942. o que sobrava, aquela roupa tudo furada de bala, botina furada de bala (risos do entrevistador)

Ai nois usava aquela roupa. Nois ia pra lá e lê dava aquela roupa. Vinha umas camisa boa daqueles cara que morria Cel, Major, Tenente... morria, tirava a roupa deles. Aquela roupa, beleza assim. Então... ta bem Cel, eu vou. Isso foi no mês de maio.

Cel: então vocês se arruma ai... Tinha 15 homem. Vai com o Villas Boas, o Cláudio. Até já morreu. O outro era o Orlando, era um auxiliar dele aqui.

Ai ta bem... Fiquemo ali, o avião cheou e nois – *signal de partida. Batendo as mãos espalmadas* - .

Nisso eles já tiinham feito um campo de emergência lá no Xingu, em Jacaré. O avião desceu lá, levou o pessoal.

Jacaré é mesmo Jacareacanga?

Jacareancanga ta muito longe. É porque o posto chamava Jacaré. – *Posto indígena?* – É. Ai tin há feito um campo lá e nois descemo de barco. Três barco grande, batelão, com moto. Tinha um telegrafista que falava com Aragarça – Sebastião Garibaldi – já morreu também. Ai nois botemos essas comida tudo dentro desses barcos e tocamos no mundo, ai no rio. Tocamos... descemos o Xingu, subimos o Marrissua, larguemo o Marrissua, peguemo o Arraia, lá no Arraia começou a chuva... nois fizemo um campo de emergência lá. Chamava Arraia, porque tinha arraia demais. Mais peixe demias. Em 1948.

Ai nois tivemos que volta. A chuva apertou muito e não dava pro avião socorre nois. Ai nois voltamos pró Diaguarum, na beira do Xingu. Fizemos um campo ai. Fiquemo um inverno todo fazendo um campo ai, acmpamento e coisa.

Inclusive os índio queria ataca nois, os Suia. Um dia de tardezinha, tava turvando. Os índio queria ataca nois. No sapezal, eles vinham. Mais nois tinha cachorro bom. Os cachorro não deixava. Ai nois fiquemo apurado assim. Eu digo: vamos fica no jeito aqui. Cachorro ia lá e voltava. Vamos da uns tiro aqui pra riba. Ai eles não conhecia tiro, ainda naquela época. Ai nois demo uma rajada assim pra riba, pra cima. Rapaiz silenciou. Porque eles através de sinal de bicho do mato, se comunicava um com o outro. Um arremedava Jaó, outro Macaco, outro Perdiz. Porque eles faiz o circulo. Tavam se comunicando atraveis dos bicho.

Quando nois demo os tiro! Rapaiz calou.

Foram embora tudo. Eles tavam já pertinho de nois, no sapezal. Nunca mais eles foram lá. No outro dia nois fomos lá, eles correram tanto, acabou aquele sapé tod. E o Zacarias entrou lá, saiu todo com bosata. Por que o índio quando corre com medo, ele frouxa... Dana a caga. Ei eles foram embora, não voltaram mais não.

Nois fizemo o campo, ai tocamos, em 1949, pegamos os batelão e seguimos pra o rio Teles Pires. É mil e poucos km só na mata. Mais nois largamos porque tinha que pega a direção certa 300°. O avião a 300°, porque sabia que nois tava a 300°. E nois cortamos, fazendo picada, picada... E chuva batia. Picada toda vida. O homem tinha que carrega um revolver, um fuzil, um bernal de bala, um cantil, uma foice, o dia todinho. Um cantil que chegava, senão morria de sede. Tinha veiz que topava um corgo aqui e topava outro daqui uma légua. Então a água não dava. Então você tinha que bebe água de cipó. Cortava o cipó aqui, já viu? – *Sim*, passava a sede. Até quando chegava na beira dum corgo, mudava a traia de comida. E assim fomos tocando o verão todo. Ai chegamos no rio Teles Pires. Já fizemos um campo em riba da Serra. Já tinha acabado todas as comida. Ai o Cel, nois ligamos pro Cel e ele mandou pidi o avião com paraquedas e comida pra joga pra nois. Foi em 1949, junho. Ai o avião foi... Já tem lage em riba da serra, que vai como daqui naquelas casa lá, parece um asfalto – *Serra do Cachimbo?* – Lá perto do Cachimbo. No cachimbo é a mesma coisa que do Teles Pires. No Cachimbo fica perto. Ai... Até helicóptero pode desce em qualquer lugar lá. Ai o avião foi lá, nois fizemo fumaça, ele viu que era nois com bandeira branca. Ai foi lá e voltou e começou a joga paraquedas. Jogou 18 paraquedas. Cada um com 60 KL. Ai nois tinha comida, remédio bala. Jogou tudo lá e foi embora. E nois ficamos terminado de faze o campo e fomos pró Cachimbo. Eita, mais no Cachimbo deu aquele mosquito... um mosquito tão grande.

Como é que chama?

Ai passou aquela... Foi extinta a FBC, passou a SUDECO, fomos faze um bucado de obra ai. Fizemo aquela teatro, fizemos ali onde é o hotel, já venderam, é de particular – *o hotel era onde é casa do japonês?* – Não é do René. Aquele era o nosso hotel, naquele tempo era bonitinho. Ai nois fizemos essa casas aqui todas.

Isso aqui tudo era da SUDECO?

Lá no Ministro João Alberto, prefeitura. Tudo foi nois que fizemos. Até lá na creche.

Foi depois de 67 isso?

Começou daí e foi até... Depois veio uma turma ai e não tinha... como eles ficaram com o pessoal todo em Brasília. Então eles acharam por bem passa ela pra nois. Naquele tempo pagava um aluguelzinho, deram a casa pra nois. Quem não dava pra quita ficava o restante até paga a casa. E os outros que eles precisa-

vam, aqueles mais novo pra burocracia, foi pra Brasília, foi estuda e trabalha e nois ficuemo aqui. Eu falei, eu não vou mais sai daqui não. eu to com a minha família aqui, casei, já tinha filhos, ai depois larga tudo. Eu pensei no Maranhão não fico mais, mas vou testa. Cheguei lá não gostei e voltei.

Aqui trabalhava. A Fundação aposentou nois, a SUDECO e nois ficuemo. Ai já tava veio, não trabalhava mais nada.

O Sr. aposentou na SUDECO em que ano?

Não me lembro mais.

O Sr. conheceu os Villas Boas?

Demais. Ele era nosso chefe ai na frente. O irmão dele o Cláudio. O Horlando ficou sendo chefe aqui. Quando eu vim de lá eu trabalha com ele. Ai quando... agora a pouco tempo. Eu tenho uma comadre que mora em São Paulo. Eu fui lá, na casa dela. Salomão você que fala com o Horlando Villas Boas, ele mora aqui perto. Digo: ah, me da o telefone dele. Ela me deu e eu conversei com ele. Ele me disse: eu vou manda um jornalista lá pra te entrevista (imitando a voz dos Villas Boas). Eu falei: pode manda, eu to lá. Tal dia eu vou ta lá. Ele mandou um tal de me entevista, botou no jornal, na revista. Até uma revista lá de São Paulo, uns três anos atraiz, ele tava na capa. Ai foi o tempo que ele ia pró Xingu, que tava aqui em casa, ia pró Xingu e na volta ele veio entrevista alguns pioneiros ai e foi embora.

Eu fiquei não me interessa mais sai daqui não. Pra que eu ganhei uma casinha boa. Perto do rio . o que que eu quero mais. Criei a família, aposentado. Então fiquei tranqüilo ai. Mias nois passamo... no inicio aqui não foi fácil não. O Cel era duro. Duro... ossos duro de roe. Falava: você não sabe o que que é caro (imitando a voz do Cel). Por que nois falava do Xabá que era muito salgado e alguns peãojogava fora e ele via. Moço! Ele ficava possesso. “ Nunca comeu carne, quando come não conhece. Fica jogando fora” (imitando voz). Mas quem que gostava de um sal daquele. Cortava e jogava dentro do feijão, rapaiz (risos). Feijão preto cheio de coró. Feijão veioo – acho que sobra da guerra. Nois sofremo muito (silencio). Sofremo muito.

Desse tempo pra cá fui aposentado, fui é cuida da vida melhor né. Arrumei uma chácara, fui cuida de uma criação. Depois botei um butequinho lá do outro lado, começou abri esse cerradão ai. O pessoal começou abri. Entrou uns bandeirantes ai pra abri o ... o pessoal do Rio Grande do Sul. Os gaúchos. E nesse época aquele avião mesmo trazia o pessoal de lá pra cá. O avião passava aqui deixava, vinha, trazi do Rio Grande do Sul, deixava uma leva aqui; Canarana, Água Boa. Esse cerradão, ia quebrando tudo .

Eles tudo era... eles não tinha nada a perde. Ai meteu soja ai. Rapaiz daí melhorou. – *O avião citado é o que esta exposto na praça da prefeitura em Canarana.*

Aqui teve uma época que nois tinha 05 banco, com a Caixa Econômica. Na época do garimpo e do soja tinha muito dinheiro.

Depois foi... uma cidade que não tem industria, não anda pra frene. A cidade tem que ter industria e tem quem te administrador bom. Que tem interesse pela coletividade. É ou não é? É.

Se você é um prefeito, mais tem interesse só pela sua família. A cidade não vai. Tem que reuni com os vereadores e traz a industria pra dá empregos, gera emprego prós jovens. Esses dias eu fui no rio toma um banho, tinha 40 jovem banhando em dia de 2º feira. Não tem emprego. Quando sai um ladrão no meio, por que as veiz a mãe ta passando fome, vai roubar uma coisinha e vai pró pau né. Então se tivesse emprego diminuía essas coisas. Seu filho ia trabalha, o meu e de

todo mundo. Todo mundo tinha o seu dinheirinho. Cadê. Botemo os verador ai pra que. Mais nunca trouxeram uma indústria.

Quando que os bancos foram em bora?

Foi a Caixas Econômica, foi o banco do Estado, o Real. Foram embora três bancos potenciosos. Nos anos 80. Foi um desastre pra Xavantina. Hoje nois vimos como é que ta essa cidade. Cheia de mato, cheia de água, cheia de buraco. Então... não sei o que ta acontecendo. Eu quase não saio daqui. Eu operei do coração.

Eiu não quero ataca ninguém, mais o que preciso fala, eu falo. Eu sei que precisa traze industria pra cá. Esses dias eu fui na Câmara, falei com o Branquinho, falei com outro lá.... gente vamos faze uma fabrica, nem que seja de suco. Tem tanta coisa perdendo aqui. É manga, o abacaixi, uva. Tudo perdendo. Olha uma fabrica de suco, vai que dá 50 emprego. Mais já serve. Há não.... olha o frigorífico. Chegou aqui não... vamos arranja uma área pra frigorífico. O frigorífico foi embora. Foi lá pra Água Boa. Então é assim. Falta de interesse.

Uma cidade igual a nossa é a nossa que uma cidade muito maravilhos por causa desse rio das Mortes no meio da cidade, que tem esse privilégio né. Não tem em Água Boa, não tem em Canarana. Eles não tem nem Água, tem lago. Nois tem uma maravilha de rio dentro da cidade. A cidade parada. Culpa de quem? (silêncio) Do administrador.

Depois que a SUDECO construiu essas casas aqui? Quando que a cidade teve outro momento de crescimento?

Foi o tempo que teve o loteamento. A SUDECO mandou lotea. E ai foi dando lote pró pessoa particular. Ai ela foi crescendo. Mais ai é o que eu digo. Se tivesse interesse, ela estaria muito maior. O Robson – prefeito – no primeiro mandato, ele fez alguma coisa. Mais tivemos outros prefeitos pra traiz que nada fizeram. Então se todos tem feito um pouco, taria outro tipo.

Eu me revolto tem hora. Me da vontade de ir embora. Mais a minha família esta aqui. Eu na posso tem muita gente amiga aqui. Vem de Cuiabá. O Domingo, vem de lá da Universidade de Cuiabá (UFMT). Ele vem aqui com o pessoal dele. Daqui vai pró Roncador. Ele vê todo ano. Esse ano passado, não vieram aqui. Eu não se por que. Eu até vou liga pra ele. Pra vê o que aconteceu (o professor citado é José Domingues de Godoi. Você conhece ele? Gente boa. Se você vê ele, manda um abraço pra ele. Fala pra ele que ainda estou vivo. É pra vim toma um café. Diga: o Salomão ainda ta vivo. Diz que é pra vim toma um café mais ele.

Ele parava o ônibus aqui e daqui ia pra Serra do Roncador e voltava, me entrevistava e ia toma café. Muito gente boa. Ele mandou até um livro pra mim. Livro da história da Expedição, daqui pra frente. Que o Horlando fez.

O que mais o Sr. lembra da História de Xavantina?

Olha a história de Xavantina Gilberto. A história de Xavantina é assim uma história que se eu for te conta tudo vai leva um dia todo. Então a história foi muito sofrida no começo. Foi muito.... mais depois nois fomos construindo, foi chegando gente de fora, foi desbravando o sertão plantando a soja, outros plantando outras coisa. Ia indo foi melhorando, foicrescendo, foi crescendo devagar e coisa. Ela não era emancipada. Então era mandado por Barra do Garça ainda, pelo prefeito de Barra. Aqui era sub-prefeito. Ai nois reunimo naquela época do ... da política de Frederico Campos, que foi Senador. Então nois reunimos (21 membros aqui e criamos uma SAMJA – eu até a carterinha – e botemo duro. Ai Barra não queria solta, porque era a vaca leiteira. Ai soltaram na marra, mais soltou. Ai nois emancipou aqui. Ai teve o prefeito nosso. Mais foi duro pra Barra solta isso aqui. A Bar-

ra de lá mandava até o São Felix do Araguaia. Tamanho de Município. Maior que um estado, rapaiz.

Quando nois desmembrou aqui. Emancipou . ai emancipou São Felix, criou Água Boa. Cresceu ligeiroa Água Boa. Emancipou. Emancipou Canarana. Campinapolis foi o último, mais emncipou. Camponapolis era a terra do feijão. Abastecia toda a região aqui. Ai deu uma peste lá que acabou com o feijão. Eles passaram a banana. Deu outra peste na banana. Acabou com a banana. Campinapolis ta vivendo do leite agora.

E nois tamo ai né. Eu como aposentado. Os meus colegas. Os velho já morreu quase tudo. Já tem pouca gente, uma meia dúzia só. A gente ta até o dia que deus quize.

Como era o relacionamento dos civis com os militares?

O militar era nois. Ele era o chefeão (Cel). Então nois tinha que obedece ele. Queira ou não queira, nois tinha que tira o tempo ai por dentro da mata.

Tinha conflito?

Entre nois não.

Não entre vocês. Mas com as ordens que vinha dele?

Com as ordens dele? Não. A gente respeitava ele. Até um dia que não agüentou mais, estourou a bomba. Fizemos uma abaixo assinado, mandamos pro ministro, o ministro João Alberto puxou ele daqui. Tirou ele. Ai ficou o Horlando Villas Boas. No lugar dele. Ai melhorou a comida, melhorou alguma coisa.

Mais ele era duro mesmo. A mulher dele, suicidou aqui. Dentro dessa casa bem ai. Então... era ruindade dele mesmo. Que não deixou ela ir passear.

Eu falo pra você que eu já sofri muito.

Tinha muita diferença entre o Horlando Villas Boas e o Cel Vanique?

Tinha porque o Horlando era muito ruim também, mais ele já morreu também, morreu o ano passado. Mais ele tinha uma administração melhor né. Mais pacata, mais favorável. O Vanique era o regime militar. Se ele falasse que tinha que come sal, tinha que come. Então com o Horlando melhorou um pouco. Melhorou a comida, ficou melhor pra gente. Depois o Horlando foi embora, ele foi lá pro Xingu, a vida dele era mexe com índio.

E com o era a relação de quem morava na cidade com os índios?

Não, os índio do Xingu não vinham aqui. Nois deixava uma pessoa pra toma conta deles lá no posto. Vamos dizer que tinha 02, 03 posto, cada posto um ficava lá pra toma conta deles lá. Injeção, doença... índio é sadio. Mais quando entra o civilizado eles adocece, dá um gripe danada.

O Xavante deu muito trabalho pra nois. Até eles reconhece que a gente tava fazendo o bem pra eles, tudo foi duro. Se deixava, matava a gente. Nois foi até que conseguimos amansa eles, junto com a Inspetoria, naquele tempo era o SPI. Então através do SPI, foi chegando até que conseguimos chega a eles. Dando presente, dando comida. Mais o bicho é ignorante demais. Até hoje. Agora já tem muito índio civilizado. Mais do que nois mesmo. Muitos deles formado, mais eles deram muito trabalho. Xavante deram trabalho. Tentou mata gente ai, foi muito. Já mataram uns ai. Não podia mata eles né. Eles mataram nois, mais nois não podia mata eles. A lei era essa. A ordem era erra. Então a gente tinha que se afugenta deles, procura cai fora.

E a EUBIOSE?

Há o fundador da EUBIOSE era meu amigo. Eu tinha uma vendinha aqui. Ele vinha aqui direto. Eu reformei aquela casa pra ele. Ali onde mora o Joãozinho. Uma casa veia lá, mora um pioneiro lá – João Fernandes – nosso colega. Ele morou

ali. Eu fiz aquela estatua bem na frente (cone) pra ele. Depois ele foi trazendo o pessoal da igreja deles ai, já construíram muita casa ai. A igreja ali, você já viu ne? *Já*. Então é um povo que ajudaram muito. Povo tudo educado. Povo que sabe trata a gente. A EUBIOSE é um povo que.... inclusive o chefão que veio a 1º vez ai era meu amigo muito. Ele ficou amigo da gente, por que... fazia feijoada lá, mandava me chama. É boa gente.

Todo ano no mês de agosto, 04, 05 ônibus vem passear ai. Vem do Rio, vem de São Paulo, de Minas, vem de todo canto. Ai eles ficam ai. Esses tempo veio uns ai morreu três dentro do rio. O cara botou peso demais num barco. O barco alagou. Morreu três, não sabia nada.

O que mais o Sr. lembra de Xavantina?

Vem gente de colégio aqui direto. Eu to velho. Todos da Universidade é direto. Tudo quer história de Xavantiana. Eu me sinto bem, orgulhoso de ajuda os jovens. (não quis responder essa pergunta)

Com o gravador desligado o entrevistado fez comentários sobre o livro dos irmãos Villas Boas: *Marcha para o Oeste* e ponderou o absurdo personalismo dos autores. “Só falaram deles. Nenhum comentário foi feito a respeito dos trabalhadores da Expedição. Quem fez a Expedição foi nois, não eles”

Segundo o entrevistado, os Villas Boas, eram uns traia.

- Sr. Adão Gomes de Souza. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 08 de janeiro de 2006, às 19h00min.

Seu nome completo.

Adão Gomes de Souza.

O Sr. nasceu onde?

Eu nasci em Carolina – Maranhão.

Como o Sr. chegou aqui?

Nois chegou assim: o Salomão veio na frente. Chegou aqui, naquela época era a FBC do Getulio Vargas, que abriu a estrada do Rio de Janeiro pra ir pra Manaus. Pra dá emprego pro povo desbrava o sertão. Ai o Salomão veio pra cá, achou bom, naquela época emprego era difícil e aqui achou essa empresa que empregava muitos homens do nordeste. Chegava pra cá empregava o povo todinho. Então ele trabalhou dois anos aqui e foi lá e trouxe nois. Ai nois chegamos aqui, naquela época so andava de avião, era o Douglas – CAN – era o correio aéreo nacional.

Então nois viemos de lá de Santa Maria do Para. Nois peguemos um moto que chamava São Francisco. Um motorzão, ele pegava 100 pessoas. Ele ia assim como daqui naquele telefone público – aproximadamente 80m.

Então nois viemos pelo Rio Araguaia. Foi um mês de viagem. Naquele motorzão trabalhando. Agora hoje em dia não existe mais. Nois viajamos no Araguaia e viemos até Conceição, não aqui por baixo da Pitomba. Nois viemo até ai. E daí pra cá, pra Aragarça, nois viemo de lancha. Porque era razo o rio e não dava do motorzão chega. Ai nois viemo de lancha até Aragarã. Chegamos ali cedinho: mês de setembro de 1951, em Aragarça. Ai era espera 4º feira pro CAN trazer. O CAN chegou e pegou nois

Era só homem aqui. Mulher de chefe vinha de longe, era só duas ou três. Era cento e poucos homens trabalhando. Ali embaixo só tinha umas 05 casas. Eu era um molecote de uns 13 anos. Ai fui trabalha de garçon, eu era garçon da pionada. Fomos trabalha e foi indo, foi indo... ai chegou a época da revolução do Juscelino Kubsteschk. Você lembra? *Sim*. Do João Gulart. O João Gulart fez a greve. Ai

primeiro veio o JK. O JK foi o presidente, um dos maior do Brasil que eu achei, foi o JK e o finado Getulio Vargas. Ai o JK fez, naquela época, os caminhão era só o Stud Beik, na manivela. Você lembra aqueles Stud Beick? *Sim*. Então ai o Juscelino comprou 26 Alfa Romeo, caminhãozão. Ai ele abriu o Bananal e aqui. Acabou de abri aqui tudo. Ai nois foi trabalha lá no Bananal. Ele fez um campo de asfalto lá. Toda semana ele ia na ilha do Bananal, o presidente Juscelino. Aquilo ali rapaiz, era um movimento, era gente demais.

Ai o Juscelino saiu. Ai entrou o João Gulart, ai veio aquela revolução, que o povo quis tira ele. Naquela época eu tava lá no Xingu. É pra tira o João Gulart porque ta fazendo coisa errada e foi aquela brigaiada. Foi uma briga tão grande que queimaram o CAN lá no Aragarça. Não sei se você lembra? Acho que você não lembra. Queimaram aquele avinhãozão lá no Aragarça. Uma luta. Aquela revolta. Até quando tiraram o homem. Ai ficamo lá. Ai tinha aquele posto de referencia. Começou daí o Garapu, Kuluene, Xingu, Diararum, Cajabi e o Creputia, eram os pontos de referencia. O Creputia era o último posto da Fundação. Como base de avião. O avião puchava a reta e o engenheiro entrava na picada. O avião puchava a reta e os burros entravam na mata por baixo com os pião, fazendo a picada. Então era te Creputia no Cachimbo. Lá tem um posto de avião. Eu trabalhei 05 anos lá no Xinguzão, mexendo com índio. Eu trabalhei no Kuluene ao redor de 05 aldeia de índio. Os Juruna, os Oiti, os Lapiti e Kalapalo e os Kuikuru. Ai os índios gostavam tanto de mim que todos os fim de mês vinham aqueles avião da FAB, aqueles caçado. Levava remédio pra nois, cura dos índios. Da remédio pro índios, por que era muito difícil. Ali era do jeito que nasceu todo mundo. Ali não tinha um pedaço de pano de nada. Ai os índios... uma vez uma índio adoeceu de sarampo e foi duro, morreu muito índio, por causa que os índio quando adoece, ele vai pra beira do fogo e faiz durmi e ai morre. Ai briguei com eles até eles para. Ai eles não.... mais.

Ai fiquei lá 05 anos no Xingu. Ai vim pra cá quando eu cheguei aqui. Aquilo ali era só mato. Só tinha burro. Lá na rua da palha, no Bairro Boa Vista. Ali era o parque dos burro. Tinha os tropeiros: o João da Silva, o fiando Zé Tropeiro, que era tropeiro.

Ali do outro lado nois chamava Koreia, no tempo do Cel Vanique. O Cel era o nosso chefe. Ele falava: ali do outro lado vocês tem que ter muito cuidado com os índios (imitando a voz do Cel). O indio ainda não tinha dado fala. No dia que o índio chegou do outro lado, aquilo avermeio de índio. Ai teve que dá espelho e rapadura pra eles. Ai voltaram e ficaram ai começaram acostuma com o povo. Ai a cidade foi progredindo, ai foi naquele tempo, 54. ai eu tive que servir o exercito. O nosso chefe chamava Dr. Olívio. Ele falou: vocês vão , mais vocês vão pago pela firma. Quando vocês servi vocês volta. Muito bem. Ai fomos, sevimos o exercito. Quando foi em 54 teve a revolução do Getulio Vargas que ele se suicidou. Ai teve aquele barulho lá, que era pra tudo mundo ir pro exercito. Ai quetou. Nois viemos pra cá. Quando nois chegemos aqui naquela época, era o General Ari. Bichão!!! O pessoal que chegou agora é pra ir pro Kuluene de novo. Eu fui lá pro Xingu de novo, mexe com indígena. Naquele tempo, eu fui a amasando os índios e cuidando do campo. Avião só ia de mês em mês leva a mochila lá pra nois come. Avião chegava e deixava o sacão de come. Era eu e um colega. A distancia do vizinho mais perto era duas hora de cesna 170. naquela época nois tinha 10 aviãozinho no aeroporto. Era o vizinho mais perto. Era duas hora de Cesna 170. Quando acabava o come, comia beiju de índio com (...) era aquela dificuldade. Aquele sofrimento. Foi uma coisa assim que se passou, mais foi vitorioso. Porque

é bom demais. Então nois chegamos aqui graças a deus, agora a cidade ta crescendo. Então ta nisso que tá.

Quando que a cidade começou a crescer?

Ela começou a crescer... ela tem 50 anos de fundação e 26 anos de emancipação, sabe. Então ela começou a crescer não ta com muito tempo não. Ta com uns 20 anos que ela começou a se desenvolver.

Ela ficava nos prédios da Fundação?

Era. Só ficava nos prédios. O sub-prefeito.... o primeiro funcionário da prefeitura fui eu. Eu com o finado Paulo. O Sub-Prefeito. Era eu e uma senhora que dava lote pro povo, quem ia chegando. A nossa cidade é uma cidade projetada de Brasília. Feito com os projetos, tudo de Brasília. Da antiga Fundação. Aquela ali do outro lado é invasão, ia chegando e já ia entrando. Ia chegando e ia invadindo ali do outro lado. Mais a cidade emancipada é essa aqui. Então é por isso que puseram Nova Brasília e Nova Xavantina.

Então ai foi evoluindo devagar. Ai depois teve a eleição, ganhou o finado Frederico, 1º ´refeito eleito pelo povo. De lá pra cá foi tendo os prefeito e ta nessa época que ta agora me jovem.

E o Bairro Palha Velha?

Ali chamava Palha Velha. Ali era o parque dos burros da FBC.

Como começou o bairro?

Ali quando começou, foi na época que a Fundação foi desenvolvendo, ai foi o fato que eu fui fazer uma casa lá. Inclusive eu mais o meu mano, cuidemo de um barzinho lá. Fizemo uma casa, botemo um bar, fiquemo lá trabalhando uns dois anos com esse bar. E ai um fazia outro barzinho... porque nois não podia fazer casa, porque não podia ninguém fazer casa cá, porque não tinha ordem de Brasília. Então tinha que fazer lá. Aqui pra cima não fazia casa. A não ser lá rua da palha. Então o pessoal ia fazendo lá, na rua da palha, no olaria, é o que tem. Aqui só fez quando emancipou. Que o engenheiro mediu, justamente, eu mais o topógrafo – seu Hélio, medimos tudinho ai que foi distribuído os lote pro povo.

O finado Chico Lima que (...) ai continuou desse tipinho.

O sr. conheceu os Villas Boas?

Conheci. Eu trabalhava no Kuluene e ele trabalhava no Vale do São Felix.

O que sr. lembra dele?

Eu me lembro que era... ele era muito querido....uma pessoa muito lutado pelo sertão. Um sertanista mesmo, aquele homem. Ele, o finado Leonardo, aquele que já morreu, Horlando e o Cláudio. Horlando, Cláudio e o Leonardo. Todos os três, inclusive, eu chamei ele pra festa dos pioneiros aqui. Conversei com ele pessoalmente pelo telefone, chamando ele pra nossa festa. Ele disse que não vinha porque tava mal, não podia vir.

Ele ficava no Vale do São Felix e eu ficava no Kuluene. Era um agora e meia de Terra.

Como ele se relacionava com os índios?

Ele se relacionava muito bem, porque ele dava muito presente pros índios. Os índios gostavam muito dele. Ensinava os índios trabalhar e dava.... pros índios trabalha. Porque os índios, naquela época não sabia nada, não tinha facão, não tinha enxada, não tinha nada. Ele que dava. Trazia, ia desbravando.. ele foi um grande sertanista. Aqui do Mato Grosso. Aqui da FBC. Grande homem.

O que mais o Sr. lembra de Xavantina?

A Xavantina, a gente tem um sonho... a gente se lembra de tanta coisa, que tem que ter umas duas horas pra eu te falar muitas coisas. Que a gente lembra quando

começou a Expedição, daí do Cordeiro de Faria, o Ministro veio aqui. Nois começamos a desbravação do chamado areões. No dia que ele veio. A gente fez um campo e aterrizou 18 aviões lá na beira dos Areões, pra ser a saída da Expedição. Nois tem esse filme. Esse filme vai passa na festa dos pioneiro, agora vai passa de novo. Eu não sei com quem que ta esse filme, mas ta na prefeitura. Esse filme da saída da Expedição – os trabalhador derrubando as mata, o sertão dos Areões. Começou nessa época. Nessa época veio 18 aviões junto com o Ministro Cordeiro de Faria. Da saída do Areão. Daqui lá já tava em estrada.

É uma longa história. Você tem que vir com mais tempo – *eu tenho todo o tempo* – mais agora de noite, pra gente lembra das coisas, pra gente conversa a vontade (o entrevistado não estava disposto)

Mais o sr. lembra das primeiras casas?

As primeiras casas... a primeira casa que foi feita ali. Ela ate caiu... ali na descida.... lá era o nosso clube recreativo, dos pioneiros, o nosso hotel, pra baixo um pouquinho era o nosso colégio, desmancharam. Um colégio que eu tenho as foto dele. Tenho ate vontade de chora quando vejo aquelas foto... os menino marchando, naquele tempo e lá, mais lá assim era a padaria, era o açougue e pra cá era o almoxarifado, que trabalhava o Osvaldo e o finado Dirceu. Ali tinha peça de tudo. E mais aqui era o restaurante.... como se diz assim, dos escriturários e lá embaixo na beira do Rio era o restaurante dos.... da turma dos pobres. Era da turma.

Ali na sete porta – acabou tudo né Manezinho? Acabou. Tinha uma casa que chamava sete porta. Porque tinha sete porta. Aqui tinha uma casa d e outra pessoa e ali junto onde o meu mano (Salomão) ta morando era uma casa do piloto chamado Olavo. Uma casa feia onde morava o chefe – *ah, sei* – casa do Vanique. Aquela outra onde morava o Cel Vanique. Lá que a mulher dele se suicidou. Ele era muito ruim. Ele era militar e você sabe como é que. Ela se suicidou. E lá mais pra frente era...ai foi fazendo as casas dos funcionários. Bem aqui tem uma casa dum funcionário que chamava Inácio e trabalhava na cantina, onde distribuía, onde você comprava as coisas. Ia lá e comprava uma cozinha pra come. Nois tinha essa cantina ai.

Tudo vinha do Rio de Janeiro. Tudo naquela época tudo era comprado de fora. A pessoa ia la comprava aquilo ali tudo por um quilo de banana.

Pros funcionários?

Pros funcionários. Era só os funcionários. Não podia entra ninguém de fora naquela época. Ninguém passava o rio pro outro lado. As terras aqui era tudo devoluta. Ninguém passava pro outro lado porque o chefe não deixava.

E ai foi indo, indo... começou a chega gente. Daqui pra Barra, você gastava 10 dia de viagem com caminhão e machado e enxada pra chega lá. Daqui pra Barra do Garça.

E o primeiro que começou a mexe com ônibus aqui chamava-se Bomfim, com um Chevrolet chamado Marta Rocha – Você lembra? Então ele começou carregando nesse pau de arara. Depois ele vendeu prum tal de Alcides, chamava ele de Badoque. Depois do Badoque ele vendeu pra aquele homem, eu esqueço o nome.... o Loro, irmão do Joaquim. Ai o Loro veio ai. Esse Louro vendeu pro seu Geraldo. Hoje em dia é do Geraldo e dum veio da Brasil que eu não conheço.

Então a Barratur começou com o Marta Rocha?

Começou assim foi vendendo, vendendo. É o primeiro coletivo que rodou aqui dentro foi meu. Eu tenho ate uma foto dela aqui, uma kombi. Rodava pra la, pra cá... daí eu casei e parei com isso. Daí eu vendi ela também pra outro. Manezi-

nho: vendeu pro seu irmão – foi, vendi pro meu irmão e meu irmão vendeu pra outro. Aqui o pessoal pegou ter muita condução, o pessoal não pagava. Não dava mais lucro – *é muito pequeno também* – aí parou. Pois é meu jovem. Essa história é bonita e é grande, tem que conversa muito ainda. Começa do começo certinho.

- Sra. Maria da Gloria Nunes da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 09 de janeiro de 2006, às 15h00min.

Qual é o seu nome completo?

Maria da Gloria Nunes da Silva.

A senhora é conhecida como glória?

O povo me conhece como Gloria.

A senhora nasceu onde?

No rio de Janeiro.

Por que razão a sra. veio pra cá?

A razão foi o meu pai. O meu pai era mecânico, chefe de oficina e ele olhou no jornal lá no Rio de Janeiro e viu que tava precisando de gente aqui no Mato Grosso (áudio ruim)

Nois viemos no avião nacional. Naquele tempo tinha o avião nacional. Nois viemos tudo num avião particular. Aí chegamos aqui, não tinha quase nada. Tinha muito pouquinho casa. Não tinha quase nada. Aí nois paramos lá do outro lado, Xavantina veia. Não foi desse lado aqui não. Meu pai ficou sendo chefe da oficina. Nois ficamos muito tempo ... Ele veio morrer lá em Progresso. Minha mãe morreu no Rio de Janeiro. Eu fui pro... depois que eu casei em 56, eu cheguei aqui solteira. Eu tinha 15 anos.

A Sra. casou com um rapaz daqui mesmo?

Não senhor. Eu casei com um cara do Para – Conceição do Araguaia. Aí a irmã dele morava aí do outro lado, marido dela era funcionário também da FBC, porque nois tudo era da Fundação. Aí ele pegou pegou e veio pra cá e nois conhecemos aqui mesmo. Aí casei lá do outro lado, na capelinha. Depois viajei, fui pra Conceição do Araguaia. Lá nasceu o meu primeiro filho, que se chama Aroldo e aí nois dicamos lá um ano e tanto e depois fui pro Rio de Janeiro de novo. Quando eu voltei do Rio Janeiro. Foi ano de 1958. voltei de Novo. Voltei pra cá, aí o meu esposo começou a trabalha com a irmã dele que tinha uma loja de tecido, tudo misturado e eu entrei pra ser professora pela Fundação em 1958.

Aí eu trabalhei uns dois anos nem foi dois ano, um ano e pouco como contratada, depois ficlei. Me ficharam na Fundação. Aí fiquei, nasceram os meus outros filhos tudo aqui, eu tenho 08 filhos, desses 02 é de criação, duas meninas. Aí fiquei aqui toda vida. Meu esposo era farmacêutico. Dedicou a farmácia. Ele foi o primeiro farmacêutico aqui dentro de Xavantina. Chama-se Joaquim (...), chamavam ele de Kinka, Kinka da farmácia. Aí ele foi mexendo com a farmácia e eu fui dando aula. Dava só um período por que naquele tempo só dava um período de aula. Aí eu fiquei, fiquei... aí quando foi no ano de (...) que to com 53 anos que eu moro aqui dentro dessa XAvantina.

Aqui Nova Brasília não existia nada, só índio gritando na beira do rio. Só os índios. Quando ficavam acampados na beira do rio e quando morria um deles era uma gritaria a noite inteira. Gritando, rezando, aquela forma deles lá.

E aí nois fomos indo daqui pra Nova Brasília, em Nova Brasília eu fiquei 03 anos, na casa que o meu esposo comprou e nois ficamos lá. E da lá eu resolvi muda aqui pro Estilac e to aqui a 32 anos.

Qual foi a sua impressão quando a sra. chegou em Xavantina?

Quando eu cheguei naquele tempo, a impressao não foi ruim não. porque naquele tempo os funcionários reuniam, faziam festinhas, tinha muita festinhas nas casas, fim de semana. Eu não achei ruim não. Você sabe que eu não achei ruim!. Eu achei ate bom em vista dos outros lugares, ate bom. Não achei ruim aqui não. Do outro lado era muito animado, naquele tempo. Logo que eu cheguei, era muito animado, tinha festinha, fim de semana, era tocada a sanfona, os baile, tinha a nossa capela. Era muito bom, muito divertido. Tinha as missas, reuniões, rezas. Era bom, não achei ruim não. Não achei nada ruim. Bom demais. Porque a Fundação fez pra nos compra os alimentos, tinha uma cantina, tinha o açougue, matava gado pra vende pros funcionários. Todo mundo comprava la no açougue deles. Então não era ruim não. não achei ruim aqui não, achei bom. Nunca quis muda daqui não.

Teve algum fato que marcou a Sra?

O único fato que me marcou foi a morte do meu esposo, ele morreu assassinado aqui nessa casa.

Em que ano?

Foi em 94.

Mais foi razões políticas?

Não, de briga não. foi o genro. Não gosto muito de fala porque é o pai dele. Não gosto de fala porque é o pai dele. Não gosto de fala do caso. O único caso que me gravou mais foi so esse.

Dos anos 50 não?

Não, não teve, nesse tempo. Não me lembro de nada de anormal.

Quando que a cidade começou a crescer, segundo as lembranças da sra.

Quando a cidade começou a crescer....quando começou a desenvolver aqui um pouquinho –eu acho que não bem desenvolvido não. ainda ta faltando muito coisa – mais foi nos anos 70. quando eu vim pra ca, Nova Brasília, foi em 74, ainda não tava bem desenvolvido.

Aqui no Estilac era a gente que morava aqui. Nova Brasília era pouquinho. Os pioneiros de Nova Brasília já ate faleceram. Joaquim Brito, aquele que tinha um hotelzinho, uma pensãozinha e o João açougueiro de Nova Brasília. Mais o desenvolvimento veio mais a tona, foi depois que a prefeitura começou a mexe com esse negocio de casa, veio muita gente pra ca. Aqui em Nova Brasília, não existia muita coisa não. tinha pouquíssima coisa.

O Estilac era uma comunidade?

Não aqui pertence tudo ao mesmo bairro Nova Brasília.

Aqui começou antes de Nova Brasília?

Aqui não. Nova Brasília foi primeiro. Depois que foi pra ca. Aqui tem pouco tempo. Aqui é de 78 pra ca.

Porque esse nome Estilac Leal?

Estilac Leal por causa do corgo meu filho. Tem um corgo ali que tem esse nome. Estilac Leal acho que foi um pioneiro. Não é pioneiro que a gente chama, é desbravador, que passou ali. A primeira estrada foi aquela la. A Couto Magalhaes. Foi a primeira estrada que existiu, que saiu de Nova Brasília e veio vindo.

E teve os que faziam os desbravamentos. Ai botaram esse nome por causa do home. Morreu passou esse nome, Estilac Leal. Puseram o nome de Estilac Leal no córrego. E o Rio das Mortes foi porque mataram, teve uma briga entre os índios e brancos. Ai correu sangue nas águas do Rio das Mortes. Ai ficou como rio das Mortes. O primeiro nome do rio das Mortes é rio Manso. Ao mudou por causa

disso, pra rio das Mortes. Por causa dessa briga que teve entre os desbravou. Ai puseram esse nome.

Além dos acampamentos dos índios do lado de cá, a sra tem mais algumas lembranças dos índios na cidade?

Meu pai abrigava muito os índios lá em casa, fazia comida. Lá do outro lado o meu pai era muito amigo dos índios. Tinha um tal de Arubonã que era o chefão, chamava-se Arubonã, o nome do índio. Ai ele ia lá pra casa e levava aquela turma grande de índio, na minha casa. O meu pai mandava fazer aquela panelada de comida e nos distribuía comida pra eles tudo lá em casa. Tinha amizade assim. O meu pai deu até uma sanfona pra eles de presente. Pra esses índios. Pra esse Arubonã. Mais os índios, eu não sei não, mais eu acho que eles estão até manso aqui dentro. Porque em muitos lugares eles são rebeldes. Agora eles tão mais manso ainda. Lá tão quase igual civilizado, já tão bem mais manso.

A sra. lembra de algum conflito entre os índios e as pessoas da cidade.

Não, não teve não. Que eu saiba não. Aqui dentro não. nunca ouvi nem fala isso. Conflito dos índios não.

Quando o meu esposo era vivo, nois ficava com eles muito ali na casa. Eles tem uma dança que é o Arubabã. Uma dança que eles dançam. Dançaram demais ali na casa que era nossa. Eu morei lá também com o meu esposo. Eles dançaram bastante, tocando e o meu esposo também mandava distribuir comida pra eles.

Eu não creio que eles sejam rebeldes. Quando eles tem amizades, eles tem muita amizade mesmo. Meu esposo mesmo foi um. Tinha aquele sete porta lá do outro lado (...) ele tava cansado e os índios carregavam o meu esposo até lá em casa no colo, por que tava cansado. Pelo menos com nois toda vida foram manso. Não teve brabeza deles com nois não.

A sra. já ouviu histórias fantásticas sobre Nova Xavantina?

Eu ouvi dizer porque eu mesmo não fui nesses lugares que é encantado que eles falam. Eu nunca fui não, moro aqui a muito s anos e nunca fui. Mais dizem que tem um lugar aí meio encantado.

A sra. sabe quais são os lugares?

Não, nunca fui e não sei de cor assim na cabeça. Por isso que eu não vou nem fala por que eu não sei. Mais existe, dizem que existe por aí. Agora eu não sei.

Quais são as suas lembranças do tempo que a sra. foi professora em Nova Xavantina?

Naquele tempo era diferente de hoje. Hoje as crianças estão tomando conta das escolas. Naquele tempo existia palmatória. Podia dar castigo pras crianças. Os meninos tinham mais respeito. Hoje não tem medo de nada. Faz o que quer dentro da escola, baderna, tudo eles fazem. Desrespeitam os professores, não tá nem ligando pra nada. Eu acho nisso aí muita diferença do meu tempo. Eu dei aula bastante tempo. Quando eu me aposentei pela Fundação, em 1977, mais ou menos, quando me aposentaram, já era SUDECO, teve que aposentar os que tava por aqui, senão ia muda pra muito longe, ia transferir, aí quem não quizesse aposentadoria proporcional, eles mudaram de um lugar pro outro. lá embora. Foi por isso que eu acho que naquele tempo que eu dei aula era bem melhor do que hoje. Hoje eu não ia dar conta não.

Qual foi a escola que a sra. dava aula?

Lá no Ministro. Mais nois começamos não foi no Ministro não. nois começamos numa casa que tem lá do outro lado, que naquele tempo dava aula assim... Foi o primeiro escritório da Fundação, aí eles transferiram o escritório pra outra casa e

nois começou das aulas. Tinha so duas salas de aula. Eu comecei com a minha irmã.

Sua irmã mora aqui também?

Mora.

Como é o nome dela?

Maria Cecília, e o marido dela chama João Fernandes, que mora numa casa na beira do rio. Ela também foi professora. Naquele tempo não tinha quantidade exata de alunos. Até índio a gente tinha que da aula.

Índio também estudava?

Índio também. Tinha índio dentro da sala de aula também. Tinha que da civilidade aos índios.

E como era dar aula para os índios?

Não era difícil não, era fácil também era quase igual os civilizados.

As crianças brancas...

É a mesma coisa. Os índios também não são danado demais não, quando tem que estuda são manso. Os que moram aqui dentro. Aqui dentro mora muito índio.

A sra. conhece algum aluno desse? Índio?

Índio não. civilizado eu conheço, tam muito civilizado que eu dei aula e eles hoje são bem de vida.

Não existe nenhum índio que a sra. deu aula que esteja aqui?

Na, índio não. Não me lembro de índio não. eles foram todos pras aldeias. O único índio que eu tenho uma vaga lembrança é o Bruno. Esse foi criado dentro de Xavantina. Então a gente teve mais contato.

Ele mora aqui?

Não, ele ta la pra dentro, pras aldeias. Agora ele já deve ta bem de idade. Ele é chefe la.

Um bom homem pra você toma informação de índio é o meu vizinho aqui, o Porfírio Alves.

As pessoas que não eram funcionários da Fundação, o que faziam para conseguir alimentos?

Não. Dava conta, porque podia compra na cantina.

Podia compra quem não era funcionário da Fundação?

Podia compra na cantina. Não tinha nada a ver não. comprava aqueles que iam fazer roça. Os que forma chegando pra abrir fazenda. Não era difícil não. O caminhão do Chico Lima trazia cargas e cargas. Chamava Francisco Lima. Era o nome do homem que dirigia o caminhão pra trazer comida. Quando ia chegando o Chico Lima, todo mundo ficava alegre, por que a comida ia chegando. E todo mundo ficava alegreee. Era tudo rindo porque o caminhão vinha superlotado de comida pra despeja na cantina.

Despejava na cantina e distribuía?

Não distribuía não, vendia la dentro pra todo mundo.

Ele era o Chico Lima, era famoso sobre isso. Era o único caminhão da Fundação que ia busca comida. la busca comida ai todo mundo ficava alegre, que chegava a comida.

Naquele tempo existia um caminhão chamado CAN. O CAN – Correio Aéreo Nacional – o único avião que descia aqui era ele e os teço-teco. Ai tinha vez que tinha alguém doente, trazia pra la pra trata e tinha os médicos dentrodo avião. Porque não existia médicos fixos aqui dentro de XAvantina. Qualquer coisa tinha que ir pra Barra. Depois é que foi forma um pequeno hospitalzinho, onde é a prefeitura hoje, la do outro lado, la era o hospital.

Foi construído junto com o Ministro.

Antes de ser hospital foi escola. Depois que fizeram o Minsitro, passaram a escola pro Ministro e botaram hospital. Hoje é prefeitura.

Agora ta dizendo que é a praça dos três poderes. E a prefeitura, o Fórum e a Câmara, vai ser la.

Xavantina, naquele tempo, eu achava bom. Hoje acho que tem ate mais dificulda-des pro povo. Naquele tempo parece que sentia alegre no meio daquele pessoal tudo unido. Hoje muito gente desunida. Naquele tempo era tudo unido. Funcioná-rio da Fundação reunia tudo. Em reunião, festas, reunia tudo. Tinha a capelinha que fazia a festinha da capela que era ... leilao, tanta coisa boa. Hoje não tem mais isso. Hoje tem muita repartição de religião, muita religião. Aqui so de crente tem mais de umas 20. Outro dia eu tava contando, ta quase chegando a 20 igreja de crente. Antigamente não tinha. Quando veio entra a primeira igreja de crente aqui, os primeiros crentes aqui foi da assembléia de deus. Ate ficava gritando perto da escola, falava que eles tava pedindo arroz, feijão. Aquilo gritava la dentro menino. Deus me da isso, me da aquilo. Tinha um prediozinho la, um corredor perto do Ministro. Nois dava aula la no Ministro e ficava escutando aquela barulhada la deles. Da Assembléia de Deus. Agora depois a primeira Igreja de crente que foi feita foi aquela do 7º dia, adventista. Foi a minha cunhada que mandou fazer aquele igreja. A minha cunhada era adventista. Foi ela que ajudou a cons-trução. Hoje a construção ta la do lado da delegacia.

Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min.

Qual é o seu nome completo?

Raimundo Pereira da Silva.

O sr. nasceu aqui?

Não, no Maranhão.

E como o sr. chegou aqui? Veio direto ou veio parando?

Eu vim parando, gastei quase um ano pra chega aqui. Nois viemos, naquele tem-po era muito difícil, não tinha essa condução que tem hoje. De vez em quando a gente pegava uma carona de caminhão. Mais andva era de pe. Viemos de la de pe. Vinha parando. Andamos de barco ate chega aqui.

No caminho o sr. parou em algum lugar pra trabalhar?

Trabalhei, parei, eram uns dias, porque nois era uma família grande. Éramos em 13 pessoas, já tinha um irmão que já morava aqui, trabalhava aqui e um cunha-do. Ai nois vinemos. O meu cunhado foi la, ate ainda deixou um dinheirinho la pra gente. Mais não era dinheiro suficiente pra gente vim aqui com aquele tanto de gente. Nois vinemos aqui açula, aqui e açula... trabalhando em prefeitura, nois era menino. So tinha um homem que era meu cunhado. Tinha três homem – homem no modo de dizer, macho né. Era tudo guri. 15, 16 anos. Nois vinemos, chegamos a trabalhar numa cidade em Goiaz, trabalhamos la, o prefeito deu o serviço la pra nois, pra ajuda nois. Nois não tinha condições. Trabalhamos la junto com os presos dessa cidade, que chamava Jaragaua. Ai nois trabalhava junto com os presos. Ate um dia uma mulher olhou nois assim e disse: menino o que foi que vocês, desse tamanho já tão criminosos, o que vocês fizeram, que tão traba-lhando junto com os presos. Vocês estão presos?

Ai nois explicamos pra ela que não. que não estava preso. Nois tava la trabalhan-do pra ganha um dinheirinho pra continua a viagem e come também , porque era muita gente e a gente precisava de um dinheirinho pra come. Porque a gente via-java mais era de pe emso. Sai ai andando ate chega aqui. Quando nois tava em

Goiânia, o meu irmão foi lá encontrar com nois. Ai nois vinhamos com mais condução, vinhamos de caminhão. Esses de transporte aí.

Alfa Romeo?

Não naquele tempo era Ford, Chevrolet. Era tudo importado. Esses caras que faziam fretes, entregando coisa. A gente pega uma carona com os caminhão.

Pelo Rio, vocês chegaram a viajar?

Chegamos a anda logo no começo. Nois saímos lá de onde nois morava. Ai tinha uma cidade que chamava Grajaú. Nois vinhamos de pe. Nois tinha dois jegue. Trazia as coisas da gente. Nois chegemos no Grajaú, a minha vendeu o jegue. A minha mãe é que comandava. Vendeu os jegue porque era uma travessia muito grande de Grajaú pra Carolina. Não dava pra passa os jegue. Porque tinha muita gente pequena, menino pequeno de 06, 07 anos. Tinha uma turminha bem avantajada.

Tinha uma companhia de aviação que chamava Aeronorte. A minha mãe com as crianças, vieram de avião até Carolina. E os homens vinhamos de pe até chega em Carolina e encontramos com eles lá. Ai nois andamos de Carolina até Miracema, num barcão que chamava Nereu Ramos. Ainda lembro do nome dele. Por incrível que pareça, depois eu já tava homem, trabalhando aqui, no tempo da construção de Brasília, eu fui lá no Maranhão, trabalhar lá no Tocantins. No estreito, onde tem a ponte. E lá tava esse barco, esse mesmo barco ficava lá pra atravessar os funcionários da firma que tava fazendo a ponte. E eu fui anda no barco de novo (risos).

Em que ano foi isso?

Foi em 1951.

O sr. voltou a trabalhar lá no Tocantins em que ano?

Em 1960. já tava homem, ganhando o meu dinheiro mais folgado. Naquele tempo era bom de emprego. A gente chegava pra aqui e já tava empregado. Aqui tinha muito serviço.

O sr. trabalhou na FBC?

Na FBC.

A partir de que ano?

Em 1951, eu saí de lá do Maranhão, mais ou menos em maio por aí e fui chega aqui em novembro. Fiquei quase um ano andando (riso). Eu lembro do dia que eu cheguei aqui no dia 02 de novembro, na Xavantina. No dia 03, eu já tava trabalhando.

Eu trabalhei muito por aí. Pra todo lado. A fundação tinha posto aqui pra dentro. Tinha um posto aqui no Garapu, depois tinha o Kuluene, depois o Xingu, diana-rum, Serra do Caximbo, Jacareacanga. Tudo era posto da Fundação. Aquilo ali tinha 02, 03 funcionários da Fundação. Eu fiquei muitas vezes nesses postos. Ficava em 02 ou 03.

Mais lá a gente ia de avião e a comida eles ia lá de 30 em 30 dias leva a comida.

Ficava lá fazendo o que?

Tinha o campo de aviação, a gente cuidava daquele campo, fazia uma rocinha nesse Diararum (procurar grafia), mesmo nois dizemos uma roça lá, colhemos arroz, plantamos banana, deu muita banana. Pra não fica atua mesmo.

O campo tinha que roçar tudo mês. Nos pegava de foíce, facão e ele ficava sem pré baixinho, porque era um sapezal assim!!!

Até na pista subia mato?

Subia mato (risos), todo mês tinha que roça aquilo. Depois a gente largou de ir pra lá e começou a ficar aqui. Eu fui pra Cuiabá servir o Exército lá e fiquei um ano e pouco lá e aprendi a dirigir carro.

Quando o sr. chegou em Xavantina, qual foi a sua impressão da cidade?

Olha rapaz, aquilo não tinha nada. Tinha umas casinhas pouquinho. Era umas 04 ou 05 casas só. Tinha uma casa onde era o refeitório, tinha a casa do chefe, tinha uma casa do telegrafista, tinha uma casa assim que nois chamava ela de sete porta, mais ela era sete porta, ela era só seis. Ali morava 06 famílias e tinha mais outras duas casas só que também morava funcionários, algum encarregado de trabalho.

Tinha um barracão que morava uma turma de solteiro lá, aqueles tudo era solteiro e tinha um refeitório, onde tinha a cozinha do nesse tempo era considerado funcionário quem tinha cargo. O que trabalhava braçal mesmo era peão. Nesse tempo não falava peão, era trabalhador braçal. Depois foi passando o tempo e todo mundo passou a ser funcionário. Mudaram as leis do país e todo mundo já foi executando e todo mundo passou a ser funcionário.

Quem não era funcionário, o que fazia pra comer e pra morar?

Ah! Era até proibido entrar gente aqui. Teve até encrenca aí do chefe que não gostava que ninguém andava aqui. Andou aí uns cara medindo terra, comprava terra por aí. O cara vinha medir, teve até encrenca aí, briga. Aqui era proibido, era privado mesmo. Você não podia pegar um pedaço de terra, fazer uma chacinha.

Era tudo da Fundação?

Era tudo da Fundação. Ninguém podia pegar nada, nem fazer uma casinha, nem arranjar uma chácara, a gente podia.

Ficou até quando esse monopólio da Fundação?

Ficou até acabar a Fundação, foi extinta e entrou a SUDECO, aí o povo foi entrando, aí começou a fazer casa aqui no setor Xavantina, aquelas casas que tem lá na pracinha. Ali pro lado de baixo era da Fundação, onde tem aquelas casinhas, tinha hospital ali. Na casinha bem na esquina de quem desce da pracinha, bem na esquina era o hospital. Depois fizeram um bem melhor, onde hoje é a prefeitura. Fizeram uma escola, fizeram aquelas casas ao lado da igreja. Lá não tinha nada. Aquelas casas ao lado da igreja, já foi feita no tempo da SUDECO. Numa travessa que tem detrás, duas casas dela foi feita no tempo da SUDECO, também. Depois o povo foi entrando e construindo e hoje já tem

Lá do outro lado não morava ninguém. Não tinha estrada. Tinha uma estradinha que fizeram lá pra Garapu, foi o primeiro posto da Fundação. Essa estrada ia até lá. De vez em quando ia gente lá. Eu mesmo fui muitas vezes lá, de carro. Depois da SUDECO compraram umas Toyota, uns Alfa Romeo. De Alfa não ia lá. As pontes era tudo estreitinho, não cabia um Alfa Romeo. Só ia de Toyota. Os caminhões foram comprados já no governo Juscelino, ele fez lá na ilha do Bananal, ele fez um campo de aviação asfaltado de 1800m. fez um hotel 05 estrelas lá, bonito. Aquelas caminhões foi comprado naquele tempo. Em 59,60,61, eu nem sei direito o ano mesmo. Então nois foi trabalhar lá. Comprou Alfa Romeo, comprou trator, duas patrôla, duas carregadeiras, dois trator de pneu, 19 Alfa Romeo e uns caminhãozinho Chevrolet, uns Ford.

O carro chegava lá, que ia levar óleo, chegava não tinha onde descarregar, sempre tinha muito dinheiro, comprava o caminhão, comprava o caminhão e ficava com o caminhão carregado. Tinha um Ford F600, que era tanque. Eles compraram o F600 e ficou lá. Depois essas máquinas vieram tudo pra cá. Foram fazer

essa estrada. A estradinha era muito precária, ai começaram fazer essa estrada e ai foi melhorando a estas.

Essa Br aqui?

Essa Br 158.

Em que ano começaram a fazer essa estrada?

Foi a Fundação mesmo que começou. Quando eu cheguei aqui em 1951, eles já tinham começado a fazer essa estrada. Eu vim de carro ate no Pindaíba, quando eu vim pra ca não tinha ponte la no Pindaíba. Passava numa balsa. Tinha uns caminhão veio – Studbeck – que a Fundação ganhou do governo Getulio Vargas, ganhou aqueles caminhão basculante. Com aqueles caminhão é que começaram essa estrada ai. Fazer aterro naquele lugar como la no Corrente, era quase dois Km so de brejo, foram fazendo um aterrinho pra ir passando. No pindaíba eles, pra passa no rio, eles enchia o caminhão de pedra e ia botando dentro d'agua, mesmo que a água levantava o carro não atolava. Entrava com o caminhão quando não dava conta de passar a gente empurrava, puchava com as cordas e atravessava esses caminhão la.

Ate que começou a Xavantina veio ai. Tem gente que sabe mais do que eu aqui, que sabe muito mais do eu. Tem o Zé Goiás, ele já ta com mais de 80 anos e não ta bem preparado pra essa coisas não.

Essa ponte foi construída em que ano?

Eu não to lembrado o ano. Eu lembro que no dia que inaugurou essa ponte, eu fiquei com o carro da reportagem que veio aqui, a tv nacional la de Brasília. Nesse dia eu fui o motorista do carro da reportagem que filmou tudo aquilo la, tv nacional de Brasília. Inclusive eu já tinha trabalhado la. Quando começou Brasília, eu sai daqui e fui trabalha em Brasília. Ai eu trabalhei la mesmo na tv nacional. Ai quando chegaram aqui me reconheceram e fui designado pra ser o motorista da tv nacional, do carro da tv.

Eu sai daqui e passei uns quatro anos la pro Paraná, São Paulo, voltei de novo, comecei a trabalhar pro estado – CODEMAT, trabalhei uns 12 ano e residenciei aqui de novo.

E quando que a cidade começou a perder o movimento que teve nos anos 80?

Entrou muito gaúcho, compraram terra financiada pelo governo. Teve um tempo que plantava arroz, era uma fartura danada. Tinha aquela caminhaozada, tudo cuidando dessa coisas e outras fazendas grande que tem aqui pra dentro: a Suia Missu, Guanabara, Três Maria. Tem muitas fazendas grandes nessa estrada aqui ate o São Felix. Esse caminhão ficavam fazendo transporte pra São Paulo e levava suprimentos, maquinas, qualquer coisa que precisava pra fazenda. Esses caminhão vinha direto pra ai. Era caminhão demais. Você chegava num atoleiro que não passava mesmo, so passava rebocado. A gente trabalhava de noite as vezes ate 10 horas rebocando. No outro dia quando no atoleiro já tinha 50,60 caminhao la esperando pra reboca e ia chegando mais. Era muito caminhão que trafegava aqui nessa parte. Hoje é as carreta grande. Os caminhão menor é esses boiadeiros. Hoje é so essas carreta pra pega produção, é soja, é arroz. A gente não vê mais o movimento de carga que tinha.

Algum fato em Xavantina, marcou as suas lembranças?

Tem muito mais, a gente vai esquecendo do que vai acontecendo. Lembro muita coisa. A gente nadava ai nesse rio das Mortes, ate de noite eu nadava, pescando, caçando. Quando tinha uma folguinha. Tem tantas coisas que eu nem vou te falar. Se a gente for lembrar tem que fica uns três dias pra relata isso.

Aqui matava uma vaca era de ano em ano. A gente comia aqui a base de peixe que a gente mesmo pescava nas horinhas de folga, ia pesca, ia caça, tinha muito bicho. Aqui andava 200 metros. Nois caçava aqui, matava bicho nesse meio aqui, morava bem ali e aqui era cheio de bicho. A gente matava pra come uma carni-nha. Matava viado, matava paca, com essas coisas ia ajudando, porque não tinha o que come, carne. Depois eles foram miorando. Tinha uns fazendeiros aqui pra cima da serra, eles iam compravam uma vaquinha, mais aquilo era pouquinho. Uma vez por mês, matava uma. Depois teve muito gado, a Fundação foi comprando e criando. Ai aqui tinha tudo, criava gado, criava porco. Ai miorou. Ai começou a ter carne. Pros funcionários.

E pra quem não era também?

Não, quem não era, não comprava não.

Não comprava?

Não, comprava não.

E vivia de que? De peixe?

O cara que morava fora, ele passava a criar também, um gadinho, um porquinho. Ele se virava. Aqui era difícil. Quando eu cheguei aqui tinha um armazém que trazia do Rio de Janeiro, de avião. A Fundação tinha ate avião grande, esse C47, que pegava 30 e poucos, 40 passageiros. Trazia aquele avião lotado de mercadorias. Tinha tudo que tinha nesses armazéns ai. Naquele tempo não tinha tanta coisa, mais o que tinha, aqui tinha também. Isso ai com o tempo.

Depois, já muitos anos depois com a SUDECO. Aqui era proibido beber. Você não podia beber pinga. Você não podia bebe nada, bebida nenhuma. Era tudo lei seca mesmo.

O povo não contrabandeava não?

Contrabandeava. Eu nunca tive gosto pela bebida, porque o cara começa cedo. Eu nunca fui assim. Mais eu via cara bebo todo dia (risos).

Trazia ai. Vinha de cavalo da Barra do Garça, de Aragarça. Quando nois chegamos aqui, não existia Barra do Garça. Tinha Aragaça, que tinha uma sede da Fundação. Ali já vinha caminhão, trazia todas as coisas. O cara pegava cavalo, vinha de cavalo, burro, vinha vende pinga aqui, escondido.

La do Aragarça?

La do Aragarça. Eles vinham vende escondido aqui. Aqui tinha uma fazenda no segundo corgo daqui pra Barra e veio um velho vende pinga com garrafa de pinga escondido la no Mato. Eu não bebia, nesse tempo eu tinha 17 anos, tava com um ano que eu cheguei aqui. Eu ficava la por fora. Tinha gente que vinha do interior, tudo ca por perto trabalha. Era ate dum cara que trabalhava na Fundação. Ele era Doto, acho que agrônomo. Nois chamava ele de Dr. Roxo. A fazenda era dele. Ele fazia as nossa férias. Um dia foi la eu sai assim – a casa era meio de canto da escola – eu fui voltando no rumo da escola, ai de longe eu vi um cavalo la. O cara pegou as pinga e entrou no mato alto e escondeu la pra dentro. E nois tinha um el é primo da minha mulher, o Miguelão. Ele era mecânico da Fundação. Esse gostava de pinga. Ele bebia álcool, bebia pinga. Eu falei pra ele: Miguel o veio foi la fazer a festa. O cara escondeu umas coisas e eu acho que é pinga. Ele perguntou: qual é o rumo? Eu mostrei o rumo pra ele. Ai ele pegou, la tinha muito cascalho, ai ele pegou uma mão cheia de cascalho e jogou. Fez: plim, plim, plim... Ele roubou toda a pinga do veio. O veio ficou chorando la. Ele roubou tudinho (risos).

Eu peguei um litro, tinha um cara ai, ele ate já morreu, o povo diz que foi matado – Deocreciano Quixabeira – ele tava la, ele era maranhense, eu falei: Quixabeira,

you quer uma pinga? Ele: cadê! Ele era nojento, daqueles bêbado nojento. Nois trabalhava la na fazenda Viena, nois tava derrubado uma roça la. Inclusive eu tava junto ali onde é a Ford (fazenda), nois derrubamos 10 Alqueires la. Tinha uma turma de 20 e tantos homem la, derrubando. Eu dei esse litro de pinga pra ele. Ate é uma pinga de Bom Jardim. Em Bom Jardim tinha uma pinga famosa, forte, e a turma achava ela boa. Ele falou pra mim: eu vou embora, vou toma essa pinga la no barraco, ficava uns 04 ou 05 Km ate no acampamento nosso. Ele foi, mais não agüentou chegar la no acampamento. Tinha uma baixada antes de chegar, mais ou menos dividindo a metade do trecho que ele ia. Ele sentou la e bebeu essa pinga e ficou bebo la. Sempre tinha muita onça, mais onça não pega ninguém não. Porque ele durmiu la. No outro dia nois foi embora de pe, cedinho, chegemos la, ele tava bêbado la. Nois acordemos ele e levemos ele. Aquela turma que trabalhava vieram tudo pra festa la. Ficamos la bebo, uma encrenca danada. Por que era tudo da Fundação e aquela pinga foi distribuída entre esse povo.

Tinha um esquema de abrir a melancia e colocar a garrafa dentro da melancia?

Não. aqui nem isso não tinha, melancia nem nada. Aqui era essa cara que se chamava Dr. Olívio. Ele era muito ruim. Eu lembroi que não pude.... tinha o pomar ai do outro lado, mais tinha tanta fruta, mais so comia dele, funcionário. O cara braçal não era funcionário. Ninguém comia uma fruta ai, porque ele não dava. Ele não deixava. Perdia la, mais peão, nesse tempo era trabalhador braçal, não pegava uma melancia, não pegava um coco, não pegava uma manga, nem nada. La ate hoje da manga demais, tinha melancia, tinha coco.

Fruta la a gente pegava era roubado. Nois roubava. Tinha aqui um alemão, ela já tava radicado no Brasil, ele veio trabalhar aqui. Trabalhava no escritório. ele gostava de nada e eu também. Quando nois tava de folga, nois tava no rio nadando. ele falou: vamos roubar fruta la no pomar. Eu falei: como é que nois vamos roubar la rapaiz. As canoa era trancada. Tinha as canoa la, mais era trancada, pra ninguém travessa pra la. Ele falou: nois não nada todo dia esse rio pra la e pra ca. Nois vamos nadando. Mais de dia o veio Olívio pega. Ele disse: não, nois vamos e de noite. Nois ia 10:00 horas da noite. Levava um sacão de estopa, arranjava uma corda comprida de uns 10 metros, tinha uma bomba ali por cima da Meire. Ali no Zé Brito. Ali tinha uma Bomba d'agua. Nois ia pela bomba. Ali nois caia na água e atravessava e saia la do outro lado. Tinha o seu militao. Esse já morreu, ele que cuidava la, também.

Cuidava das frutas pra ninguém roubar?

Pra ninguém roubar. Mais logo cedo ele já tava durmindo. Ai nois ia la e enchia aquele saco de fruta la. A gente amarrava a boca do saco, ai jogava na água, botava na boca, um lado, ele passava, eu de um lado e ele do outro e nois nadava rebocando esse saco. No rio, 10:00 horas da noite. Nois toda semana fazia isso. Nois comia fruta assim. Direto nois tinha fruta. Mais não podia nem fala pros outros, porque tem o dedo duro que logo entregava. Nois ficava entre nois dois. Foi uma coisa que passou, nunca ninguém soube.

Esse Dr, olívio era chefe de base?

Era o chefe. Ruim pra caramba viu. Ele não dava colher de chá pra ninguém. Eu cheguei aqui, fui trabalhar la no Mortinho. Nois tinha uma horta la, eu fui trabalhar na horta. Melancia pra la perdia. Nem a gente que trabalhava la não podia chupa uma melancia. Não chupava, porque se chupasse ia pra rua. la daqui pra Barra de pe, porque ele não deixava avião ir leva.

Quando tinha uma cara que fazia besteira. Ia pra Barra a pé. Porque ele não mandava leva, porque avião ao no hangar tinha. No aeroporto, na parte de cá que era na beira da estrada, tinha um hangar. Ali esses avião teço-teco tinha 06, 07, 08 avião direto lá. Tinha os piloto aí tudo.

Mais ele não deixava leva?

Não deixava de jeito nenhum.

Esse Dr. Olívio era militar?

Não era militar não. mais tinha aquele regime. Não sei se era instruído lá, nesse tempo o presidente era o Getúlio Vargas e o presidente da Fundação era o Ministro João Alberto. Acho que ele era General. Então era aquele regime militar. Aqui não entrava ninguém. Não podia entrar ninguém não. tinha os cara aí que expulsava os cara daqui.

Os trabalhadores braçais resistiam a esse regime milita?

Resistia, resistia, o povo, inclusive ele (Olívio) quase não falava com a gente. A gente ia trabalhar e ficava pra lá.

O sr. lembra de alguma greve?

Não nunca teve greve. Nem no tempo da Fundação, nem no tempo da SUDECO. Não tinha greve não.

Fizeram algum abaixo assinado?

Também não. também não tinha pra quem entregar, porque não tinha cidade. A Barra do Garça não existia, não tinha nada lá na Barra do Garça. Não tinha pra quem entregar. O povo vivia aí. Mais o povo, os trabalhadores, é abusado também, tinha uns cara dandao aí, que vivia aí....

Nois começamos essa estrada aí pro São Félix, todo dia eles davam uma dosinha de pinga pro ce. Eu não concordava com aquilo. Tinha os piloto. Cada acampamento tinha um avião ali, tinha o piloto tinha estação de rádio, aquele que faz piri, pi, pi.... telegrafia.

Tinha o piloto nois fazia uma vaquinha e dava o dinheiro pra ele e ele trazia uma caixa de pinga e escondia lá no aeroporto. Quando era noite, tinha um violão veio, saía tocando violão na estrada assim e ia lá bebe essa pinga. Ficava lá até tarde, bebendo pinga (risos). Ele (chefe) descobriu. Mais não falou nada não. Brabo também, o chefe era brabo. De vez em quando ele dizia: arranja uma pinga aí.

Não era chefe de posto não?

Era o chefe da estrada. Ele bebia direto. Ele tinha pinga. Mais tinha vez que acabava a dele né. Aí ele dizia: arranja uma pinga pra mim. Nois falava: não tem pinga não. tem sim, arranja uma pinga pra mim. A gente arranjava uma garrafa de tatuzinho ou de 29.

O que o sr. lembra dos índios na cidade?

Quando eu cheguei aqui não tinha índios. Aí em 52 eles apareceram ali no Estilac. Tinha uma turma roçando pra fazer uma picada que foi se essa estradinha que foi no Garapu. Aí apareceu os índios lá. E a turma correu. Só tinha um veio que chamava Evaristo que morava bem ali, tem um filho dele que morava por aí ainda.

Já morreu?

Já morreu. Seu Evaristo já morreu. Aí ele não correu. A outra turma correram vinha lá até aí na beira do rio. É os índios, é os índios, vinham correndo tudo. Eu não tava lá nessa turma não. mais fui lá do outro lado. O povo achava que os índios queriam atacar. Fui ver. O Evaristo lá conversando mais os índios lá, de pé, devargasinho. O povo correu. Os índios não queriam nada de briga. Chegaram aí, os índios, o Evaristo que trouxe eles aí.

Eles trocaram presentes?

Fizeram acampamento aqui. Faziam umas casinhas, jogava umas paia pro cima e tava la dentro. Xavante toda vida foi preguiçoso. Nem casa eles não fazem. La no Xingu tem outras aldeias, tem muitas, era 20 e tantas. Eu sempre ia nelas la. Mais la tem uns ranchão bonitos, que eles faziam , coisa bem feita la. Tem de palha de sapé. Mais grandao, aquele chapelão de palha. la desde baixo ate fecha assim... ali so tinha a portinha pra entrar.

Você nunca presenciou conflito entre os Xavantes e o povo da cidade?

Com o povo da cidade não. Eu presenciei conflito de Xavante com Xavante.

Como foi?

Aqui tinha uma aldeia nos areões, agora ela mudou mais pra cima, mais ela era bem na barra dos Areões e tinha outra la embaixo, num lugar que chama Capitariquara. Ai o cacique dessa aldeia do Capitariquara veio aqui na Xavantina e quando voltou passou nos Areões e os índios mataram ele. Ai depois ainda foram la no Capitariquara e mataram mais uma porrada lá. Mais de 10. ai tinha uma americano que tomava conta dessa turma. Ai veio aqui na Xavantina pedir reforço, segurança pra ir pra la, pra se defende dos outros índios, pra não mata o resto que tava la. Inclusive eu fui um dos que fui. Ai eles vinham ataca, mais nois já tava la com os mosquetão, com carabina tudo. Ainda flexaram um índio nesse dia la. Teve o chefe, nesse tempo, não era a FUNAI, era o SPI. Ate desmaio la. Ai nois fizemos ele voltar. Flexou esse índio, mais ai trouxe ele de barco. Ele não morreu nao.

Foi esse confronto que eu vi. Eles com eles.

O sr. não soube a razão dessa briga deles?

Rapaiz essas brigas deles são veias. E eles matam. Uma vez chegou uns índio aqui. Uns carinha novo. Tinha assim, uns 08, 10 anos e outro mais ou menos de 12 ou 13 anos. Eles chegaram aqui, um com a perna quebrada, hoje ele mora na aldeia, tem uma porrada de filho. E o outro chamava Lupré. Eles brigaram e mataram a raça toda. So escapou eles dois porque fugiram. Esse com a perna quebrada que o outro carregou nas costas. E vieram aparecer aqui. Eles ficaram aqui, se criaram aqui, cresceram, trabalharam na Fundação. E eles... ai os índios não vinham aqui ataca eles.

Escapou uma velhinha índia e uma menininha, pequeninha, de um ano e pouco, dois anos. Mais aqui não tinha jeito de ficar com aquela índia. Então tinha o Merure aqui em cima e tinha a aldeia la (bororo), quem comandava era um padre. Os padres que comandavam essa aldeia. Ai pegaram essa velhinha com essa indinha, porque tinha parente deles la – (no Merure). No Merure não, no São Marcos (Xavante).

Ai o aviao foi la leva, eles receberam, mais foi so o aviao decola de novo, eles mataram a menininha. Porque era homem. Porque disse que era da família, poderia depois mata eles. Mataram o menininho. Pequenininho, desse tamainho, com é que pode? (silencio)

Eles são terríveis. Eles brigam entre eles demais, se matam demais. Índio com índio.

Aqui na cidade, eles nunca criaram problema?

Aqui não, mais no Campinapolis eles mataram gente dentro da cidade, mataram fora. Eles já fizeram barbaridade por ai. Inclusive, um tempo eles queriam ate toma o campinapolis. Eles são terríveis.

O sr. percebe algum preconceito contra os índios Xavantie?

Olha, preconceito assim não. Mas muita gente não gosta deles. Porque o Xavante é um índio nojento. O povo acha eles não um cara desejável. Ele é arrogante.

Eles tudo. Eles saem por ai, antes deles se enturmar, andava uma turma daqui pra açula. Chegavam na roça dum branco, que tinha uma roça. Eles vinham dividi a roça do cara no meio. Dizia, aqui é meu. E se mexesse no deles, eles matavam. Fazia desse jeito. Matava vaca dos fazendeiros ai e comia. Uma vez mesmo eu tava patrolando essa estrada aqui, tava la dentro dos Areões, mais ou menos uns dois ou três Km, tem uma entrada da aldeia deles la, ate hoje ainda existe essa aldeia deles la. Ai to la. Patrolei ate nos Areões e atrevessei pro lado de la e comecei patrola. la fazer manobra bem na entrada deles la. Quando acabou de fazer a manobra, pagava a lamina dos Areões ia ate la, voltava com outr. A gente tem da varias laminada pra deixa a estrada pronta.

Ai com pouco passou uns 08 ou 10 indio pra fazendinha que ficava logo assim. Tinha um corguinho, daí uns 20 metros tinha uma estradinha que ia pra fazenda. A fazenda ficava uns cento e poucos metros, não a chegava a 200 metros.

Os índios já bem civilizados. Eu vi eles tudo pintado de vermelho. Eu parei ali e fiquei ali, conhecia eles tudinho. Ai eu falei pra onde vocês vai? Nois vai ali. Eles falava português, isso faz muito tempop, faz mais de 30 anos.

Logo eu escutei tiro pra la, pau, pau... eudigo, eu vou la, cheguei la, eles tinham matado três vaca, que ficava no piquetinho la, pra da leite la pra fazenda. Eles mataram as três, tudo de bezerrinho novinho. Ai chamei um deles assim , rapaz vocês vieram mata as vaca ai. Eles: a gente precisa come. Tem fome. Índio tem fome. Tem que come. Rapaz essa vaca de leite ai. Ohomem tem ai pra tira leite. E essa vaca o que vocês faz?

Nois come tudo. Eu digo: e o chefe de vocês, que chamava Zé Carlos, eudisse: Zé Carlos come ai? Ele disse: come, uma banda da mais gorda é pra ele.

O chefe do posto?

De certo era ele que mandava mata. Eles chegavam a fala mesmo pra gente que matava , tomava fazenda, que tira gado na beira dos Areões. Logo que atravessa os Areões tinha umas 800 cabeça, eles tomaram e comeram tudo. Tomaram a terra la. Fazendinha montada bem arrumadinha. Essa fazenda ai era od Batista Barros, um velho paulista, educado, bom, um cara beleza sabe. Ele morreu logo. A fazenda ficou comandada pelos parentes dele e os índios tomaram as terras. Hoje ta abandonado la. Tinha umas 800 cabeça de vaca, perdeu tudo. Comeram tudo.

A Fundação deu um bucado de gado pra eles, não sei nem se eles tem algum gado nessa fazenda dos Areões. A Fundação foi extinta, ficou so a SUDECO, ficou comandando so esse negocio de estrada. E nesses lugares que tinha base, fizeram casa. Mais não mexeram mais com gado. Tinha porcada, tinha galinha, tinha tudo. A Fundação cultivava tudo. Tinha tudo aqui. Ai acabaram, deram pros índio, mais de 100 cabeça de vaca. Acho que els não tem mais nenhuma não. so a fazenda que eles tomaram tinha 800, hoje não tem nenhuma.

E o comercio aqui? Com se vira com os índios?

O comercio com os índios.... eles compram. A maior parte deles são aposentados. Ai eles fazem muita bagunça. eles faz muito rolo com o povo. Eles enrolam os cara ai.

Agora o pov já ta tudo vivo com eles, porque eles tão sabido demais. Esse negocio de branco, eles tão mais inteligente do que nois.

Eles tem o cartão deles, eles deixam ... ele é meu cunhado. Hoje é meu filho que tem o armazenzinho bem na esquina ali. Aquele predinho que tem ali. Eles (índios) enrolava ele. Dava o cartão pra ele la. Fazia a compra. Quando saísse o pagamento ia la com o cartão, mais eles tirava o dinheiro. Eles anulava o cartão e

tirava outro cartão e deixava sem paga (risos). Fizeram muito com ele. Ele tomou um prejuízo com eles aí.

Eles compravam no cartão de crédito?

Não é cartão de crédito, é cartão de saque, de pagamento. Que eles são aposentado. Mais sempre quem comanda é um filho, um neto.

Os índios são vagabundo mesmo, são mais alegre né. Aí eles trocavam o cartão e o cara ia lá com o cartão dele e já tava nulo lá. Eles já tão com outro cartão. Lês são sabido demais.

Sobre a violência em Xavantina (corte na fala)

Dois irmãos do Candinho e um tio. Esse cara cara matou o tio dele e ele matou mais outro homem. Eu vi eles mata mais outro homem. Depois eles sumiram daqui, mais depois eles voltaram de novo aí. Naquele tempo a justiça era muito tímida, não tinha nada. Mais ele mesmo nunca ligou com ninguém não. ele (Candinho) não pe muito....

Teve muita violência aqui?

Teve um tempo que tinha. Lá do outro lado quando começou de vez em quando... acho que toda semana matavam um lá. Eu quase nem ia lá, porque tinha até medo de ir lá. Teve muita violência aí.

Por quê?

Cachaçada, mulherada.

O Sr. lembra de algum caso bem escabroso, ou não?

Olha, eu me lembro. Inclusive na minha família teve um caso muito terrível viu. A gente não sabe o que aconteceu. A minha irmã morava ali ao lado... não tem aquela casa amarela? Tinha... na terceira casa... que ali são só três casas.

Ela tinha três filhos, tinha um de 10 anos, outro de 08 anos e um de 06 ou 07 anos. Mataram ela e os três filhos.

Pegaram um cara aí, mais ninguém nunca se conformou que foi esse cara que matou. Inclusive esse cara, levaram ele lá para Água Boa, pra dar depoimento e mataram ele, lá dentro da cadeia. Um policial matou ele lá dentro da cadeia, ele tava até algemado. Então eles encobriram isso aí e a gente nunca soube a razão.

O por quê?

Mesmo esse que eu falei que mataram ele, ele matou mais, era até baiano ele. O outro era até funcionário daqui, chamava-se Benedito.

Eu nem tava aqui no dia. Eu tava lá no Garapu. Eu soube pro que foram lá me busca. Porque tinha um patrão que era irmão desse que mataram. Aí ele ficou com medo de trabalhar.

Mataram o irmão e ele ficou escondido e aí foram me busca lá para eu vim trabalhar aqui. Toca a patrão aqui. Mais isso eu não vi, eu não tava aqui. Só contando o que me contaram.

Mais teve muito assassinato aí do outro lado, brigava. Quase toda a semana matava gente lá. Intriga de peão bebo lá. Agora do lado de cá, toda vida foi quieto.

No rio morria muita gente afogada aí. Até diminuiu isso. Inclusive funcionário. Morreu um lá da bomba, morreu outro na Meire. Margiou e enfiou a cara num pau – morreu também, era até um motorista – morria muita gente afogada.

Vinha gente de fora, não conhecia o rio, nada aí. Morria afogada. Uma vez morreu duas crianças, dois irmãos, novinho, de 06 a 08 anos, os dois. Isso era rotina.

O sr. já ouviu falar de uma seita chamada EUBIOSE?

Desde o dia que ela chegou aqui, eu conheci os caras que fundaram ela aqui. Inclusive lá embaixo na Xavantina via tem uma casa lá que mora o Joazinho Fer-

nandes, ainda hoje tem a estatua, aquele cone. Depois mudaram pra ca. Fizeram aquele templo.

Todo ano vem aqui compra casa, terra por ai. Tem muita casa aqui dentro da Xavantina. E tem muitos deles que moram ai que já entrou na religião aqui.

Todo ano em agosto vem uma porrada de ônibus cheio de gente do Rio, São Paulo.

O sr. já ouviu as historias que falam sobre a cidade?

Eu já ouvi alguém comentado, que eles gostam daqui, porque é um lugar que... eles acreditam em dilúvio de novo e aqui é o único lugar que eles podem escapa.

Entrevistador “então vamos ficar aqui.” (risos).

João Rodrigues da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 19h00min.

Qual é o seu nome completo?

João Rodrigues da Silva.

O sr. chegou em Xavantina em que ano?

Nois chegamos aqui em 44. eu sou dos primeiros. So tem eu aqui.

De onde o sr. veio?

Eu vim de Porto Nacional. Hoje é Tocantins. Ali chamava Canela. A família da minha mãe é de la. E a família do meu pai é aqui (...) da Luz

O sr. tinha quantos anos, quando chegou em Xavantina?

Eu já tinha 22 anos.

O Sr. esta com 90 anos agora?

Eu sou de 1915.

O sr. veio parando ou veio direto?

Nois veio quase direto. Porque quando nosi chegemos... eu vim de São Felix do Araguaia. Eu quando, sai de la do Geraldo Furtadi (pouca audição) nois viemos direto pra São Felix. Depois pra Mato Verde, atual Luciara. Antigamente era Mato Verde – agora é Luciara.

Quando o sr. veio pra Xavantina, o sr. veio trabalhando na picada?

Foi.

Da Expedicao Roncador-Xingu?

Eu fui ate a cachoeira do Kreputia, no rio Kululu.

Rio Kuluene?

Kululu. No Kuluene nois fizemos as canoas. Ca em cima no (esqueceu). Ai nois fez as canoa. Ai nois embarcou no Rio Escuro.

Vimos de la, ficamos um dia, fazer a canoa e desceu no rio de nova. Ai de la eu voltei pra ca. E a turma foi, porque eu trabalhava aqui na pecuária. Ai eu fui, tornemos e eu desci pra, e fui pro xingu, foi de avião. Ai fui pro Cachimbo e nos cachimbo nois entro na matona.

Aqui em Xavantina, o sr. ficou trabalhando aqui na Brasil Central?

Fiquei. Sabe quantos anos eu tive aqui? So que eu trabalhei na Xavantina, 20 anos, na Fundação.

Quais são as suas lembranças desse tempo da Fundação?

No tempo da Fundação aqui, tinha muita gente aqui, um bucado. Você que sabe o serviço?

Quando eu cheguei aqui, fizemos barraca so de lona. De lona passou pra paia, porque no verão é quente demais,.fomos pra paia.

Desse tempo que eu cheguei aqui, 1944, quando eu cheguei na Barra, no Aragarça, foi em 1943, no finalzinho. La onde o Fundação estacionou. Ai fique-

mos. Trabaimos aqui. Ai eu quase fui pra mata. Dois primeirinho que entrou aqui so tem eu.

Aqui eu fiquei muitos anos. Eu trabalhei em tudo. So não trabalhei no escritório. Mais as outras coisas eu tomei conta.

Eu ganhava aqui bastante. Nois comprava gado na Barra, pertinho da Barra, pra trazer pra ca. Pra mata, pra come. Ai foi indo, foi indo.

Com o finado Vergílio Nascimento, começamos a deixar aquelas vacas mais magras. Ate que começamos a formar uma pecuária. Quem tomou conta da pecuária foi o Viérgilio e eu. Quando o Virgilio saiu, saiu assim, ele não dava conta, não era pratico em mexe com gado. Eu fiquei na pecuária, ate o dia do General.

Qual General?

General Ari, do rio de Janeiro. Aqui eu tive como General Ari, primeiro com o Cel Vanique, com o Horlando Villas Boas, conheci os Villas Boas.

Quais são as suas lembranças do Vanique?

Com o Vanique eu trabalhei muito, com ele. Uns dizem que o Vanique era muito ruim. Mais a Fundação ta ate hoje assim, ta nesse estado porque não era o Vanique. Se o VANique fica aqui mais qautro ano, dele aqui, essa Xavatina era outra. Porque que faz cidade é gaúcho. Você não vê Água Boa, Canarana... onde não foi pra frente, porque nunca um gaúcho foi que fez la. Essa cidades tudinho é gaúcho.

O sr. conheceu os Villas Boas?

Nois viemos da Barra. No dia que nois viemos da Aragarça, nois vinhemos tudo junto.

Ele era fera. Era três irmão: Horlando, Cláudio e o Leonardo. Um foi la pra ilha do Bananal. Esse é que morreu do coração. Eles era tudo bom. Eu nunca achei patrão ruim. Eu nunca trabalhei com gente ruim. Quando eu vou trabalhar é pra mim, ganha o dinheirinho pra mim. Eu toda vida fui assim.

Fui gerente d epeessoal aqui, fui na mata daqui pra São Felix, também eu fui o deradeiro ponto queeu fui so na Cachoeira do Kreputia, la no Kululu, na mata, naquela entrada que entra de Cuiabá pra dentro da mata. Onde tem uma aldeia de índio.

Quando que a cidade começou a crescer?

Foi depois que aumentou mais um pouquinho, foi com esse prefeito que ta ai. Xavantina sempre foi desse jeito mesmo. Eu trabalhei aqui desde o comecinho. Ate banha no rio nego tinha medo. O índio vinha pro la. Pra la, falo a verdade... uns dizem ai que índio fez isso, não sei o que.. eu não falo isso, porque nunca feiz. Se eu falo com o Sr. uma coisa é porque aquilo aconteceu comigo. O que eu vi. Eu so falo o que eu vi. So falo aquilo que é verdade. Esse negocio de ta aumentando, coisa la, não essas coisas não.

O sr. nunca viu conflito de índio com as pessoas da cidade?

Não. Aqui mesmo, quando nois tava com os barraco de lona, nois tivemos bem ai onde hoje é (...) ali tinha uma moita, um capão de mato, onde tinha coco, desses coco que faiz (...) tinha dia que a gente chegava la pra corta paia, o fogo do índio ainda tava acesso. Mais o índio tinha medo de nois.

Porque tinha medo?

Porque nois usava arma. Naquele tempo, quando nois chegamos aqui, o Cel – cada tinha uma arminha – a noticia aqui é que o índio Xavante tinha um metro de ombro. Se dava um tiro d e carabina nele, ele resistia.

Mais aqui nunca existiu nada. Mais la eles mataram um bucado de índio ali na Barra do Rio das Mortes. Em São Domingos.

Mais era assim. Porque eles vinham oferece... o índio so matava de noite. De dia também, mais tudo era sem arma, arma nenhuma.

Você sabendo que o índio não gosta de você, você vai chega nele de mão limpa. Um tem que corre. Ou ele que corre

Mais se é pra agrada o índio, então tem que agrada o índio. No tempo do Cel nunca teve problema com índio. Ele ficou plantado foi na mata la, foi de doença.

Mais dizer que foi o índio não. No alcance meu nunca sai daqui.

Agora eu trabalhei muito, mais não sou aposentado pela Fundação.

Na Fundação, o sr. era funcionário ou era trabalhador braçal?

Trabalhador braçal.

Tinha diferença do trabalhador braçal para o funcionários?

Tinha sim. Porque ate agora quem não trabalha, ganha mais. Quando o General chegou ai a pensão igualou. Ai uns pagava e outros não pagava.

Isso era pro pobre. O cara pobre não tem recurso nenhum. O que vai fazer com a chefia. O chefe daqui andava com um revolver na cintura.

Eu, principalmente, nunca aponte arma nem no índio. O que nois fazia era mata onça, era bicho, mais índio não. Na minha turma que eu tava nunca.

Agora no Garapu, bem numa hora numa hora dessas assim (fim de tarde) eles tavam la nois tinha feito uma derrubada. Fizeram um rancho, dois rancho. Um dos peão e outro do chefe. O Horlando e o (fim da fita).

Eu trabalhei muito. Aqui toda a boca quente era eu. Aquela mata do Pindaíba, nois levemos 30 dias, trabalhando de sol a sol.

Pra fazer a picada?

Fazer a picada

Existe alguma coisa que o sr. gosta de lembrar sobre Xavantina?

Aqui em Xavantina, a minha vida era mexe com gado. Trabalhei em fazendo tijolo. Quando eu tava na era so eu tomando conta do cargueiro, por causa da onça la. Se não tivesse olhando ela comia tudo.

Mesmo de dia eu amarrava os animal e tinha que fica ali no barraco com os animais. Que a onça vinha busca. Tinha onça demais. No garapu mesmo, na serraria, foi eu que fiquei la serrando e aguardando eles.

O sr. tinha contado com eles, os chefe?

Viche!!! O Cel, nois todos domingo, nois ia pra mata ai , mais uma turminha, nois ia pra la assa carne e come.

Quando o Cel trouxe a mulher dele, que lê se suicidou ai, nois tava pro mato.

O sr. lembra do suicídio da Alda?

Eu lembro.

O sr. conheceu ela?

Conheci demais.

Como que ela era?

A mulher dele era bonitinha, novinha. Ela tinha 14, ou15, ou era 16 anos.

Ela era menina então?

Era. O Cel depois que vieram a conta. Era um ciúme danado. Que ela so podia ta perto dele. Ele podia ir pra la, pra Barra, deixava a mulher dela la, mais ele não era uma pessoa (inaudível) boa. Ninguém falava com ela. So falava com ela assim, aqueles que... quando tava mais o Cel. Ela vivia trancada.

E hoje eu vejo gente conta tanta coisa. Que a Cel era ruim, não dava carne, não dava isso.... eu toda vida...

Tem mais alguma coisa sobre xavantina que o sr. gostaria de falar?

Foi indo os índios começaram o contato com nois, tinha o seu \Euvaldo, e que ele era o chefe dos índios. Quando dava fé nois tivemos contato com os índios. O Cel ia pra aldeia. Quando nois vinha das picada – o chefe era o Olavo que tinha avião pequeno ia por cima, pra na hque tivesse uma aldeia la, pra passar la, desviava, pra não mexe com os índios. Graças a deus ate hoje tem o índio ai.

So que eu fiquei com magoa do Zé Gonçalves. Foi o ultimo chefe daqui. Ele ta morando em Goiânia. Ele é sobrinho da mulher do Vergílio. Aquele era muito ruim.

Por que ele era muito ruim?

Bêbado. Era um homem que não era como um chefe. O veio (inaudível) mataram. Os Caiado, Caiado, ninguém pode nem fala nada. Porque os Caiado, o que mataram ai!!! Se brincasse eles matavam. Os Caiado mataram muito.

O olívio também era daqueles, se brincasse, ele atirava no olho também.

Olívio foi chefe?

Foi.

O sr. se lembra do que, dele?

O veio Olívio (falou muito baixinho)

Ele era ruim assim pros funcionários?

Era ruim que so ele. Ele era trabalhador. Bota os outros pra trabalha, ele era bom. Mais no tempo dele ai tinha fartura de tudo. So vinha carne naquele tempo.

Aqui em Xavantina a chefia era tudo assim. O pobre aqui, o trabalhador aqui era no cabresto. Não podia fala nada. Era assim. Era so isso.

E tinha uma coisa assim: o chefe aqui era assim. O serviço que um não sabaia fazer, era aquele que eles entregavam pra aquele.

Mais sobre comida... agora dizer que o Olívio maltratou muita gente com comida, maltratou. Mais os outros não.

Esse de Cuiabá também (não lembrou o nome) nego comeo ai foi sem gordura. Os capada ola na beira do rio tudo cheio, la o chequeiro. E nego comendo rapadura com abóbora. Mais o resto não.

O Horlando teve aqui uns tempo, mais o Horlando não era brabo. O Horlando não judiava de ninguém no tempo do Horlando, veio Vanique, General. Quando aquele povão grande vinha tinha fartura. Eu não possi dizer da Xavantina nada. Eu digo assim, porque bancaram desonestidade.

Pro índio.. . pegou não sei se foi, dois ou três caixotões assim, de arma , de fuzil. Mais o índio nunca mexeu com ninguém. Porque o índio pajeava você, se você tava la no mato sozinho (não concluiu a frase)

O Cel nunca deixou um tabalhador sai sozinho. Era ordem dele que ninguém podia sai sozinho. Tinha que sai de dois, melhor era três. Tinha que anda previnido. Mais eu nunca vi ninguém atira.

No Estilac ali é que a turma da frente ai, porque os guarda ia com a cozinha. Eu ficava atraiz, eu tava junto com os índios também (audição ruim)

Ai chegou la Zé Valadão, dói s moreno que tinha ai que era puliça e teve outras que eu não me lembro. Ai chegou la os índios. Os índios tava la passando numa ponte assim la. Mais os índio, ficou, olhou... ai chamaram o Cel, chamou todo mundo. E os índios ficaram olhando, vendo nois chegando, ficaram olhando pra nois. Acabou que foram embora. Não ofendeu ninguém. Quem disser isso.. na minha vista não diz.

Ai dispararam uns tiro pra cima e os índios nunca mais , índio nenhum. Foi indo que nois avistava o índio caminhando la do outro lado do rio. Quando nois tava naquela casa da beira do rio. Eles gritavam la pro Euvaldo. O Euvaldo (o língua) era o

para-chefe, era o língua deles. Ai ele foi... o seu Euvaldo ficava ai na beira conversando um tempao. E os índios iam embora.

Dr. Fernando Mesquita. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 15/01/2006, as 14h00min. .

Vamos começar pelo momento anterior a sua chegada à Xavantina. Onde você estava? O que fazia?

Eu estava em São Paulo, trabalhando com jornalismo. Trabalhava como jornalista Free Lance. Isso em 77 ate 79.

De lá você veio pra cá?

É

Você veio de lá porque razão? De São Paulo pra Xavantina?

Não foi atrás da Serra do Roncador, não?

Não foi, embora muita gente tenha vindo atrás disso. Realmente isso tem uma importância muito grande. Mas no meu caso não foi.

Então por exemplo, umas vezes que me apareceu o Centro-Oeste, foi exatamente isso. Eu fui num restaurante alternativo de um amigo, alias, de um amigo de um amigo que estava sendo inaugurado. E comecei a conversa e falei pra ele, me lembra ate hoje, vou te dar um exemplo de como as coisas vão se tecendo, falei pra ele ultimamente, voltar meia eu estou conversando e me apareceu centro-oeste, de uma forma ou de outra, me aparece centro-oeste, insistentemente. Ele falou: mais você não sabe? Eu falei: não sei o que? Ele falou: o centro-oeste esta destinado a ser o centro de uma nova civilização. Um pouco naquela linha que veio com Brasília, fundação de Brasília. E eu fiz uma ligação entre uma coisa e outra. Depois eu fui pra uma praia – eu estou rememorando isso de uma forma salteada – pra você ver como essas coisas vão se mapeando. Eu fui pra uma praia e encontrei um cara na praia. Falei: o que você esta fazendo aqui? Ele disse: eu to fazendo artesanato em madeira, estou hospedado aqui na casa de um amigo. Vou fazer uns moveis pra ele, pra eu ver se levanto um dinheirinho, porque eu to querendo ir para o interiorzão. Falei: pra onde? Ele: eu to afim de ir pro centro-Oeste. Pra onde? Eu disse. Ele? Pra Xavantina. Eu perguntei: como é Xavantina? Ele: é uma cidade que fica na beira do Rio das Mortes. Sobre o rio das Mortes eu já tinha lido um livro, sobre a Expedição Piratininga de Willy Aurely que falava do Rio das Mortes.

O mesmo que fez a Biografia do Fawcett?

Exatamente.

Você lembra do titulo do livro do Aurelly?

A Bandeira Piratininga.

Essa leitura te despertou alguma sensação?

Sim. Porque o Rio das Mortes da Mortes era maravilhoso. Como de fato era.

É ainda. Não?

De fato é. Mais eu aqui, vivo sem olhar. Não vou nem te falar.

Quando você chegou aqui em Xavantina, 04 de Fevereiro de 1980 e olhou a cidadezinha que era bem menor do que é hoje, teve alguma sensação especial?

Tive muitas sensações. A primeira sensação que eu tive foi de abandono e desalento. Mais também tava acabando de chegar, depois de uma viagem longuíssima, bem ou mal o ônibus parava em rodoviária. Chegou aqui não tinha rodoviária. Parou aqui do lado da casa do Salomão (risos). Parou a gente desceu e pronto. Botamos as malas no chão e estamos em Xavantina. Não tinha nada. Eu olhei pra praça, aquela casa que hoje, eu acho que é cor de rosa, era uma pensão.

Hotel?

Chamava-se pensão Xavantina. A gente já sabia. No grupo tinha um que já tinha vindo pra cá, era um cara de Bragança Paulista e tinha ficado na Pensão Xavantina. Ai nos fomos caminhando na direção da pensão Xavantina, chegamos lá, estava lotada. E, eu não tinha visto o Rio das Mortes. Então eu atravessei entrei na cozinha, fui andando, fui lá pela cozinha, o rio das Mortes. Tive a maior decepção. Porque ele tava muito cheio, estava muito barrento. Parecia uma coisa extremamente feia. Não tinha nada há ver com o que o Willy Aurelly tinha descrito.

Ou as fotografias?

Não, as fotografias eu não cheguei a ver. Ele estava barrento, feio cheio, muito cheio. Até que uns 20 dias depois ele teve a maior cheia da história. Passou por cima da ponte.

Então a minha visão inicial foi essa. Mala no chão, abandono total. Uma pensão que tava maio ou menos dentro do que eu achava que ia ver. Aquela pensãozinha sertaneja. Logo depois ela foi comprada. A sensação que eu tenho é que eu peguei o bruxuleado do modo antigo de viver em Xavantina. Cheguei, alguns meses depois tudo começou a mudar. Peguei só o gostinho final.

Essa pensão Xavantina era famosíssima. Era a referencia da cidade. Eu não me hospedei nela. Só entrei nela e fomos pra outra pensão aqui na rodovia, em frente uma padaria.

Quase em frente ao sinal verde?

É do outro lado, tinha uma casinha que chamava refeitório goiano, que hoje é da Regina, que toca aquela padaria. A casa era dela, fui ficar lá.

Na sua leitura, o que foi essa transição do modo de viver sertanejo em Xavantina para esse modo urbano?

O que eu tenho pra falar sobre isso da a sua dissertação.

Então fala.

Isso foi uma coisa abrupta. Eu cheguei aqui, você ainda tinha esses dois modos de viver. Na verdade era o seguinte, trocando em miúdos, você tinha uma cultura sertaneja tradicional aqui, tinha sido implantada espontaneamente pelos migrantes, que vinham pro Mato Grosso e pela Fundação Brasil Central, depois a SU-DECO e depois você teve a frente de expansão do Agro Busyness, primeiro o arroz e depois a soja.

Então são dois modelos completamente diferentes, que implicam em pessoas completamente diferentes, com visões completamente diferentes.

É uma cidade diferente?

É uma cidade diferente. Como a cidade era anteriormente e como ela se tornou. Hoje ela é uma cidade do agro Busyness. Em contrastes com a sobrevivência sertaneja. Mais naquela época ela ainda era uma cidade sertaneja. Começando a se tornar uma cidade do Agro Busyness. Então você tinha o confronto direto entre um modelo e o outro modelo.

Por exemplo, o pessoal sertanejo aqui é maranhense, goiano, pessoal muito ligado ao rio, pescador, caçador, pequeno agricultor, pequeno criador de gado. Um tipo muito ligado a artesanato. Quando eu cheguei aqui tinha gente com rede artesanal, tinha gente que trabalhava com selaria, da época que não se usava agulha, se usava cerda de porco. Tinha uma memória, ainda do Brasil Colonial.

Esses gaúchos que já chegaram com uma mentalidade, embora com sobrevivência artesanal também, mas com uma mentalidade mecânica. Da mecanização da agricultura. Então era completamente diferente. Eu prefiro mil vezes à primeira. A maneira sertaneja.

Por quê?

Porque a maneira sertaneja é menos ávida, menos voraz, menos dominada pela idéia de mercadoria. Ai você pode usar.

É outra temporalidade?

É outra temporalidade. É outra visão de relação com a natureza, outra sociabilidade, outro ritmo, valores, tudo.

Esse pessoal que vem do sul, não é questão de preconceito, mais esse pessoal vem muito deturpado pela avidez mercantil. Porque hoje em dia já tá tudo assim. Tem uns aí sobrevivendo, outros valores ainda sobram. Mais...

Você percebeu algum conflito entre as pessoas que começaram a perder o seu modo de vida e os gaúchos que chegavam?

As coisas são muito mais complexas do que a gente é capaz de abarcar. Não foi simplesmente um choque. Foi uma relação muito mais complexa, foi uma relação de muita atração também... De choque e de atração. Tanto é que você tem muitos casais mistos. Você pode ver gaúchos que casaram com mato-grossenses ou gaúchas – menos que casaram com mato-grossenses. Mais gaúchos, tem muitos que casaram com mato-grossenses. Existe uma atração até racial do branco e do moreno, mulato e mestiço, o que você quiser.

Foi um processo... No sentido geral é o seguinte: essas formas mercantis mais modernas chegariam aqui e destruiriam esse viver tradicional. Não só via gaúchos. Por exemplo: veio muita gente de São Paulo também. Há uma presença paulista muito seria aqui. Alias a presença paulista é mais forte. Porque a presença paulista é de médio empresário e grandes fazendeiros. A presença gaúcha ainda é de médios fazendeiros, alguns são grandes, mas a maioria é de médio. Médios e pequenos fazendeiros. Então esse pessoal é povoador. Eles moram aqui, ainda. O grande capital paulista, não. Vem de avião. Ele é muito mais destruidor. Eu conheci em São Paulo, algumas pessoas que... Indiretamente – por vias indiretas, eu fiquei sabendo de gente que tinha propriedades por aqui. Na região de Campinópolis, Canarana, Xavantina. Conversando com as relações da minha irmã em São Paulo, surgia nas conversas. Ali fulano, sicrano tem um projeto lá. Eram sempre coisas imensas. Vinham de avião, iam embora. Eu não estou querendo transformar os gaúchos em algozes da região, alias a maioria deles veio expulso do minifúndio gaúcho. Agora se você quiser, na real humana, eles representam pra mim tudo o que eu detesto. Não por serem gaúchos, os paulistas são piores em termos de dinheiro, destruidores da natureza, se você for levar as últimas consequências, qual é a visão que está posta, suposta em tudo isso que eu estou falando. É uma civilização urbana industrial ecossida, completamente fora de controle que ao tem mais capacidade de lidar com os problemas ambientais, sociais econômicos que estão criando, um processo de desagregação.

Última pergunta: como que a cidade trata os índios?

Ela não trata de maneira igual. Agora se você quiser a opinião dominante, há uma mistura de desprezo e medo. Mais tem muita gente da FBC que participou aqui dos contatos iniciados com os Xavante. Esse mundo sertanejo tinha uma relação muito mais franca e próxima com os índios. Eles não tinham problemas com os índios. Agora esse pessoal que veio do sul ou a segunda geração dos trabalhadores da FBC, já tem uma visão amedrontada e ao mesmo tempo de desprezo. Eu conversando com quase todos os pioneiros, essa casa aqui era de um sertanejo chamado Aroeira, o velho Aroeira participou da Expedição Pimentel Barbosa, de 1941, posterior a Piratininga, 04 anos depois, mais a expedição de Francisco Meireles que pacificou os Xavante. Ele (Aroeira) foi ferido na cabeça por um índio. E, eu presenciei uma conversa dele com o índio, depois de muitos anos, numa al-

deia Xavante aqui nos Areões, em que ele contava o lado dele e o índio não contava o lado dele. O índio fazia mímica pra mim, explicando como é que ele tinha flechado o Aroeira. Um frente ao outro amigo, já velho. E o Aroeira casou com uma Xavante. Os filhos dele são 04 Xavante.

Então os sertanejos antigos que vieram pra cá tiveram uma relação muito próxima com os índios. E os índios também com eles. Eles se conheciam como inimigos. Depois como gente que fez paz. Depois uma convivência de comunidade. Conforme a cidade foi crescendo, eu acho que esse contato foi sendo perdido completamente. E os índios também estão num processo de transformação. Eles também estão ficando mais agressivos, mais conscientes dos seus direitos. Agora tem algumas pessoas aqui que trabalham com os índios. Por exemplo: a Sonia. A Sonia chegou junto comigo e atualmente ela esta fazendo um trabalho com os Xavante de gestão sustentável de recursos ambientais. Pela minha experiência eu acho que não deveria ser uma entrevista só.

Falando de Xavantina novamente.

Xavantina estava em estado plástico, estava tudo por fazer. Xavantina não tinha nada, era uma possibilidade. Então eu achava, como tinha muita gente aqui com uma visão alternativa das coisas, e ainda mais, com uma visão eubiótica, tendo uma idéia das potencialidades da região que a gente teria condições de fazer uma coisa diferente. Acabou acontecendo o que aconteceu em todas as cidades do Mato Grosso. Não aconteceu nada de diferente. Aqui em Xavantina é idêntico a qualquer outra cidade. Alias acho que tem cidades que são melhores que essa aqui.

Crescem mais do que aqui?

Não, crescer não quer dizer muito. Eu acho que não. Eu acho que a única coisa que esses prefeitos tem de bom, é que eles são ecologistas a revelia. Como eles não fazem nada, eles acabam preservando (risos). E se fizerem alguma coisa vai no estilo de Primavera do Leste, aquela bosta que não vale nada, que não sobra nada, destruiu tudo. Então é bom que não façam.

- Raimundo Pereira da Silva. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 10 de janeiro de 2006, às 15h00min.

Alem de seu Dico, o sr. é conhecido por qual outro nome?

Raimundo Pereira dos Santos. Se falar por ai Raimundo Pereira dos Santos, ninguém conhece, é Dico.

O sr. nasceu onde?

Eu sou natural do Estado de Goiás – São Domingos.

O sr. veio pra cá com quantos anos?

Eu vim com 10 anos. Acompanhando pai e mãe.

O sr. veio direto?

Direto.

De ônibus de caminhão..

Não tinha ônibus. Veio num pau de arara.

Caminhão adaptado pra ônibus.

Não tinha nada em cima não. Encheu o caminhão com a mudança e viemos sentados no meio da mudança. Não teve nenhuma adaptação. Veimos ate Aragarca.

Já tinha Barra do Garça?

Tinha uma cidade pequeninha. Duas ruas. Chegamos em Aragarça, descarregamos o caminhão. Não, não foi assim. O caminhão atravessou de balsa. Não tinha ponte.

Quando o sr. chegou aqui?

Aqui em Xavantina, no dia 07 de Janeiro de 1956.

O que o sr. viu aqui?

Vimos guiados por um tio que trabalhava na FBC. Ele achou que aqui, utilizando um termo bíblico, tinha mana e mel. Foi nos buscar lá na divisa da Bahia com Goiás. Achou que aqui era tudo beleza e nos trouxe. Chegou lá, nos convenceu e nos trouxe pra cá. Achando que era... Chegamos aqui, o meu pai ficou louco pra voltar, nos era uma família grande. Aqui não era lugar de gente. Não tinha nada. Só mato aí. Pra vim de Barra da Garça aqui, gastava uma semana de viagem, no verão!

Na chuva nem ia.

Não, na chuva eram 10 dias, 08 dias. Nois saímos de Barra do Garça, não sei o horário, eu se que nois chegamos no Pindaíba, não chegamos, pousamos no Vale do Sonho. Já era esse nome e chegam os em Pindaíba, no outro dia, tarde da noite. Ficamos no Pindaíba um bucado de tempo. Mais eu vim pra cá pra estudar. Meus pais ficaram lá.

Aqui tinha escola em 1956?

Naquele tempo tinha. A FBC era um órgão Federal que tinha boas escolas aqui. Eram dirigidas por salesianos. Eu fiquei na casa do meu tio, um determinado tempo e depois foi morar mais um padre. Eu não sou padre, porque não era pra mim. Era difícil, porem muito melhor do que hoje. Esse mal estar, esse corre, corre, essa violência. Nois aqui tinha farmácia, tinha avião. Tinha avião de graça aí. Dava uma doença aqui pegava o avião e levava em Aragarça. Naquele tempo em Aragarça tinha hospital bom. Tinha o avião da Aeronáutica, FAB, que nois falava. Naquele tempo a gente ia pra Goiânia, era só ir lá na FAB, marca passagem com o comandante aqui.. O avião vinha do Rio de Janeiro, ia ate Manaus e na volta passava aqui e pegava a gente. Aqui tinha tudo o que precisava.

O seu pai veio aqui pra trabalhar na FBC?

Trabalhou o meu tio, esse já trabalhava.

Ele trabalhava de braçal ou era contratado?

Ele era, hoje nois falamos efetivo, marceneiro e carpinteiro. Ele era o marceneiro mais fino da cidade. Fazer moveis, tudo era ele. E quando foi pra fazer Brasília, ele largou nois aqui e se mudou pra Brasília.

Ele construiu Brasília?

Eu fiquei aqui estudei, naquele tempo fazia ate a 4º serie primário, era bem avançado. Mais tarde eu fiz o segundo grau, professor. Antes disso eu entrei na Fundação, com 14 anos, eu entrei na Fundação.

Trabalhou na Fundação.

Eu sou aposentado pela Fundação.

O sr. foi efetivo?

Efetivo.

Havia alguma diferença entre o trabalhador braçal e o efetivo?

Existia sim.

No tratamento.

Exatamente no tratamento. Era isso aí. O pessoal que trabalhava nos escritórios, naqueles setores mais graduados, tinham um tratamento melhor. Aqueles que trabalhavam no serviço braçal, o pedreiro já tinha um nível mais elevado, era um

técnico. Mais os trabalhadores braçais faziam tudo. Aqui tinha pecuária, tinha horta, tinha granja, tinha pomar e tinha alguém que tomava conta de cada uma dessas coisas, também tinha oficinas, almoxarifado, posto de gasolina, tinha tudo o que precisava. Então naquele tempo, era um tempo de glória. Hoje a gente já acostumou ne.

A comunicação era feita por rádio. Telegrafia, código Morse. Telegrafista era o profissional. Hoje segundo um colega meu, que eu sou telegrafista também (corte na fita)

Entrei na Fundação, enfrentei dificuldades, enfrentei barra pesada e depois eu fui pra um posto aqui pra frente. Só ia de avião. Não era brincadeira não. Porque lá tinha malária, cobra surucucu venenosa, uma doença que nois chamamos Bauru, mas é a Leichemaniosa.

Eu tive lá com 21 anos e fiquei nove anos. Peguei uma malária que eu quase morri. Ali eu senti a necessidade de estudar. Comprei um aparelhinho à pilha que emitia sinal Morse. Tinha um telegrafista lá que começou a me ensinar. De lá vim cura a malária e aqui estudei, fiz um curso de telegrafista. Foi duro pra mim firma lá.

O sr. trabalhou de telegrafista?

Lá não. Lá eu trabalhava na roça, meu amigo!!! Eu não tinha acostumado trabalhar em roça não. Quando eu trabalhava na Fundação, eu não fazia trabalho braçal, eu já entrei como apontador. E passou uns cinco anos me jogaram de serviço braçal lá. Passei dificuldades, mais duro mesmo. Muito duro, mais venci.

O sr. foi pra lá porque faltou serviço aqui?

Não faltou serviço não. Os chefes tinham que cata alguém pra ir pra lá. Não era fácil acha alguém. Um lugar que só vai de avião, longe.

Se o avião não for, ele não vem.

Se o avião for buscar ele volta, se não ele não volta. Porque a pé ele não tem coragem de vim. Porque tem uma onça, uma cobra.

Eu fui entre o verão e o inverno, fazendo as pinguelas, pontes... Mais no inverno a chuva carregava aquelas pontes e tudo. Acabou a estrada.

A alimentação ia de avião todo mês. E o pagamento também. Passei apuros. Passei dois anos e pouco ali e vim pra tratar da malária. E aí o chefe falou: se você arrumar outro pra ficar no seu lugar, você fica, se não arrumar você vai.

Com malária e tudo.

Eu tinha melhorado um pouquinho e graças a deus, apareceu um caboclo que tava descombinado aqui com a família e bebia muito, pediu para ir no meu lugar, e eu fiquei. Fiquei 06 meses aqui na cidade. Fiz curso de telegrafia, mais estudo com o aparelhinho é um coisa, entrar numa estação que eu nunca tinha entrado é outra. É difícil.

Ai tava abrindo a estrada daqui pro São Felix, que aqui não tinha estrada. Ai houve a necessidade de eu ir pra lá. Os telegrafistas que já eram engajados, não queriam ir pra lá. Tinha que pega um aprendiz e jogar lá na boca da onça, na malária. Porque não tinha nada mesmo. Ia só de avião. Ia fazendo à picadinha. Soltava o rumo de avião. O pessoal nem acredita nisso. Mas soltava o rumo de avião, o avião ia, tinha o teodolito em baixo, quando ele pegava o grau certinho. Então era dessa maneira.

O avião voava pra marcar a rota?

Pega o grau com uma bússola. Ai ele ia marcando. Lá na frente marcava com o teodolito e soltava o rumo. O avião vinha de novo. Se tivesse um pântano, ele tinha que desviar, ali já fazia um rumo.

Tinha dificuldades tão grandes que você não vai acreditar, eu não estava no grupo, a comida ia lá, soltava de avião, fazia aquele surrão, nós falava surrão. É uma bolsa de couro. Matava uma vaca, secava a pele da vaca, costurava, enchia de comida e jogava de avião. E o tropeiro tava lá embaixo pra pegar. Óleo eu não sei como ia. Não sei se tinha uma embalagem especial, mas alguma coisa estragava. Não era fácil não, o que a gente enfrentou ali.

Eu fui até ligar São Felix, mais eu comecei já no segundo ano. No primeiro eu tava no Garapu, que é esse lugar que eu fiquei 02 anos e pouco. Ai eu fui ser telegrafista, cheguei lá, a estação era ruim, quebrou logo, defeito do operador (risos), não tinha conhecimento. Eu cheguei lá e não dei conta do aparelho por causa disso.

O avião quando decola daqui tinha o sinal que decolou daqui pra lá, quando chegava eu tinha que dar o pouso do avião, o horário tal, na companhia tal. Lá é que eu fui aprender isso. Eu não sabia. Na hora que sai, as vezes eu manipulava certo. O chefe não queria que nós ficássemos lá. Ficamos lá muitos dias sem comer. O avião não foi nos levar comida e tava morrendo de fome lá.

Como era o relacionamento de vocês com os índios?

Por incrível que pareça, no meu tempo, a gente nunca encontrou com eles. Porém, se você quer saber o relacionamento, isso era muito bom, do meu tempo pra cá. Os que chegaram primeiro, também não tiveram dificuldades. Foi muito bom. Os índios trabalhavam conosco aqui, alguns.

Naquele tempo não eram muitos índios aqui, sabe. Eles brigavam entre eles. Mesmo os Xavante, eles brigavam muito, matavam uns aos outros. Tinha um índio aqui por nome de Aribuanã, ele era o chefe, muito sábio esse homem aí. Eu conheci poucos. Eles circulavam muito aí, de maneira que eles tinham parentes deles aí. Eles mataram uns parentes dele aí e ficou dois rapaiz e esses dois rapaiz entrou na Fundação. Um desses rapaiz era mininote. O finado Vergílio, pai do Bosquinho que é sogro do prefeito atual, criou esse rapaiz. Ele trabalhou de mecânico, motorista, muito bom jogador de futebol, inclusive nós jogamos juntos, por que eu era jogador de futebol. E o outro irmão dele trabalhava na horta. Depois veio trabalhar na oficina. Ele era minino começou estudar, ficou na oficina, sem ganhar nada e também efetivou. Ele hoje é aposentado e foi pra aldeia. Mais bebia muita cachaça, aprendeu a beber. Se perdeu no meio dos brancos como eles falam.

Agora era em bom relacionamento. Nunca vi brigas deles aqui. Quando estivemos fazendo a estrada, não tivemos contato. Achamos vestígios deles só, andando por aí.

Com o tempo se transformou numa relação de amizade?

Sim, a maioria das pessoas do meu tempo, aprendeu até a falar a língua do índio. Não falar tudo, mais muitas coisas aprendeu, a falar o Xavante.

Os trabalhadores...

Os trabalhadores, os chefes, nós tinha um chefe aqui, ele não era o chefe nosso, ele era chefe do almoxarifado. Ele veio pra cá da aldeia dos índios, de São Domingos, o finado Euvaldo Gomes. Ele falava a língua, ele era o chefe dos índios aí. Os índios o chamavam de (o entrevistado não lembrou) ele sabia tudo, ele sabia toda a língua dos índios. Dava ordem, mandava, recomendava pra não mexer. Ele aprendeu muito com eles. Ele era muito bom

O nome dessa rua é o nome dele.

O nome dele, Euvaldo Gomes. Ele é um dos historiadores daqui, mais não cabe eu falar.

Não...

Ele escreveu muita coisa. Só que ele faleceu e a D. Maria não abre mão.

Ele não publica.

Tem muita coisa escrita. Eu acho que ele tem coisas fantásticas. Ele lia muito. Naquele tempo, recebia a revista "O Cruzeiro" do Rio de Janeiro, vinha de avião. Ele era um dos leitores. Ele era assinante da revista O Cruzeiro. Não sei se você conheceu?

Conheci. Depois do Cruzeiro, veio a Manchete, que já acabou também.

Hoje esta aí, a visão. Não, Veja. Eu li Veja uns 05 ou 06 anos.

O sr. Euvaldo era uma pessoa instrosada no meio dos índios. Era saudável a nossa relação.

Houve mudança de lá pra cá?

Não, os índios porem, eles aprenderam mais, ficaram mais coordenados, as aldeias ficaram mais afastadas um pouco. Os índios eram mais andarilhos.

Eles ficavam muito próximos daqui?

Muito próximos. Eles faziam um acampamento aí, voltava, andavam por aqui. Hoje índio não anda mais nessa região pra cá. Eles só vem passear, fazer compras, mas eles ficaram lá pros acampamentos deles.

Reduziu o território deles?

Reduziu o território deles. Muito reduzido. E eles não gostavam muito... Esses Xavante são muito preguiçosos. Esses jovens não gostam nem de caçar. Os velhos ainda caçam, mais os jovens não. Aí fica difícil de ter a alimentação. Porque índio não trabalha ne. O governo não dá conta de sustentar esse pessoal.

Eles são preguiçosos e não caçam. Os velhos ainda caçam, mais muito pouco.

O sr. tem lembranças de quando a cidade começou a mudar?

A Fundação segurou um pouco o desenvolvimento da região. Porque ela era a posseira. Era da dona das terras aqui e não deixava as pessoas fazer uma casa nesse setor. Se um fazendeiro queria fazer uma casa aqui na cidade não podia fazer. Houve uma invasão no setor Nova Brasília, ainda foi na nossa época. Em 65 foi uma invasão lá. Aí a Fundação viu que o trem tava complicado. Não era nem a Fundação, era a SUDECO, ela também segurou. A SUDECO tinha outro ponto de vista. Eles queriam coordenação. Era uma coisa planejada. A SUDECO transformou lá em chácara. Então em 66 foi a invasão. Aí começou a desenvolver. A SUDECO começou a tirar as coisas da Fundação, porque era um órgão só de planejamento, não era de executar obras. Aqui não fizeram mais nada. A SUDECO não fazia nada.

Em 70,72 por aí fez a ponte ali.

Em 1971. A inauguração foi em 03 de dezembro de 1971.

Aí começou a desenvolver só que muito lento. Essa nossa cidade era pra ser outra. O problema é que tá ligado esse trem aí (gravador). Mais vou falar assim mesmo: o nosso prefeito aqui nunca fez nada pra desenvolver essa cidade. Você já teve oportunidade de ir até Água Boa?

Sim.

Pois é. Água Boa!!! Aqui, com o rio maravilhosos que nos temos aí, no momento, é o terceiro rio mais limpo do mundo. Porque que não desenvolveu. Nós tínhamos primeiro arroz, e tinha um garimpo muito bom do Araés, aqui corria muito dinheiro. Produziram arroz, nessa região.

No meu entender os prefeitos não quiseram desempenhar a cidade. Esse ponto de vista é o meu. Cada tem o seu ponto de vista. Ela foi num determinado tempo até bem. Eu passei pra SUDECO, aposentei pela Fundação, fiz um contrato com a

SUDECO, como telegrafista, na Fundação eu não fui efetivado como telegrafista, mas como trabalhador GL4 na SUDECO eu passei pra telegrafista.

- Sra. Maria Gomes. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 13/01/2006, às 18h00min.

Entrevistada: Maria Gomes

Eu quero fale das suas lembranças sobre o trabalho do seu marido (Euvaldo Gomes) com os índios Xavante?

É uma coisa que eu sei tão pouco, porque o meu marido era tão calado. Eu sei que pacificou os Xavante, participou da pacificação. Porque ele era o único que sabia a língua dos Xavante. Porque os Xavante são os mesmos Xerente de Goiás. Eles falam a mesma língua. Mas como eles tiveram uma briga em Goiás, isso foi o que ele me contou, aí atravessou um grupo pro Mato Grosso. Como ele trabalhava com os índios Xerente em Goiás, ele sabia a língua muito bem. E quando o Francisco Meireles foi pacifica os Xavante, trouxe os índios Xerente também.

Tem o Sebastião que vive por aqui. Xerente. Ele vive por aqui. Ali mora uma filha dele. Foi no São Domingos, que hoje é Pimentel Barbosa.

Fazenda São Domingos?

Não, lá era posto São Domingos dos Xavante. Foi lá a primeira tentativa de pacificar os Xavante.

O seu Euvaldo era do SPI?

Sim.

Em Goiás vocês moravam onde?

Eu não. Ele era solteiro nesse tempo. Eu to contando que ele sabia bem a língua dos Xavante, por que ele sabia a língua dos Xerente, que são os mesmo Xavante, esse grupo que atravessou pro Mato Grosso.

A sra. casou aqui em Xavantina?

Eu casei em Aruanã. Eu morava no Cocalinho. Chegamos do Maranhão em 50, em 57 eu casei em Aruanã. Uma cidadezinha de Goiás, antigamente Leopoldina. Aruanã por causa dos Karajá que tem uma dança que eles chamam Aruanã. Ficou o nome de Aruanã.

A sra. casou lá e de lá veio pro Colalinho?

Casei lá e de lá eu vim. Lá moravam dois irmãos meu. Lá eu casei e vim direto pra cá – Xavantina.

E quando a sra. chegou em Xavantina, qual foi a sua impressão da não cidade, na verdade um era um lugar?

Mais eu vim de lugar, também igual. Eu vim de um lugar pequeno. Porque Cocalinho era desse tamanho. Era pio ainda, porque aqui tinha campo de avião, tinha avião da Fundação, eu cheguei aqui no tempo da Fundação em 57.

Aqui tem umas pessoas que sabem mais. Eram os funcionários do tempo da Fundação, eles sabem de muito mais coisa do que eu. Por que a mulher só fica em casa, só sabe o que o marido fala, as vezes. As vezes ele omite.

No tempo da Fundação como era o relacionamento dos índios e os moradores de Xavantina Velha?

O que eu conheci foi assim, eles tinham uma aldeia bem ali onde é o Deus é Amor (bairro), por ali. E ali pelo Mortinho (lugar da horta), eu nunca fui lá também, como eu to te falando, eu só ficava em casa, então tinha uma aldeia lá deles. E eles vinham aqui, mais ficavam muito lá na aldeia. Não ficavam assim como esta hoje, vestidos andando por aqui ano. Eles ficavam na aldeia, só vinham aqui quando precisavam de alguma coisa vinha.

Eu mesma ainda cuidei de dois menininhos gêmeos de uma índia por nome de Antonia, ela ainda vive. O Iran, o marido dela, que já morreu. Era o meu ... Porque naquele tempo precisava de lenha, ele era o meu machado de lenha, que arrumava. Então eu dei muita mamadeira pra esses dois indinho, o homem.

Quando eles mudaram daqui pros Areões, os indinhos morreram. Porque ela já era velha, não tinha leite. Ai eles morreram.

Esse tipo de relação era comum?

Eles quase não sabiam falar o português. Quando eu cheguei aqui tinha dois índios funcionários da Fundação. O Adão e o Alexandre. Todos os dois ainda estão vivos.

Era comum essa solidariedade para com um índio doente, por exemplo?

Era comum. Se um índio adoecia vinha para um hospital da Fundação. Eu mesmo já fiz isso com um índio. Tem um índio que até hoje ele me agradece. Quando ele ficou doente no hospital veio pra dentro da minha casa. Como o Euvaldo, toda vida, eles nunca deixaram ele, toda vida quando eles viam ele, eles chamavam ele de "Prace".

O que significa isso?

Eu não sei. Até que eu perguntei isso pro índio.

A sra. viu ou ouviu algum conflito entre os índios e as pessoas na cidade?

Naquele tempo... na pacificação sim. Meu marido e meu irmão que trabalharam lá, eles mesmos já correram 70 km dos índios... Eles (índios) mataram gente de cá.

Perseguindo eles?

Os índios perseguindo, no tempo do Francisco Meireles pra Mata eles (meu marido e meu irmão) quando eles atravessaram o rio de canoa, os índios chegaram do outro lado do rio.

Quase pegam eles?

Quase que pega. Eles correram 10 léguas. 10 léguas dão 73 km. O tropeiro fala que correu 10 léguas com os burros. E Euvaldo como sabia a língua, ouviu eles falando. Mais ou menos o que eles queriam fazer.

Não foi nada fácil, esse começo, a pacificação.

No começo não. Ele me falou que muitas vezes eles não tinham comida e os índios chegavam e comiam tudo o que eles tinham pra comer. Eles ficavam com fome.

Ele falou que um dia eles mataram uma cobra e deixaram, depois procuraram de ponta a ponta essa cobra pra comer e não acharam. Perdeu o lugar da cobra. De fome, que não tinha nada o que comer na mata. Porque os índios se achasse comida, eles pegava a comida tudo.

Então foi com o tempo que eles foram estabelecendo uma relação de...

Hoje tem um índio velho por nome José Tropeiro, que ele é desse tempo. Ele já contou muito essas histórias. Se eles olhavam um espelho, eles quebravam porque aquilo era uma coisa muito estranha. Mais quando eles chegavam, o Euvaldo estava deitado aqui na rede, eles rodavam. Tudo mundo, e ele ficava. Eles são assim: não conversa dois, três de uma vez. Quando aquele acaba de falar que o outro vai falar. Agora não, que índio já tá misturado. Mais antes era diferente. Eles eram mais amigo do que hoje. Respeitava o chefe deles.

Mudou a relação dos índios com as pessoas na cidade?

Como mudou. Os índios hoje estão muito exigentes. Eles mudaram.

O sertanejo era muito mais próximo do índio, isso se perdeu?

Eu acho que sim. Que o índio naquele tempo tinha medo do branco, assim de se misturar. Hoje não tem. Eles tinham mais respeito. Até na conversa deles a gente via que eles respeitavam mais a gente. Hoje o índio novo não respeita. Eles te falam coisas horríveis. Se você for falar com ele. Eles estão prontos pra te desafiar.

Porque tinham respeito pelo sr. Euvaldo?

Porque ele foi o primeiro branco que conversou com eles e que respeitava muito os índios. Naquele tempo... por ele falava a língua deles, eles tinham muito respeito por ele.

É questão da língua...

Ele chegou a ser chefe aqui numa aldeia também. Nos Areões. Eles tem muito respeito, gostavam muito deles.

A última vez que ele trabalhou com os Xavante, ele jurou que nunca mais ele ia trabalhar com índio xavante, porque eles não respeitavam mais ninguém.

Qual foi a sua impressão quando a cidade deixou de ser a Xavantina da Fundação para se tornar a Xavantina de hoje?

Foi bom. Eram tantas coisas que aqui faltavam, que hoje tem. Nisso mudou. Tinha muitas coisas aqui que era muito difícil. Difícil pra sair, visitar um parente. Tudo era difícil aqui. Só não era difícil quando adoecia, porque tinha o avião.

O avião era para os casos de doença?

Não, eles deram o avião pra visita os meus pais em Cocalinho. Duas vezes, nisso era bom naquele tempo. Não era tão dramático. Tem gente que fala: no passado isso aqui era tão ruim. Não era tão ruim assim. Tinha os aviões da FAB, aqueles aviação que vinham toda semana, o CAN. Tinha avião leve, não era tão difícil assim não.

Era difícil assim, porque não tinha fruta, não tinha carne. Aqui passava 15, 20 dias que você não via um pedaço de carne. Carne era luxo.

Então o que mudou foi isso, que hoje aqui tem tudo que tem numa cidade grande. Com meios de comunicação, você vai onde quer. Naquele tempo não. Tinha um radinho... Rádio telegrafo que quando quebrava ficava sem notícia. A luz era de motor. Quando o motor pifava, também não tinha luz, não tinha água (bomba). Era muito difícil nesse sentido. Hoje eu nem gosto que derrama água. O tanto que era difícil pega água naquele tempo. Eu ainda morava perto. Naquele tempo eu morava perto do rio, na última casa. Tem um lugar que chamava 07 porta. Não sei se você ouviu falar?

Já?

Então eu morava numa casa bem daquela.

Porque chamava sete porta?

Isso eu não vou te falar não (risos)

Ninguém me responde essa pergunta.

Era de 06 portas na frente. Alguém entrava pelos fundos (risos)

Algum fato marcante em Xavantina?

Violência teve muito pouco. Por causa de um irmão do Bosquinho (não foi possível ouvir, a entrevistada falou muito baixinho).

Essas violências eram muito raras?

Mais num lugarzinho desse tamanho, três pessoas mortas de uma vez. Numa cidadezinha pequeninha. Só tinha aquelas casas lá em baixo. Não tinha nenhuma casa aqui. Pra cima, aí a gente...

A sra. ouviu falar da EUBIOSE?

Sim, tinha um sr. por nome Dr. Fagundes, ele foi o primeiro a chegar aqui, no ano que começou o ginásio aqui, aqui só tinha o Ginásio. Ele era muito amigo do Euvaldo. Então a gente conversava algumas coisas.

A sra. conhece alguma história fantástica do rio das Mortes?

As Buiuna. É lenda que o povo conta.

Como é essa lenda?

Que aparecia... História de pescador.

- Sr. José Batista Porto. Entrevista realizada em Nova Xavantina, no dia 15/01/2006, às 14h00min.

Qual é o seu nome?

José Batista Porto.

O sr. nasceu onde?

Caiaponia – Goiás.

Em que ano?

1933.

Quando o sr. chegou no Vale do Araguaia e Nova Xavantina.

Eu entrei na FBC em Junho de 1946. Lá em Caiaponia-GO. Trabalhei na construção de Estrada de Caiaponia para Aragarças. Aqui quando foi em 1950 teve uma transferência de 40 funcionários de Goiás pro Mato Grosso. Nois atravessou o Araguaia no dia 04 de Janeiro de 1950, numa balsinha de tambor, desses tambor de 200 litros, pra fazer o estrada de Barra do Garças pra Xavantina. Ai quando foi no dia 08 de Janeiro de 1950. Em 1946 eu entrei na FBC lá em Caiaponia.

O sr. tinha 13 anos.

Eu era uma criança, quando entrei. O serviço que eu fazia na FBC, eu cuidava de uma tropa da chefia dos engenheiros.

Tropa de burros?

De burros. Era dar banho naquela tropa, ração, o cuido meu era essa tropa. Ai como eu ia falando, atravessamos o Araguaia pro lado de cá no dia 04 de janeiro de 50, pra fazer a estrada de Barra do Garça ate Xavantina. Quando foi no dia 08 de janeiro o acampamento aqui de Xavantina precisou de três funcionários que tinham vindo de Goiás. Então nois em três no Aragarca, pegaram nois de avião e soltaram nois aqui, no dia 08 de janeiro de 50. As duas horas da tarde nois baixamos nesse campo aqui. Prestamos serviço aqui na Xavantina, cinco meses e retornou nois pra ponta da estrada de novo. Ai viemos fazendo essa estrada de Barra do Garça pra Xavantina. Então o movimento da estrada. Nois roçava, fazia picada na foice, limpava aquela margaça na foice, limpava as arvores e cavoucava o pé das arvores de enxadão e cortava as raiz das arvores no machada, e tinha um tratorzinho, D4 um esterinha, era fraco. Aquele tratorzinho, era só pra empurrar as arvores da estrada, tampa os buracos. O nosso movimento era tudo manual. Os acampamentos da frente sempre era mudado com o cargueiro nas costas de burro os de traz vinham de carro que já tiveram pro onde vim. tudo era mão.

Essa estrada foi aberta no machado e no enxadão.

No machado e no enxadão. Lugares que precisava de por algum cascalho se aquele tratorzinho não tivesse no local, com aquela patrolinha veia, uma Alichard, uma patrola antiga, hoje não tem ela mais, acabou. Se não tava naquele local pra fazer um cascalho, nois cavocava no enxadão, na picareta, fazia o cascalho, carregava o caminhão na pá e descarregava na enxada. O cascalho naqueles lugar, quando aquelas maquinas não tava no local, era na mão. Porque naquele tempo a Fundação não tinha caçamba, caminhão caçamba, era só carroceria de madei-

ra. Os primeiros caminhão que veio pra fundação, caçamba, veio caçamba, carroceria de madeira. Eram uns Stud Beik, era um tipo de carro, tipo Chevrolet, chamava Stud Beik. Ai, esse já era caçamba, era pequeninho, mas já era caçamba. Ai, por exemplo, pra carrega essas caminhão, muitas vezes era na pá, que nois carregava. Agora pra caçamba, eles fazia a caçambagem. Agora a retroescavadeira que era aqui no Major Reis, no Araes, ele cedeu ela pra Fundação, pra essa Expedição. Ela era comandada na carroceria de um caminhão. Localizava na carroceria de um caminhão e ela girava em volta assim, como esses mãozinha. Então a retroescavadeira tinha a conchinha. Mais ela não tinha nada hidráulico. Tudo era no cabo de aço. Uns descia, outros soltava, outros rodava. Ela tinha catraca em baixo pra ela roda. Ela rodava assim, com aquele braço comprido, como esses tratorzinhos que tem concha. Ai ela carregava esse caminhão. Era muitas conchinha daquelas pra lota um caminhão daqueles (risos).

Ai sobre os índios: só tinha índio do rio das Mortes pra cá. Ai nois tava aqui no acampamento, ali do outro lado. Ai aparecia um tanto de índio aqui (do outro lado de Xavantina Velha) os Xavante era desse lado aqui (nova Brasília) de lá não tinha índio. Teve uma aldeia, mais quando eu cheguei já tinha saído. Tem um lugar ali que chama galinheiro. Era uma aldeia deles. Ai eles mudaram pro lado de cá do rio.

Esse lugar existe lá, o galinheiro?

Tem. Tem casas, chácaras, tem esse lugar, chama galinheiro.

Porque galinheiro?

Porque a Fundação criou umas galinhas lá. Então perguntava onde? Lá no galinheiro. Esse galinheiro foi feito justamente onde era a aldeia dos índios. Ai, os índios quando vinha daqui das aldeias, que vinha aqui na beira do rio, a chefia mandava solta um foguete, eles desapareciam no mundo. Passava tempo sem aparecer de novo aqui na beira do rio. Tinha medo e hoje pra você vê como mudou. O índio é fazendo festa e soltando caixas de foguete. As armas boas de repetição ta nas mãos dos índios hoje. Era desse jeito.

Quando o sr. veio pra Xavantina, o sr. veio fazer o que aqui?

Nois vinha fazer construção de casas. Ai no outro lado. Ai fez uma olaria. Fez essas casas que ainda existem algumas delas. Aquelas telhinhas comum, goivinha, foi fabricada na olaria velha com fala hoje.

Onde é essa olaria?

É pra lá do aquário, no barro vermelho.

Centro Oeste.

Virando pra lá.

Mora gente lá ainda?

Mora lá é chacrinha, povoado. Tudo habitado. Nois fazia os tijolos lá. O primeiro oleiro lá era um tal de Benedito. Ai ficou conhecido: qual é o Benedito? Benedito do Olaria. Ta com uns três anos que é falecido. Agora os tijolos que fazia lá, vamos dizer que era do tamanho de um adobe. Era naquele tempo ignorante, tudo era exagerado. Pode olhar os tijolos dessa casas velhas. Esses tijolo dava quase três desses tijolinhos.

Era sem furos?

Era sem furos. Era mucijo, barro mucijo.

Era queimado?

Era queimado. Não era cru, o adobe como a gente fala, aquele grandão, que era sem queima. Tira o barro da forma. Mais ai não foi feita nenhuma casa de adobe. Foi feito de tijolo, tijolinho, só o nome, porque era grandão.

Em 1950 não tinha nenhuma casa de alvenaria?

Não, tinha 03 casas. Tinha o hospitalzinho, a casa do Cel Vanique e o escritório da Fundação.

Esse escritório não esta em pé mais....

Não.

E o hospitalzinho?

Ainda esta de pé. É na rua do lado da matriz, indo pro rio. Ai depois foi construindo mais casa, fez a sete porta. A sete porta era um alojamento nosso.

Por que era sete porta?

Porque foi feito um condomínio, ela tinha sete porta, que era as entradas pra entrar nos alojamentos. Era uma casa emendada na outra. Era uma casa só. Ai tinha as portas.

Morava famílias nas portas?

Não, morava os funcionários mesmo, os trabalhadores, só homens. Ai que depois, em 53, 54 é que veio chegando umas famílias pra cá.

E foi morar na sete porta.

É, na sete porta. Ai foi fazendo casa, foi aumentando. Mais tudo funcionalismo da Fundação. Não tinha gente particular. Agora gente particular, foi chegando uns moradores, que veio por uma estrada por cima da serra.

Qual serra?

A serra do Antartica.

O córrego do Antartica?

Então a primeira estrada que saiu aqui em Xavantina veio ali pelo Antartica, passou no salgadinho ai desceu e saiu ali onde é um laticíniozinho, que tem... onde tem um tamburi, umas cadeiras. O laticínio fica do lado esquerdo indo daqui pra lá e o ginásio de esporte de cá. É aquela estradinha que sai ali. Empareia com o posto do Luiz Otavio.

Aquela ali é uma estrada antiga?

Foi a primeira estrada que saiu aqui em Xavantina.

Quem fez essa estrada?

Foi a Fundação. Ela veio por cima da serra. Saiu de Barra, subiu a serra lá numa fazenda que era do pai do Lalau Cristino Porto, lá no taquaral. Lá ela subiu a serra e veio pro cima da serra cortando... Que existia as vertentes que ia pra lá e pra cá. Veio no divisor de águas, naquele veio. Veio desceu a serra aqui no rumo do Antartica. Foi a primeira estradinha que saiu aqui em Xavantina, foi essa.

Quando a estrada ficou pronta veio os primeiros particulares?

Ai depois veio o Joaquim Cuiabano, com uma fazendinha lá perto do Antartica. Ai veio o Joaquim Baiano, que era ali perto do salgadinho.

Esse Joaquim baiano, não era um sr. chamado Joaquim Rodrigues?

Eu não lembro o nome dele todo.

Ele ta vivo ainda? Eu entrevistei um sr. chamado Joaquim Rodrigues, que veio da Bahia.

Não, esse é falecido. Ele é pai do Preto, que é taxista aqui.

O Zé Preto?

Era pai dele.

O Preto mora há muito aqui?

O Preto nasceu aqui. Ele criou em Xavantina.

Nois veio com a estrada definitivo, que tem ela hoje. Na abertura da estrada, o pessoal, a comunidade veio acompanhando. Os acampamentos, os moradores particular, que vinha aqui do Mato Grosso mesmo, vinha aqui do Goiás. Vinha

acompanhando a abertura e se instalando na margem da estrada e esparramando. Mais foi pela desbravação da FBC.

Essa estrada ainda existe?

Ela acabou. Algum pedaço aproveita pra alguma fazenda, mais virou tudo lavoura, virou pasto, ai bagunçou tudo. Hoje é fazenda, é abertura, aquilo já mudou tudo. Até a gente que é daqueles tempo, quando vai não conhece mais. Perdeu a rota, a visão. Naquele tempo que a gente veio era tudo mata bruta, campo.

Hoje a maior saudade, maior paixão daquilo que a gente alcançou e passou por ele, aquelas selvas natural, aquele sertão, nois mudava os acampamentos, vinha pela picada do Cel Vanique, ai tudo virgem como deus deixou. Hoje ta tudo desbravado pelo homem. Acabou as mata, acabou os campo. E eu e outros que ta vivo ainda, ta acompanhando a desbravação, a destruição. Olha eu, eu era forte sadio. Hoje com que eu estou. Assim foi a natureza, hoje ta acabada. Ta feliz eu que ainda conto estas histórias que ainda to vivo. E muitos colegas de trabalho que não tem vida mais. Há muitos anos que são falecidos. Então aquele tipo de nosso trabalho, tudo manual. Ai tem gente: mais você tem saudade de um tempo sofrido ai eu respondo, não gente. Por comum hoje é melhor do que o amanha. Hoje você acha que ta ruim, quando é amanha você alembra de hoje e diz sabe: ontem tava melhor do que hoje. O amanha você tem saudade de hoje que passou.

Esses particulares que acompanharam a estrada, a Fundação criava dificuldades para eles se instalarem?

Não. Alias, ate a fundação ajudava. A comunidade que vinha sempre morando em beira da estrada, ai, como no transporte a Fundação levava trazia. Era um tipo de uma carona. Não tinha linha, não tinha carro particular. Era só o funcionalismo da Fundação. Ai depois veio a Aeronáutica. Através do campo ai, a Aeronáutica fez a linha também. Então o que transportava o povo? Era a Aeronáutica e a Fundação. Eram os meios de transporte.

Na parte da alimentação, o pessoal dessas beira de estrada, iam comprar em Barra do Garça. Na Xavantina não vendia por que só vinha pro consumo do funcionalismo. Tinha a cantina, mais era pro consumo do funcionário.

Quem era particular não conseguia comprar na cantina?

Não, só através de um amigo e coisa, e tal ne. As vezes um chefe dava uma facilidade, mais era muito difícil.

Só quem era amigo do chefe, conseguia comprar?

Era através de peixada. Quem morava aqui próximo, o que faziam pra conseguir alimentos? Comiam do rio, das roças deles...

Fazia d arocinha, ia na Barra, comprava o arroz, o feijão... fazia o mercadinho deles. Vamos dizer que o primeiro ano era muito sofrido. De um ano em diante, vinha o milho, vinha o arroz, vinha o feijão, vinha a plantação da roça. Ai vinha facilitando mais pra eles. Da cidade só vinha algumas coisas como: remédio, roupas. Ai foi esparramando gente. Foi esbanjando, enlarguando mais as Áreas. Quando foi em 56 pra 57, ai a Fundação abriu uma colonização ali em Vale do Sonho. Feiz uma loteação. Lote de 50hac, de 40 hac, 100 hac, de 150hac, de 200 hac. Era conforme o tipo de terreno era o tanto de área. Se era um terreno melhor, as áreas eram menor. Agora aquelas terras mais fraca, então era maior. A Fundação fez essa colonização pro povo. Foi muito bom.

Foi a primeira?

Foi a primeira.

Esses terrenos foram pra produzir para Xavantina?

Foi, pra Xavantina e pra Barra. Porque a Base da Fundação Brasil Central, o escritório original mesmo era em Aragarça. Ai depois veio outra base aqui pra Xavantina. Mais sempre era comandado por Aragarça. Era maior. A chefia daqui era dominado pelo chefe lá do Aragarça. Como aqui na estrada, o primeiro chefe nosso aqui, geral, engenheiro geral, foi o Dr. Tito.

Em que ano?

Foi depois do Cel Vanique. O Cel Vanique foi o Engenheiro da picada. Ele não foi chefe de Base. Ele foi o picadeiro. Engenheiro da picada. Essa picada, ele fez de Barra do Garça ao Xingu. Serra do Roncador e o Cachimbo-Xingu. Ele foi o picadeiro. Ai o Dr, Tito era Chefe lá em Aragarça e comandava aqui o Olavo, ai chefe de Base aqui de Xavantinha. Ai veio um tenente, eu não sei o nome dele, ai veio o Zé Gonçalves. Agora chefinho de base, foi vários deles aqui. Entra um saia, daqui um pouco entrava outro. Tem um que mora aqui ainda. Ele foi chefe um tempo, de base ai: o Helio Milhomem. Eu conheci ele aqui menino. Ele chegou pra aqui em 55. tinha um irmão dele que era piloto (Chico Doido).

Desse tempo que sr. mora em Xavanti8na, alguma coisa significativa?

Tem muito passado assim. Por exemplo, essa ultima Expedição que nois tirou, daqui para São Felix, essa picada era de Barra do Garça ao Xingu. Mais daqui uns 14 km tem um chapéu de palha aqui na cachoeira. Ali na cachoeira, eles largaram a picada do Cel Vanique, ela seguiu reto pro Xingu e a Expedição, a ultima que nois tirou virou pras direita, pra São Felix. Ai como entrou a Expedição da Fundação já tinha... A Fundação já tinha maquinário: caminhão, maquinas, trator, girico... A Fundação isso tudo. Ai veio uma firma de São Paulo, os Ariosto, que comprou uma área aqui na frente que chama Suia Missu. Ai entrou em conjunto com a Expedição com maquinário. Ela tinha muito maquinário. Tanto que o serviço nosso aqui, manual foi só as pontes. Agente lavrava a madeira, fazia a ponte de madeira, pinguelão, mata burro..., mas todo o serviço da estrada foi no maquinário. A Fundação com a firma dos Ariosto, a Suia.

O sr. chegou a conhecer esse Ariosto?

Conheci a firma. O chefe da firma chamava José, era o chefe geral da firma dos Ariosto. Ai ele tinha apelido de Zé do Pito. Ele fumava um cachimbão. Apelidaram ele de Zé do Pito

Tem muitas outras coisas que a gente vai esquecendo, ta com longos anos.

O sr. lembra quando os índios começaram a passar pro lado de lá?

Não, não lembro.

Quando o sr. começou a ver os índios?

Eles começaram a visitar o acampamento do outro lado (Xavantina Velha) foi na faixa de 55 em diante. Eles começou a chegar. Ai la do outro lado... O chefe agradava eles um pouco, depois já mandava eles atravessar pra cá. Não deixava eles localizar lá não. A aldeia de lá nunca mais teve. Toda vida é de cá.

Nas suas lembranças, a convivência dos índios com os funcionários não eram assim tão intensa?

Não.

Essa convivência é recente, do tempo de Nova Brasília?

É. Eles começaram a atravessa pra lá e pra cá, começaram a viajar pra Barra. Ai começou a misturar mais. Já tem muito índio que já mora de lá. Não é aldeia. É na cidade. É moradia. Como mora de cá. Eles alugam casa. Tem construção deles mesmos, compra casa.

Quando Xavantina começou a mudar?

De 65 pra cá. Começou as casinha de cá. A primeira casinha de cá era de funcionário da expedição. Através dos funcionários... nois fez a estrada daqui pra São Felix, ai que foi chegando gente, foi fazendo as ruinha, beirando a estrada, que é a Couto Magalhães ali, ai foi aumentado. Casinha de um lado e outro da estrada. Ai gente do outro lado veio atravessando pra cá. Vinha gente de Goiás, de todo lado. Ai foi aumentado do lado de cá, foi criando um patrimônio do lado de cá. Ai foi esparramando, como esta hoje.

Teve muitos anos uma política aqui pelo nome da cidade, uns queria Xavantina, só Xavantina, outros queriam Nova Brasília. Ai foi uma política, anos. Ate que combinaram pra pega o nome das duas. De Nova Brasília – Nova e Xavantina e ai acabou a briga.

O sr. gosta mais do nome Xavantina ou Nova Xavantina?

Eu logicamente, como pioneiro do outro lado... Por gosto da minha mulher, nois morava do outro lado, Xavantina Velha, mais eu nunca gostei de lá, eu gostei do lado de cá.

Porque o sr. não gosta do lado de lá?

Eu não sei. Pra mim.... Eu não debito... eu acho um lugar fechado, eu não sei como.

Qual é a diferença pro sr. do lado de lá e do lado de cá?

Eu acho diferença, do lado de cá é bem mais facil, porque é mais planiço, tem mais plaino. E lá é mais acidentado de morro e o chão de lá é melhor do que de cá, porque lá é barro é canga, cascalho, é terra firme, e do lado de cá é areia. Mais eu pra mora, eu prefiro mais de cá, é areia.

Não é por conta das suas lembranças?

Não, não.

Porque a sua esposa gosta mais do lado de lá?

Eu não sei, é natureza ne. A minha esposa é paulista. Esse povo que veio de São Paulo, vinheram aqui pros Areões e dos Areões eles veio pra aqui – Nova Brasília.

O sr. conhece alguém que namorou índia?

Foi chefe lá... na base de sete capa, aquilo era uma proibição feia.

Sete capa é no sentido de ser escondido?

Era nesse sentido.

Pros peão era proibido?

Ah! Viche!! Ate pros chefe também. Mais chefe você sabe como é. Não publica ne.

O sr. conheceu os Villas Boas?

Conheci todos os três. O Horlando, o Cláudio e o Leonardo.

Que lembranças o sr. guardou deles?

Desde o acampamento deles aqui em Xavantina. Tinha o acampamentinho deles ali ne. Ai, dali eles foram pro Xingu. Do Xingu eles foram pro Teles Pires. A vida deles era de aldeia em aldeia. A vida deles era viaja. Tinha os barco, fluvial, por água mexe com os índios.

Eu conheci todos os três pessoalmente. Eu tenho ate revista deles aqui.

O sr. conheceu as pessoas que não trabalhavam na Fundação, que moravam aqui perto: carreiros, tropeiros, campeiros, etc?

O que eu conheci eram funcionários da Fundação. Tinha o Zé Tropeiro, tinha o Porfírio, que era vaqueiro da Fundação, tinha o finado Carreira, vaqueiro da Fundação, outros tropeiros que era o Anastácio, mais tinha apelido de Casquinha.

Entrevista 26 - 15/01/2006 – 17:00 horas.

Qual é o seu nome?

Aramis Batista de Oliveira.

O sr. nasceu onde e quando?

Eu nasci em 09/02/1929, em Minas Gerais, numa cidade chamada Tuiutaba.

Como o sr. chegou aqui no Centro Oeste?

Coisa de loucura (risos)

Que loucura é essa?

Eu na época de servir o exercito, o meu povo não quis deixar. Depois eu fui tirar documento, queriam ate me prender. Naquele tempo o traço era rigoroso. “Se você teima muito você vai é pra cadeia”. Aqui você não tira documento. Ai foi motivo de eu sair, procurar meio pra eu arrumar documento. Vim pra Goiás, fui arruma esses documentos em Goiás, em 1953. Depois dos documentos tudo tirado, trabalhei lá em Goiás, arrumei emprego sem documento e de lá eu vu que não tava muito bom pra mim. Aquilo parece que não tava certo. Com os documentos na mão, falei: eu vou enfrenta esse mundo ai. Vim pra Mato Grosso. E foi a época que eles precisavam de gente da FAB de Jacareacanga – no Para. Isso era 55. Em 55 eu fui (fim da fita).

Ai os caras... Acerto com o pessoal depois que acalmou, acertou. Eu falei: eu vou embora daqui, aqui não ta certo não. Eu passei muito aperto. Ai eu vim aqui pra Aragarça. De lá peguei avião, que o avião da FAB fazia o correio Aéreo Nacional – CAN. Ai tava saindo uma Expedição no Cachimbo. Falei: é essa que eu quero.

Essa expedição seria Xavantina-Cachimbo?

Já foi no fim de 56. de lá eu sai no avião com três burro dentro do avião, segurando os burros. Fomos desde no Cachimbo. O Cachimbo já tinha sido aberto pela Fundação, tinha o campo. O avião desceu lá com a gente e os burros. E de lá a expedição continuou, do Cachimbo.

Do Cachimbo ate Jacareacanga...

A finalidade não era sai em Jacareacanga. Jacareacanga já esta estava aberto. A finalidade era do Cachimbo ate Jacareacanga, levava duas horas de vôo... Aquilo era só mata. Então a finalidade era abrir acampo pra dar apoio.

Entre o Cachimbo e Jacareacanga.

Sim. Nos 06 campos, nesse trecho de 02 horas. Que era só mata. Ai a finalidade era sai numa cachoeira por nome de Creputia. Nois saímos lá com essa expedição.

Creputia virou uma base?

Não virou por que foi a época que o Jânio renunciou, trocou de governo e o troço paralisou. Parou tudo. Ficou lá acampamento nosso montado na beira desse rio por nome de Kululu e lá ficamos ate decidi se tocaria, se parava no fim o governo resolveu fechar. Recolheu nois pra cá. Recolheu muitos pra Xavantina. Mais como eu trabalhava com o Horlando e o Horlando trabalhava com os índios no Xingu. O Horlando me chamou pra ficar com ele lá no Xingu. Lá tinha índio manso, brabo, tinha de todo tipo, no Xingu.

Daí um caminhão da Ford... ele falou assim: agora você vai pro transporte.. já tava usando caminhão lá no Xingu.

Foi em 66 que vim aqui pra Xavantina, morando no Xingu, vim aqui pra Xavantina, toma conta desse caminhão, ... Puxa material de São Paulo ate aqui. Daqui pra frente não tinha estrada. Daqui pra frente só ia de avia. Você trazia a carga e levava pra lá de avião.

Quem abriu essa estrada ate na cascalheira (Ribeirão Cascalheira) foi a FAB. De lá pra cá veio o Horlando Oneto, era dono de uma usina de açúcar lá em Barra

Bonita e era dono da Suia Missu. Ele tinha uma potencia danada, um maquinário danado. Eles vieram de lá pra cá e eles foi daqui pra lá, a FUNDAÇÃO, encontraram ali pela cascalheira, um pouco pra lá. Eu fui levar óleo pra eles pra lá da cascalheira. Então essa estrada foi aberta assim. Ai fiquei no transporte aqui. Aqui em Xavantina, pra São Paulo, ajudando a puxa coisa pra cá. Não era toda vez que tinha carga lá pro Xingu. Eu fiquei trabalhando aqui. A primeira morada minha foi naquela casa ali.

Era a mesma casa?

A mesma casa.

A casa da delegacia era da Fundação?

Era. Ai resolveram me tirar dali. Ai o Burlando tinha muita força lá com a autoridade e conversou lá com o presidente, que eu precisava de uma casa aqui e essa aqui foi eu que ajudei fazer, puxando material. Ele falou pra mim: você espera que aquela ta terminando que essa aqui é histórica, não é pra morar ninguém. Ai eu peguei essa aqui da Fundacao. E continuei trabalhando aqui ate... depois abriu as estrada toda. Eu já pegava a carga direto e levava pro Xingu.

De caminhão?

De caminhão. No começo eu levava ate o GARapu, que é ai perto, uns 200 e pouco km daqui. Não existia Canarana, não existia Água Boa. Água Boa foi nois que pois o nome no Corgo de Água Boa. Hoje já é uma cidade Grande.

Cascalheira, não é Cascalheira, era Ribeirão dos Porcos. Tinha uma porção de porco ali no corgo, então puseram ribeirão dos porcos. Ate hoje, eles não gostam que fala não. Os de la não gostam muito.

Ai continuei trabalhando no transporte. O escritório do Parque Nacional do Xingu era em São Paulo. O Jânio fez uma coisa bonita. Disse: se eu ganhar, isso dói em 60 ou 61, vai sair o decreto, Horlando, criando o Parque Nacional do Xingu. E dito e feito. Ele ganhou e um mês depois, tava o decreto. Então ficou em trabalhando pro Parque Nacional do Xingu.

Ele ate aposnetou, Horlando. O escritório era em São Paulo e ai Brasília resolveu muda tudo. Porque a política desse povo é nojenta. Resolveu muda tudo, que não tinha finalidade ficar em São Paulo e mudou pra Brasília. Ai começou a ir pra Brasília, pegava carga e levava no Xingu. Isso era direto. A minha vida foi essa.

Qual era a função de Xavantina nesse processo... das expedições?

Eles chegaram aqui e fizeram a base e a base era apoio pras expedições. Isso vinha desce muito tempo, desde de Caiaponia... aquela ponte ali de Aragarça, foi a Fundação que fez. La era um ponto de apoio, la em Caiaponia era a mesma coisa, era um ponto de apoio. Aqui no Vale do Sonho, uma cidadezinha pequena, que tem aqui, foi acampamento dela também. Assim por diante.

Quais são as suas lembranças da Xavantina do tempo da Fundacao?

Eu fiquei pouco tempo em Xavantina, no tempo da Fundação. Quem pode te informar mais é esse povo que eu te falei. Tem o Salomão, o Zé Goiás é um dos primeiro que chegou aqui.

Então aqui era apenas um ponto de apoio, basta que eu trazia a carga aqui. O avião descia ai. Eu punha a carga no avião e descia la no Xingu depois que foi abrindo as estrada e eu fui chegando mais pra frente.

O GARapu por exemplo ainda fica longe la do Xingu. Mais eles vinham pelo rio 07 de Setembro pegava a carga no rio e levava. Ai abriu 080 que essa que atravessa o Xingu e vai pra Peixoto de Azevedo. Ai eu comecei a levar la no Barranco do rio.

Como era a relação de vocês com os índios?

Era muito boa, viu. Porque o Horlando era muito conhecido. Conhecido não, era muito querido lá, deles. Morando junto com eles, muito tempo. Saiu de São Paulo criança, quase e morando lá. Eles obedeciam muito. Depois que foi entrando gente, que foi... o índio foi ficando rebelde. Mais enquanto tava só o Horlando e o Cláudio, era uma beleza. Eles obedeciam. Não exigia nada. Porque o Horlando queria que o índio mantese... porque você pensa bem. No nosso povo tem muita gente passando fome. O índio não passa fome. Agora vai cuidar do índio e bota uma coisa... sendo que o nosso povo tá passando mal, passando fome.

Leva o nosso modelo pra eles...

E, então a política começou aí. Então começou a política contra o Horlando a respeito dessa coisa; que o Horlando não queria civilizar os índios. Com é que você vai civilizar mil e tantos índios, se o nosso povo tá passando fome. E os índios não passa fome. Os índios tão vivendo.

Porque o sr. acha que quando começou a entrar gente, os índios começaram a ficar rebeldes?

Por causa da idéia diferente. Não queria que o índio trabalhasse que o índio não podia trabalhar. O índio pode trabalhar pra se manter, não pode. Não, a política desse povo de fora é que o índio não podia trabalhar.

Quem era esse povo de fora?

Era estudante, era antropólogo. E queria mudar o jeito do índio. As vezes levava índio pra casa deles, pra explorar o índio. O índio vinha com umas idéias diferentes e foi modificando. Aí foi entrando gente e o troço ficou bastante esquisito, ficou ruim mesmo. Quando tava o Horlando lá, juntava reunião grande, tudo obedecia, aqueles caciques obedecia, respeitava o Horlando e o Cláudio.

Quando que o sr. se fixou definitivamente em Xavantina?

Pra morar em 66.

O sr. parou de viajar?

Não em 66 é que eu comecei a viajar. Desse tempo pra traz eu tava em Jacareacanga, cachimbo.

Quais são as suas lembranças da cidade na política, no crescimento?

Política sempre teve. Agora no crescimento eu acho que o desenvolveu muito. Parece que a gente não sente, mais desenvolveu muito. Isso aqui era umas casinha velha, pouca né. Mais até hoje ainda tem essa política. Daqui, até a nossa rodoviária tá morrendo (Xavantina Velha), por causa de política. Nois que fizemos a rodoviária. Cada um entrou com um pouco de dinheiro pra fazer, porque não tinha lugar pra pegar onibus. Fizemos aquela sociedade pra fazer a rodoviária e a política fez o troço... tanto que você paga taxa aqui e o dinheiro vai pra lá (rodoviária do setor Nova Brasília). Então continua essa política nojenta. Tá certo a rodoviária lá ficou boa, mais aqui não podia ficar assim.

Poderia fazer aqui a rodoviária.

Mas política é uma coisa séria.

Houve mudança com a emancipação do município?

Mudou muita coisa. Nos passamos a ter aqui cartório, prefeitura, fórum. Aquele prédio da prefeitura era um hospital da Fundação que funcionou muito tempo com o projeto Rondon. Política tirou, mandou os médicos ir pra Barra. E aqui ficou sem nada. Nem pronto socorro não tem e o hospital não funcionado. Um troço que você não sabe explicar. Funcionava bem ali, tinha opção de médico. Mantido pela Fundação. Quando entrou o tal de SUDECO, aí o troço fracassou tudo.

Então houve diferença da Fundação para a SUDECO?

Nossa Senhora. A Fundação tinha patrimônio. Tinha fazenda cheia de gado, tinha criação de porco, tinha lavoura, rústica, mais tinha lavoura. Plantava feijão, milho. Depois esse SUDECO veio aqui pegou o material vendeu tudo e saiu fora. Até o vaqueiro ficou aí de cara pra riba sem fazer nada.

Gerou desemprego?

Não gerou desemprego porque eles eram funcionários. Era vaqueiro, mais era funcionário. A SUDECO não fez nada aqui, fez foi acabar.

A Br 158 e a ponte não era da SUDECO?
me parece que eles entraram com dinheiro, que eles eram do ministério do interior. Era pra desenvolver. Me parece que entrou dinheiro dessa SUDECO. O projeto era deles. Andou fazendo essas obras, assim longe. Mais na cidade não mexeram em nada. Aqui a SUDECO ajudou a fazer essa ponte, que eu não sei se foi dinheiro direto dela.

Essa ponte significou algo para a cidade?

Muito. Mudou muito. Porque nós atravessava ali numa balsa. Atravessava os caminhão numa balsa. Era difícil. A travessia do povo aí era na canoa. Até hoje ainda tem travessia de canoa. Essa primeira balsa daí eu fui buscar ela lá no Corgo dos Macacos, pra lá de Bom Jardim. Eu e um funcionário aqui por nome de Chico Lima.

Houve mudança do relacionamento dos índios como os moradores da cidade do tempo da Fundação pra depois da Fundação, hoje?

Teve muita modificação porque o índio aqui na região não era fácil de chegar nele não. Teve muita diferença. O povo tinha medo do índio, que o índio se facilitava matava mesmo. Hoje não. Os índios já tá no meio aí. Apesar que eles ainda tem a aldeia deles, mais tá estudando na cidade. Tem índio que tá formando, outros já formou. Tem um Xavante aí que é até padre. Já celebrou missa. A missão dos padres entrou faz tempo. Parece que entrou pelo rio das Mortes aí e chegou aqui. Até mataram um padre lá em baixo, eu não sei quando, mais eu sei que matou. Mais teve muita diferença. Hoje em dia não, o índio tá no meio da gente aí.

Entrevista 28 – 16/01/2006 – 14:00 horas

Godofredo Siqueira de Miranda. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 14h00min.

Qual é o seu nome?

Godofredo Siqueira de Miranda.

O sr. nasceu onde e quando?

Maranhão, no ano de 1924. Eu tenho 81 anos, eu sou do dia 03 de outubro. Eu morei lá até os 18 anos, numa cidade por nome de Mirador, aí passei a morar fora, numa fazenda. De lá eu saí, fui pro garimpo, no estado do Pará. Prum garimpo por nome de Ipixuna. Dois dias de motor de Imperatriz em Marabá e de Marabá até lá, um dia de motorzão. Aí chegamos lá no mês de julho e trabalhamos lá até o mês de outubro. Naquela época chovia muito e o Tocantins tomava conta. Eu não ganhei nada lá, perdi o meu tempo.

Do garimpo o sr. foi pra onde?

De lá eu topei com um pioneiro aqui de Xavantina.

Qual é nome dele?

Zacarias

Não é o mesmo do Ribeirão Zacarias?

Não, aquele é outro. Esse é piauiense. Já é falecido.

O sr. encontrá-lo em que ano?

Em 44. Ai nois trabaimeo la no garimpo e deu certo. Ele tinha vindo com essa expedição ate Xavantina, Aragarça à Xavantina, ela criou primeiro em Caiaponia. Ai ele vei. De 44 pra 45 ele pede as conta e veio um motor no inverno de 45 e veio pra ca. Ele falou la é muito bom, é órgão do governo. Eu dei essa burrada, mais eu vou voltar pra la. Vão bora. Eu falei: vamu ué.

Saimo de la de Imperatriz do Maranhão em fevereiro no dia 0-3 de fevereiro, por cima da cachoeira, não fui nem na cidade. Pra cima tema cachoeira de Santo Antonio. Nois tava la num garimpo. Não deu nada, ai saímos, chegamos no Aragarça no dia 05 de Agosto de 1945. ai descemos no dia 06 pra Aragarça e já fiche-mos la. No dia 08 tinha um avião que puxava mantimento pra ca, tudo de Uberlândia. Toda semama ele vinha do Rio de Janeiro, fazer essa linha. Duas viagem. Rio de Janeiro-Uberlandia-Aragarça-Xavantina. Deixava a carga e voltava, na outra semana vinha de novo. Todo mundo comia de la de Uberlândia. Aqui não tinha nada. Também não produzia quase nada.

Ai nois veio peguemos o avião pra ca, chegemos aqui era 16:30 horas ou 17:00 horas e pouco da tarde, quando o avião desceu e ate hoje.

O sr. fez o que aqui?

Eu trabalhei em todo serviço, mais com hortaliça. Fichemo la na Barra e viemo, chegou aqui, o Cel VAnique, o nosso chefe não tava, era chefe geral. Tava o Holando Villas Boas. Ele era secretario, tesoureiro e ficou no lugar de chefe também. O Cel tinha ido pro Rio Grande do Sul. Ele chegou e ai fomos trabalhar naquele pomar do lado de ca, começou a roça aquilo la tudo.

Tinha um colega meu por nome de Sarafim, hoje ele mora em Aragarça. Já começamos uma hortazinha, onde hoje é do Japonês, fizemos um monjolo pra soca arroz. Ai o Coronel chegou e disse, não vamu la pro Mortinho (imitando a voz). Já tinha um roçado la (nome do Córrego é Mortim), ai eu fui pra la. Trabalhei quase 04 anos, fazendo horta. Eu mais dois companheiro, trocava, mais la era sempre 03. quando eu sai, o Coronel Vanique foi embora e ai entrou o Dr. Olívio, continuei na horta e começou a puxa saco e eu sou contra puxa saco e eu sai, pedi pra sai e fui trabalhar na tropa, tropeiro.

O que é esse puxa saco?

O cara que fica fazendo fuchico. Alias tem ate deles vivo ai. Na horta tinha tomate, verdura, tinha tudo e não era pra da. La trabalhava, mais quem não era funcionário, eles não queria que desse uma fruta pra aquele povo come não. Tinha que trazer tudo ca pra rua. E eu dava. Na hora do almoço a comida ia pra nois la, o carroceiro levava , nois reunia tudo la no barracão pra almoça. Eu ia la tirava tomate, mamão e dava. Ai tinha um cara interessado la, começou a fazer fuxico, ai eu pedi pra sair, eu fui trabalhar na tropa. Da tropa, eu aborreci e pedi a conta.

O sr. saiu da Fundação?

Quando eu sai da Fundação já tinha vaga na FAB. Que já tava começando. Trabalhei 04 anos, teve puxa saco denovo, ai eu pedi as minhas conta. Ai fui trabalhar de empreiteiro nessa fazendas ai. Isso ai tudo, Taniguro(fazenda) ate Rondonis eu conheço. Rolim de Moura, Alta Floresta, tudo ai eu conheço. Depois eu cancei e larguei de mão. Já to velho. Ai eu larguei, aposentei, trabalhei 14 anos aqui na AABB, foi mudando de chefe, ai começou a conversinha e mandou eu fora.

Como os chefes da Fundação tratavam os funcionários?

Nessa época, muito bom, não faltava nada. So que era um regime militar. Mais não faltava nada.

O que era esse regime militar?

Regime militar era o seguinte: você tinha que obedecer as ordens. Todo domingo tinha que astear a bandeira. Mas sobre alimentação, essa coisa era muito bom. Não faltava nada não. Agora depois que passou pro Dr. Olívio ai relaxou um pouco.

O que mudou com esse Dr. Olívio?

Eu não me dei com ele. Ele era muito ruim pra peão, gostava muito de puxa saco, cheio de conversinha. Por exemplo: eu trabalhava junto com você, você é o chefe, tem 15 ou 20 peão, eu começo: ah, tem um peão ai que não que fazer nada. Ai não da.

Já o Cel Vanique não. O Cel Vanique não aceitava fuxico. Uma vez, nessa época tinha 70 e tantos funcionariosbracal. Cada um tinha um turma, tomava conta de 20, outros de 10, outros de 15, chefe de turma. E tinha uma turma do seu Pedro Leão que tinha 18 homens. Trabalhava encascalhando campo, nessa época, carrinho de mão, carroça de 04 rodas, carregando cascalho e encascaiaanda aquele campo. Ai tinha um baininho. Tinha uns 18 anos. O baianinho era so pra puxa água. Da cabeceira daquele brejo, o Mortim, pra eles la. Puxa água.

Um dia ele (Pedro Leão) falou pro Coronel que o baininho não queria trabalhar. O Coronel: ta bom. Então chega aqui manha. Ele deixou ele. Amanheceu o dia , o coronel mandou pegar uma foice e uma lima e deu pra ele. O baininho vem ca. Pronto Coronel. Pega essa foice. Ali na beira do rio, beirando o rio antigamente, era um taboca. Ai dei a foice pra lê. Vai roça isso ai. Ta bomCoronel. Ai pegou a foice. Ele (coronel) ficava da chefia onde hoje é aquela pracinha, ali era a chefia dele, do almoxarifado pra ca. Ali era a chefia. Ele ficava indo e vindo da chefia la embaixo e prestando atenção no baininho, e o baininho tava que trabalhava. Quando é de noite a turma chegou do Mortim, o Coronel falou: o Pedro vem ca. Pronto Coronel. Pedro, você é um sem vergonha Pedro. Porque Coronel? Você não me falou que aquele rapaiz era ruim de serviço. Não Coronel... eu pus ele pra trabalhar hoje ai ele nunca faio. Eu não quero homem pra trabalha um dia so não Pedro. Eu quero que trabalha um ano,dois se for possível. Pronto acabou. Ele não acreditava em fuxico. Ele era rigoroso. Ai depois ele saiu.

É verdade que ele batia em peão?

O Coronel Vanique? Se alguém fala isso pra você é mentira. Nunca teve. Depois que eu cheguei ate o dia que acabou a expedição. Nunca teve. Nunca ninguém bateu em peão, nem no tempo dele, nem no tempo dos outros. Se alguém lhe falar isso é mentira.

É a mesma coisa os índios. Nunca apareceu índio. Nao tinha índio. Tinha indio pra fora, aqui na lagoa. Mas la na Xavantina Velha eu , nem ninguém viu indio. Veio aparecer índio em 50 ou 49. naquele pomar, nois tinha roçado ele. Tinha plantado melancia, aqueles piquezeiro, tudo foi eu que plantei. Ai num dia de domingo, 08:00, o HOrlando tava la, nem o Coronel não tava ai, o HOrlando tava do outro lado de la quando gritou ca. Ai o Horlando veio na beira do rio, era dois índios, daqui da lagoa. Ai o Horlando pegou uma canoa, mais um rapaizinho por nome de Lorenzo, um moreninho, um peãozinho dele, mandado, d e14, 15 anos. Ai veio pro lado de ca, trocou língua com ele e acabou, nunca mais voltaram. Nunca mais. Se alguém fala que índio atacava aqui dentro de Xavantina é mentira. Depois que eu cheguei de 45 ate hoje, nunca.

Quando o sr. começou a ver os índios?

Quando foi em 50, eu já trabalhava na FAB, naquela época, tinha ali veio Toneto, que fica perto do 07 de Setembro. Rio Sete de Setembro, e tem um chapéu de palha, pegando a estrada veia, picada veia da Fundação. La no sete de Setembro

tem uma fazenda desse veio Toneto. Ai não ia caminhão, so trator, levava mantimento daqui de Xavantina puxado num trator. Ai ele pois um barracão na beira do Rio e ficou um rapaiz tomando conta. Ai, nisso o brigadeiro veio fazer uma missão aqui no São Domingos e chegou e deixou um vasilhame de alumínio – eu ainda tenho um caldeirão desses aqui – ai ele foi, ta la um dia e gritou do lado de ca do posto. Ai ele viu, era índio.ai ele atravessou veio ca. Chegou conversou com eles. Mais eles estavam acampados ali mais ou menos – você sabe onde é a sete porta na Couto Magalhães (avenida)? Ali nesse tempo era picada. Era ali assim. Eles tavam tudo la, dentro do mato, acmpados, criança, mulher,tuto,tudo. Desceu esses dois índios la pro rio. Ali trocou língua com o paulista. Ai desceu pra la tudo els. Ai sobrou bastante mantimentos, panela. O paulista foi e trouxe deu pra eles. Dois dia eles tavam acampados já, pro lado de ca. Ai teve uma festa do outro lado e de noite, naquela época, todo mundo andava armado. Cada um tinha um 38 e um mosquetão. Era obrigado. Bala eles so davam duas cartela. Ai de noite , farreando, bebendo, dando rajada... você acredita que no outro dia não amanheceu um índio na beira do rio. Foi embora tudo. Ficaram com medo. As vasilhas eles amassaram e jogaram dentro do rio. Depois que nois achamos dentro do rio e o resto eles largaram la na lagoa.

Você conhece o Adão, cacique Adão? Ele é daquela turma. Aquele Adão, a gente trabalhou quase 06 anos na FAB, trabalhemos junto mais dois índios. Um ate já morreu. Hoje so existe o Adão e o outro.

Depois nois descemos, encontramos la no corgo dos índios. É ali no chapéu de palha. Quem vai pra Água Boa. Não tem o chapéu de palha? Ali entra a esquerda. Ainda é a estrada veia da Fundação. Tava a turma la, na ponte. Ai os índio chegou, ficaram acampados la. Por azar o motorista do caminhão Ford,ele vem um dia de tarde pra rua, ali tem uma reta quase como daqui na Br. Estrada veia, mato sujo. Ele vem correndo com o caminhão e a indiada tava no cerrado, arrancando batata e uma indiazinha atravessou o caminhão. Matou a índia. Ai o índio revoltou. Ele correu pro outro lado. Largou o caminhão e atravessou pro outro lado.

Ai o Dr. Olívio pegou uma turma de homem armado e mando pra la. Ai eles queriam ataca la. Ai mandou 18 homens armado pra la, mosquetão e tudo. Ai também acabou. Chegou la e ai eles quetaram.eles não tinham arma ainda. Era so arco e flecha.

Esse rapais foi embora pra Cuiabá. Mora em Cuiabá, em Várzea Grande. Nunca mais ele voltou. Ele ficou com medo. Porque se ele ficasse aqui os índios poderia ter matado ele

Ai eles(índios) mudaram pra ca. Fizeram um aldeia nos Areões e acabou (conflito). O Adao que é o chefe la. Ele tem casa na rua. Perto onde é o hospital do Dr. Ailton.

O único funcionário que casou com uma índio foi o Aires Câmara da Cunha, com a índio Diacui. O Juscelino mais a mulher dele foi padrinho do filho da Diacui.

O sr. conheceu funcionários que namoraram índia, tiveram filhos?

Se teve foi la pro Xingu. Mais eu não conheci não. Pra ca não tecve. Dizem que tinha. Tinha o Cármino, ele ta morando em Várzea Grande. Dizem que ele tinha uma filha com índia la. Ele é casado com uma filha adotiva minha.

Qual é a imagem que o sr. tem da Xavantina Velha?

Era muito bom. Todo mundo era amigo. Tinha bastante movimento. Todo mundo brincava, farreava. Todo mundo tinha arma e não tinha morte, não tinha briga. Todo mundo bebia. No começo não tinha, mas trazia escondido. Ate em melanci-

a. Nego comprava melancia la e tirava o bico dela e enchia de cachaça e trazia. Mais não tinha briga.

Abria a aquela boquinha, tirava o miolo e enchia de cachaça?

Óleo, nois cançava de comprar esses litros de óleo. A gente dava o óleo pra aquelas mulher e mandava lava o litro e enchia de pinga e trazia. O que é isso? É um litro de óleo pra comer peixe frito. Dava muito peixe naquela época. Depois liberaram, acabou.

Liberaram quando?

Não se lembrou.

O sr. conheceu a historia do pé de óleo?

Demais da conta. Tinha dia que nois dava 10, 12 rajada de 38 ali. Ele ate já morreu. As vezes ficava três, quatro la. Eu, Batatinha, o seu João Cearense, nois ia pra la cedo com o trinta e oito e ficava dando rajada. Se não tem 02 mil bala ali dentro e por que tem mais, de 38.

Escondia cachaça ali no pé de óleo?

Eu nuca escondi la. Mais que nois bebia la, bebia. Dia de Domingo, nois ia pra la, farreava, pintava o sete.

Tinha encontros amorosos la?

Não, isso ai é conversa. Nem tinha mulher aqui. Tinha mais cada qual tinha o seu marido e era poucas.

O sr. conheceu uma casa chamada sete porta?

Era la do outro lado, perto da pracinha.

Porque sete porta?

Por que tinha sete porta e morava sete família la. Era um barracão dividido pra morar as família ali, mas era uma casa so

O sr. tem lembranças de quando a cidade começou a mudar?

Começou a crescer de la. So tinha uma loja, do Zacarias. Era um piauiense. Depois atravessaram pro lado de ca. Onde é o hospital ali era um boteco, do Manuelzinho, bar. Manuelzinho vendeu e ai foi começando. Ate uns anos ninguém sabia quem era família e que não era (do lado de ca). Na Couto, ali era cabaré, era tudo, tinha tudo misturado.

Do lado de la era o Olaria e rua da Paia Veia.

Tinha os prostíbulos lá?

Tinha bar no Olaria e Muezada. E ca na rua da Paia tinha as mulher, pouca mais tinha. O movimento mais era o lado de ca.

Os homens freqüentavam a rua da Palha Velha?

la pra la, ia pra Olaria, atravessava pro lado de ca. Tinha muito. Não sabia quem era família, quem não era, era tudo misturado.

Quando começou a surgir essa cabarés aqui em Xavantina?

52, pro lado de ca. Agora do outro lado já tinha desde 48, pouquinho mais tinha. Agora c eca não. De ca foi em 52,53. ate 54. ai começou de ca. De ca tinha demais. Fartura.

Era fartura.

Vixi! Os antigos daqui já morreu tudo.

Dava briga por causa dessas mulheres?

Não. Pro lado de ca andou dando bastante morte. Eu quase não freqüentava do lado de ca, eu moro de la. Eu tinha família ne. Mais deu morte, bastante morte.

Na palha velha não deu morte?

Não. Na Paia Veia nunca deu. No Olaria deu so uma, ninguém sabe. O cara amanheceu morto. Ninguém sabe se era por causa de mulhe. Era cahaca.

Foi muito bom. Foi uns anos que passou e não volta mais. Era bom demais naquela época. Eu vou te falar uma coisa: ano tem mio do que o que já se passou. Em todos os sentidos foi bom. Tenho saudade, mais o que vai fazer, tem que se conformar, já passou mesmo ne.

Archimedes Carpintieri. Entrevista Realizada em Nova Xavantina, no dia 16 de janeiro de 2006, às 20h00min.

Você nasceu onde?

Cafelandia – SP em 1940.

Você cursou Historia lá?

Não. Eu fiz Contabilidade. Fui pra São Paulo com 18 anos e já fazia Contabilidade. Ai fui trabalhar de contador, naquele tempo contador era uma profissão e tanto. Depois abri um escritório contábil, foi um dos maiores de São Paulo. Eu ganhei muito dinheiro. Depois de 13 anos que eu estava com esse escritório, falei... eu tava com dinheiro, fui fazer um curso superior. Fui fazer Filosofia, mas não tinha o curso de Filosofia a noite. Ai la na faculdade de Moema, disseram: porque você não faz historia. Eu falei: serve também. Eu assisti um aula e gostei e fiz assim por fazer. Eu fui fazer Historia por delantismo. Depois eu mudei pra ca. Eu nunca pensava que ia dar aulas, mais depois eu fiquei duro (risos).

Quando você decidiu mudar para o Centro Oeste?

Foi através de um amigo da EUBIOSE, abriu uma empresa muito grande na Barra.

Você conheceu o pessoal da EUBIOSE la em São Paulo?

La em São Paulo. Ai nois viemos pra Barra, pra essa empresa, Perola do Oeste. Era igual a Copercana, era bem grande.

Era um colonizadora?

Não era um empresa de comercialização de arroz, de secagem. Ainda existe la, mas não com esse nome. Era um empresa grande. Aproveitou esses incentivos. Eu fiquei uns 05 meses na empresa e não deu certo. Nesse íterim esta construindo o templo de Xavantina. O templo da Eubiose começou em 76 e foi inaugurado em 77. Então eu vinha aqui todo final de semana , de Barra pra ca e a empresa ajudava na construção do templo. Praticamente foi a empresa que construiu. Então todo final de semana a gente vinha pra ca. Ai eu comprei fazenda aqui. Perto da Touro Branco ai e comecei a construir a ficar aqui fixo. Comecei a construir essa casa e no fim.... Toquei fazenda, depois vendi, comprei outra.

Tocou fazenda quanto tempo?

Uns 10 anos.

Você conseguiu perceber o impacto da construção desse templo no imaginário das pessoas que viviam aqui em Xavantina?

A principio a gente teve m uita suspeição. Quem é? Quem são esses caras doídos ai? De vez em quando o pessoal... rituais que fazia dentro do templo, vinha o governado Fred. Campos, vinha duas ou três vezes pra ca. Ele gostava de ir no templo. A gente fazia um ritual aberto. O pessoal. O pessoal via a gente com as paramentas brancas. Ficava tudo muito assustado. Mas com o tempo foi se adaptando.

Tem umas lendas ai. Quando começou haver convenção da EUBIOSE aqui, na primeira vez houve um rapaz que se afogou no rio das Mortes. Depois de 02 anos, é de 02 em 02 ano, outro rapaz se afogou. Então falava que a gente sacrificava os caras ali no templo. Que tinha um túnel ali no templo que dava acesso ao rio e a gente jogava eles la(risos)

Haja imaginação...

É interessante..., uma vez... no centro do templo tem um pira onde se queima incenso. Então ela é toda desenhada em bronze

Pra brilhar...

Não é pra brilhar. Ela é feita artisticamente e ali coloca um potinho com incenso. A esposa do Frederico Campos – ele é espírita, ele me falou – ela perguntou pra ele. O que é aquela peca ali? Ele falou, ali é um incenso, pra queima ervas. Ela falou: ah! Então é aqui que sacrifica gente(risos). Ele falou: não bem, aqui não sacrifica niinguem não. Era muito bom (risos). Ali se queima sete perfumes.

Não houve resistência por parte da população?

Não houve. Havia uma resistência com a minha pessoa. Porque eu quando, eu vim aqui, eu fundei uma associação que era a SAMJA – sociedade dos amigos de Ministro João Alberto e começamos a reivindicar as coisas através dessa associação: água, energia elétrica, muitas coisas conseguimos através disso e o processo de emancipação. Então o pessoal aqui, mais ligado a política, ligado a Barra do Garça. Achava que eu tava querendo me projeta politicamente. E realmente.... em São Paulo eu nunca mexi com política. Eu não queria nem saber de política. Devido a esse entendimento, essa imagem que passou, eu prometi pra os amigos: o dia que emancipa Xavantina, nois vamos fechar a SAMJA. Ai fechamos. Ela funcionava com porta aberta. Fechamos e falei, se vocês quezerem continuar bem, eu to fora. Eu não quero saber de política. E o próprio Vilmar Peres que era prefeito na ocasião, ate eu liderei as reivindicações de emancipação, de limites, essas coisas, eu me tornei ate adversário dele, nas pretensões dele. Mas depois da emancipação ele me chamou la na Barra pra eu ser o primeiro administrador nomeado pro dois anos. Eu recusei. Ai nomearam um Pastor que tinha aqui. O pastor Miguel e depois o Bosquinho. Mas era pra eu ser o primeiro administrador aqui. Mais eu não quis, não tava interessado, eu não tava fazendo por isso. Mas depois acabei tendo atuação política aqui. Fui presidente do PMBB, PT e do PPS,tudo duas vezes. Agora não sou nado graças a deus.

O que você sentiu quando chegou na cidade e olhou pra Xavantina Velha, o outro lado?

Aqui era... do outro lado tinha algumas coisas. Aqui também não tinha nada. Essa casa aqui, era cerrado tinha um núcleo ali na praça cívica, onde é a prefeitura e o resto pra ca era cerrado. O ônibus entrava onde é o posto sentinela hoje e vinha pela Roncador-Xingu, parva ali em frente o colégio Minsitro João Alberto e então do Ministro pra ca não tinha nada.

A cidade era então a Xavantina Velha, as casas da SUDECO e a Palha.

É algumas coisa aqui... aqui é um loteamento novo.

Então isso aqui era uma cidade isolada, uma cidadezinha do sertão?

Totalmente. Não tinha nada. Não tinha energia, não tinha, depois veio os motor a dieesel. Depois começou a crescer mais do outro lado. Do outro lado começou a ser mais comercial. Aqui tinha oposição. A própria SUDECO impedia que loteasse isso aqui tudo.

Por quê?

Não sei. Tudo pertencia a SUDECO e tanto é que planejaram aqui. Você vê esse lado aqui é planejado. Tam bastante área verde.

So falta o verde. Esse pedregulho aqui...

Aqui eles controlavam. Depois que a SUDECO saiu os sub-prefeito começaram a doar os lotes.

O que não foi planejado aqui foi o bairro da Palha?

Ali não teve.

Esse planejamento racionalizado. O planejamento foi por eles mesmos?

A SUDECO pegou da Roncador-Xingu pra cá. Até no Olaria é tudo planejado.

Você percebe diferenças entre o lado de Nova Brasília e o lado de cá. Assim quanto a significados, temporalidades?

Aqui se fixou mais os pioneiros. Então aqui ficou um lado mais tradicionalista, mais digamos assim... e do outro lado mais comercial. Então aqui quem gosta de morar desse lado são pessoas que não são muito ligadas ao comércio: doido, artista, etc.

O povo alternativo(risos).

A sociedade alternativa. Então fica desse lado. Teve um tempo atrás que tinha uma riqueza muito grande do lado de lá com o lado de cá. Foi o tempo inclusive da emancipação que chegamos a propor emancipar separado, devido a essa rivalidade, bairrismo. Então uma turma do lado de Xavantina, um pessoal mais ligado a EUBIOSE, ligado a filosofia, a cultura... a gente se reunia sempre ali na pizzaria do Darwim, ali num casarão, do lado da rodoviária. O Darwim era um paulista, filho de pizzaiolo lá em São Paulo. Ele fazia uma pizza como São Paulo faz, lá no Braz, tradicional. Então era muito bom. Ai todo dia, não tinha televisão, a nossa diversão era lá. Tinha até um piano lá.

A atividade cultural era intensa.

Depois veio gente que tocava violino. Enfim todos os bichos grilo da cidade (fim da fita)

Esse lado aqui era a Gália e lá era os romanos (risos).

Eles entendiam a piada?

Não entendiam. Se entendessem não seriam romanos. Era só o povo alternativo que entendiam. Porque aqui era a Gália. Quando um do outro lado vinha aqui, a gente dizia: esse aí é romano. E eles não sabiam nada do que se tratava. E realmente era bem distinto. Hoje não tá tanto, mais antes distinguia. O pessoal da EUBIOSE queria morar aqui por causa do templo e os outros que olhando mais pro futuro.

Os gaúcho?

Não era só gaúcho não, era mais comerciantes que realmente aplicava do outro lado porque achava que lá ia desenvolver mais como de fato valorizou mais. E aqui ficou uma “morisocolândia”(risos). Agora não é mais a galia, agora é “morisocolândia” (risos).

O que te marcou na sua atuação na SAMJA?

Olha eu nunca tinha mexido com povo. Eu era até meio elitista. Em São Paulo, tinha meu escritório e lá só trabalhava, nem conhecia política e quando eu vim aqui... Eu senti que com a minha experiência que eu tinha, o pessoal aqui.... a maioria era semi-analfabeto, vamos dizer a verdade.

Você chegou com um olho.

E aí eu senti que a gente poderia contribuir e eles precisavam disso. No começo eles achavam que eu era advogado. Todo mundo, até o Vilmar Peres. No dia que ele me recebeu lá, falou assim: você é o advogado que chegou em Nova Xavantina. Porque eu como era contador, eu sabia fazer projetos, abrir uma sociedade comunitária, estatuto. Isso eu sei de cor e de salteado. Então quando formamos a associação aqui, foi tudo eu que fiz e até me elegeram presidente da SAMJA e eu me senti um pouco chato, porque tinha o Nelson Bispo aqui e ele era político, tinha sido candidato a vereador, tinha ligações lá com Barra. E nessa eleição que foi democrática pra composição da diretoria da SAMJA, eles deixaram o Nelson Bis-

po de lado. Ele não foi votado pra nada. Ai o que eu fiz? Eu coloquei ele como líder político da SAMJA.

Pra não criar conflito com ele?

E ele foi muito útil. Na emancipação, como eu te falei, os dois únicos que lutou pelos interesses de XAvantina foi eu e ele. O Dr. Antonio estava bêbado, o Ailton foi ate Cuiabá, mas nem foi na audiência com o Governador, de la ele foi pra Goiânia atraz dos negócios dele. E no primeiro prebiscito, esse pessoal ligado a Barra, do lado de Nova Brasília: Manoelzinho e outro pessoalqie tinha aqui, que era ligado, fizeram boicote e não passamos na primeira.

Perderam o primeiro prebiscito.

Perdemos pra nos mesmos (risos). Não houve quorum. Na segunda vez arrumamos um esquema que votou morto, votou todo mundo, ai conseguimos. A gente tinha que fajuta. Veja bem houve a votação aqui, nos fomos enganados. Desse lado tinha 1100 eleitores(setor Xavantina), votou 900, votou todo mundo. Foi fajutando mesmo. Do lado de la, o finado João Tiete, chegou com o Abrão Barros (pai do Dr. Adelmo) chegou ai... o Abrão, acho que foi um inocente útil. Mas o Tiete era esperto. Chegou a disse: olha la já votou mais de 1300. E ai somamos e deu mais de 50%. Chegamos la na Barra, eu fui acompanhando, peguei o meu carro, eu e o Nelson Bispo e o Aquiles, um gaúcho que foi verador, não o Aquiles eu encontrei na Barra. Naquele tempo ele mexia com Fazenda, Aquiles Meneghat. Com medo que houvesse sacanagem no transporte das urnas. Era fácil. É fácil de você mexe naquelas urnas. Nos acompanhamos a urna ate na Barra do Garça. E esperamos a apuração que foi la na Câmara Municipal. Então tava eu e o Nelson Bispo, depois o Aquiles que chegou era por curioso. Ai quando abriu, nos não passamos. Qual era a providencia? Tinha 48 horas pra requerer outra se nos não tivesse la.... Ai fomos no cartório eleitoral, tentamos vários meios, foi quando o cartorário falou: vocês foram sacaneados, porque vocês não levam de volta, ainda da tempo. Ai eu toquei. Eu vou fazer isso. Mais o Nelson Bispo foi num compadre dele que foi político, foi prefeito varias vezes la em Barra, foi deputado Federal. Como era o nome dele? Não era o Varjão... era o Lalau...

Não era Lalau de ...

Era também, mas era o nome deles mesmo. Era um fazendeirao ai. Ai o Lalau, é lógico que era político, queria fazer uma media. Não queria divisão, queria fazer madia. Então ficou de eu voltar pra ca, mobilizar o pessoal e o Nelson Bispo ia ate Cuiabá pra entrar no Tribunal Eleitoral com um pedido, requerendo outra eleição. Mas chega la... o processo já tava desse jeito, emancipou as duas juntas. Na segunda eleição, o pessoal, acho que recebeu ordem pra votar (risos)

Era curral eleitoral.

Ai ficou tudo bem. O próprio observador que veio da Barra, ele era o meu inquilino. Veio aqui...Archimedes faz o seguinte; eu vou das uma passado nas urnas ai, pra dizer que eu estive aqui e depois eu quero que você me arrume um cama, por que eu to com muito sono. Eu vou almoçar e vou dormir a tarde inteira. Você me acorda so na hora de volta pra Barra. Ai nos fajutamos tudo. Foi ao o pessoal todo. Todo mundo colaborou. Porque esse negocio de... veja bem, em época de eleição tem aquele esquema de buscar gente na cada. Naquela ocasião, eu acho que a populacao rural do que a urbana. Então era muito difícil.

Normalmente todo o processo de emancipação eles fazem assim. Ninguém liga não. Não há rigidez nisso. Eu não sei se com essa mudança de sistema ai pra urna eletrônica. Mas na época eu vi muita emancipação e foi tudo assim. E com o tempo a Barra do Garça foi separando. Mas eles tinham muita seleuma por isso.

Eles tentaram continuar mandando na cidade, depois da emancipação?

Sempre saia deputado Estadual da Barra e eles tinham o seu curral aqui. As pessoas de confiança continuaram assim por muito tempo. Hoje esta menos. Mas sempre... teve uma ocasião ai que lês tinham 04 deputados na Barra. Então eles tinham que pegar voto fora.

Como era o esquema?

O esquema era sempre o tradicional. Paga cabo eleitoral, favores. Pra você ter uma idéia quando chegou em 86 que era uma época que o PMDB fez tudo. Fez barba e cabelo no Brasil inteiro. Nos tinha o diretório do PMDB aqui com 1500 filiados.

A cidade era filiada.

Era um forca danada. O Frederico se elegeu pelo PMDB. Ele era prefeito, mas ele saiu e comecei a ser adversário dele. Ele que me convidou pra ir pro PMDB que eu não queria me filiar em partido nenhum. Ele me convidou.... fui ser contador da prefeitura e depois que eu comecei a ver umas maracutaia la eu comecei a fazer oposição a ele e me candidatei a presidente do partido e ganhei. Havia três grupos fortes no partido. Quando havia eleição no partido era igual as outras. Era buscando gente.

A fajutagem também existia.

O negocio era apertado mesmo. Tinha o grupo do Isidoro que era o vice-prefeito, o grupo do Frederiquinho de Abreu que era um vereador, a família era muito numerosa aqui e o grupo meu. Eu ganhei sempre. Quando eu sai do PMDB pra entrar no PT, ainda era presidente.

Ai houve aquele negocio de eu ser candidato a deputado, aproveitando a avalanche do PMDB. Mas Barra do Garça tinha 04 candidato. E havia chance, eu não digo pra me eleger, mas de sair candidato. Eu precisava de 03 votos pra sair candidato na convenção. E a gente tinha os trs voto aqui. Um voto era do Aguinaldo, um militante, outro era do Isidoro, vice-prefeito, e o outro era do Frederiquinho de Abreu, que era delegado. Então fizemos reunião, foi lavrado em ata que eu seria candidato e o diretório exigia que os delegados votassem em mim, saiu na imprensa, eu tenho tudo ai. Ai quando chegou na convenção em Cuiabá, inclusive nesse ano foi condidato o Norberto Shawnts pra deputado Federal. Eu havia realizado aqui... a coisa nasceu assim: primeiro encontro do PMDB no estado, ninguém tinha feito isso. Nos fizemos três dias aqui, um encontro (Xavantina), num cinema, la onde funciona a gráfica era um cinema, grande la. Nois fizemos 03 dias la. Veio o Bezerra e lançou aqui e copiou esse modelo pra outras campanhas. Isso ai me projetou e surgiu essa possibilidade pra eu sair candidato. Eu to falando isso pra chegar naquele ponto da influencia da Barra do Garca. Resultado, quando chegou a convenção la em Cuiabá, pra votar nos candidatos. Eu so tive um voto, que era do Aguinaldo. O Isidoro que era o vice-prefeito, ele tava brigado com o Frederico e queria tirar o Frederico, e o advogado dele era o Dr. Flores da Barra do Garça. Advogado famoso da Barra. Político do PMDB que era candidato também. Então ele votou no Flores. O Frederiquinho de Abreu era muito ligado ao José de Arimateia, político popular. Eles eram muito amigos, quer dizer: me traíram, resumindo a opera. Eu tive so um voto.

Veja ate nisso eles influenciavam. Geralmente quem saiu... o Arimateia se elegeu, o genro do Varjão se elegeu, que era um medico. O Humberto Bosaipo se elegeu. So não se elegeu o Flores, mas mesmo assim ficou de suplente. Então tinha muita possibilidade naquele tempo. Mas eles controlavam a ate hoje, nesse campo eles controlavam. O Humberto Bosaipo aqui sempre leva voto. O Arimateia parou

de ser candidato, mas ele também tinha um curralzinho bom aqui. E assim funcionava. Eles tem mais condições de fazer campanha. Mas hoje ta bem menor. Agora uma coisa que a gente sentia aqui no começo era que xavantina poderia se tornar um centro cultural do Vale do Araguaia. Isso ai foi perdido.

Por quê?

Por que tinha um elemento humano aqui muito bom. Começou a desenvolver trabalhos. O primeiro jornal em Off Set que saiu em Mato Grosso foi em Xavantina. Em 84 ou 85. não tinha off set, saiu daqui.

Tinha apresentações. Eu fui diretor do JK. Ate pra quebrar um galho, que teve uma revolta la de alunos e expulsou o diretor e eu fui la pra ficar um tempo e acabei ficando la dois anos. Pra você ter uma idéia; essa parte cultural... havia uma delegacia de ensino na Barra, quando eu levei a contratação de professores, o pessoal não acreditou. Falou que eu tava fajutando, por causa da formação. Havia 07 com curso superior. Eles falaram pra mim, aqui tem escola que não tem 05. eu falei: mas tem. Enfim tinha 07 professores com nível superior e eles começaram a respeitar Xavantina. Aqui fazia teatro, fazia apresentações...

E quando começou a esfriar isso?

Começou acho que por desanimo. Por falta de Feed Back. Não havia retorno. Enquanto havia esse pessoal que bancava... eu mesmo banquei três encontros aqui. A gente fazia encontros de arte por 03 dias. Uma vez veio 04 grupos de teatro aqui. Foi eu que banquei tudo. Veio de Cuiabá, de Goiânia, outro de Barra do Garça e Rondonópolis. Ceio o Exército marchando de Aragarca ate aqui... veio foi um encontro gigantesco. Então começou a impressionar o pessoal. Mas a gente começou a desanimar. Não tinha apoio da administração municipal. Esse encontro que foi grande, que chamava I Expoarte, a administração er o Dr. Osvaldo Toyama, a única coisa que ele conseguiu pra nos foi uns caminhão com palha, pra nos montar barracas ali na praça cívica. Ah! Eu não gosto nem de lembrar. Eles achavam que isso era tudo pra promover. Levava tudo pro lado político e acabou desanimando. Por mal que seja o Frederico, era o único que as vezes prestava atenção nisso. O Dr. Osvaldo era um fracasso. Se bem que na administração dele, na educação foi bom. Fez bastante escola rural. Mais na tinha visão. Depois o Tiao era outro bosta na água. Esse ai que ta ai é um brucutu das cavernas (risos). Então acabou desanimando. Porque você não tem retorno nenhum.

Perdeu-se a oportunidade de transformar Xavantina numa cidade turística.

Perdeu. Veio um cara uma vez aqui e pos uma livraria e ele foi perseguido aqui.

Foi perseguido por que pos uma livraria.

Ele fundou a maçonaria e o escotismo. A minha esposa ajudava ele. Aqui nos tivemos tudo. Tinha grupo de dança. A Rany com as Amazonas, grupo das amazonas e apresentavam e varias cidades, na capital. Desanimamos. As vezes nem arrumava passagem pro pessoal divulgar a cidade conseguia. Foi desanimando. Mas durante certo tempo o pessoal chamava aqui de cidade Cultura.

Chegou a ter a fama e hoje não tem como recuperar mais.

Ai começou as diferenças. Do lado de la predominou mais o lado material.

Comercia. Do lado de la é mais capitalista.

Aqui é o socialismo utópico (risos).

Quando você veio pra ca, você tinha feito alguma leitura sobre Xavantina, Expedição Roncador-Xingu....?

Nada não. Eu tinha um escritório de contabilidade e a minha esposa trabalhava numa empresa que era a fazenda Guanabara, la em São Paulo. Essa fazenda era um S.A. Aqueles projetos da SUDAM e tinha um escritório la. O Dr. Adelar que

era o proprietário dessa fazenda, a fazenda Guanabara existe até hoje. Ele já morreu. Um dia eu tava no escritório dele, eu cuidava dos incentivos fiscais dos meus clientes, ganhava comissão pra isso, mas ficou agradecido e falou pra mim: se você quiser, eu tenho 2 mil alqueire aqui, mil eu dei pro meu genro e esse mil aqui eu quero dar pra você, terra boa. A fazenda Guanabara não é igual aqui não. Eu olhei no mapa e falei: Dr. Adelar, o dia que o sr. me ver no meio dum mato desses, o sr. pode me internar que to louco. E uns três ou quatro anos depois eu acabei vindo pra cá.

Esse malucos que vinham pra cá, eles vinham com informações?

Tem essa mística. A Serra do Roncador. Essa região é citada em tradições orientais. Então uma coisa puxa outra. Essas leituras, vastidão de livros exotéricos que tem, mesmo que não seja da EUBIOSE, mas com essas informações acaba vindo. Agora até parou um pouco, mas antigamente vinha mais. Vinha gente de outros países. Eu já hospedei aqui gente da Venezuela, gente da Colômbia, gente de Portugal, da Alemanha, da França. Ainda, de vez em quando, aparece um doído aqui (risos) (corte na gravação).

Tava pondo que a região é o futuro da civilização do mundo. Mais não é só Xavantina. Esse fenômeno é do Centro Oeste. Eu inclusive.... é uma coisa interessante. Você notou que o brasileiro não tem padrão racial? Porque a nossa ocupação... os americanos tem a mesma idade nossa e tem, ele é até um pouquinho diferente do inglês, mas ele tem aquele tipo. Inglês é mais queixudo. Mas ele tem. Você olha assim e dá pra perceber que é americano. Agora aqui, você vê um gaúcho e um nordestino, não dá pra perceber qual é que é brasileiro. A nossa ocupação foi litorânea e permaneceu séculos assim. Com a migração do fim do século XIX pro XX, pro sul: alemães, polacos, italianos. O que está acontecendo agora. Essa ocupação do litoral está convergindo pro centro. Então é aqui que está se fazendo a miscigenação real. Então o padrão do brasileiro vai sair do centro oeste. Necessariamente. As tradições falam de um povo moreno e cabelos meio alourados, que será o padrão da raça do futuro. Essas coisas da era de aquários, essas tradições. E realmente a questão de etnia, onde está se processando o verdadeiro padrão racial, tem que ser no Centro Oeste. Até por eliminação. Se você for no nordeste, onde entra o gaúcho. No Rio Grande do Sul onde entra o nordestino. Então até por eliminação está havendo essa convergência de migração e esse encadeamento. Você conhece Brasília? Você já viu os meninos que nascem em Brasília? Preste atenção. Eles já são diferentes.

Já tem um padrão?

Tem. Não é, não destaca ainda. Mais você vê que tem alguma coisa diferente. Eu já notei isso em Brasília. Não é todo mundo, também, mas você vê um rapaz aqui, lá uns dois dias você outro rapaz que lembra o anterior. Geralmente um moreno claro e um cabelo, não loiro, mas meio castanho claro assim. Então são essas coisas... agora essas tradições falam isso. Inclusive em outros países, mas é muita onda.

Como foi a sua experiência de inventor da cidade?

Essa questão foi formulada para o entrevistado em função de um comentário seu, antes do gravador ser ligado, sobre a atribuição da data de aniversário da cidade. 14 de abril de 1944.

Segundo o entrevistado essa data não existe nos diários da Expedição. Sendo invenção sua. A data citada pelos diários é 28 de fevereiro de 1944. Sua opção por 14 de abril de 1944 é porque 14 de abril coincidir com uma data importante para a EUBIOSE; 14 de abril de 1957.

Sendo assim, o aniversário da cidade é um invenção do entrevistado. Segundo o mesmo, existia um monumento antigo na cidade com a data 14 de abril de 1944, o que fundamentou a sua escolha e a justificou.

Eu não inventei nada não (*muitos risos irônicos do entrevistado*). Eu colaborei com alguma coisa como eu te falei na confecção do Brasão, estudo heráldico, os símbolos, a bandeira, a data de aniversário de fundação que eu achei que era essa, por causa do marco. Mas no próprio diário não consta nada. Quer dizer, por falta de uma data, não seja por isso. Ficou aquela mesma que esta no marco. E a questão também do centro geodésico, que isso eu fiz questão mesmo de colocar no Brasão, no estudo heráldico e na logomarca da cidade, geocentro do Brasil. Porque eu vi num mapa antigo do Brasil, mais ou menos nessa região, tava escrito la, centro geodésico do Brasil. Ai eu notei que la em Cuiabá tem o centro geodésico da América do Sul. Mas não é la, é na Chapada dos Guimarães.

O povo fala que ali é o point.

Mas não há um lugar exato pra dizer aqui é o point. Então por que não Xavantina, que ficasse marcado. Eu havia falado pro Frederico fazer um monumento ali na entrada da cidade, pra marcar a cidade como o geocentro do Brasil. Como Cuiabá fez. Ficou sendo. La diz que é chapada. Aqui diz que é Água Boa, é Canarana, mas que seja. Vamos é fazer o nosso monumento aqui.

Quem sair na frente marca.

É lei. Se pegar a nossa lei dos símbolos. Em 83, se alguém quiser inventar agora nos já temos precedente disso ai. Porque que não se faz um monumento. Não precisa se muita coisa não. Uma coisa barata, mas já marca. Falei isso pra diversos prefeitos. Esses.... essas coisas que deixa a gente chateado. Porque esse pessoal só pensa no umbigo deles. agora que colocaram um placa la. A única coisa que marca a cidade. Pintado de amarelo, feio, horrível. Toda cidade é branco. Agora colocaram uma placa, tampou tudo.

DOCUMENTARIO: Heróis do Brasil: Entrevista com Zé Goiás, por Amanda Galler e Aline Barros

O INICIO

Meu nome é José Celestino da Silva. O meu apelido é Zé Goiás, eu sou de Goiás mesmo. Eu cheguei em Aragarca em 12 de junho de 1946. ai em 18 de julho de 1946 eu vim pra Xavantina de avião. Os funcionários já tinha vindo, eles gastaram dois meses de Barra do Garça nesse lugar chegaram aqui no dia 22 de fevereiro de 1944. chegaram nesse lugar. Em 14 de abril foi inaugurado, todo 14 de abril é comemorado a festa de aniversário. Mais quando nois chegamos aqui, so comia arroz, era muito ruim. A coisa era triste viu. Era dificuldade, dava muito bicho, cobra, onça, índio. De vez em quando índio fazia menção de ataca. Mais nois nunca atacou ninguém.

O MEDO

Eu tive medo, um dia passei... um C-47 da FAB, indo daqui pro Xingu. La o vento muito forte, deu uma conta no avião e o avião deu uma rebanada assim e eu fiquei com medo e todo mundo ficou. Eu passei a cinta rolaram, machucou a cabeça no banco do avião, mas não teve nada não

O QUE MAIS MARCOU

Veio um avião grande do Rio Grande do Sul, chamando a D. Alda Matos Vanique pra ir numa festa que era dela e ela não pode ir. O Cel Vanique falou pra ele: você não insiste não, você é casada e não pode sair não. Ela falou: nunca mais viverei feliz ao seu lado. No dia de Setembro ela se suicidou, naquela casa ali. Foi para

Aragarca, pediu água. Eu quero água. Ai o piloto Juca pos um algodãozinho na água, pos nos beijo dela. Ai o Horlando Villas Boas ficou tomando conta no lugar do Cel Vanique, dois anos.

AS DIFICULDADES

Ai a coisa ficou ruim. O Dr. Olívio, foi no tempo de venderam as terras aqui, o Dr. Olívio vendeu as terra todinha. A coisa ficou complicado queria por todo mundo pra fora. Não é pra ficar ninguém aqui. Os donos da terra queriam as terras. O Dr. Horlando Villas Boas falou: Dr. Olívio por que o sr. fes isso vendeu a Xavantina com o povo dentro. Dr. Olívio: aqui não tem dono ainda não, pode vender pra quem quiser. Ai veio dois avião camuflado do Rio de Janeiro, nesse tempo não tinha Brasília ainda, guerreiros fortes, veio aqui e botou os dono das terras tudo pra correr. Foram tudo embora não ficou ninguém.

O Dr. Olívio falou assim: eu vou dar o fora também. Foi embora. Nesse tempo o Getulio Vargas se suicidou. Foi em 1954, no dia 24 de agosto de 54. Ai ficou ruim, a coisa piorou por causa da revolução que ia ter ne. Ficou ruim. A diferenca daquele tempo pra ca, naquele tempo era ruim, agora ta pio. Ai o General Ari veio tomar conta daqui. O General chegou, ai ficou mais ruim ainda. Por ai não vinha nada de avião pra nois. No avião pra alimentar. A gente não passava dificuldade sobre isso não. Ai quando foi no fim dos anos que o General teve aqui, foi embora, melhorou tudo. A coisa ficou boa aqui e a dificuldade foi acabando e tudo melhorou.

OS INDIOS

O seu Horlando mandou acerta uma estrada ali, eu e um tal de Zé Baquitoza, o cabra era muito medroso, eu nunca tive medo na vida. Eu fui acertar a estrada la. Ai tinha um cachorro nosso por nome de Leopardo. Feiz assim: Aiu.... eu fui ver. Eita bicho Xavante. O Zé Baquitoza caiu na água e quase morreu, foi parar la embaixo. Mas não morreu não. Ai os índios me abraçaram la, passou a mão na minha cabeça, sujando eu de urucum e com o enxadão na mão, tava tremendo que tava danado. Ai quando o rapaz chegou. Ah! Eu vi os índios abraçado como Zezinho la. Quando o povo gritou aqui os índios correram... o Xavante. Era muito Xavante.

O Apoena estava ai, o chefe. Depois no outro dia veio oito índio. Chegou ai. Chegou, deixou o caminhão pra la, jogou as bordunas no chão e as flexas no chão. Ficou tudo assim (imitando a expressão facial dos Xavante). Ai o Apoena falou: como chama você? Horlando. Ah! Irmão e abraçou o HOrlando. Depois foram pra casa. E ele amansou. Não tinha medo que Xavante fosse... agora nois não brabo mais, não brabo mais. Araju bô, araju bô. Nois tem tudo agora, da pra nois, coisas pra nois: remédio, roupa, sapato, espelho, da tudo. Agora não tem medo mais não, acabou. E ai acabou o tempo ruim.

O ONTEM E O HOJE

No tempo de Getulio Vargas era muito bom. Quando terminou a guerra, ai a coisa ficou ruim pra nois. Ai quandofoi em 1948 pra ca, melhorou. As coisas melhorou. Mais naquele tempo, no comecinho era bom, mas depois relaxou tudo, acabou tudo. O tempo ruim. Tempo de careza, tudo caro. No tempo do Vargas era bom. Mas depois que terminou a guerra, a coisa ficou ruim.

A IRONIA

Ali era o hospital. Levou 04 anos e 06 meses fazendo ele. Não tinha hospital, não tinha nada. Era tudo dado na mão. Naquele tempo era casa de abeinha, hoje o hospital é (...) não vale nada aquilo. Hoje so faiz fofoca. Não tem nada pra nois.

A SAUDEDE

Do tempo passado eu tenho saudade. Do Juscelino Kubistchek. Era tempo bom pra gente, nesse tempo não era. O Getulio Vargas eu não conheci. Ele teve aqui, mas eu não conheci ele, nunca vi Getulio Vargas. O Juscelino Kubischek, ei gostava muito dele.

Da esposa do Cel Vanique, eu tenho saudade dela, porque ela era um mulher muito boa. A D. Alda Matos de Mello Vanique.

A voz do locutor não identificado

A marcha para o oeste transcorrido ao longo de quase 40 anos deixou um legado inestimável. Foram mais de 35 Vilas e Cidades fundadas, 19 campo de pouso construídos, mais de cinco mil índios contactados, 1500 km de picadas abertas e 1000 km de rio percorridos. Por fim a dedicação dos Villas Boas resultou na criação do Parque Nacional do Xingu. Pela conscientização da necessidade de preservar as culturas indígenas brasileiras

Voz do Horlando Villas Boas.

Cidade que foram nascendo. Serra do Roncador, Aragarca, Xavantina, era todos vilarejos, hoje são todas cidades grandes. Essa cidade que eu falei ante, tem 50 mil habitantes, chama-se Alta Floresta. Fica na Floresta Amazônica. Nome que nos damos, lugar que nos descobrimos, ...